



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE – PPGEduC**

RENATA FORNELOS D’AZEVEDO RAMOS

**A SOCIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO MODO DE VIDA JUVENIL NO
SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR – BA**

Salvador
2017

RENATA FORNELOS D'AZEVEDO RAMOS

**A SOCIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO MODO DE VIDA JUVENIL NO
SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR – BA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade do Departamento de Educação – Campus I, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

ORIENTADOR: PROF. DR. ANTÔNIO DIAS NASCIMENTO

Salvador
2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Bibliotecária: Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Ramos, Renata Fornelos D’Azevedo

A socialização na construção do modo de vida juvenil no Subúrbio Ferroviário de Salvador - BA / Renata Fornelos D’Azevedo Ramos. - Salvador, 2017.
201f. : il.

Orientador: Antônio Dias Nascimento.

Tese (Doutorado) Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Campus I.

Contém referências e apêndices.

1. Socialização. 2. Levantamentos sociais - Salvador (BA). 3. Juventude - Aspectos sociais. 4. Periferias. 5. Estigmatização. I. Nascimento, Antônio Dias. II. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação.

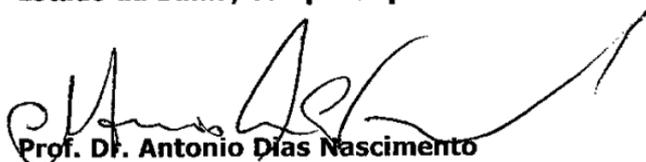
CDD: 305.231

FOLHA DE APROVAÇÃO

A SOCIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO MODO DE VIDA JUVENIL NO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO DE SALVADOR - BA

RENATA FORNELOS D'AZEVEDO RAMOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 24 de abril de 2017, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



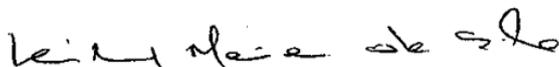
Prof. Dr. Antonio Dias Nascimento
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Sociologia
The University of Liverpool, LIVERPOOL, Inglaterra



Profa. Dra. Maria da Graça Jacintho Setton
Universidade de São Paulo - USP
Doutorado em Sociologia
Universidade de São Paulo, USP, Brasil



Profa. Dra. Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia - UFBA, Brasil



Profa. Dra. Luciene Maria da Silva
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação: História Política e Sociedade
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Brasil



Prof. Dr. Luciano Costa Santos
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil

AGRADECIMENTOS

As criaturas que habitam esta terra em que vivemos, sejam elas seres humanos ou animais, estão aqui para contribuir, cada uma com sua maneira peculiar, para a beleza e prosperidade do mundo.

(Dalai-Lama)

A Deus, e seus mensageiros de luz, que me acompanharam durante esta trajetória, amparando-me e fortalecendo-me em cada passo da minha caminhada.

A minha família, e em especial a minha mãe, que suportaram junto comigo cada dificuldade enfrentada.

Ao Professor Antônio Dias, mestre amigo, que com sua competência, paciência e afetividade me propiciou belas oportunidades de aprendizado e crescimento profissional e pessoal.

Aos companheiros do Grupo de Pesquisa Educação do Campo e Contemporaneidade, que compartilharam comigo todo o processo de construção deste estudo.

Aos colegas da turma de doutorandos 2013/1 com quem partilhei esta experiência de crescimento, em especial a Priscila Lícia Cerqueira cuja amizade e companheirismo constantes foram um grande estímulo para minha auto superação.

Aos Gestores, Professores, Funcionários e Estudantes do Colégio Estadual Dr. Luiz Rogério de Souza, que me acolheram de forma fraterna e respeitosa, auxiliando-me em todas as etapas do meu trabalho naquele estabelecimento.

À UNEB – Universidade do Estado da Bahia, representada por toda equipe de Gestores, Professores e Funcionários do PPGEduc, em especial à Secretária Acadêmica Sônia Lima e à Bibliotecária Hildete Costa, pelo atendimento competente e atencioso em todos os momentos em que foram solicitadas.

Enfim, a todos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, auxiliaram-me para esta conquista, os meus sinceros agradecimentos.

Carma é uma palavra sânscrita que significa “ação”. Designa uma força ativa, significando que o resultado dos acontecimentos futuros pode ser influenciado por nossas ações. Supor que carma é uma espécie de energia independente que predestina o curso de toda nossa vida é incorreto. Quem cria o carma? Nós mesmos. O que pensamos, dizemos, fazemos, desejamos e omitimos cria o carma. Não podemos, portanto, sacudir os ombros sempre que nos defrontamos com o sofrimento inevitável. Dizer que todo o infortúnio é mero resultado do carma equivale a dizer que somos totalmente impotentes diante da vida. Se isso fosse verdade, não haveria motivo para se ter qualquer esperança.

(Dalai-Lama)

A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido.

(Viktor E. Frankl)

A reverência pela vida é o primeiro ato de manifestação consciente da vida em face de si mesma.

(Albert Schweitzer)

RAMOS, Renata Fornelos d’Azevedo. **A socialização na construção do modo de vida juvenil no Subúrbio Ferroviário de Salvador - BA**. 2017. 201f.; il. Tese (Doutorado) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, 2017.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo principal analisar como se configuram as relações de interdependência entre as instâncias socializadoras que permeiam a construção dos modos de vida dos jovens pobres, de ascendência camponesa, residentes em periferias urbanas na contemporaneidade. Desenvolvida em um colégio da Rede Pública Estadual, situado no Subúrbio Ferroviário de Salvador - BA, área caracterizada como periferia urbana, a pesquisa teve como sujeitos jovens alunos do nível médio. A metodologia adotada partiu do desenvolvimento do conceito de “modo de vida” e, buscando-se dar a este estudo um caráter construtivo-interpretativo do fenômeno, adotou-se como referência a Epistemologia Qualitativa de Gonzáles Rey, complementada com elementos conceituais e estruturais importantes trazidos por Norbert Elias. As três etapas metodológicas desenvolvidas em sequência compreenderam a identificação das instâncias socializadoras mais significativas na construção dos modos de vida juvenis, definindo-se posteriormente a forma como elas se configuravam, de modo a se compreender como os modos de vida produzidos contribuía, ou não, para a superação dos estigmas atribuídos aos sujeitos. O referencial teórico que fundamentou este estudo possibilitou a percepção das contradições vividas pelos jovens de determinadas periferias urbanas que, tendo nascido no campo ou sendo oriundos de famílias de raiz cultural camponesa, têm a condução de suas vidas permeada pela dualidade de viverem entre os valores das tradições do campo e a racionalidade econômica que impera nas cidades, determinando as disputas de poder que favorecem os processos de segregação sócio espacial e estigmatização a que estão submetidos, sendo por isso impelidos a superá-los a partir do desenvolvimento de modos de vida próprios. Concluindo, foi possível constatar que, para os jovens estudados, construir um modo de vida não significa apenas superar as condições circunstanciais de privação que permeiam sua existência objetiva. Significa, principalmente, encontrar nestas circunstâncias um sentido ético que lhes impulse à superação dos estigmas responsáveis pela anulação dos seus potenciais de vida.

Palavras-chave: Modo de vida - Socialização - Estigmatização - Jovens das periferias.

RAMOS, Renata Fornelos d'Azevedo. **The socialization in the construction of the juvenile way of life in the Railroad Suburb of Salvador - BA.** 2017. 201 f. PhD Thesis - Department of Education, State University of Bahia, 2017.

ABSTRACT

This study had as main objective to analyze how the relations of interdependence among the socializing instances that permeate the construction of the ways of life of the poor young people, of peasant ancestry, living in urban peripheries in the contemporaneity, are configured. Developed in a Public State School located in the Railroad Suburb of Salvador - BA, an area characterized as urban periphery, the research had as subjects young high school students. The adopted methodology came from the development of the concept of "way of life" and, in order to give this study a constructive-interpretative feature of the phenomenon, Gonzales Rey's Qualitative Epistemology was adopted as a reference, complemented with important conceptual and structural elements brought by Norbert Elias. The three methodological stages developed in sequence included the identification of the most significant socializing instances in the construction of juvenile lifestyles, defining later how they configured themselves, in order to understand how the produced ways of life contributed or not to overcome the stigmas attributed to the subjects. The theoretical framework that underlies this study made it possible to perceive the contradictions experienced by the young people of certain urban peripheries who, having been born in the countryside or coming from peasant cultural origin, have the conduction of their lives permeated by the duality of living between the values of the countryside traditions and the economic rationality that prevails in the cities, determining the disputes of power that favor the processes of socio-spatial segregation and stigmatization to which they are subjected, being therefore impelled to overcome them from the development of their own ways of life. In conclusion, it was possible to observe that, for the young people studied, building a way of life does not only mean to overcome the circumstantial conditions of deprivation that permeate their objective existence. It means, above all, to find in these circumstances an ethical sense that prompts them to overcome the stigmas responsible for the annulment of their life potentials.

Keywords: Ways of life - Socialization - Stigmatization - Young people from the peripheries.

RAMOS, Renata Fornelos d’Azevedo. **La socialización en la construcción del modo de vida juvenil en el Suburbio Ferroviario de Salvador - BA.** 2017. 201 f. Tesis (Doctorado) – Departamento de Educación, Universidad de Estado de Bahía, 2017.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo principal analizar cómo se configuran las relaciones de interdependencia entre las instancias socializadoras que permean la construcción de los modos de vida de jóvenes pobres, de ascendencia campesina, residentes en periferias urbanas en la contemporaneidad. Desarrollada en una escuela de red pública, ubicada en el Suburbio Ferroviario de la ciudad de Salvador –BA, zona caracterizada como periferia urbana, la pesquisa tuvo como sujetos jóvenes alumnos de enseñanza media. La metodología adoptada partió del desenvolvimiento del concepto de “modo de vida” y buscando dar a este estudio un carácter constructivo-interpretativo del fenómeno, se adoptó como referencia la epistemología cualitativa de Gonzáles Rey, complementada con elementos conceptuales y estructurales importantes traídos por Norbert Elias. Las tres etapas metodológicas desarrolladas en secuencia comprenden la identificación de las instancias socializadoras más significativas en la construcción de los modos de vida juveniles, definiéndose más adelante la manera en que se configuraban, de modo a comprenderse como los modos de vida producidos contribuían, o no, para la superación de los estigmas atribuidos a los sujetos. El referencial teórico que fundamentó este estudio posibilitó la percepción de las contradicciones vividas por los jóvenes de determinadas periferias urbanas que, habiendo nacido en el campo o que se derivan de familias con raíces culturales campesinas, tienen la conducción de sus vidas permeada por la dualidad de la vida entre valores y tradiciones del campo y la racionalidad económica que se vive en las ciudades, determinando las disputas por el poder que favorecen los procesos de segregación socio espacial y estigmatización que sufren y por lo tanto se ven obligados a superarlos desde el desarrollo de modos propios de vida. En conclusión, fue posible constatar que, para los jóvenes estudiados, construir un modo de vida significa no solo superar las condiciones circunstanciales de privación que permean su existencia objetiva. Significa, principalmente, encontrar en estas circunstancias un sentido ético que los lleve a la superación de los estigmas responsables por la anulación de sus potenciales de vida.

Palabras- clave: Modos de vida – Socialización – Estigmatización – Jóvenes de la periferia.

LISTA DE FIGURAS E FOTOGRAFIAS

FIGURAS:

Figura 1	Representação adaptada das dimensões do homem concebida por Frankl (2005, p.44)	123
Figura 2	Modelo compreensivo representativo do modo de vida dos jovens pobres, de ascendência camponesa que vivem no Subúrbio Ferroviário de Salvador – BA / 2015.....	166

FOTOGRAFIAS:

Fotografia 1	Ruínas da Fábrica de Tecidos São Braz – Plataforma – Salvador – BA / 2011.....	56
Fotografia 2	Casas remanescentes da vila operária da Fábrica de Tecidos São Braz – Plataforma – Salvador – BA / 2011.....	56
Fotografia 3	Vista de povoamento ao longo da Estrada de Ferro Calçada - Paripe – Subúrbio Ferroviário – Salvador - BA / 2011.....	60
Fotografia 4	Vista de invasão povoando encosta de morro às margens da Av. Suburbana – Subúrbio Ferroviário – Salvador – BA / 2011.....	60
Fotografia 5	Vista da Enseada do Cabrito – Povoamento às margens da Baía de Todos os Santos – Subúrbio Ferroviário – Salvador – BA / 2011.....	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Caracterização dos jovens estudantes em relação ao local de nascimento e vínculos com o mundo rural (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/2015.....	65
Gráfico 2	Caracterização da família materna dos jovens estudantes quanto à origem - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	66
Gráfico 3	Caracterização da família paterna dos jovens estudantes quanto à origem - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	66
Gráfico 4	Caracterização dos jovens estudantes quanto à condição religiosa e reconhecimento racial - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	67
Gráfico 5	Caracterização dos jovens estudantes em relação ao local de nascimento e vínculos com o mundo rural (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/2015.....	72
Gráfico 6	Auto avaliação dos jovens estudantes quanto à capacidade de leitura e escrita (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA / 2015.....	73
Gráfico 7	Percepção dos jovens estudantes sobre a importância do aprendizado/ experiência escolar em relação ao seu processo educativo (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	73
Gráfico 8	Percepção dos jovens estudantes sobre as abordagens estabelecidas pela escola para o processo educativo promovido por ela (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	74
Gráfico 9.a	Caracterização dos jovens estudantes em relação à situação atual, natureza do vínculo, remuneração e percepção sobre o trabalho (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	77
Gráfico 9.b	Caracterização dos jovens estudantes quanto ao tempo de desemprego, carga horária diária de trabalho e forma de uso da remuneração - Subúrbio Ferroviário - Salvador -BA/ 2015.....	78
Gráfico 10.a	Caracterização dos jovens estudantes quanto à via e a idade com a qual conseguiu o primeiro trabalho (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	79
Gráfico 10.b	Caracterização dos jovens estudantes quanto ao perímetro onde trabalham e desejam trabalhar (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	79

Gráfico 11	Os três principais aspectos que o jovem estudante leva em consideração para aceitar um trabalho (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	81
Gráfico 12	Caracterização dos jovens estudantes quanto ao conhecimento de grupos culturais existentes em seus bairros ou comunidades (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	83
Gráfico 13	Caracterização dos jovens estudantes quanto ao envolvimento com grupos de jovens existentes dentro ou fora de seus bairros ou comunidades (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	84
Gráfico 14	Caracterização dos jovens estudantes quanto à visão relativa à relação entre política e cidadão comum (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	89
Gráfico 15	Caracterização dos jovens estudantes quanto à exposição a preconceitos/ estigmas (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	93
Gráfico 16	Caracterização dos jovens estudantes quanto à preferência musical (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	100
Gráfico 17	Caracterização dos jovens estudantes quanto ao acesso à leitura (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	101
Gráfico 18	Caracterização dos jovens estudantes quanto ao acesso à internet (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	103
Gráfico 19	Caracterização dos jovens estudantes quanto aos conteúdos acessados na internet (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	103
Gráfico 20	Caracterização dos jovens estudantes quanto às referências consideradas para tomar decisões importantes (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	106
Gráfico 21	Caracterização dos jovens estudantes quanto à natureza das dificuldades que mais afetam suas vidas (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	107

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADROS:

Quadro 1	Identificação dos sujeitos da pesquisa – estudantes do ensino médio da rede estadual de educação – Subúrbio Ferroviário de Salvador – BA/ 2015.....	51
-----------------	---	----

TABELAS:

Tabela 1	Determinação da amostra estratificada útil tomando por base o tamanho da amostra total definido a partir da “tabela de determinação de tamanho necessário de amostra” (KEY, 1997).....	49
Tabela 2	Caracterização do núcleo familiar dos jovens estudantes quanto à composição e chefia - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA / 2015...	68
Tabela 3	Caracterização da relação dos jovens estudantes com seu núcleo familiar - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA / 2015.....	70
Tabela 4	Caracterização dos jovens estudantes em relação à situação atual em termos de participação em associações e ou entidades (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	86
Tabela 5	Caracterização dos jovens estudantes com base na relação entre participação em organização de mulheres e sexo Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	88
Tabela 6	Caracterização dos jovens estudantes quanto à participação em atividades de natureza política (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	88
Tabela 7	Caracterização dos jovens estudantes quanto ao nível de confiança nas instituições (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	90
Tabela 8	Caracterização dos jovens estudantes quanto à estruturação da rotina semanal de atividades que desenvolvem (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	95
Tabela 9	Caracterização dos jovens estudantes quanto à periodicidade com que desenvolvem atividades de lazer e cultura (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	99
Tabela 10	Caracterização dos jovens estudantes quanto aos conteúdos que curtem, postam e compartilham nas redes sociais e em que frequência (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	104
Tabela 11	Caracterização dos jovens estudantes quanto à satisfação com o modo de vida (%) – Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	105

Tabela 11.a	Caracterização dos jovens estudantes quanto à relação entre o nível de satisfação com a capacidade de tomar decisões e as referências por ele consideradas (%) – Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	109
Tabela 12	Caracterização dos jovens estudantes quanto ao campo de significados onde mais se inseriam seus objetivos de vida por ocasião da pesquisa (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/2015.....	112
Tabela 13	Caracterização dos jovens estudantes quanto ao significado de sua principal fonte de sentido de vida na ocasião da pesquisa (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.....	112

LISTA DE ABREVIATURAS

AMPLA	Associação dos Moradores de Plataforma
CEDEP	Centro de Desenvolvimento Popular
CEPAL	Comissão Econômica para América Latina
FABS	Federação das Associações de Bairro de Salvador
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
SEGIB	Secretaria Geral Iberoamericana

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	18
1	UM PONTO DE VISTA SOBRE A PROBLEMÁTICA JUVENIL NA PRIFERIA.....	26
1.1	JUVENTUDE “DA PERIFERIA”: IDENTIDADE OU ESTIGMA?	30
1.2	DA EXPERIÊNCIA AO MODO DE VIDA.....	33
1.3	ENTRE A VIDA E A MORTE, O SENTIDO.....	37
2	CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO.....	42
2.1	EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA: ASPECTOS BÁSICOS.....	43
2.2	AS CONTRIBUIÇÕES DE NORBET ELIAS.....	45
2.3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	47
2.3.1	Identificação das instâncias socializadoras mais significativas na construção dos modos de vida juvenis.....	49
2.3.2	Definição do modo como as instâncias socializadoras se configuram na construção dos modos de vida juvenis.....	50
2.3.3	Análise da contribuição dos modos de vida para a superação, ou não, dos estigmas atribuídos aos jovens das periferias urbanas.....	52
2.3.4	Aspectos complementares.....	53
3	UM OLHAR SOBRE O LUGAR.....	54
3.1	A GÊNESE DO LUGAR.....	55
4	A CONFIGURAÇÃO DA EXPERIÊNCIA OBJETIVA.....	63
4.1	O PERFIL SÓCIO DEMOGRÁFICO.....	65
4.2	A ESCOLA.....	71
4.3	O MUNDO DO TRABALHO.....	76
4.4	ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO.....	82
4.5	FRUIÇÃO, CULTURA E LAZER.....	94
4.6	A SATISFAÇÃO COM O MODO DE VIDA.....	105
4.7	REVELANDO AS CONFIGURAÇÕES.....	113
5	DA EXPERIÊNCIA AO SENTIDO DE VIDA.....	120
5.1	O SENTIDO DA VIDA SOB A ÓTICA DE FRANKL.....	122
5.2	AS RELAÇÕES COM O LUGAR.....	125
5.3	AS RELAÇÕES COM A FAMÍLIA.....	130
5.4	A BUSCA POR CONHECIMENTOS.....	135
5.5	A RELAÇÃO COM O TRABALHO.....	145
5.6	A RELAÇÃO COM A RELIGIÃO.....	147
5.7	CAINDO NAS REDES.....	156
5.7	UM MODELO COMPREENSIVO.....	165
	CONCLUSÃO.....	171
	REFERÊNCIAS.....	174
	APÊNDICE A – Instrumento I de coleta de dados – Enquete.....	181

APÊNDICE B - Termos de consentimento e livre esclarecimento.....	187
APÊNDICE C - Termo de assentimento do menor.....	189
APÊNDICE D - Termos de consentimento e livre esclarecimento.....	191
APÊNDICE E – Instrumento II de coleta de dados - Complemento de frases.....	193
APÊNDICE F – Quadro de análise do panorama subjetivo.....	200
APÊNDICE G – Instrumento III de coleta de dados - Roteiro de conversação.....	201

INTRODUÇÃO

Aqueles grupos cuja posição social lhes dá armas e poder são mais capazes de impor suas regras. Distinções de idade, sexo, etnicidade e classe estão todas relacionadas a diferenças de poder, o que explica diferenças no grau em que grupos assim distinguidos podem fazer regras para os outros.

(Howard S. Becker)

Pensar sobre as motivações que levam um pesquisador ao estudo de determinado tema faz vir à tona muito de suas experiências de vida e a forma como elas o marcaram. Neste sentido, o presente estudo não foge a esta lógica. Ele é fruto de experiências vividas ao longo da caminhada profissional – e, por que não dizer, também humana – e das experiências que transformaram meu modo de ser e estar no mundo.

Ao iniciar minha carreira como Engenheira Agrônoma no início da década de 1980, no semiárido baiano, vivi e participei de um momento histórico onde drásticas transformações ocorreram no campo. O acelerado processo de tecnificação por que passava a agropecuária, associada às mudanças de caráter estrutural ao nível mundial, refletiam-se de forma marcante sobre os agricultores familiares que, pressionados pelos novos padrões produtivos impostos, associados ao modelo agrário histórico, perdiam progressivamente suas condições de trabalho e, conseqüentemente, de vida no campo.

Neste contexto, o que mais me inquietava era o fato de nós, técnicos executores de políticas públicas financiadas por programas de cooperação internacionais, estarmos a desenvolver projetos cujos objetivos e metas não atendiam, de fato, às demandas sociais do período, favorecendo um modelo de desenvolvimento voltado principalmente para a promoção e ampliação do agronegócio.

Acompanhei de perto um período triste, durante o qual muitos perderam tudo que haviam construído durante uma vida de trabalho para a seca, para os bancos ou para os grileiros. Assisti a procissões que levavam essa gente de cidade em cidade, em busca de melhores oportunidades de sobrevivência. Vi a caatinga e as matas queimarem nos fornos de carvão, onde crianças e jovens trabalhavam até a exaustão, sem direitos básicos, inclusive o de sonhar com

um futuro. Vi solos erodidos e degradados e rios secando, juntamente com as vidas de muitas famílias que, sem alternativas, eram desenraizadas do seu lugar.

Os anos se passaram, e hoje vivo em Salvador, Bahia, uma das metrópoles do país e, por isso mesmo, lugar de recepção de grandes levas destes desenraizados que hoje não são mais chamados camponeses, nem agricultores familiares ou retirantes. São pobres, favelados, vivendo sob o estigma da marginalidade. Segregados nas periferias da cidade, essa gente vem ao longo do tempo criando um modo de vida próprio, onde se mesclam as raízes da cultura camponesa e as aquisições do mundo urbano, forjando-se, assim, identidades peculiares, com formas de sociabilidade própria, que traduzem a riqueza das experiências vividas e as estratégias desenvolvidas para sobreviverem às “intempéries do destino” que lhes foi imposto.

Atuando junto aos agricultores urbanos e periurbanos em Salvador, pude conhecer de perto a realidade da gente da periferia e acabei enxergando, nesta população, marcas ainda vivas do seu passado camponês. Percebi também que as pressões sociais exercidas sobre eles por meio dos processos de estigmatização e segregação sócio espacial, acabam por fazê-los negar tal identidade, hoje camuflada com as aquisições feitas na cultura urbana. No entanto, negar-se camponês não é garantia de aceitação no mundo urbano, industrial e mercantil onde a capacidade de consumo é que define realmente o seu lugar social.

Designada pela Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S. A. (atualmente extinta) para o assessoramento técnico de um projeto de educação ambiental num colégio público do Subúrbio Ferroviário de Salvador, percebi nesta proposta a oportunidade de desenvolver um estudo que me permitisse avaliar uma metodologia educativa não formal que possibilitasse trabalhar a agricultura urbana como elemento de resgate cultural a partir da educação ambiental crítica.

Por tratar-se de um objeto de estudo complexo e ao mesmo tempo instigante, decidi que seria o momento para me submeter a um curso de mestrado em Educação, plano que vinha adiando por não ter ainda encontrado a ideia para um projeto que realmente pudesse trazer um aporte de conhecimentos no campo que me interessava: as populações camponesas das periferias urbanas.

Com este propósito, busquei no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) o suporte necessário para o desenvolvimento do meu estudo. Ingressando no curso de mestrado em

Educação e Contemporaneidade na linha de pesquisa Educação, Gestão e Desenvolvimento Local Sustentável, fui convidada a participar do Grupo de Pesquisa em Educação do Campo e Contemporaneidade.

Durante os anos de 2010 e 2011, a convivência quase diária com a comunidade do Colégio Estadual Dr. Luiz Rogério de Souza, bem como os estudos desenvolvidos com o grupo de pesquisa, aguçaram progressivamente a minha percepção em relação aos sujeitos lá encontrados, fazendo-me perceber, ao concluir o mestrado, que minha relação com aquela escola e com o Subúrbio Ferroviário de Salvador não estava concluída. O convívio com os jovens daquele lugar me fez tomar conhecimento de histórias familiares que muito me impressionaram, pois revelavam a luta constante para construção de modos de vida dignos, que superassem os estigmas lançados sobre aquela gente, que se equilibra entre seu passado camponês e as imposições do mundo urbano.

Percebi que os processos socializadores que compunham as vidas dessas pessoas eram responsáveis pela produção de sentidos de vida éticos, que lhes permitiam não apenas sobreviver ao contexto de exclusão, mais viver e projetar um futuro. Sendo assim, tomei como novo desafio acadêmico, agora no nível de doutorado, analisar como se configuram as relações de interdependência entre as instâncias socializadoras que permeiam a construção dos modos de vida dos jovens das periferias urbanas na contemporaneidade. Tal perspectiva de estudo visou a compreensão do complexo de processos que compõem a construção do modo de vida de jovens que convivem com a dualidade cultural campo – cidade, destacando-se, assim, seu caráter transdisciplinar (MORIN, 2005).

Vale destacar que as condições sobre as quais são construídos os modos de vida dos sujeitos desta pesquisa não compreendem uma situação de caráter exclusivamente local, mas refletem processos históricos, cujas transformações estruturais promovidas compreendem estratégias envolvendo importantes lutas de poder assentadas sobre processos discriminatórios.

Em termos sociológicos, “preconceito é uma atitude cultural positiva ou negativa dirigida a membros de um grupo ou categoria social” (JOHNSON, 1997, p. 180). E, sendo uma atitude, constitui-se a partir de crenças e juízos de valor combinados com predisposições emocionais positivas ou negativas. Sua importância sociológica se deve ao fato de servir de fundamento para a discriminação.

Segundo Johnson (1997), a discriminação compreende o tratamento desigual de indivíduos pertencentes a um grupo ou categoria particular, que, quando assume a forma de abuso, exploração e injustiça, se converte em opressão social. Contudo, nem toda discriminação está assentada no preconceito.

Para Castel (2011), por exemplo, também existem formas de discriminação positivas, que se baseiam em fazer mais por aqueles que têm menos; e, compreendendo esforços suplementares em benefício de populações carentes de recursos, objetivando sua integração ao regime comum, o princípio destas práticas não é contestável. Porém, o autor chama a atenção para o fato de a discriminação positiva atuar, também, como discriminação negativa quando não consiste apenas em dar mais àquele que tem menos, mas, ao contrário, marca seu beneficiário com um defeito quase indelével, passando o indivíduo ou grupo social a ser associado a um destino assentado numa característica que não é escolhida, mas que é devolvida pelos outros como uma espécie de estigma. Trata-se, portanto da “instrumentalização da alteridade, constituída em favor da exclusão” (Ibidem, p. 14).

Sob esta ótica, pode-se analisar o efeito de certas políticas de inclusão, com o objetivo declarado de favorecer o acesso juvenil ao trabalho, como via de proteção contra os processos de marginalização. Embora os objetivos explícitos destas políticas se voltem para o benefício dos jovens pobres, elas acabam por lançar sobre este segmento da população rótulos de periculosidade potencial ou mesmo incapacidade, conduzindo-os a postos de trabalho específicos, demarcando assim o lugar social a eles destinado pelo sistema vigente. Deste modo, tal estratégia acaba por fortalecer processos de estigmatização¹ que camuflam a privação de direitos básicos de cidadania a que estão submetidas as juventudes das periferias. Em síntese: a discriminação negativa repercute, portanto, na cidadania da população, representada aqui pelas juventudes das periferias, a quem a discriminação positiva poderia garantir sua cidadania plena baseada na igualdade, mas a discriminação negativa acaba por reforçar a condição de cidadãos de segunda classe, destacando as desigualdades.

1. O estigma é um rótulo social negativo que identifica pessoas como desviantes, não porque seu comportamento viole normas, mas porque elas têm características pessoais ou sociais que levam outras pessoas a excluí-las. [...] O estigma também pode ser aplicado a grupos minoritários, tais como negros, judeus e mulheres, cujo único crime consiste simplesmente em fazer parte de uma categoria social estigmatizada. (JOHNSON, 1997, p. 93-93)

Neste contexto, o que discrimina as juventudes das periferias é a dupla desvantagem de raça e classe, que deveriam ser combatidas simultaneamente (CASTEL, 2011). É neste sentido que, independentemente das políticas de discriminação positiva, tornam-se importantes ações efetivas contra o fracasso escolar, o desemprego, a pobreza, a insegurança social, e outros agentes de desigualdades, em favor da igualdade social de direitos.

Foi na perspectiva da discriminação positiva que o “Estado social” da modernidade se voltou ao combate dos perigos socialmente produzidos e que ameaçavam a existência humana, fazendo com que riscos individuais fossem socializados a partir da ação efetiva do Estado, que, por sua vez, teve seu poder legitimado junto à população (CASTEL, 2012). Tal estratégia, contudo, não se desenvolveu de forma aleatória, mas seguiu um percurso histórico que acompanha a própria história de formação do Estado enquanto estrutura de poder.

De acordo com Foucault (1999), o fenômeno da estatização do biológico ou domínio do Estado sobre a vida, marcante a partir do século XIX, representou o surgimento do biopoder em substituição ao poder soberano. Descrevendo de forma sintética este processo, é necessário lembrar que o poder soberano estava assentado no direito natural dos reis, que tinham como atributo fundamental o direito de vida e de morte, que significa: “o direito de fazer morrer e deixar viver”. Com o surgimento do Estado Nação, o poder, que tinha como esquema organizador a soberania, tornou-se insuficiente para reger o sistema econômico e político de uma sociedade em vias de uma simultânea industrialização e explosão demográfica. Instala-se então, a partir do final do século XVII e início do século XVIII, um primeiro processo de acomodação das formas de poder a partir do disciplinamento dos corpos, dos indivíduos. Tal acomodação, que se processou ao nível local, contou com a atuação de instituições como a escola, o hospital, o quartel, a oficina, entre outras. Já no final do século XVIII ocorre uma segunda acomodação sobre fenômenos de grande amplitude sobre as populações - processos biológicos e sociobiológicos de massa. Esta nova acomodação, mais complexa, demandou a atuação de instituições também de maior complexidade, que viabilizassem a efetivação de mecanismos regulamentadores da sociedade.

É importante lembrar que este processo de regulamentação social foi referenciado pela ciência, destacando-se mais especificamente a estatística, a medicina e a higiene, respaldadas pela Teoria Darwinista. Neste contexto instala-se o biopoder como uma tecnologia que garante ao Estado o “direito de fazer viver e deixar morrer”. Institui-se então uma sociedade de normalização, na qual se cruzam, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e

a norma da regulamentação, exercendo assim um controle social que se estende desde o controle biológico do corpo até o controle da população (FOUCAULT, 1999).

Surgem, então, as seguintes questões: Como é exercido o poder da morte num sistema político assentado no biopoder? Quem deve morrer nesse sistema? Como identificar aqueles que devem morrer?

Considerando que é atributo fundamental do Estado o direito de fazer viver, garantindo as condições da vida, todo aquele que venha a subverter as normalizações, oferecendo perigo à população, deve ser anulado (morto). Neste sentido, o Estado lança mão da ciência para respaldá-lo na identificação dos indivíduos ou parcelas da população considerados destoantes ou nocivos à vida dos demais. Para tanto, a população, composta de membros da espécie humana, deverá ser dividida seguindo critérios biológicos, que, a partir das leis da ciência, são critérios raciais. Desta forma, segundo Foucault (1999):

No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população uns grupos em relação aos outros (Ibidem, p.304)

Neste sentido, como uma decisão assentada em critérios biológicos, a morte do outro, da raça ruim, da raça inferior, do degenerado ou do anormal é que vai deixar a vida em geral mais sadia e mais pura (FOUCAULT, 1999). Tem-se, então, o “poder de matar” do Estado legitimado pela ciência através do racismo.

Vale ressaltar que, para o autor, tirar a vida não se restringe ao assassinio direto, mas abrange também todas as formas que venham a se constituir em assassinio indireto como: a exposição à morte, a multiplicação para alguns do risco de morte, a morte política, a expulsão, a rejeição, a morte social, entre outras.

Embora a análise de Foucault aponte a raça como critério biológico de corte populacional que justifica as ações do Estado, ele também deixa claro que a raça é uma construção social que integra aspectos culturais, históricos e linguísticos que, como tal, não respaldaria a biopolítica, necessitando por isso da conotação biológica que lhe foi atribuída pela ciência para se tornar um artefato do biopoder. Esta conotação científica também serviu ao propósito de descaracterizar qualquer relação entre as dinâmicas discriminatórias estabelecidas pelo Estado e as disputas de classe que permeiam as relações de poder. Com isso, o racismo de

Estado, como foi definido por Foucault, acaba ganhando uma aura de justiça, sendo, portanto, normalizado.

Esta estratégia de poder garantiu por longo tempo a legitimidade do poder estatal, enquanto este viabilizou a mão-de-obra necessária para a estruturação, manutenção e expansão dos sistemas econômicos, estabelecendo-se no mundo um poderoso ciclo de desenvolvimento e modernização. No entanto, o modelo de desenvolvimento estabelecido acabou por produzir e acentuar significativas fraturas na sociedade, que deram origem a grandes contingentes de “indivíduos obsoletos”, na medida em que as estratégias de extermínio por parte do Estado já não dão conta da demanda crescente, principalmente pelo fato destes não poderem nem mesmo ser mantidos como exército de reserva para as indústrias, uma vez que a ciência tratou de torná-los dispensáveis a partir do desenvolvimento tecnológico. Constitui-se, com isso, um problema estrutural de graves proporções que acaba por abalar o poder do Estado.

Na contemporaneidade, segundo Bauman (2005), as limitadas funções protetoras do Estado vêm, de forma progressiva, voltando-se para os não empregáveis e inválidos, que, reclassificados, deixam de ser assunto do serviço social e passam a questão de lei e ordem. Tem-se então um claro processo de criminalização da incapacidade de participação no mercado, o que demonstra que “agora se espera dos indivíduos que procurem soluções biográficas para contradições sistêmicas” (BECK, 2011).

Por outro lado, Bauman (2005) aponta como indicadores do abalo sofrido pelo Estado nas suas bases de poder a crescente apatia, perda de interesse e compromisso político das populações, com conseqüente redução da participação na política institucional, bem como a ampliação do descaso em relação à lei e à multiplicação dos casos de desobediência cívica. Neste contexto, impossibilitado de intervir de forma programática na insegurança gerada pelo mercado, o Estado passa a alimentar outras vertentes de vulnerabilidade e incerteza em que possa basear sua legitimidade, como as questões referentes à segurança pessoal, encarnadas pelas ameaças e perigos a pessoas, propriedades e hábitos, decorrente de atividades criminosas, conduta antissocial da “subclasse” e, mais recentemente, o terrorismo global.

Estas novas ameaças, estrategicamente reforçadas, acabam por criar, segundo o mesmo autor, um “medo oficial” com dimensões expressivas e que funciona como camuflagem, relegando a um segundo plano as preocupações com as inseguranças geradas pelo mercado e sobre as quais a administração do Estado não pode e não deseja intervir. Logo, ao serem tratadas como ameaças quase imateriais que pairam sobre todas as populações, estas passam a legitimar

o Estado como guardião absoluto da segurança e sobrevivência de todos. E, trocando progressivamente o seu papel de “Estado social” pelo de “Estado guarnição”, ele protege cada vez mais os interesses das corporações globais, transnacionais, aumentando sua ação militar e repressora junto à população comum. Tem-se neste processo um aumento da repressão em detrimento da compaixão, onde os problemas reais relativos à redução do mercado imobiliário e ao desemprego estrutural, que resultam na questão dos sem-teto, da ociosidade juvenil e da epidemia das drogas, são menosprezados em favor de políticas de disciplinamento, refreamento e controle (GIROUX, 2002).

A partir deste panorama geral, é possível entender a contradição que se estabelece quando o Estado propõe uma educação para o trabalho como medida a solucionar a questão da ociosidade das juventudes das periferias. Principalmente quando se torna claro que, como instituição disciplinadora idealizada e mantida como tecnologia do racismo de Estado, esta escola não atende, de fato, às necessidades reais destas juventudes.

Na visão de Flecha e Tortajada (2000), centrar as expectativas educativas na formalidade das carreiras curriculares acaba por impedir o acesso ao desenvolvimento social por parte dos segmentos periféricos da população. Uma vez que aqueles que se sentem limitados em sua bagagem acadêmica acabam por desenvolver uma percepção negativa de si que os imobiliza numa condição de infra valorização e impossibilidade de ação como sujeitos pensantes e atuantes, nos diferentes âmbitos da dinâmica social.

Paralelamente, as crescentes exigências estabelecidas para o ingresso e permanência no mercado de trabalho funcionam como elemento reforçador da condição de infra valorização desenvolvida pela educação, criando-se assim um ciclo perverso que acaba por promover a subordinação do indivíduo ou a sua marginalização. Logo, percebe-se que as juventudes pobres das periferias acabam transitando por uma faixa de fronteiras extremas, para as quais se torna necessário encontrar outras opções, cuja percepção passa inegavelmente pela descoberta de sentidos éticos para a vida. É exatamente sobre este processo de descoberta de sentido e construção de modos de vida que este estudo se propõe a analisar.

1. UM PONTO DE VISTA SOBRE A PROBLEMÁTICA JUVENIL NA PERIFERIA

A modernidade, para além do continente europeu, caracterizou-se por um modelo de desenvolvimento baseado na conquista, colonização e integração de países ao mercado mundial, influenciando de forma significativa os processos civilizatórios como o do Brasil, cujas consequências sobre os segmentos sociais subalternos se manifestam principalmente pelo fenômeno da exclusão – ou inclusão precária – configurado a partir de um conjunto de fenômenos sociais coexistentes e interligados, como: o desemprego, a marginalidade, a discriminação, a pobreza, entre outros (LEFF, 2006; SACHS, 2002, 2004).

Dotados de caráter cumulativo e persistente, tais fenômenos, significativos como produtores de modos de ser e estar no mundo, podem se reproduzir pela transmissão de geração a geração, evoluindo por meio do surgimento de novas formas que garantam suas vias de persistência, passando a se constituir em causa e consequência de múltiplas rupturas na coesão social² (RODRIGUES et al., 2010).

Atingidas por esse fenômeno, parcelas importantes dos povos do campo (indígenas, quilombolas, agricultores familiares proprietários de terra ou não) são impelidas a deslocar-se de seus territórios e transformam-se em trabalhadores assalariados, em decorrência de megaprojetos de desenvolvimento rural, pautados na tecnificação e maximização da produção agropecuária (LEFF, 2000).

2. De acordo com a CEPAL/SEGIB (2007, p. 25), “a coesão social é definida como a dialética entre mecanismos instituídos de inclusão social e as respostas, percepções e disposições dos cidadãos diante do modo como tais mecanismos funcionam”. Sendo assim, este conceito leva em consideração não apenas a eficácia dos mecanismos instituídos de inclusão social – o emprego, os sistemas educacionais, a titularidade de direitos, as políticas que fomentam a equidade, o bem-estar e a proteção social, entre outros – mas também as avaliações e respostas por parte dos sujeitos formadores da sociedade. Neste âmbito estariam incluídos aspectos relativos à confiança nas instituições, o capital social, o sentido de pertencimento e solidariedade, a aceitação das normas de convivência e a disposição para participar em espaços de deliberação e em projetos coletivos.

Por outro lado, tomando-se como referência a reflexão crítica, a ideia de coesão social também suscita a corrosão da legitimidade e governabilidade dos Estados nacionais, o aprofundamento das desigualdades sociais, o surgimento de identidades auto referidas, a excessiva racionalização econômica, bem como a tendência acentuada de individualização e enfraquecimento do que é público. Tem-se, então, na ruptura da “coesão social” – enquanto consenso estabelecido em prol do modelo de desenvolvimento neoliberal – um processo desejável de renovação social, na medida em que expressa uma reação dialética representada principalmente pelo fortalecimento dos movimentos sociais.

Deslocada do campo, esta parcela da população passa a viver nas áreas menos valorizadas das periferias das cidades, em especial metrópoles, a partir da ocupação irregular do espaço urbano, onde sobrevive em condições precárias de infraestrutura, altos índices de desemprego, insegurança, incerteza e pobreza. Tem-se, assim, a constituição de um contingente, em sua maioria, fora da contratualidade moderna que, resistindo à falência moral, cria variadas estratégias de sobrevivência como o biscate, a coleta de lixo, a agricultura urbana, entre outras (MARTINS, 2008; NASCIMENTO, 2009).

Como consequência, as grandes desigualdades existentes entre as áreas de expulsão e de atração de grupos humanos faz com que a migração venha a produzir identidades variadas e também muitas vezes contestadas (WOODWARD, 2011), visto que estes grupos encontram seu espaço de participação na sociedade urbana, reproduzindo-se e produzindo seu próprio modo de vida, sua identidade marcada pelo encontro entre o passado e as relações sociais, culturais e econômicas, nas quais se inserem no presente. Trata-se de identidades resultantes da intersecção entre o viver cotidiano e as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação às quais estão submetida (RUTHERFORD, 1990), e que se expressam de forma clara através do fenômeno da segregação espacial (CASTELLS, 1983), corroborando a análise de Engels (1985), segundo a qual a historicidade dos fenômenos adquire grande importância relativa aos processos e relações sociais produzidos pela segregação.

Para Castells (1983), a segregação sócio espacial resulta da distribuição das classes sociais³, sendo diferentes no espaço, com base no nível social dos indivíduos e a partir de determinações de caráter político, econômico e ideológico. Trata-se, segundo o autor, de uma tendência à organização do espaço em zonas caracterizadas por forte homogeneidade social interna e acentuada desigualdade social entre elas, sendo esta desigualdade expressa tanto em termos de diferença quanto de hierarquia.

David Harvey (1980), por sua vez, ao discutir o significado da segregação destacou que a desigualdade residencial segundo o grupo significa desigualdade de renda real, ou seja, maior ou menor proximidade das facilidades da vida urbana – como água, esgoto, áreas verdes, melhores serviços educacionais... – e maior ou menor proximidade dos custos da cidade – como crime, serviços educacionais inferiores, ausência de infraestrutura etc.

3. O acesso desigual aos bens produzidos pelo trabalho determina a existência das diferentes classes sociais, as quais, por sua vez, ao serem distribuídas de forma desigual no espaço, vão materializar a segregação sócio espacial.

Logo, existindo diferença de renda monetária, a localização implica em maior diferença em relação à renda real.

Sob esta ótica, o mesmo autor considera que desigualdade residencial implica em acesso diferenciado a recursos necessários à aquisição de oportunidades para a ascensão social, como a educação, por exemplo, cuja forma de estruturação pode definir um sistema de reprodução do bairro que se perpetua entre gerações. Destaca também que a desigualdade social é responsável pela produção de comunidades distintas, com valores peculiares ao grupo, que, por sua vez, estão profundamente ligados ao código moral, linguístico e cognitivo, constituindo o acervo de conceitos usados pelos indivíduos para enfrentar o mundo. Deste modo, a estabilidade de um bairro e de seu sistema de valores promove a reprodução e permanência de grupos sociais dentro de estruturas residenciais.

Fica claro, portanto, que, além da qualidade de vida inferior da população, no que tange ao acesso aos recursos da cidade, ocorre também um prejuízo cultural relativo à forma como os indivíduos passam a enxergar o mundo e ao nível de consciência objetiva sobre seu estado de segregado social e espacial (NEGRI, 2008), uma vez que “a alienação urbana envolve e perpetua todas as alienações. Nela, por ela, a segregação generaliza-se: por classe, bairro, profissão, idade, etnia, sexo” (LEFEBVRE, 1999, p.89). É a partir deste ponto de vista que se pretende analisar a questão juvenil nas periferias urbanas.

Embora não esteja registrado nas estatísticas oficiais, a principal consequência do fenômeno da migração rural-urbana na contemporaneidade corresponde aos muitos filhos de migrantes que, tendo sido deslocados de seu lugar social e das oportunidades de vida a ele vinculadas, tenham nascido no local de destino de seus ascendentes, passando da condição de migrantes a “vítimas da migração” (MARTINS, 2008). Porém, ao destacar estas “vítimas da migração”, vale salientar que elas não descendem de qualquer migrante, mas daqueles deslocados do campo a partir de um processo de desenraizamento e que se encontram nas periferias das cidades, incluídos de forma precária ou patológica, privados na maioria das vezes das conquistas sociais alcançadas historicamente pela classe trabalhadora, o que pode ser observado pelas relações estabelecidas entre juventude, educação e trabalho nas estatísticas oficiais.

Sendo segregados social e espacialmente, os jovens moradores de determinadas “periferias” são, de forma geral, vistos sob o estigma da marginalidade, como agentes promotores do risco social. Esta visibilidade da condição juvenil a partir da violência favoreceu

a disseminação do sentimento de insegurança, que vem contribuindo desde a segunda metade da década de 1990 para o desencadeamento de ações públicas direcionadas especificamente para a juventude (SPOSITO, 2007).

No entanto, o que vem sendo demonstrado de fato pelas estatísticas é que o extermínio desta parcela da população vem sendo normalizado pela sociedade, por meio das diversas formas de expulsão, rejeição e exposição à vulnerabilidade. As ações que visam o resgate de uns poucos da condição de exclusão não significam preocupação com o outro, mas sim um mecanismo de controle dos riscos de segurança (BAUMAN, 2008). É como “medida de segurança social” que a educação, a religião, o esporte e até mesmo o trabalho, enquanto processos socializadores, são relacionados aos jovens pobres, em especial das periferias urbanas.

A partir desta lógica, é possível supor, então, que os jovens pobres, oriundos de famílias de raiz cultural camponesa, moradores de determinadas periferias, sendo vítimas do processo de migração compulsória campo-cidade, estariam vivendo na contemporaneidade uma contradição expressa pela relação com as instâncias socializadoras estabelecidas na modernidade.

Tal contradição teria sua origem no confronto entre as narrativas que apontam o processo de “socialização formal” como via importante para formação do sujeito cidadão e a conjuntura de reestruturação dos modos de produção no mundo globalizado, que apontam para a ressignificação destes processos na construção dos modos de vida dos grupos sociais, contribuindo inclusive para alimentar as desigualdades que estão assentadas sobre os processos históricos de estigmatização, o que suscita as seguintes questões: como se configuram, na contemporaneidade, as diferentes instâncias socializadoras que permeiam a construção dos modos de vida dos jovens das periferias urbanas? De que forma os modos de vida advindos destas configurações contribuem ou não para a superação dos estigmas atribuídos a esta juventude?

Segundo Elias e Scotson (2000), a estigmatização social discutida, em geral, como um fenômeno relativo à demonstração pessoal de desprezo acentuado por outras pessoas como indivíduos, acaba por se confundir com o preconceito, ficando restrita ao plano individual, deixando, portanto, de ser percebida como resultante das configurações estabelecidas entre grupos. Para os autores, a estigmatização é fruto das relações entre grupos, estando sua eficácia vinculada ao fato do grupo estigmatizante estar bem instalado em posições de poder das quais o

grupo estigmatizado é excluído. Enquanto tal situação perdurar, o estigma de desonra coletiva imputado aos excluídos continua prevalecendo. Trata-se, portanto, de uma estratégia adotada pelos grupos “superiores” nas disputas de poder, visando à manutenção de sua superioridade social.

Percebe-se, assim, que a estigmatização a que está submetida a juventude pobre que vive em determinadas periferias, para ser compreendida precisa ser analisada como fruto da estrutura de relações nas quais está inserida. Neste contexto, surge a necessidade de se identificar uma categoria que possibilite tanto o entendimento dos mecanismos que envolvem a construção do estigma social e sua assimilação pelos jovens, quanto o funcionamento da configuração de relações – representadas pelos processos socializadores – que servem de base para a estruturação da vida juvenil nas periferias.

1.1 JUVENTUDE “DA PERIFERIA”: IDENTIDADE OU ESTIGMA?

O inferno são os outros.
(Jean Paul Sartre)

Falar de juventude consiste, na maioria das vezes, em externar crenças, valores e visões de mundo historicamente construídos e que são variáveis, a depender do objeto ao qual se faz referência. A palavra juventude, em si, compreende um substantivo genérico, que pode sugerir um mosaico multicolorido, com tonalidades fortes, mas que, vistas a distância, tornam-se um grande borrão que não expressa, de fato, a força dos seus significados.

A aproximação progressiva, contudo, nos permite lançar mão de adjetivações que destacam cada faceta deste mosaico, fazendo vir à tona realidades específicas que merecem ser analisadas de forma própria. É nesse exercício que, unindo-se ao substantivo juventude a expressão “da periferia”, demarca-se um universo amplo, permeado de contradições, com expressões e modos de vida próprios, muitas vezes desacreditados em nome de uma racionalidade preconceituosa que tende ao enquadramento e à normatização.

O uso do termo “jovem da periferia”, por si só, já significa lançar mão de um estigma para identificação de um sujeito que poderia ter sido facilmente recebido na relação social

cotidiana, mas que, por possuir uma qualidade específica que impõe atenção, afasta aqueles que ele encontra, destruindo, muitas vezes, a chance de conhecimento dos seus outros atributos. Neste sentido fica clara a crença geral da “não humanidade” do sujeito portador deste estigma, o que justifica os vários tipos de discriminação a ele impostos socialmente, por meio dos quais, efetivamente e de forma quase natural, reduzem-se suas chances de vida (GOFFMAN, 2012).

Torna-se também importante destacar que o indivíduo estigmatizado tende a compactuar com as crenças gerais sobre sua identidade. Logo, seus sentimentos mais profundos sobre o que ele é acabam por confundir sua sensação de ser uma “pessoa normal”, um ser humano como os demais, merecedor, portanto, de um destino agradável e de uma oportunidade legítima (GOFFMAN, 2012).

Seguindo esta lógica, o estigmatizado, em geral, percebe de forma clara que, independentemente do que seja admitido pelos “outros”, eles, na verdade, não o aceitam e não se dispõem a manter com ele uma relação em bases igualitárias. Por outro lado, os padrões sociais por ele incorporados o tornam susceptível ao que é visto pelos “outros” como seu defeito, levando-o, inevitavelmente, a acreditar que está abaixo dos modelos de referência. Nasce, assim, a vergonha ao se dar conta de que um de seus atributos não é tolerado e pode imaginar-se como um não portador dele. Como consequência, o confronto constante com a imagem de normalidade “reforçará a visão entre auto exigências e ego, mas na verdade o auto ódio e a auto depreciação podem ocorrer quando somente ele e um espelho estão frente a frente”. (Ibiden, p. 17)

De acordo com Berguer e Luckmann (2008), a realidade da vida cotidiana se expressa por meio das rotinas e se reafirma continuamente na interação do indivíduo com os “outros” – uns mais, e os demais menos significativos. Logo, do mesmo modo que a realidade é originalmente interiorizada pela socialização, assim também ela é mantida na consciência dos indivíduos. Isso implica dizer que a realidade subjetiva deve ter uma relação socialmente definida com a realidade objetiva.

Os autores afirmam ainda que todos os “outros” - ou a maior parte deles - que transitam na vida cotidiana de um indivíduo atuam na reafirmação de sua realidade subjetiva. Destes, os “outros significativos” ganham destaque no processo de conservação da realidade, funcionando como elementos chave para a progressiva confirmação da identidade, a partir de um processo que se dá de forma explícita e carregada de emoção. Os “outros menos significativos”, por sua vez, funcionam como uma espécie de coro, confirmando esta realidade subjetiva.

Torna-se oportuno destacar que este processo se verifica tanto para confirmar identidades tidas como positivas pelos indivíduos, quanto aquelas negativas. Neste sentido os autores afirmam que:

A relação entre o outro significativo e o “coro” na conservação da realidade é dialética, isto é, existe uma relação recíproca entre os fatores, assim como no que respeita a realidade subjetiva que servem para confirmar. [...] A conservação e a confirmação da realidade implicam, assim, a totalidade da situação social do indivíduo, embora os outros significativos ocupem uma posição privilegiada nestes processos (BERGUER E LUCKMANN, 2008, p. 201).

Partindo desta reflexão, é possível resgatar o pensamento de Sartre quando ele afirma que “o inferno são os outros”. Porque, sendo o “outro” livre, não é possível controlar completamente o que ele pensa e diz de cada indivíduo e o limite que ele impõe a sua liberdade. Em contrapartida, seu pensamento, seu olhar e seu dizer – ainda que a mensagem seja incômoda - são indispensáveis para que o indivíduo possa se conhecer e agir no mundo, pois só através deste exercício é possível dar sentido à existência humana, mesmo sendo ela uma condição eminentemente conflituosa. Neste ponto, torna-se válido trazer para esta reflexão a realidade contemporânea dos espaços de convivência virtual, cujo “outro de proporções globais” incontrolável no tempo e no espaço, vem ocupando papel significativo no processo de socialização das juventudes, o que possibilita uma concordância com Setton (2005, p. 347) quando ela afirma que, na contemporaneidade, graças às novas configurações culturais, as biografias individuais e coletivas “não estariam mais definidas e traçadas apenas a partir de experiências próximas no tempo e no espaço, transmitidas pelos agentes tradicionais de educação” – a família e a escola.

Sob esta ótica, a autora atribui à cultura de massa a construção de um ambiente favorável à difusão de valores e padrões de conduta diversificados e, por vezes, heterogêneos, que contribuem para o estabelecimento de uma nova arquitetura das relações sociais. Esta, por sua vez, possibilita o estabelecimento de novos espaços e modalidades educativos que contribuem para a reconfiguração dos processos de socialização na contemporaneidade.

A autora destaca, neste processo, o caráter massivo, plural e heterogêneo da difusão de informações, que acaba por contribuir para o desenvolvimento de novas formas de percepção do indivíduo sobre si e sobre os outros, possibilitando novos modos de interação social, bem como a ampliação e diversificação dos conhecimentos do indivíduo sobre o mundo, o que enriquece seus processos interpretativos. Tem-se, assim, a ampliação potencial do campo de

experiências a serem vivenciadas e assimiladas no seu processo de construção identitária e do modo de vida que lhe serve de suporte.

1.2 DA EXPERIÊNCIA AO MODO DE VIDA

Pensar em um indivíduo com o objetivo de entendê-lo enquanto sujeito de sua história passa pela identificação das razões ou caminhos que o levam a determinadas escolhas que acabaram por forjar sua trajetória de vida. Tal trajetória revela com que “barro este sujeito foi moldado”. A imagem de uma porção de barro girando sobre o torno, sob as mãos de um escultor paciente que lhe dá forma, remete ao processo de construção humana, onde as experiências vividas ao longo dos diversos ciclos da vida acabam por constituir o indivíduo.

Segundo Bondia (2002, p.21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara”. A raridade da experiência se deve ao fato da contemporaneidade mergulhar o sujeito no chamado mundo da informação, onde tempo e espaço ganham novas dimensões, as relações se distanciam ao mesmo tempo em que se multiplicam, e o prazer da busca se resume ao achado instantâneo a partir de um simples toque no teclado de um computador.

Neste sentido, presenciamos um distanciamento daquilo que o autor chamou de sujeito da experiência, aquele que é definido

[...] não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua recepção, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se [...] de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (BONDIA, 2002, p.24)

Ser um sujeito da experiência, portanto, implica em não temer o risco da construção de seu conhecimento, visto que a conquista do saber da experiência só é possível na medida em que se responde aos acontecimentos da vida, pois:

O saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular [...] Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. [...] O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está como o saber científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter,

uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (Ibidem, p. 27)

Sendo assim, é possível afirmar que o sujeito da experiência constrói seu “modo de vida” a partir do saber da experiência. Entretanto, é importante destacar que este saber se estabelece a partir do confronto de diferentes racionalidades.

Partindo da premissa de que na contemporaneidade a racionalidade econômica ainda exerce seu domínio sobre outras formas de racionalidade, Dias (2012) considerou oportuno tratar o “modo de vida” como a materialização da racionalidade econômica no cotidiano dos grupos sociais. Segundo ele, todo “modo de vida” se realiza em um conjunto de instituições que ao mesmo tempo expressam a relação estrutural-contraditória da distribuição de poder. Estas relações, por sua vez, determinam tanto os campos de possibilidades dos grupos sociais, como as formas de dominação e subalternização.

Nos ensaios de Simmel (1976; 2013) acerca da realidade urbana característica da modernidade, a liberdade individual, analisada em associação com as interações entre indivíduos sociais, favoreceu o surgimento do que ele denominou de *cultura subjetiva*.

A cultura subjetiva, constituída a partir da interação entre indivíduos dotados de liberdades, favorece o processo de diferenciação entre eles e no interior dos grupos e demais arranjos sociais dos quais participam, ampliando, assim, a complexidade das relações e da vida na cidade. Tal processo de constituição da cultura subjetiva, por outro lado, possibilita a acomodação de conflitos de forma mais ou menos estável, permitindo a composição de grupos, classes, instituições, estilos e modos de vida como expressões de uma *cultura objetiva*.

A cultura objetiva, portanto, se apresenta socialmente como resultado das trocas subjetivas dos indivíduos em um jogo interacional, compondo interesses e divergências, tendências, estilos e modos de viver. O que implica e complexifica ainda mais o processo de individualidade, produzindo um aumento e um crescimento da cultura subjetiva, e objetivando-se em uma sequência de produções objetivas da cultura e dos modos de viver social. A diferenciação, se de um lado, produz encontros e novas formas de inserção individual no urbano, de outro, faz brotar focos de divergência e conflitos que estimulam uma maior diferenciação e novos olhares sobre si mesmo e os outros. (Koury, 2010, p.42)

Torna-se claro, portanto, que, de acordo com Simmel, os modos de vida são uma forma de expressão de uma cultura objetiva, resultante das trocas subjetivas entre indivíduos em processos interativos relativamente estáveis. Neste sentido, a construção dos modos de vida na sociedade moderna decorreria do processo de individualização, que, por sua vez, se dá a partir

da conquista da liberdade individual, resultante do processo de ampliação dos campos de relacionamentos dos grupos sociais nas grandes cidades.

Trazendo esta lógica para a contemporaneidade, torna-se oportuno considerar que a particularidade da individualização se assenta na liberdade do indivíduo em relação à classe e ao núcleo familiar. Nesse sentido, cada indivíduo passa a constituir a unidade de reprodução vital do social, uma vez que, tanto no interior quanto no exterior da família, assumem a responsabilidade sobre sua existência predominantemente via mercado, bem como o planejamento e organização de sua biografia. Passa-se então a compreender a individualização como um processo de formação social, histórico e contraditório a partir do qual podem surgir novas coletividades socioculturais de onde poderão emergir novos movimentos sociais que, por sua vez, atuarão na formação de identidades sociais nas vidas destradicionalizadas e individualizadas (BECK, 1998).

Individualização significa, de um lado, a dissolução de formas de vida prévia, por exemplo, a fragilização de categorias como classe, estamentos, papel sexual, família, vizinhança, etc.; ou significa ainda [...] a implosão de biografias normais nos limites de um país, condições gerais de orientação e modelos estabelecidos. (BECK e BECK-GERNISHEIM, 1994, p.11 apud WESTPHALL, 2010)

Este conceito vem corroborar o pensamento de Bauman (2001, p.40), que define a individualização como um processo de transformação da identidade humana de um “dado” em uma “tarefa” e, neste processo, os atores estão encarregados da responsabilidade de realizar essa tarefa arcando com as consequências de sua realização.

Para este autor, na “modernidade sólida” – aquela assentada sobre os Estados-Nações e controle racional do mundo –, as diferenças eram percebidas com desconfiança, apesar de ainda persistirem as formas de vida comunitária, graças a certas exigências de formas de conduta e modos de vida, que sustentavam as ideias de povo e de nação. Em contrapartida, na “modernidade líquida”, ou contemporaneidade - como se optou por tratá-la neste estudo - a diferenciação passou a ser uma pré-condição, devendo ser, cada um, um ser distinto, particular, o que contribuiu para o desaparecimento das comunidades. Neste sentido, a exacerbação da individualização provocou um olhar desconfiado em relação às formas de sociabilidade baseadas na dependência mútua.

Na contemporaneidade, como resultado do enfraquecimento da religião, da tradição e do Estado como instâncias de orientação e controle social, os indivíduos passam progressivamente a se autogerir, controlar e decidir suas vidas. As biografias passam, então a

se constituir a partir da escolha, da construção, do malabarismo, da ruptura e do risco, demandando maior esforço e desgaste por parte dos indivíduos. Tem-se, então, uma individualização assentada na liberdade de escolha dos indivíduos.

Voltando-se o olhar, agora de maneira mais específica, para os processos de interação social destacados nos estudos de Simmel, é possível perceber que estes compreendem um conjunto de experiências que acabam por favorecer a preparação do indivíduo para a vivência social, principalmente por estimular a construção de sua subjetividade e consequente individualidade. Tem-se, assim, configurado o fenômeno da socialização, que pode ser definido de forma geral como o processo pelo qual os indivíduos são preparados para a participação em sistemas sociais. Tal processo ocorre durante toda vida do indivíduo, na medida em que este vai se adaptando à perda de antigos papéis e aquisição de novos (JOHNSON, 1997).

De forma mais detalhada, é possível definir a socialização como “[...] os processos pelos quais os seres humanos são induzidos a adotar os padrões de comportamento, normas, regras e valores do seu mundo social” (JOHODA, 1996, p. 710). Compreendendo processos de aprendizagem, que começam na infância e prosseguem ao longo da vida dos indivíduos, eles se apoiam tanto no ensino explícito quanto na aprendizagem latente, por meio da incorporação de formas de relacionamento com outros indivíduos, tidas como evidentes (JOHODA, 1996).

Conforme salienta Plaisance (2003), divergindo das concepções modernas de socialização (que evidenciam os efeitos da fixação de normas e valores pela interiorização imposta), as concepções contemporâneas destacam a construção do ser social e de sua identidade a partir de variados processos de negociação com seu entorno. Neste sentido, Martuccelli (2002) defende a ideia de que a identidade dos indivíduos se origina da superposição e coexistência de diferentes tradições, constituindo-se, assim, como uma mistura de estruturas históricas que vão coexistir de forma harmoniosa ou não. Por outro lado, Dubet (1994) considera mais adequada a adoção do termo *experiência social* para designar as condutas sociais organizadas da gestão simultânea de diversas lógicas do sistema social no qual o indivíduo está inserido. Para ele, as combinações das lógicas de ação organizadoras da experiência social do indivíduo contemporâneo não têm uma centralidade ou lógica específica, o que pode refletir a singularidade da subjetividade individual. Complementando estas concepções, Setton (2009) chama atenção para o fato de que as vivências de socialização dos indivíduos, na contemporaneidade, estão contextualizadas em muitas matrizes culturais e se desenvolvem a partir de uma dinâmica processual fundamentada na troca de bens e mensagens

simbólicas, sobretudo em situações coletivas, envolvendo simultaneamente a todos – agentes sociais e instâncias socializadoras - em todas as dimensões da vida, podendo ser consideradas, por isso, como um *fato social total*⁴. Sendo assim, tais abordagens se coadunam com as concepções de Simmel (2013) acerca da cultura, como uma construção que contempla tanto processos de construção subjetivos, advindos das interações sociais, quanto processos de construção objetivos, que permitem a materialização dos modos de vida.

A partir deste referencial, pensar os modos de vida dos jovens “vítimas dos movimentos migratórios rural-urbano” não permite a adoção de estudos segmentados onde se generalizem fatos, tratando os indivíduos como unidade de análise, nem tão pouco o enquadramento dos indivíduos em categorias como desviantes ou não desviantes, visto que estas condições estão relacionadas entre si pela atribuição de normas vinculadas a sistemas de valores construídos socialmente e sujeitos a disputas de poder.

1.3 ENTRE A VIDA E A MORTE: O SENTIDO

O homem que considera sua vida sem sentido, não é simplesmente um infeliz, mas alguém que dificilmente adapta-se à vida.

(Albert Einstein)

De acordo com Elias e Scotson (2000), os movimentos migratórios não podem ser considerados apenas como um fenômeno geográfico, como um problema social local - que contempla o mero deslocamento físico de pessoas de um local para outro -, mas como um problema sociológico. Para eles, as migrações compreendem, na realidade, o deslocamento de pessoas de um grupo social para outro. Com isso, elas

4. Para formular a construção teórica da socialização contemporânea como um fato social total, a autora parte da interpretação de Marcel Mauss (2008) acerca dos fenômenos sociais em sociedades primitivas. Segundo ele: “Há aqui todo um enorme conjunto de factos. E eles próprios são muito complexos. Tudo neles se mistura, tudo que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até às da proto-história. Nestes fenômenos sociais ‘totais’, como propomos chamar-lhes, exprimem-se ao mesmo tempo e de uma só vez todas as espécies de instituições: religiosas, jurídicas e morais – e estas políticas e familiares ao mesmo tempo; econômicas – e estas supõem formas particulares da produção e do consumo, ou antes, da prestação e da distribuição; sem contar os fenômenos estéticos a que estes factos vão dar e os fenômenos morfológicos que manifestam estas instituições”. (Ibidem, p.55)

Sempre têm que estabelecer novos relacionamentos com grupos já existentes. Têm que se acostumar com o papel de recém-chegados que tentam fazer parte de grupos com tradições já estabelecidas ou que são forçados a uma interdependência com eles, tendo que lidar com problemas específicos desse novo papel. Muitas vezes lhes é atribuído o papel de outsiders em relação aos grupos estabelecidos e mais poderosos, cujos padrões, crenças, sensibilidade e costumes são diferentes dos seus. (ELIAS E SCOTSON, 2000, p. 174)

Percebe-se, então, a necessidade de se compreender a complexidade de relações envolvidas em problemas desta natureza, devendo-se, para isso, definir uma categoria que possibilite sua síntese e materialização. Para tanto, considerou-se viável a adoção dos *modos de vida*, produzidos a partir da forma como se configuram os processos socializadores na vida dos indivíduos; tendo em vista o conceito de *configuração*, entendido por Elias (2014, p. 142) como “o padrão mutável criado pelo conjunto de jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade de suas ações nas relações que sustentam uns com os outros”. Destaca-se que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões, cuja interdependência dos jogadores - que é uma condição fundamental para que formem uma configuração - ocorrerá entre aliados ou adversários.

Vale, contudo, chamar atenção para a necessidade de se identificar nestas configurações um elemento sutil, que ao mesmo tempo em que se origina da própria configuração em que o indivíduo está inserido, também a supera, na medida em que transcende as condições existenciais impostas pela configuração e impulsiona os indivíduos a se manterem como jogadores, a despeito das adversidades, buscando sempre a construção de identidades positivas - no que se refere a uma ética ⁵. Trata-se do sentido de vida.

5. De acordo com Souza (2004, p. 19) “a Ética é o fundamento da própria possibilidade de pensar o humano. [...] Pois a própria ideia de pensar pressupõe a Ética. Não existe pensamento fora de alguém que pensa, e esse alguém não é uma mônada fechada em si mesma, mas, de algum modo, o fruto das relações – seja no âmbito da sua gênese biológica (ninguém nasce senão de seus pais), seja em termos de sua geração social e histórica (ninguém existe fora de uma cultura e de uma língua que o acolham, ou fora de estruturas materiais que o sustentem). Ser humano é provir e viver na multiplicidade do humano. E não qualquer multiplicidade, mas multiplicidade qualificada ou, exatamente, em termos filosóficos, multiplicidade ética, do agir de uns em relação aos outros e dos sentidos deste agir.”

Segundo Simmel (2001, p. 15) “La posición del hombre en el mundo está determinada por la circunstancia de que dentro de toda dimensión de sus propiedades y de su postura se halla em todo momento entre dos limites. Eso se presenta como estrutura formal de nuestra existência [...]”. Sendo a vida e a morte os limites da existência humana, ao reconhecer esta existência como um fato não casual - cuja manutenção deve atender a finalidades que justifiquem seus esforços em manter-se vivo, e em interação com outros seres humanos, na busca do bem viver -, o indivíduo é levado a posicionar-se na perspectiva de encontrar um sentido de vida.

Para Frankl (2005, 2008) a busca de um sentido é a motivação primária da vida dos indivíduos, e não uma “racionalização secundária” de impulsos instintivos.

[...] o sentido da vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para outro, de uma hora para outra. O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em um dado momento [...]. Não se deve procurar um sentido abstrato da vida. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização. Nisso a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de leva-la a cabo. (FRANKL, 2008, p.133)

De acordo com Frankl (2005), em seu processo evolutivo, o homem vem perdendo importantes referências para seu posicionamento e atuação na condução de sua existência. Inicialmente, como consequência da evolução biológica, foram perdidos ou reduzidos ao longo do tempo os instintos animais básicos, que regulavam seu comportamento e asseguravam sua sobrevivência. Atualmente, em função das transformações por que passa a sociedade, vêm se perdendo as tradições que serviam de base para o comportamento humano. Como consequência da perda das tradições perdem-se os valores por elas transmitidos.

Considerando que a realidade se apresenta como situações concretas específicas e que são vivenciadas de forma irrepitível, pode-se então afirmar que o sentido de determinada situação é único. O que torna impossível sua transmissão por meio das tradições.

Da mesma forma que são únicos, os sentidos também estão em constate mutação, mas nunca deixam de existir. A vida nunca deixa de ter sentido e é possível encontrá-lo mesmo nas situações em que o indivíduo se encontra sem esperança, na qualidade de vítima ou quando o destino não pode ser mudado. Nestes casos, o indivíduo é estimulado a mudar a si mesmo.

Sendo assim, os indivíduos podem assumir as rédeas de suas vidas, colocando em jogo seus modos de vida como forma de conferir sentido e significados às suas existências. Ao colocar em jogo seus modos de vida, cada indivíduo busca o entendimento das condições de jogo, definindo estratégias e buscando as melhores jogadas para enfrentar, inclusive as contingências existenciais. “Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável.” (FRANKL, 2008, p.133)

Voltando à condição de perda dos instintos e das tradições, é importante comentar também que, na ausência destes dois agentes orientadores da condução da vida humana, alguns indivíduos, por se verem desprovidos de referências para suas ações e comportamentos, passam a desejar fazer o que os outros fazem (conformismo) ou fazem o que outras pessoas querem que eles façam (totalitarismo), caindo, assim, na condição de vazio existencial (FRANKL, 2005, 2008, 2011). Tal condição, marcada pela falta de sentido de vida, coloca o indivíduo, muitas vezes, em situação de vulnerabilidade, devido à perda de autonomia em relação às suas escolhas, o que pode ocasionar até mesmo sua “morte social”, na medida em que ele deixe de responder à vida com responsabilidade, passando a agir no mundo de forma despersonalizada ou contrária ao seu senso ético, dominado pelas imposições das circunstâncias. Para ilustrar tal condição, é possível considerar os casos em que os estigmas sociais são vivenciados de forma tão efetiva por determinados grupos que estes, interiorizando a inferioridade de poder como uma forma de inferioridade humana, acabam por cair numa apatia paralisante que lhes impede de reagir ao estigma, acabando por adotá-lo como verdade. Numa situação oposta, quando exista um sentido de vida, os indivíduos encontrariam a motivação necessária para o desenvolvimento de estratégias de superação do estigma e conseqüente construção de seus modos de vida.

Em síntese, é possível considerar que o “modo de vida” compreende a objetivação da configuração de processos socializadores – enquanto fatos sociais totais - que estruturam a vida de um grupo social num dado contexto, no qual os indivíduos vivenciam relações de natureza harmônica e/ou conflituosa, movidos por um sentido de vida e por um senso ético. Sob esta ótica, as relações estabelecidas pelos indivíduos que não estejam motivadas por um sentido de vida associado a um senso ético, fatalmente estariam conduzindo seus agentes a um “modo de morte”, seja ela social ou física. Deste modo, é possível concordar com o pensamento de Albert Einstein quando ele nos diz que “o homem que considera sua vida sem sentido, não é simplesmente um infeliz, mas alguém que dificilmente adapta-se à vida”.

Tem-se assim, no “modo de vida” uma noção que possibilita o estudo e a compreensão dos modos como se configuram, na contemporaneidade, as diferentes instâncias socializadoras que permeiam a vida dos jovens de determinadas periferias urbanas que, tendo nascido no campo ou sendo oriundos de famílias de raiz cultural camponesa, têm a condução de suas vidas permeada pela dualidade de viverem entre os valores das tradições do campo e a racionalidade econômica que impera nas cidades, determinando as disputas de poder que favorecem os processos de segregação espacial e estigmatização social peculiares à sociedade urbana.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO

O que me motiva é a preocupação de ocultar o menos possível a complexidade do real.

(Edgar Morin)

A estruturação de estudos que envolvem o humano, para que sejam, de fato, eficientes em seus propósitos, deve atentar para o caráter multidimensional dos fenômenos, não se limitando a disciplinas específicas que, na maioria das vezes, os contemplam apenas parcialmente. O fato é que tudo o que é humano é ao mesmo tempo físico, sociológico, econômico, histórico, demográfico; interessando, pois, que esses aspectos não sejam separados (MORIN, 2008), uma vez que isso concorreria para revelar a realidade não como resultante do jogo de relações que lhe dão causa, mas como uma colagem de facetas estanques cujas relações nem sempre são percebidas em sua profundidade. Sendo assim, é importante lembrar a relevância dos conceitos usados nos estudos sociológicos para a elucidação dos fenômenos, já que estes estudos devem se adequar à investigação de relações funcionais especificamente sociais (ELIAS, 2014).

O percurso metodológico adotado neste estudo tomou como referência o conceito de “modo de vida”, desenvolvido no primeiro capítulo, que está, por sua vez, assentado sobre os conceitos de “configuração” e “sentido”, ou seja:

Modo de vida compreende a objetivação da configuração de processos socializadores – enquanto fatos sociais totais - que estruturam a vida de um grupo social num dado contexto, no qual os indivíduos vivenciam relações de natureza harmônica e/ou conflituosas, movidos por um sentido de vida e por um senso ético.

Tendo em vista que o objetivo geral deste estudo é analisar como se configuram as relações de interdependência entre as instâncias socializadoras que permeiam a construção dos modos de vida dos jovens pobres, de ascendência camponesa, residentes em periferias urbanas na contemporaneidade, as três etapas metodológicas desenvolvidas buscaram atender aos seguintes objetivos específicos:

- I. Identificar as instâncias socializadoras mais significativas na construção dos modos de vida dos jovens.

- II. Definir como estas instâncias socializadoras se configuram na construção dos modos de vida destes jovens.
- III. Compreender como os modos de vida advindos destas configurações contribuem, ou não, para a superação dos estigmas atribuídos a estes jovens.

Percebe-se, então, que adotar nesta pesquisa um caráter indutivo-descritivo restringiria a possibilidade de se captar os sentidos e, conseqüentemente, a subjetividade nascida dos processos relacionais inerentes às configurações de instâncias socializadoras que permeiam a vida juvenil, servindo de elemento catalizador da construção dos modos de vida.

Deste modo, buscou-se dar a este estudo um caráter construtivo-interpretativo do fenômeno “modo de vida” que implica na compreensão do conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma dada realidade. Para tanto, adotou-se como referencial metodológico a Epistemologia Qualitativa de Gonzáles Rey (2012), cuja discussão será aqui complementada com elementos conceituais e estruturais importantes trazidos por Elias (2014) para a concepção desta pesquisa.

2.1 EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA: ASPECTOS BÁSICOS

A ênfase dada ao caráter construtivo-interpretativo nesse estudo destaca o cunho teórico desta proposta de metodologia qualitativa, que tem como orientação a construção de modelos compreensivos sobre o que se estuda. Vale destacar, no entanto, que, no seu bojo, o empírico não está excluído, sendo inclusive compreendido como um estágio importante do processo de produção teórica (GONZÁLES REY, 2012). Neste sentido,

[...] o teórico não se reduz a teorias que constituem fontes de saber preexistentes em relação ao processo de pesquisa, mas concerne, muito particularmente, aos processos de construção intelectual que acompanham a pesquisa. O teórico expressa-se em um caminho que tem, em seu centro, a atividade pensante e construtiva do pesquisador. (Ibidem, p. 11)

Outro aspecto importante a ser destacado na Epistemologia Qualitativa é a ênfase dada à comunicação enquanto princípio epistemológico, uma vez que boa parte dos problemas sociais e humanos se expressa, direta ou indiretamente, por meio da comunicação entre indivíduos. Por isso, a comunicação pode ser percebida como uma via importante para conhecer as configurações e processos subjetivos característicos de cada indivíduo, possibilitando o

conhecimento dos modos como as variadas condições objetivas da vida social impactam o ser humano. É através da comunicação que os participantes de uma pesquisa se convertem em sujeitos, ao implicarem-se no problema pesquisado a partir do interesse, desejos e contradições.

A comunicação, segundo o status epistemológico que lhe atribuímos, influenciará, de forma importante, a própria definição dos instrumentos de pesquisa, [...] e, ao mesmo tempo, se converterá em espaço legítimo e permanente de produção de informação na pesquisa, pois os deslocamentos do processo de comunicação com os sujeitos participantes da pesquisa representam o caminho essencial de seguimento dos diferentes casos singulares em seu aporte diferenciado ao conhecimento. (Ibidem, p. 15)

Retomando a ideia de sistemas complexos para representar as sociedades humanas, é possível perceber que a multiplicidade de aspectos presentes nos fenômenos sociais e psicológicos por elas vivenciados, apresentam-se em complexas inter-relações entre si, chegando mesmo a definir processos qualitativamente diferentes daqueles que lhes deram origem. Um destes sistemas é, certamente, a subjetividade, que é capaz de expressar através dos sentidos subjetivos, definidos em diversas áreas da atividade humana, a diversidade de aspectos objetivos da vida social envolvidos em sua formação.

Como sentido subjetivo, Gonzáles Rey (2003, p.127) entende “a unidade inseparável dos processos simbólicos e as emoções em um mesmo sistema, na qual a presença de um desses elementos evoca o outro, sem que seja absorvido pelo outro”. Tal conceito especifica a natureza do sentido que, separado da palavra, delimita-se em espaços simbolicamente produzidos pela cultura, enquanto referências permanentes do processo de subjetivação da experiência humana. Entretanto, processos simbólicos e emoções produzidos nesses espaços não podem ser entendidos por processos padronizados e externos ao sistema subjetivo específico em que o sentido é produzido, o que ressalta seu caráter subjetivo. Pode-se, então, afirmar que o sentido subjetivo compreende uma síntese de outra ordem ontológica da multiplicidade de aspectos que definem a vida social e a história de cada sujeito e espaço social concreto.

Ampliando esta discussão, Gonzáles Rey (2012, p.22) destaca a subjetividade como uma “produção de sentido subjetivo que transcende toda a influência linear e direta de outros sistemas da realidade, quaisquer que sejam”. Seu desenvolvimento se dá no interior da realidade objetiva que caracteriza a organização social.

Para o autor, a subjetividade se desenvolve tanto nos indivíduos, como nos variados espaços sociais em que ele transita, sendo ambos componentes da subjetividade. É a partir do caráter relacional e institucional da vida humana que se estabelecem as configurações subjetivas

tanto do sujeito, em seus diversos momentos interativos, como também dos espaços de sociabilidade, estando estes níveis estreitamente relacionados entre si em suas implicações subjetivas. Tal estrutura de organização das subjetividades é definida por ele como “subjetividade social”, e se expressa nas representações sociais, nos mitos, nas crenças, na moral, na sexualidade, nos diferentes espaços de vida, impregnados pelos discursos e produções de sentido que configuram sua organização subjetiva.

Cada forma de expressão da subjetividade social expressa a síntese, em nível simbólico e de sentido subjetivo, do conjunto de aspectos objetivos, macro e micro, que se articulam no funcionamento social. Esses são os mesmos elementos que se articulam na formação da subjetividade individual, com a diferença que os processos de sentido nesse nível estão constituídos, de maneira diferenciada, pelos aspectos singulares da história das pessoas concretas. É isso que define, em termos subjetivos, o caráter diferenciado de um mesmo comportamento em duas sociedades distintas (Ibidem, p. 24).

O autor lembra ainda dois aspectos relevantes. O primeiro deles diz respeito ao fato de que, estando o indivíduo inserido constantemente em espaços da subjetividade social, sua condição de sujeito passa por permanente atualização, como resultante das tensões produzidas a partir das contradições entre suas configurações subjetivas individuais e os sentidos subjetivos produzidos nas relações vivenciadas nos variados espaços sociais onde circula. Como segundo ponto, ele afirma que ao se institucionalizarem, os fenômenos da subjetividade social naturalizam-se e passam a ser realidades que se antecipam e se impõem aos protagonistas das relações concretas desenvolvidas nos espaços sociais.

Sob esta ótica, Gonzáles Rey (2012) conclui que as subjetividades social e individual devem ser entendidas como componentes de um mesmo sistema, onde as contradições que se estabelecem entre os dois níveis de organização se transformam em produções de sentido que participam de forma simultânea do desenvolvimento tanto dos sujeitos como da sociedade, em um processo infinito.

2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DE NORBERT ELIAS

Elias (2014), por sua vez, ao trazer à tona o caráter dinâmico e processual dos fenômenos sociais que envolvem a formação dos sujeitos e de suas relações sociais, aborda alguns aspectos conceituais importantes que se coadunam com a Epistemologia Qualitativa (GONZÁLES REY, 2012).

Inicialmente, ele destaca o fato de que as pessoas são orientadas por disposições e inclinações naturais a se relacionarem de forma variada com outras pessoas, constituindo teias de interdependência ou configurações diversas, como família, escola, estratos sociais, ou estados. Cada pessoa também constitui um ego que a individualiza. Logo, a pessoa estática – enquanto objeto de estudo – é um mito.

Neste sentido, se cada indivíduo for percebido como um processo, é possível afirmar que, com o crescimento, ele vai progressivamente se tornando mais independente, fato que só se concretiza em sociedades que favorecem o processo de individualização – conforme visto em capítulo anterior. No entanto, no período da infância, é fato geral que os indivíduos são tão dependentes quanto possível de outros, tendo inclusive que aprender com eles tanto a falar, quanto a pensar.

Por isso, para o autor, a imagem do homem a ser adotada nos estudos sociológicos deve ser a da pessoa no plural, começando pela imagem de uma multidão de pessoas, onde cada uma representa um processo aberto e independente. Tal disposição possibilita a percepção de que, a partir do momento que nasce, cada indivíduo assume a condição de jogador no contexto social em que se insere. A interdependência dos jogadores, que é uma condição indispensável à formação de uma configuração, pode ser de caráter harmônico ou conflituoso, sendo, no entanto, constantemente mutável.

Seguindo a lógica de Elias, todo ser humano está de alguma forma inserido em uma teia de relações, por isso a concepção que cada indivíduo tem de si decorre da concepção que tem da configuração em que se insere.

O sentido que cada um tem de sua identidade está estritamente relacionado com as “relações de nós” e de “eles” no nosso próprio grupo e com a nossa posição dentro dessas unidades que designamos por “nós” e “eles”. Contudo, os pronomes nem sempre se referem às mesmas pessoas. As configurações a que habitualmente se referem podem mudar no decurso de uma vida, tal como uma pessoa muda. Isto é verdadeiro não só para todas as pessoas consideradas separadamente como também para todos os grupos e mesmo para todas as sociedades. Todos os seus membros dizem “nós” quando se referem a si mesmos e “eles” quando se referem aos outros, porém à medida que o tempo passa podem dizer “nós” ou “eles” referindo-se a diferentes pessoas (ELIAS, 2014, p. 139).

Deste modo, o autor chama a atenção para a utilidade de se considerar de forma crítica as estruturas do discurso e do pensamento que herdamos, como meios para compreensão de relações estabelecidas em níveis específicos da sociedade humana. Tal proposição vem

corroborar com a Epistemologia Qualitativa ao destacar o discurso, enquanto processo de comunicação, como uma via para a identificação e compreensão dos problemas sociais.

Outro ponto destacado por Elias se refere ao fato de que as mutações inerentes ao processo de configuração são regidas por um equilíbrio fluente e elástico e um equilíbrio de poder que se constitui em característica estrutural do fluxo de cada configuração.

Por fim, entendendo configuração como “o padrão mutável criado pelo conjunto de jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade de suas ações nas relações que sustentam uns com os outros” (Ibidem, p. 142), o autor amplia a percepção das configurações em relação à concepção tratada por Gonzáles Rey (2012) que contempla prioritariamente o caráter subjetivo, ou seja, a subjetividade que se estabelece nas configurações decorrentes das relações sociais.

Tem-se, assim, como elemento central do processo de análise desenvolvido neste estudo a “configuração” como um instrumento conceitual que nos permitiu estudar “indivíduo” e “sociedade” enquanto níveis diferentes mas inseparáveis do mundo humano.

2.3 PERCURSO METODOLÓGICO

Conforme já mencionado no primeiro tópico deste capítulo, o universo deste estudo foi o Subúrbio Ferroviário de Salvador, por ser um lugar representativo no que diz respeito à condição de “periferia urbana”, destacando-se o fato de apresentar população comprovadamente de raiz cultural camponesa (RAMOS, 2015) submetida a elevados índices de pobreza e vulnerabilidade social.

Neste contexto, os sujeitos da pesquisa foram jovens, estudantes do nível médio, do turno diurno de um colégio da Rede Pública Estadual, tendo em vista o fato de se enquadrarem na faixa etária populacional de 15 a 29 anos, definida pela legislação brasileira como limites cronológicos da juventude. Vale destacar que a opção por se fazer a captação dos sujeitos da pesquisa em um estabelecimento de ensino público se deveu ao fato desta instância socializadora atender a um conjunto de indivíduos representativos da comunidade onde atua, e que seria também considerada uma instituição de passagem obrigatória para todos os jovens (tomando-se por base as prerrogativas constitucionais relativas e esta parcela da população).

O estabelecimento selecionado para a captação dos sujeitos da pesquisa foi o Colégio Estadual Dr. Luís Rogério de Souza, situado no bairro de Plataforma, tomando-se por base os seguintes critérios: escola de porte médio; localizada em região de fácil acesso, que favorece grande amplitude de atendimento no contexto do Subúrbio Ferroviário; a quantidade de estudantes atendidos no nível médio (média de 320 estudantes por ano); a presença no colégio de diversos programas como Mais Educação, Ensino Médio Inovador, Escola Aberta, Ciências na Escola, além de inúmeras parcerias; Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) 2,2 (o mais elevado entre as cinco escolas da Rede Pública Estadual, situadas no Bairro de Plataforma); e a receptividade da comunidade escolar em relação à participação no processo de pesquisa. Além destes critérios, também foi levado em consideração o fato de já termos desenvolvido pesquisa anteriormente neste colégio, o que possibilitou o convívio constante, durante dois anos, com esta população, que viabilizou um acervo de conhecimentos e experiências que também favoreceram os processos de construção e interpretação de informações no presente estudo.

Definido o campo de ação da pesquisa e os sujeitos, torna-se importante esclarecer – com base na Epistemologia Qualitativa (GONZÁLES REY, 2012) - que o processo de construção de informações estabeleceu-se sob orientação de um modelo, elucidado inicialmente pelo conceito de “modo de vida”, que representa uma síntese teórica em processo permanente de desenvolvimento pelo pesquisador ao longo de sua trajetória pelo momento empírico.

As ideias que se vão integrando em um tecido dinâmico articulado pela reflexão do pesquisador, onde diferentes aspectos da informação aparecem articulados em uma construção teórica, é o que denominamos modelo, o qual é um sistema que se desenvolve a partir da tensão permanente entre o momento empírico e a produção intelectual do pesquisador, mas que se constitui de significações produzidas não evidentes nos fatos (Ibidem, p. 119).

Para o autor, o modelo não se constitui apenas em produto de uma intenção voltada à produção teórica, mas também uma condição para o aproveitamento de informações empíricas não explícitas no dado aparente em si, mas implícita no sistema em que o dado foi gerado, transcendendo, assim, o próprio dado, como é o caso da subjetividade.

Complementando, deve ficar claro que o processo de construção de informações, descrito a seguir, não se orientou por uma lógica a priori, estando exposto a uma abertura que permitiu uma construção teórica contínua, tendo como referência a própria evolução do modelo decorrente desta construção, desenvolvida ao longo da pesquisa.

2.3.1 Identificação das instâncias socializadoras mais significativas na construção dos modos de vida juvenis

Nesta etapa preliminar foi delineado o perfil geral dos jovens estudantes do ensino médio da rede estadual do Subúrbio Ferroviário de Salvador, com base numa enquete (ROJAS SORIANO, 2004) aplicada a uma amostra estratificada estabelecida com base na “tabela de determinação de tamanho necessário de amostra” (KEY, 1997) e na proporção de estudantes de cada turma das séries do ensino médio do turno diurno do colégio selecionado.

Para efeito de esclarecimento, torna-se importante registrar que, após a definição do tamanho da amostra, correspondente ao número de estudantes a serem submetidos à enquete (Tabela 1), o fato de não ser a escola em si objeto deste estudo, mas apenas um espaço de captação de sujeitos para a pesquisa, sendo por isso dispensável a preocupação com a representatividade da amostra em relação à instituição, optou-se por trabalhar nesta fase com 50% da amostra determinada, o que compreendeu a aplicação de oitenta enquetes distribuídas de forma estratificada e aleatória.

Tabela 1 – Determinação da amostra estratificada útil tomando por base o tamanho da amostra total definido a partir da “tabela de determinação de tamanho necessário de amostra” (KEY, 1997).

TURMA	TOTAL ALUNOS ¹ (UND)	AMOSTRA (%)	TOTAL AMOSTRA (UND)	AMOSTRA UTIL (UND)
1° A	40	15,15	24	12
1° B	38	14,39	23	11
1° C	39	14,77	24	12
2° A	40	15,15	24	12
2° B	40	15,15	24	12
3° A	32	12,12	19	10
3° B	35	13,26	21	11
TOTAL	264	100,00	160	80

1. Total de estudantes do ensino médio, do turno diurno do Colégio Estadual Dr. Luís Rogério de Sousa – Subúrbio Ferroviário de Salvador – BA no ano de 2015, distribuídos por turma.

A enquete (Apêndice A), elaborada como primeiro instrumento de construção de informação para a pesquisa compreendeu 59 questões, sendo 57 fechadas, de caráter objetivo e 2 abertas, de caráter subjetivo. Este conjunto de questões foi estabelecido a partir de uma seleção e adaptação de algumas questões de caráter geral adotadas na pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, publicada por Abramo e Branco (2008) e criação de outras de caráter mais específico. Como resultado deste processo, o instrumento produzido compreendeu seis seções, contemplando as seguintes temáticas: i) perfil sócio demográfico dos jovens; ii)

percepção da escola; iii) relação com o mundo do trabalho; iv) espaço de participação; v) fruição, cultura e lazer; vi) satisfação com o modo de vida.

A aplicação das enquetes ocorreu no período de 11 de junho a 20 de agosto de 2015. Em seguida, efetuou-se o tratamento estatístico dos dados (estatística descritiva) e produziu-se uma interpretação preliminar dos resultados, que possibilitou identificar as instâncias socializadoras que tinham participação mais significativa na vida dos jovens, devendo, por isso, ser estudadas mais detalhadamente. Além disso, as enquetes forneceram informações que possibilitaram selecionar os estudantes que participariam das fases seguintes da pesquisa.

2.3.2 Definição do modo como as instâncias socializadoras se configuram na construção dos modos de vida juvenis

Identificadas, de forma objetiva, as instâncias socializadoras mais significativas na vida dos jovens estudados, passou-se a analisar como estas se configuravam na construção dos modos de vida juvenis. Para tanto, tornou-se indispensável o conhecimento dos sentidos subjetivos que permeavam a vida dos estudantes em relação às instâncias socializadoras destacadas na fase anterior.

Neste contexto, selecionou-se, entre as 80 enquetes aplicadas, 20 respondidas por estudantes oriundos do campo ou de ascendência familiar camponesa, cujas respostas às questões subjetivas (n^{os} 58 e 59) tiveram maior expressividade no que se refere à identificação de um sentido de vida ou da ausência dele.

Seguindo-se a esta primeira seleção, efetuou-se uma reunião na escola (08 de setembro de 2015) com os estudantes respondentes das enquetes selecionadas, durante a qual se explicou de forma detalhada os objetivos da pesquisa e os procedimentos de produção de informações nos quais se esperava contar com a participação deles. Em seguida, foram entregues: i) aos estudantes menores de idade (idade inferior a 18 anos), o *Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento* (Apêndice B), a ser assinado pelos pais ou responsáveis e os *Termo de Assentimento do Menor* (Apêndice C), a ser assinado pelo próprio estudante; ii) aos estudantes maiores de idade (idade igual ou superior a 18 anos), o *Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento* (Apêndice D), a ser assinado pelos mesmos. Na entrega dos documentos, foi acordado com os estudantes o prazo de uma semana para a confirmação ou não da participação nas próximas fases da pesquisa. Ao final do prazo, como já era previsto, o grupo consultado sofreu redução de cinco estudantes que não aceitaram participar, passando-se a contar com um total de 15 jovens caracterizados no Quadro 1.

Quadro 1 – Identificação dos sujeitos da pesquisa – estudantes do ensino médio da rede estadual de educação – Subúrbio Ferroviário de Salvador – BA/ 2015.

Nº de ordem	Codinome ¹	Sexo	Cor ou raça	Idade (anos)	Série	Nasceu no interior	Família materna de origem rural	Família paterna de origem rural
1	Panda	Fem.	Parda	15	1º Ano		X	X
2	Esquilete	Fem.	Preta	16			X	Não sabe
3	Japa	Fem.	Parda	16		X	X	X
4	Nick	Fem.	Parda	15			X	X
5	Mel	Fem.	Parda	15			X	X
6	Jogador	Masc.	Parda	18			X	X
7	Gordo	Masc.	Branca	18	2º Ano	X	Não sabe	X
8	Profeta	Masc.	Parda	16			X	X
9	Orelha	Masc.	Parda	17		X		X
10	San	Masc.	Preta	18	3º Ano	X	X	
11	Nininha	Fem.	Preta	19		X	X	X
12	Inha	Fem.	Preta	19			X	X
13	Lonzinho	Masc.	Parda	18		X	X	X
14	Flor Africana	Fem.	Preta	16			X	X
15	Preto	Masc.	Preta	17		X	X	X

1. Os codinomes adotados na pesquisa foram de livre escolha dos estudantes, não tendo qualquer relação com seus nomes reais ou apelidos.

Concluída a definição dos sujeitos da pesquisa, passou-se efetivamente a segunda etapa do processo de construção de informações, utilizando-se como instrumento o “complemento de frases” (Apêndice E), cuja construção tomou como referência os modelos de Gonzáles Rey (2012), devidamente adaptados para as necessidades desta pesquisa. De acordo com o autor:

O instrumento de complemento de frases nos permite produzir indicadores que, em sua relação através da interpretação do pesquisador, são fontes das construções teóricas que permitem o desenvolvimento de modelos responsáveis pela inteligibilidade do problema estudado (GONZÁLES REY, 2012, p. 176)

A aplicação dos complementos de frase ocorreu em uma sessão única, realizada nas dependências da escola, em 15 de setembro de 2015.

Para efeito de esclarecimento acerca do desenvolvimento da análise dos complementos de frases, vale a pena destacar que se adotou a tática de agrupamentos de informações por unidades de conteúdo e para tanto se desenvolveu o quadro Panorama Subjetivo (Apêndice F), cujas unidades de conteúdo correspondiam: a autoimagem do sujeito; às instâncias socializadoras família, educação, trabalho e religião; e outros conteúdos.

Este agrupamento por unidade de conteúdo - enquanto unidades de uma análise integral - teve por objetivo a produção de significados que foram associados às informações produzidas por meio da enquete, possibilitando a ampliação do processo construtivo-interpretativo relativo tanto a cada sujeito especificamente (expresso pelos perfis construídos), quanto ao contexto

mais amplo, no que se refere à configuração das instâncias socializadoras que permeiam a construção dos modos de vida juvenil no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

2.3.3 Análise da contribuição dos modos de vida para a superação, ou não, dos estigmas atribuídos aos jovens das periferias urbanas

Construídos os perfis dos jovens estudados, foi possível interpretar como as instâncias socializadoras se configuram na construção dos seus modos de vida no Subúrbio Ferroviário de Salvador. No entanto, para a análise da contribuição dos modos de vida na superação, ou não, dos estigmas atribuídos aos jovens, tornou-se indispensável estabelecer uma estratégia que possibilitasse o conhecimento mais aprofundado dos campos significativos das experiências desses sujeitos em relação às instâncias socializadoras destacadas nas configurações – família, educação, trabalho, religião e redes sociais. Sendo assim, adotou-se como técnica para construção de informações “a conversação”, que compreende

[...] um processo cujo objetivo é conduzir a pessoa estudada a campos significativos de sua experiência pessoal, os quais são capazes de envolvê-la no sentido subjetivo dos diferentes espaços delimitadores de sua subjetividade individual. A partir destes espaços, o relato expressa, de forma crescente, seu mundo, suas necessidades, seus conflitos e suas reflexões, processo esse que envolve emoções que, por sua vez, facilitam o surgimento de novos processos simbólicos e de novas emoções, levando à trama de sentidos subjetivos (GONZÁLES REY, 2012, p. 126).

Deste modo, segundo o autor, o pesquisador deve assumir a condição de mero facilitador da dinâmica que favorece o diálogo, valorizando o envolvimento do sujeito estudado na conversação, o qual acaba por transcender os limites de sua intencionalidade consciente, o que é geralmente evidenciado pela densidade e riqueza dos trechos de sua expressão, que constituirão unidades interpretativas indispensáveis à construção teórica da dinâmica conversacional.

Para Gonzáles Rey (2012), são estes relatos abertos e carregados de emoções e experiência de vida que tornam possível o surgimento de expressões que permitem a construção de configurações de sentido das pessoas estudadas, que, por isso mesmo, passam a se constituir em sujeitos produtores da experiência, deixando de oferecer meras respostas pontuais induzidas pela lógica do pesquisador. É neste sentido que o autor considera que a pesquisa qualitativa recupera o indivíduo estudado na condição de sujeito ativo, construtor de sua experiência. Sendo assim, a conversação substitui a entrevista, cujo foco assenta-se na pergunta, e cuja

unidade de análise é a resposta que, a depender da situação, não possibilita a expressão íntegra de zonas de sentido subjetivo que se estabelecem no processo de expressão do sujeito.

Destaca-se ainda que, no processo de conversação, de forma colateral aos conhecimentos produzidos visando responder ao foco da pesquisa propriamente dito, em geral, surgem outros conhecimentos que podem vir a contribuir com a ampliação do seu campo de estudo, não devendo, pois, ser ignorados. Por isso é recomendação do autor que se construa tudo que seja visualizado no conjunto de informações produzidas, não devendo nada ser ignorado em função de causas formais ou de outra natureza.

Com base nestes aspectos, elaborou-se o terceiro instrumento de construção de informações – “Roteiro de Conversação” (Apêndice G) –, constituído de sete questões abertas que funcionaram como estímulos disparadores das narrativas dos sujeitos.

Efetuadas no período de 14 a 21 de outubro de 2015, também nas dependências da escola, as quinze conversações foram gravadas, passando em seguida por um processo de transcrição seletiva, no qual se destacaram os trechos mais expressivos no que tange à construção de configurações de sentido dos jovens estudados.

3.3.4 Aspectos complementares

A partir do roteiro metodológico desenvolvido, torna-se importante registrar que esta pesquisa, ao assumir como referencial a Epistemologia Qualitativa de Gonzáles Rey (2012), buscou efetivar aspectos considerados importantes no processo de estudo de um fenômeno humano de caráter multidimensional.

Inicialmente, deve-se estar atento ao fato das configurações subjetivas remeterem a uma representação complexa da realidade, que se apresenta como um recorte espaço-temporal do real que, por isso mesmo, não pode ser admitido como esgotado em seu processo de construção, estando em constante transformação.

Deste modo, os conhecimentos produzidos apresentam-se como uma construção teórica que possibilita a inteligibilidade do fenômeno estudado, mas que não constitui uma expressão única nem definitiva do mesmo.

Por isso, não se deve conceber as categorias de estudo como entidades rígidas e fragmentadas, porém como momentos da organização e visibilidade da produção teórica, em cujo processo as categorias se mantêm dinâmicas no interior das construções em que se relacionam entre si.

3 UM OLHAR SOBRE O LUGAR

[...] cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais.

(Milton Santos)

No mundo contemporâneo - marcado pela rapidez da informação e pela fluidez da comunicação, graças ao processo de globalização assentado na evolução tecnológica -, pensar o lugar como o local onde se desencadeia a ação, ou seja, uma mera localização geográfica, já não atende à necessidade de compreensão das dinâmicas relativas às configurações estabelecidas por grupos humanos específicos, visto que, no contexto atual, onde os acontecimentos rapidamente ultrapassam fronteiras, é possível dizer que o lugar é o destino final dos eventos (SANTOS, 2003). Sendo assim, este conceito teve a abrangência de seu significado ampliada, deixando de ser compreendido apenas como um espaço físico produzido em um determinado intervalo de tempo pela natureza e pelo homem, passando a compreender uma construção única, singular, carregada de simbolismo, que agrega ideias e sentidos produzidos por aqueles que o habitam.

De acordo com Oakes (1997), um aspecto importante a ser considerado é o fato do lugar não ser territorialmente delimitado, mas uma consequência de ligações através do tempo e do espaço, que acabam por torná-lo mais “uma rede dinâmica do que uma localização ou sítio específico” (Ibiden, p. 510). Neste sentido, o lugar apresenta-se como a expressão da tensão entre o progresso e a perda, compondo um espaço criativo, apesar de ambivalente, que se estabelece entre a opressão da nova ordem e o aprisionamento da tradição.

Perceber o lugar sob esta ótica significa compreender a relação possível entre questões políticas e econômicas e as significações e vivências expressas em nível local, sem esquecer suas relações estruturais globais, bem como as novas relações espaciais determinadas pela dinâmica das constantes mudanças do mundo, que resultam na construção de identidades relacionadas ao lugar, principalmente a partir da percepção destas tensões.

Logo, expressando singularidade e globalidade, e materializando a construção de identidades individuais e coletivas (OAKES, 1997), o lugar representa mais que um “espaço

que circunda o corpo” (ARISTÓTELES, na obra Física), trata-se de um espaço cuja compreensão está vinculada às

[...] suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas de um conjunto de sentidos e usos. Assim, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos que ocorrem ou ocorreram no mundo. (CARLOS, 1996, p.21-22)

A partir desta visão, desenvolveu-se a seguir uma análise sintética do processo de gênese e desenvolvimento do Subúrbio Ferroviário de Salvador - Bahia, buscando destacar alguns fatos históricos relevantes e os processos por eles desencadeados, no sentido de demonstrar a importância da compreensão das origens e organização social dos grupos humanos que compõem este lugar.

3.1 A GÊNESE DO LUGAR

A análise do Subúrbio Ferroviário de Salvador enquanto lugar possibilitou a observação de clara modificação nos significados a ele atribuídos no período compreendido entre o final do século XIX e os dias atuais.

Embora o povoamento desta área da cidade tenha iniciado com os engenhos de cana de açúcar situados em Plataforma, Paripe e Periperi (COELHO E SERPA, 2001), foi com a implantação da estrada de ferro Calçada - Paripe (da antiga Viação Ferroviária Leste Brasileira), no ano de 1875, que se iniciou a expansão urbana de Salvador rumo “aos arredores da cidade”, ao lugar considerado até aquela época como zona rural, cuja agricultura, a pesca e o artesanato abasteciam sua população.

Como consequência da implantação da ferrovia, ampliou-se o comércio local, foi implantada a iluminação elétrica e, em seguida, em 1886, foi inaugurada, na localidade de Plataforma, a fábrica de tecido São Braz (Fotografia 1). Com a fábrica e seu sistema de produção, começou a estruturar-se no lugar a racionalidade econômica e sua temporalidade, marcada pelo relógio de ponto e pelo ritmo da produção atrelado ao tempo do mercado, que promoveram mudanças importantes no modo de vida da população ali assentada. Ocorreu, naquele momento histórico, significativo desenvolvimento político e econômico que viabilizou a gênese do subúrbio, provocando o surgimento progressivo dos atuais bairros.

As transformações sociais, econômicas e políticas do final do século XIX, que redefiniram a cidade e suas circunvizinhanças, fizeram do subúrbio rural invadido pela cultura metropolitana um subúrbio industrial invasor e portador

da inculcra das concepções métricas da fábrica e sua lógica linear pobre, opressiva e disciplinadora (MARTINS, 2002, p. 10).



(Foto: Renata Fornelos/ 2011)

Fotografia 1 – Ruínas da Fábrica de Tecidos São Braz – Plataforma – Salvador – BA / 2011

A perspectiva de empregos nas fábricas passou, então, a atrair significativo contingente populacional que se deslocou para a região, acabando por estimular a construção de vilas operárias (Fotografia 2). Por outro lado, a melhoria da infraestrutura, do acesso e a presença de amenidades – como belas praias, por exemplo -, passaram também a atrair as classes mais elevadas para o subúrbio, cujo deslocamento foi qualificado por Mumford (1998, p. 523) como a solução encontrada para os “problemas (referentes ao bem-estar) causados pela dinâmica turbulenta da cidade grande”.



(Foto: Renata Fornelos/ 2011)

Fotografia 2 – Casas remanescentes da vila operária da Fábrica de Tecidos São Braz – Plataforma – Salvador – BA / 2011.

[...] o antigo subúrbio romântico era um esforço da classe média no sentido de encontrar uma solução para a depressão e a desordem da metrópole imunda: uma efusão de gosto romântico, mas também uma fuga à responsabilidade cívica (MUMFORD, 1998, p. 530).

Vale ressaltar que esse acesso da elite também contribuiu para a progressiva perda das características rurais que o ambiente do subúrbio possuía antes da chegada do “desenvolvimento” e do crescimento populacional. Esta contribuição se deu principalmente no que se refere ao modo de vida, que passou paulatinamente a incorporar hábitos e costumes da cidade.

Tal processo afetou as características rurais da localidade suburbana – vida tranquila, temporalidade diversa daquela da cidade grande e expressões de trabalho não capitalista -, promovendo modificações progressivas importantes a partir da consolidação do subúrbio como uma parte anexada à cidade (VELLANES, 2004).

Esta situação manteve-se até a década de 1940, quando passou a ocorrer o grande fluxo migratório dos povos do campo, que, vitimados pela crise no sistema agropecuário baiano, se deslocaram das zonas rurais para as cidades, buscando melhores condições de vida.

Em decorrência das sucessivas crises e conseqüente retração das principais lavouras de exportação - em especial a cana e o fumo -, que serviam de base para a economia baiana na época, o nível de atividade dos grandes estabelecimentos foi bastante afetado, provocando a liberação contínua de fatores produtivos (terra e trabalho). Tais culturas passaram, então, a ser substituídas por outras, voltadas ao consumo interno e assentadas em sistemas de produção de base capitalista, que se concentraram em áreas restritas. A partir dessas mudanças, parte da mão-de-obra liberada migrou para outras regiões ou para Salvador (SOUZA, 1980).

Em seqüência, ocorreu também importante crescimento da agricultura minifundiária, que passou a representar a base de sobrevivência de um campesinato que se expandiu a partir de elevado crescimento vegetativo. Essa agricultura, tendo absorvido parcela significativa da força de trabalho rural até a década de 1960, contribuiu para conter o fluxo migratório do Recôncavo. Contudo, com o passar do tempo

[...] esse tipo de lavoura se ampliou também no Estado, revelando crescentes sintomas de saturação, isto é, apresentando-se cada vez mais com menor possibilidade de absorver tanto parte da força de trabalho liberada das atividades em retração, das atividades substitutas ou da modernização de antigos cultivos, como aquela parcela resultante dos crescentes acréscimos vegetativos da população (SOUZA, 1980, p. 113).

Fica claro, portanto, que os fluxos migratórios que se dirigiram para Salvador foram conseqüência, em sua grande maioria, da estagnação das forças produtivas baianas, originando-se principalmente nas áreas de concentração das lavouras de exportação (Micro-Região

Cacaueira e Microrregião do Recôncavo) e nas áreas de maior concentração de minifúndios, onde estavam também as maiores densidades demográficas da Bahia (Recôncavo Baiano, Litoral Norte, Feira de Santana, entre outras).

Singer (1973) destacou, contudo, que a movimentação das populações componentes dos fluxos migratórios para Salvador ocorreu por etapas, partindo do campo para as pequenas cidades e dessas para cidades mais dinâmicas, especialmente a capital do Estado. Para o autor, a ocorrência dessas etapas migratórias se deu devido aos custos de deslocamento, fortalecendo a hipótese de que os fatores repulsivos do campo contribuíram de forma mais acentuada para a formação dos fluxos, enquanto os fatores atrativos direcionaram suas trajetórias para as cidades com oportunidades de trabalho em expansão. Deste modo, é possível afirmar que “a expulsão rural acentuou-se a partir de 1940, sendo os fluxos rurais principalmente orientados para Salvador, independentemente (até certo ponto) das condições de expansão da estrutura produtiva da capital”. (Souza, 1980, p. 118)

Em Salvador, os migrantes se depararam com “oportunidades de trabalho”, que se diferenciavam entre os distintos estratos sociais. Com isso, para aqueles de baixo estrato social - que era o caso da grande maioria oriunda do campo -, a inserção na cidade se deu em uma classe correspondente à sua de origem (SINGER, 1973), o que determinou a maior concentração da força de trabalho migrante de Salvador em setores precariamente remunerados ou em atividades autônomas e de maior instabilidade.

Além da reconfiguração das bases agrícolas do Estado, outros fatores também afetaram o processo de urbanização do Subúrbio Ferroviário de Salvador. O deslocamento da produção têxtil para o Sudeste do país e a descoberta do petróleo nos anos de 1950 - que provocou a substituição do algodão pelas fibras sintéticas -, contribuíram para o fechamento da Fábrica de Tecidos São Braz em 1959, deixando sem emprego e, em muitos casos, sem possibilidade de reinserção no mercado de trabalho formal, parcela importante da população do subúrbio, que teve sua economia efetivamente prejudicada.

Paralelamente, entre os anos de 1940 e 1950, vários fatores contribuíram para a modificação da estrutura espacial de Salvador, tendo-se destacado a reestruturação do centro da cidade, que deixou de ser área predominantemente residencial das elites, que se deslocaram para outros espaços, enquanto a população de baixa renda passou a ocupar as velhas edificações, ampliando-se, assim, a demanda por novas áreas residenciais, o que acabou forçando a expansão da periferia urbana. Exatamente neste período, foram constituídos no Subúrbio Ferroviário inúmeros loteamentos populares, que foram ocupados nas décadas seguintes sem o

devido controle urbanístico, com suas áreas livres também invadidas (CARVALHO e PEREIRA, 2008).

Esta tendência à ocupação desordenada por parte da população de baixa renda foi fator determinante para o abandono do lugar pelas elites residentes, que com elas levaram a atenção dos poderes públicos, os investimentos em infraestrutura e tudo que por longo tempo caracterizou o lugar como uma região aprazível. Nasceu, deste modo, o Subúrbio Ferroviário “periferia”, termo que ao longo do tempo foi redefinido, passando a ser entendido como área deficiente em termos de infraestrutura, equipamentos e serviços, sendo principalmente espaço de reprodução social das comunidades de baixa renda, dos excluídos e mais vulneráveis às transformações políticas e econômicas (ROCHA, 2005).

Segundo Lourenço (2015), o crescimento demográfico do Subúrbio Ferroviário ampliou-se principalmente a partir da década de 70 e, desde então, a mobilização popular constituiu-se em importante estratégia da população local para garantir o atendimento de demandas, básicas como: moradia, acesso aos serviços de saúde, educação, transporte, energia elétrica e abastecimento de água, cuja distribuição ainda é deficiente nesta parte da cidade, graças ao planejamento urbano praticamente inexistente, associado à falta de investimentos públicos e descaso político. Tal situação vem corroborar a visão de Serpa (1998 apud ROCHA, 2005) de que as periferias urbanas se distinguem do resto da cidade pela precariedade da configuração espacial, onde os loteamentos clandestinos denunciam, de forma concreta, diversas formas de segregação sócio espacial. Esta segregação se dá não apenas pelo isolamento em relação ao exterior, mas, principalmente, pelo isolamento de áreas no interior dos bairros, provocado pela falta de planejamento urbano e pelas desigualdades sociais (SERPA, 2001).

E como resultado deste processo histórico, social, político e econômico, tem-se atualmente no Subúrbio Ferroviário um dos maiores territórios de pobreza da capital baiana. Nele, a rápida expansão do povoamento, sem o devido planejamento, favoreceu o surgimento e adensamento de novas tipologias e arranjos habitacionais, onde morros, encostas, tabuleiros e até mesmo o mar da baía de Todos os Santos foram ocupados pelas populações empobrecidas expulsas do campo ou do centro urbano de Salvador (Fotografias 3, 4 e 5), em consequência das dinâmicas do desenvolvimento estabelecido (SOARES, 2006).



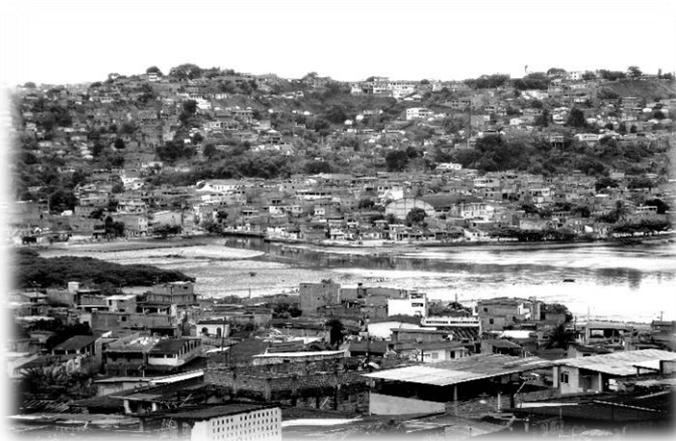
(Foto: Renata Fornelos/ 2011)

Fotografia 3 – Vista de povoamento ao longo da Estrada de Ferro Calçada Paripe – Subúrbio Ferroviário – Salvador - BA / 2011.



(Foto: Renata Fornelos/ 2011)

Fotografia 4 – Vista de invasão povoando encosta de morro às margens da Av. Suburbana – Subúrbio Ferroviário – Salvador – BA / 2011.



(Foto: Renata Fornelos/ 2011)

Fotografia 5 – Vista da Enseada do Cabrito – Povoamento às margens da Baía de Todos os Santos – Subúrbio Ferroviário – Salvador – BA / 2011.

Constituído por vinte e dois bairros, o Subúrbio Ferroviário possui uma área de 4.246,67 ha situados no lado oeste da cidade e sendo longitudinalmente banhado pela Baía de Todos os Santos. De acordo com o Censo Demográfico (IBGE, 2010), o subúrbio tem 286.115 mil moradores - que representam cerca de 11% da população de Salvador, estimada na época em 2,675 milhões de habitantes -, em sua maioria, negros, pobres e com baixa escolaridade, vítimas da maior violência urbana do contexto metropolitano de Salvador.

A carência de infraestrutura urbana desta região contribui de forma marcante para o estabelecimento de problemas ambientais graves, que, associados à precariedade dos sistemas de segurança, saúde e educação, concorrem para a baixa qualidade de vida da população, que reclama das deficiências dos bairros, destacando o crescente envolvimento dos jovens com o tráfico de drogas como uma preocupação unânime. Segundo representantes da comunidade, a cooptação dos jovens pelo tráfico ocorre principalmente devido à carência local de projetos de qualificação profissional e aparelhos destinados ao esporte e lazer. Além das carências citadas, a população também se sente prejudicada pela exposição negativa dos bairros na mídia, a qual desqualifica a região e seus moradores, que passaram a ser socialmente discriminados.

Destaca-se que o Subúrbio Ferroviário, em função de certas peculiaridades socioculturais, distingue-se de outros territórios de pobreza de Salvador. Segundo Soares (2006), como variáveis indutoras desta distinção, pode-se considerar a proximidade e a relação com o mar, bem como a presença mais consolidada da história e cultura negras, que se expressa nos rituais religiosos e no misticismo lendário do Parque São Bartolomeu, que tem parte significativa de sua área situada em território suburbano.

No que se refere à população local, é importante registrar que, embora historicamente se tenha comprovado a origem rural de parcela significativa, nos dias atuais, esta cultura encontra-se camuflada pelas aquisições obtidas na sociedade (e cultura) urbana e que, aos poucos, passaram a constituir a nova identidade deste grupo social. No entanto, é possível afirmar que se trata de indivíduos que, assim como seus ascendentes, carregam consigo saberes ecológicos tradicionais seculares, herdados da mescla de etnias indígena, povos de origem africana e europeia (SANTANDREU et al., 2004; MOREIRA, 2008; COUTINHO, 2010 apud ALMEIDA, 2010), e que mantêm no seu imaginário e hábitos cotidianos vínculos importantes com a terra e com a cultura do campo, demonstrados por meio do cultivo dos quintais, da produção de remédios caseiros a partir de ervas medicinais, bem como da valorização do trabalho como um princípio educativo importante na formação das novas gerações (RAMOS, 2015).

Deste modo, é possível constatar que este lugar ultrapassa a caracterização físico-geográfica que remete à pobreza e à desigualdade social. Ele abriga significados nascidos historicamente do cotidiano e das práticas compartilhadas pelas pessoas, forjando relações de vizinhança que são mais próximas e marcadas pela luta comum por sobrevivência. “Estas lutas, de forma geral, expressam-se [...] tanto na dimensão da cultura, como na formação de movimentos sociais representados por associações comunitárias que lutam pelos seus direitos.” (SOARES, 2006, p. 24).

Atualmente, além do pouco reconhecimento dado à importância histórica, política e econômica do lugar, o Subúrbio Ferroviário apresenta-se degradado, o que faz do lugar um espaço de “escoamento” da pobreza da cidade de Salvador. No entanto, este reconhecimento tem sido reivindicado pela organização local, por meio de sua entidade de classe, a partir de denúncias e da participação no processo de intervenção sobre a política pública ao nível local. Neste sentido, destacam-se a Federação das Associações de Bairro de Salvador - FABS e a Associação de Moradores de Plataforma – AMPLA, que defendem a ideia da ampla discussão local dos projetos oficiais e a transparência na gestão dos recursos públicos e na elaboração dos projetos, de modo a garantir a legitimidade na execução das ações (ROCHA, 2005). Além destas, outras organizações também se fazem presentes nas manifestações reivindicatórias e no estímulo à coesão social do bairro, destacando-se a Associação Primeiro de Maio, o Centro de Desenvolvimento Popular (CEDEP), o Kilombo Kioiô, a Associação de Moradores do São Brás e a Associação de Mães do Bairro de Plataforma, entre outros (SOARES, 2006).

4 A CONFIGURAÇÃO DA EXPERIÊNCIA OBJETIVA

O adolescente não é um animal que nasce por volta dos doze anos e desaparece aos vinte. Não é uma entidade que se pode limitar, objetivar, mas um processo em que a própria pessoa se vê envolvida.

(Daniel Sibony)

Pensar a juventude enquanto ente objetivo é, em si, fazer opção por limites e rótulos que dificultam a compreensão deste processo, uma vez que ela se estabelece socialmente a partir de diferentes articulações, colocando os indivíduos em um jogo por meio do qual são estabelecidas diversas condições de relatividade que acabam por forjar identidades. Sob esta ótica, é possível propor que a juventude seja percebida, para além da condição biológica, como um processo social que se objetiva por meio do modo de vida dos indivíduos. Portanto, compreender como se estruturam os modos de vida juvenis constitui-se em etapa relevante para a compreensão da juventude enquanto processo social.

Neste sentido, é importante lembrar que o desenvolvimento juvenil ocorre em delicada interação com o contexto social no qual está inserido, tendo como referência não apenas as biografias individuais, mas também a história e o presente de sua sociedade. Trata-se do período de construção mais intensa de interações entre as tendências individuais, as aquisições psicossociais, as metas socialmente disponíveis, assim como as vantagens e desvantagens do entorno (KRAUSKOPF, 1998).

O fato é que a juventude é uma condição compartilhada de forma coletiva, que vai além de meros limites etários que, embora definidos com base no desenvolvimento biológico e/ ou psicossocial dos indivíduos, não expressam realmente as diversas situações sociais nem os significados por estas produzidos, bem como sua influência na configuração das sociedades modernas e contemporâneas.

Partindo da premissa de que as sociedades modernas, para além da família e das relações de parentesco, criaram uma esfera social pública mais elaborada – onde ocorre uma relativa ou absoluta autonomização da economia, religião e política -, surgiu então a necessidade de uma “segunda socialização” ou “socialização secundária” que ensinasse os indivíduos a transitarem além da esfera privada (BERGER e LUCKMANN, 2008).

Conforme demonstrado por Eisenstadt (1976), a existência social da juventude se dá por meio dos grupos juvenis, ou grupos etários homogêneos, cujos membros passam a desenvolver comportamentos esperados, permitidos ou impostos aos jovens. Segundo o autor, no mundo moderno foi possível identificar três tipos básicos de grupos juvenis: a escola; os grupos juvenis controlados pelos adultos; e os grupos juvenis informais. Sob esta ótica, a “socialização secundária” seria então o processo que põe em evidência a juventude, independentemente do tipo de grupo a partir do qual ela ocorre. É através desse processo que são construídas identidades e subculturas, bem como estabelecidas diferentes formas de autonomia e protagonismo social.

Para Setton (2002), na contemporaneidade – onde a produção de bens culturais e a circularidade da informação tem importante função na formação moral, psicológica e cognitiva dos indivíduos –, o processo de socialização pode ser percebido como

[...] um campo estruturado pelas relações dinâmicas entre instituições e agentes sociais distintamente posicionados em função de sua visibilidade e recursos disponíveis. Portanto, o processo de socialização deve ser compreendido como um fenômeno histórico complexo e temporalmente determinado (Ibidem, p. 109).

Mesmo considerando a diversidade de famílias, escolas, mídias, entre outras instâncias socializadoras, para a autora, cada uma delas orienta-se por princípios e objetivos distintos. São instâncias socializadoras dotadas de naturezas específicas e que, por isso mesmo, respondem pela produção e difusão de patrimônios culturais distintos, tornando necessária a identificação das configurações ou arranjos particulares entre elas, de modo a se apreender experiências socializadoras específicas.

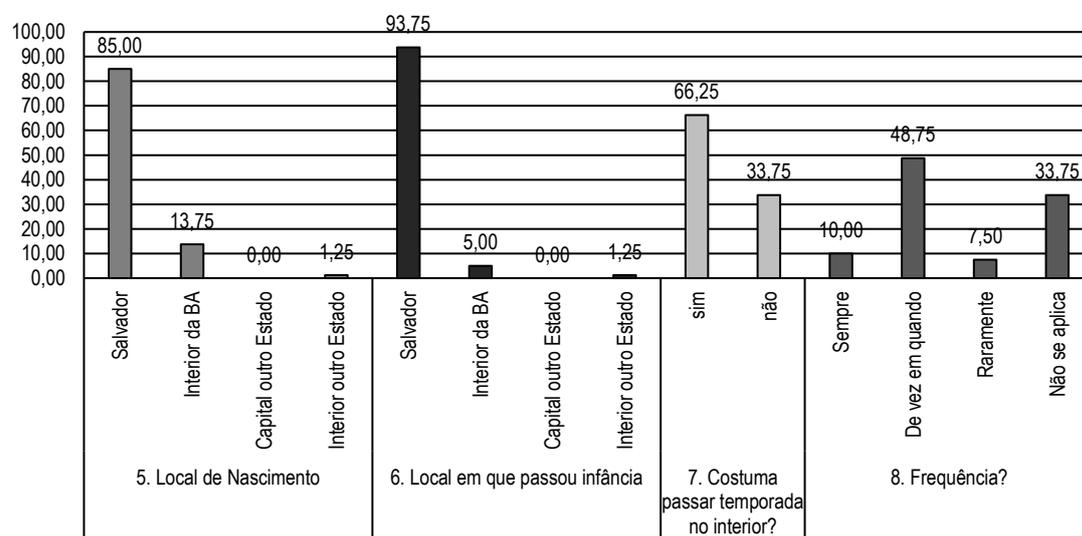
Logo, considerando que o modo de vida se origina da configuração de processos socializadores vivenciados pelos indivíduos, torna-se importante a identificação destes processos e o significado deles na construção de seus modos de vida. Neste sentido, será desenvolvido a seguir uma análise das condições objetivas que envolvem as experiências socializadoras cuja configuração define os modos de vida dos jovens pobres, pertencentes a famílias de raiz cultural camponesa, residentes no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

4.1 O PERFIL SÓCIO DEMOGRÁFICO

A identificação e análise das experiências socializadoras que permeiam a vida de um indivíduo necessitam partir da própria origem deste indivíduo. A família, enquanto grupo de referência e dotado de uma cultura (que compreende um acervo de conhecimentos, crenças e valores, que definem seu processo de socialização primária), é aquele que forja seu lugar social. Sob esta ótica, no presente estudo iniciou-se o conhecimento dos jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador identificando as raízes familiares e culturais deste grupo.

O primeiro aspecto que caracterizou o grupo estudado foi o fato de que embora 15% dos jovens tenham nascido no interior da Bahia ou de outros estados, apenas 6,25% deles permaneceram nos locais de origem durante a infância. No entanto, 66,25% dos jovens entrevistados afirmaram passar temporadas no interior - 10,00% de maneira assídua e 48,75% eventual -, o que indicou que, mesmo vivendo em Salvador, o convívio com o campo provavelmente favoreceu a manutenção dos vínculos com aquela cultura (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Caracterização dos jovens estudantes em relação ao local de nascimento e vínculos com o mundo rural (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/2015.



No que se refere à origem familiar, analisando-se os Gráficos 2 e 3, alguns aspectos mereceram destaque. O primeiro diz respeito ao fato de que a análise da origem dos ascendentes dos jovens entrevistados revelou uma incidência elevada de pais e avós nascidos no interior, sugerindo a raiz cultural camponesa de um número importante de famílias.

O segundo aspecto origina-se da relação entre o percentual de avós nascidos no interior e o percentual de pais e mães nascidos em Salvador ou capitais de outros estados, confirmando que o maior fluxo migratório do campo para a cidade se deu na primeira geração, o que vem corroborar os dados históricos referentes ao processo de gênese do Subúrbio Ferroviário.

Gráfico 2 - Caracterização da família materna dos jovens estudantes quanto à origem - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

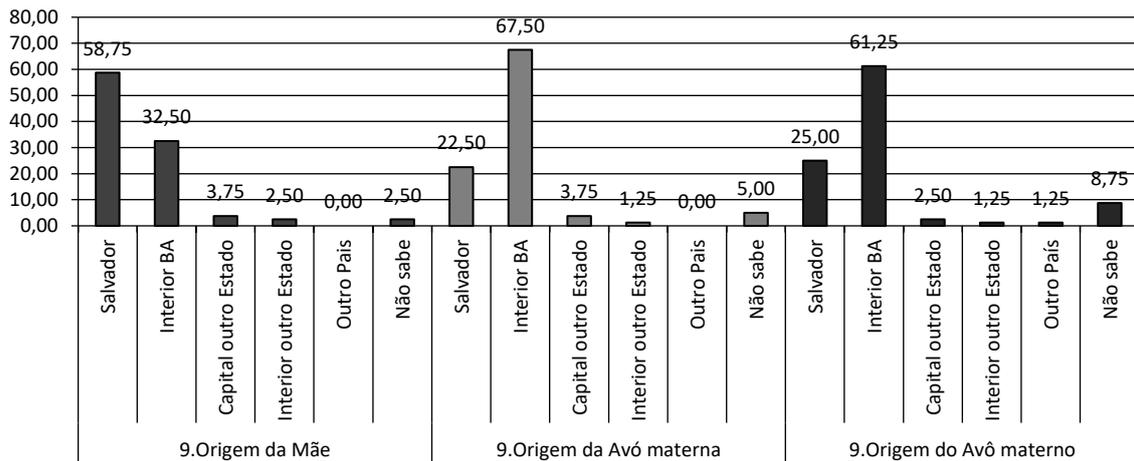
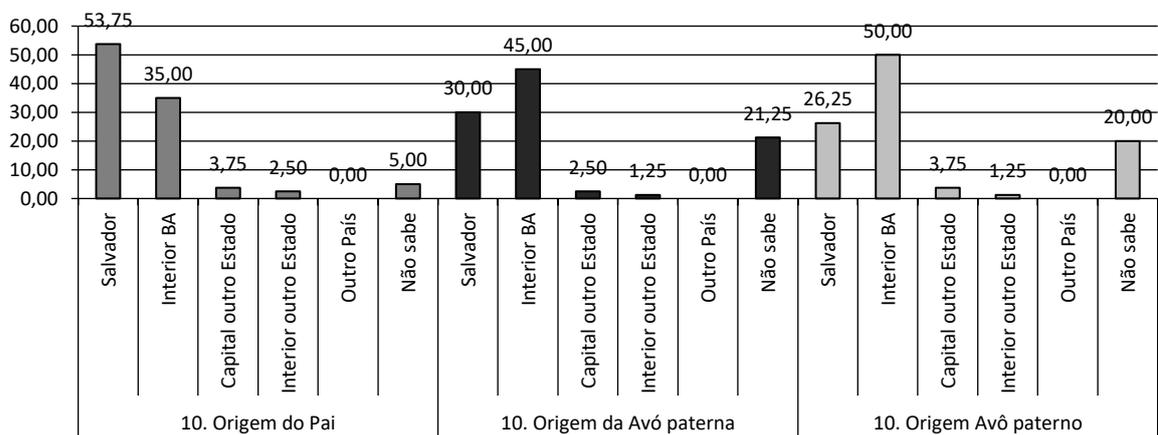


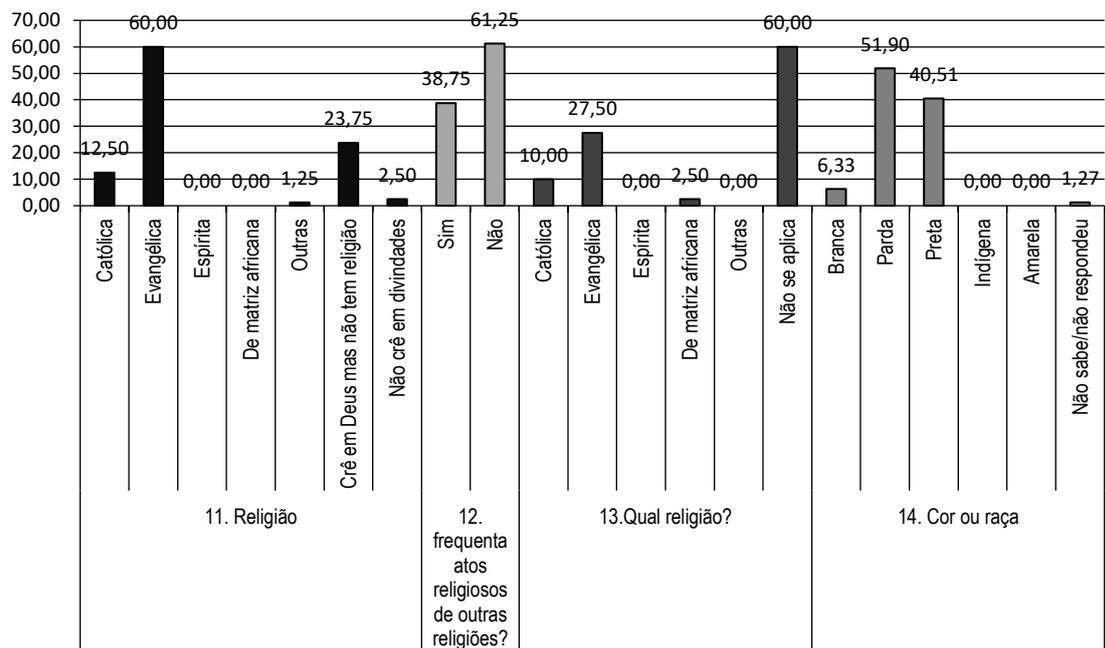
Gráfico 3 - Caracterização da família paterna dos jovens estudantes quanto à origem - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Por fim, ainda foi possível aferir a partir dos Gráficos 2 e 3, que, possivelmente uma parcela dos pais e mães nascidos no interior da Bahia ou de outros estados tenha migrado para Salvador mais recentemente, o que leva à suposição de que tal fluxo vem ocorrendo de forma contínua, principalmente em função da associação entre as transformações em processo no mundo do trabalho e aquelas de caráter ambiental, cujo impacto vem sendo a cada ano mais acentuado na economia e modo de vida do campo.

No que se refere à condição religiosa dos estudantes entrevistados, constatou-se uma predominância de adeptos das igrejas Evangélicas (60,00%), seguida por uma parcela de jovens que afirmaram crer em Deus, mas não ter religião (23,75%) e outra menos expressiva daqueles que se reconheceram católicos (12,50%). Observou-se, no entanto, que 38,75% declararam frequentar também atos de outras religiões, valendo destacar que este hábito não se aplica aos jovens que se afirmaram evangélicos.

Gráfico 4 - Caracterização dos jovens estudantes quanto à condição religiosa e reconhecimento racial - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Outro aspecto digno de destaque foi o fato de nenhum dos jovens se declarar adepto de religiões de matriz africana, embora 2,5% deles tenham assumido também frequentar seus atos religiosos. Tais resultados se contrapõem aos dados históricos do lugar que apontam para forte presença das religiões de matriz africana, representada pelos inúmeros terreiros de Candomblé e pelo Parque São Bartolomeu, considerado um espaço sagrado destas religiões. Além disso, a elevada concentração de população que se reconhece como parda e preta – a exemplo dos estudantes entrevistados (Gráfico 4) –, também seria um dado a apontar para a possibilidade de elevada incidência de adeptos das religiões de matriz africana. Contudo, tais resultados, ao contrário do esperado, servem para demonstrar que um dos principais efeitos do processo de estigmatização a que estão submetidos os jovens do Subúrbio Ferroviário se expressa por meio do não reconhecimento de sua condição étnica, quando 51,90% dos entrevistados se dizem pardos (variação de cor socialmente estabelecida como “forma de defesa” diante do racismo) e da negação das religiões de matriz africana, que vêm progressivamente sendo tratadas como

seitas de “caráter demoníaco” a partir de um processo de desconstrução do seu valor cultural e religioso, influenciado por outras religiões.

Analisando-se os núcleos familiares dos jovens entrevistados (Tabela 2) percebeu-se que estes compreendem quatro formações básicas e suas variações. A mais frequente (43,75%) é representada pela família tradicional, composta pelo pai, mãe e filhos. Embora em 74,29% delas o pai seja reconhecido como o chefe da família, percebeu-se o crescimento da liderança feminina, uma vez que, em 14,29% delas as mães foram reconhecidas pelos jovens como chefes da casa; sendo a liderança nas demais (11,43%) percebida como partilhada pelo casal. Tal avanço pode ser atribuído à maior participação das mulheres na renda familiar, o que certamente contribui para sua independência e aumento de poder no grupo. Destacou-se ainda que a presença de avós (provavelmente maternos) neste tipo de arranjo familiar (2,50%) contribuiu para reforçar a liderança das mães, seja pelo aporte financeiro que estes traziam para a renda familiar, seja pelo papel desempenhado nos cuidados e educação dos netos, garantindo às mães a liberdade necessária para o acesso ao mundo do trabalho.

Tabela 2- Caracterização do núcleo familiar dos jovens estudantes quanto à composição e chefia - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA / 2015.

Composição Familiar	Total		Percentual total de famílias chefiadas por:						
	(und)	(%)	Pai (%)	Padrasto (%)	Mãe (%)	Pai + Mãe (%)	Padrasto + Mãe (%)	Avô ou Avó (%)	Outros (%)
Família 1: pai, mãe e filhos	35	43,75	74,29		14,29	11,43			
Família 1 + avós	2	2,50	50,00		50,00				
Família 2: mãe, filhos e padrasto	8	10,00		12,50	75,00		12,50		
Família 2 + avós	1	1,25			100,00				
Família 3: pai, filhos e madrasta	2	2,50	100,00						
Família 4: mãe e filhos	11	13,75			100,00				
Família 4 + avós	4	5,00			50,00			50,00	
Família 4 + avós + parentes	3	3,75			100,00				
Outras	14	17,50	28,57		21,43			21,43	28,57
TOTAL GERAL	80	100	41,25	1,25	40,00	5,00	1,25	6,25	5,00

O segundo arranjo familiar identificado (10,00%) - constituído por mãe, filhos e padrasto – foi marcado por um maior reconhecimento da liderança materna (75,00%), o que sugere a valorização dos vínculos biológicos por parte dos jovens entrevistados como determinante de autoridade. Neste tipo de arranjo também foi constatado, em 12,50% das

famílias, o exercício da autoridade compartilhada entre mãe e padrasto, o que pode significar uma relação familiar mais harmônica. Contudo, estando presentes, neste tipo de arranjo familiar os avós (provavelmente maternos), a relação de poder mais uma vez vai favorecer a figura materna.

No terceiro arranjo familiar – constituído por pai, filhos e madrasta –, o reconhecimento da autoridade paterna é unânime, reforçando a ideia da valorização dos vínculos biológicos como critério determinante de autoridade, que, associada ao papel de provedor desempenhado pelo pai, confere a esta figura o indiscutível status de chefe da família, ficando a madrasta numa condição subalterna, principalmente se esta for totalmente dependente financeiramente do companheiro.

No quarto arranjo familiar, constituído por mães e filhos, a figura de autoridade foi reconhecidamente a mãe. No entanto, em algumas famílias onde ocorreu a presença de avós, em 50% dos casos, estes foram reconhecidos como chefes da família, o que pode ser atribuído ao fato da família residir em imóvel a eles pertencente; ou serem eles os principais provedores financeiros do grupo; ou mesmo em decorrência do respeito à hierarquia familiar, o que pode ser apontado como um traço marcante tanto na cultura camponesa, como na cultura de matriz africana. Observou-se que, neste arranjo, ocorreram famílias onde coabitavam também outros parentes – principalmente nos casos em que o imóvel habitado pelo grupo pertencia aos avós -, o que contribuiu para que os jovens tomassem como principal critério de reconhecimento de autoridade os vínculos biológicos diretos, passando a perceber a mãe como chefe da família, em detrimento dos demais membros.

Neste contexto, tornou-se claro que a autoridade familiar vem progressivamente deixando de ser exclusivamente paterna ou masculina, passando a ser assumida de forma compartilhada ou, principalmente, pelas mães ou mulheres. Tal deslocamento vem se efetivando a partir das reconfigurações sofridas pela família tradicional, influenciadas tanto pela ampliação dos papéis familiares femininos, quanto por força da relação entre vínculos biológicos e financeiros, sem deixar de considerar também aspectos de caráter simbólico-cultural e afetivos. Tem-se, então, na família, enquanto configuração primária, uma instância socializadora que pode ser percebida como estruturante dos padrões relacionais a serem assumidos pelos jovens na construção de seus modos de vida.

Tal afirmação pode ser mais bem compreendida a partir da análise da Tabela 3, que caracteriza a relação estabelecida entre os jovens entrevistados e seus núcleos familiares.

Através dela, foi possível constatar que as famílias do tipo 1 apresentam-se mais estáveis, favorecendo a permanência mais prolongada do jovem. Em seguida, tem-se respectivamente as famílias do tipo 4 e 2. Destaca-se nos três tipos de família que a presença dos avós pode ser interpretada como um fator agregador do grupo, o que favorece a motivação dos jovens para uma permanência mais longa no núcleo.

Por outro lado, nos arranjos familiares onde se registrou as presenças de outros parentes e da madrasta, estas podem funcionar como fator desagregador do grupo, estimulando os jovens a desejarem se desvincular precocemente de seus núcleos familiares.

Tabela 3 - Caracterização da relação dos jovens estudantes com seu núcleo familiar - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA / 2015.

Composição Familiar	Total		17. Se você pudesse decidir agora:			
	(und)	(%)	Moraria sem seus pais (%)	É cedo para mudar (%)	Não planeja mudar (%)	Já tem vida própria (%)
Família 1: pai, mãe e filhos	35	43,75	20,00	68,57	11,47	
Família 1 + avôs	2	2,50		100,00		
Família 2: mãe, filhos e padrasto	8	10,00	25,00	62,50	12,50	
Família 2 + avôs	1	1,25		100,00		
Família 3: pai, filhos e madrasta	2	2,50	100,00			
Família 4: mãe e filhos	11	13,75	18,18	63,64	18,18	
Família 4 + avôs	4	5,00	25,00	75,00		
Família 4 + avôs + parentes	3	3,75	66,67		33,33	
Outras	14	17,50	14,29	57,14	14,29	14,29
TOTAL GERAL	80	100,00	22,50	62,50	12,50	2,50

Comparando-se as famílias do tipo 2 e 3 foi possível perceber que o efeito desagregador exercido pela figura da madrasta é mais efetivo que do padrasto. Isso se dá possivelmente pelo fato de que, nas famílias do tipo 2, a presença da mãe – com seus vínculos biológicos e afetivos – garante aos filhos o suporte tanto objetivo, quanto subjetivo, que favorecem o enfrentamento de possíveis desequilíbrios no relacionamento familiar; enquanto que, nas famílias do tipo 3, os pais (homens), até mesmo por estarem assumindo determinados papéis e posturas condicionados culturalmente, nem sempre conseguem dar conta de tal tarefa, delegando-a às madrastas por interpretá-las como função feminina.

Analisando os resultados apresentados até aqui, é possível concordar com Berger e Luckmann (2008) quando destacam a família como uma instância socializadora primária, onde são construídas tanto as relações identitárias, quanto aquelas de identificação afetiva e moral.

As origens étnicas e culturais, fundamentais na construção das estruturas de pensamento e sistemas de valores dos indivíduos, constituem suas primeiras referências e, conseqüentemente, as mais duradouras.

Trata-se de um campo marcado por relações que vão desde aquelas de caráter biológico até os vínculos afetivos e relações de autoridade, que servem de modelo para estruturação da subjetividade individual e dos padrões comportamentais. Neste sentido, é possível afirmar que é na família que o indivíduo se estrutura para enfrentar os desafios da vida.

De maneira geral, é a família que define o lugar social do indivíduo, na medida em que lhe confere um nome que o particulariza e o posiciona em determinada classe social, conferindo-lhe um status econômico e um patrimônio cultural. Contudo, é principalmente na transmissão dos modos particulares de lidar com este patrimônio (LAHIRE, 2002), enquanto recurso para construção de modos de vida, que está a importância da família.

É um fato concreto o processo histórico de transformação por que passa a família. Como elemento da sociedade, ela vem se submetendo a constantes reconfigurações para adaptar-se aos diversos contextos sociais estabelecidos ao longo do tempo e, na contemporaneidade, tal processo evidencia uma reorganização de papéis que influencia principalmente as posições de autoridade (SETTON, 2002). Tal reorganização vem sendo influenciada não apenas pela inserção da mulher no mercado de trabalho, mas principalmente pela elevação do seu nível de escolaridade, e ampliação de sua participação efetiva em campos estratégicos como a política, que lhe possibilita a luta pela conquista de direitos importantes. Aliado a isso, “o aumento dos níveis de separação de casais contribui para a emergência de um novo padrão de convivência e referências identitárias” (Ibidem, p. 112).

Tem-se então na família um elemento importante no processo de construção dos modos de vida juvenis, que pode ser considerado um agente “determinador de destinos pessoais e sociais” (SETTON, 2002), devendo por isso ser analisada tanto em sua diversidade formal, quanto nas suas articulações com outras instâncias socializadoras para formação de diferentes configurações.

4.2 A ESCOLA

A escola constitui-se em instância de socialização secundária cujo processo socializador ocorre sobre uma personalidade já formada e um mundo já interiorizado que se mantém presente, independente da natureza das novas interiorizações (BERGER e LUCKMANN,

2008). Aliado a isto, a escola contemporânea não atua mais como eixo organizador de experiências, passando a funcionar como um campo onde se expressam diversos interesses, tanto internos como externos (DUBET, 1994). Como consequência, as relações que se estabelecem entre os jovens e a escola são marcadas pela dualidade que, enquanto evidencia a importância desta instituição e do processo de escolarização para a construção do futuro, principalmente no que se refere à inserção no mercado de trabalho, por outro lado vem perdendo o sentido (SPOSITO, 2005) por não se identificar com as experiências vivenciadas pelos jovens no seu cotidiano. Logo, é de fundamental importância o registro da percepção objetiva que os jovens vêm desenvolvendo acerca desta instituição, como elemento fundamental para a compreensão dos seus significados como componente dos modos de vida juvenis.

Iniciando a análise pela relação entre idade e nível de escolaridade dos jovens participantes da enquete, percebeu-se que estes tinham idade, em sua maioria (65,00%), entre 15 e 17 anos e estavam distribuídos entre o primeiro e segundo ano do nível médio, o que denotava uma reduzida taxa de distorção série/idade. No entanto, percebeu-se uma diminuição progressiva do percentual de estudantes entre o primeiro e o terceiro ano, o que poderia indicar uma elevada taxa de evasão escolar por parte dos jovens, possivelmente em função da busca por trabalho (Gráfico 5).

Apesar da maior parte dos jovens entrevistados (62,50%) declarar ter facilidade em relação à leitura e escrita, para outros 33,75% estas habilidades ainda são desempenhadas com dificuldade relativa, chegando mesmo a se constituírem em dificuldade significativa para 3,73% deles (Gráfico 6), demonstrando as limitações ainda existentes no processo de escolarização oferecido à parcela da população menos favorecida.

Gráfico 5 - Caracterização dos jovens estudantes em relação à faixa etária e à escolaridade (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/2015.

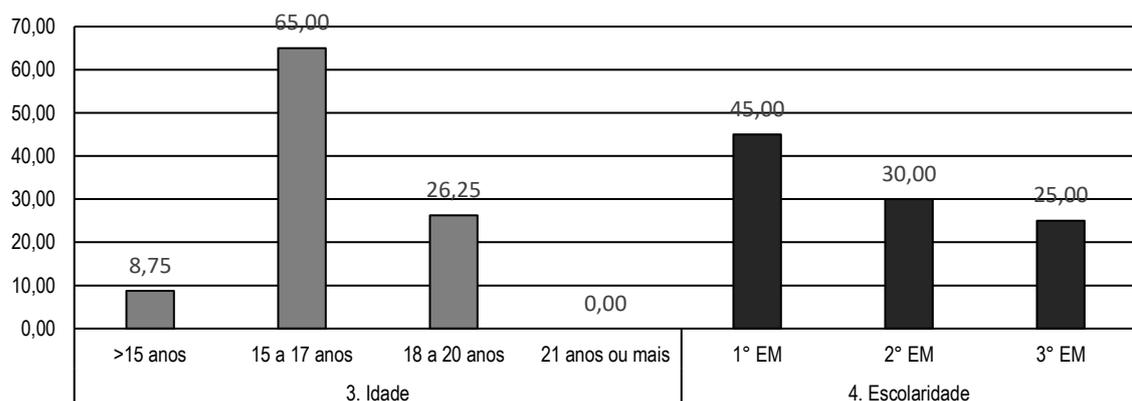
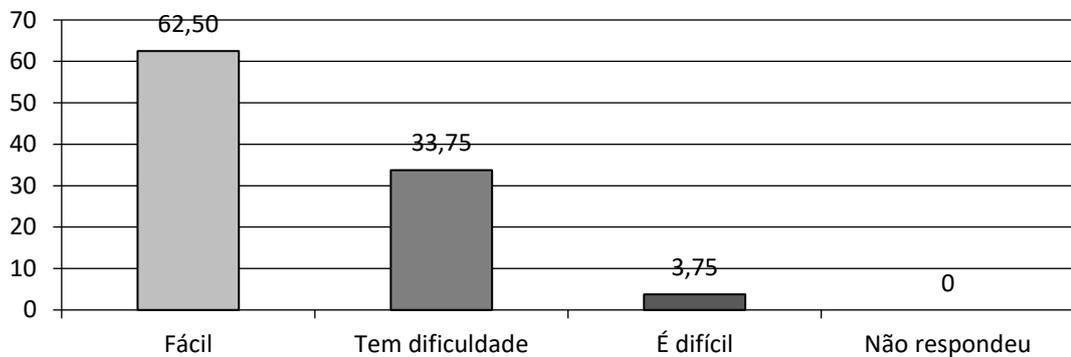
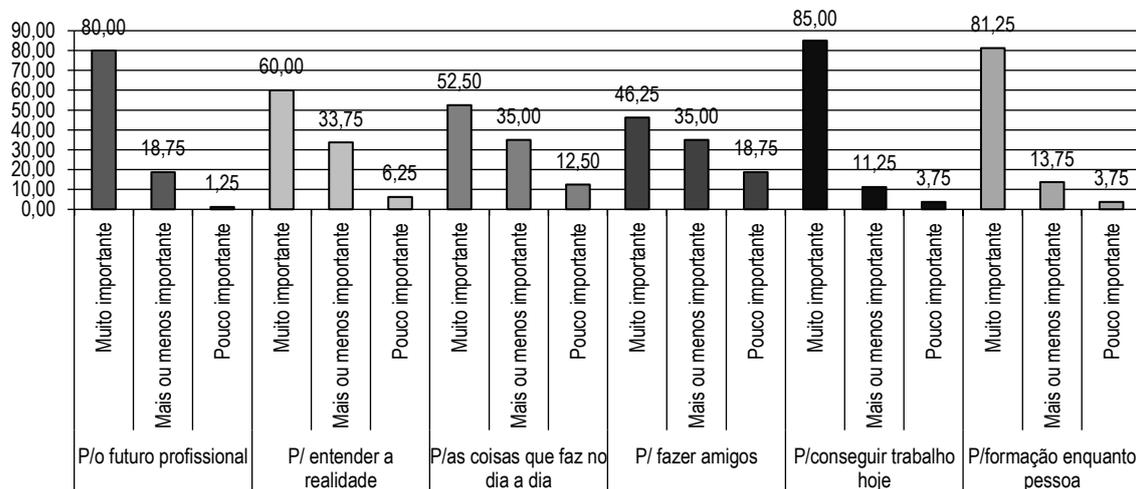


Gráfico 6 - Auto avaliação dos jovens estudantes quanto à capacidade de leitura e escrita (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA / 2015.



Boa parte dos jovens entrevistados afirmam perceber a escola como uma instituição muito importante para seu futuro profissional (80,00%), para o acesso ao trabalho (85,00%) e para a formação pessoal (81,25%). No entanto, para eles, decrescia o nível de importância do aprendizado por ela proporcionado no que diz respeito à compreensão da realidade, ao desenvolvimento de atividades cotidianas e ao desenvolvimento de amizades (Gráfico 7). Neste sentido, para os estudantes, a escola representa mais um espaço formativo que propriamente educativo.

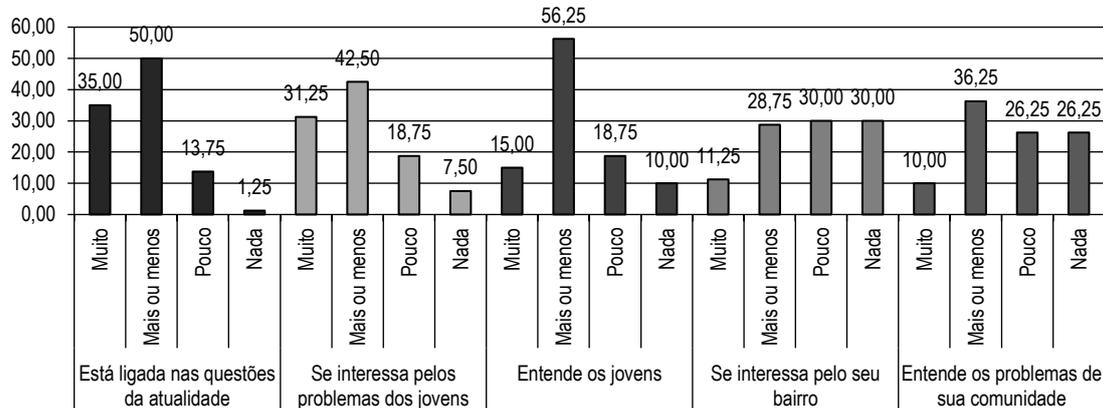
Gráfico 7 - Percepção dos jovens estudantes sobre a importância do aprendizado/ experiência escolar em relação ao seu processo educativo (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Tal percepção está assentada no fato de que, para os estudantes ouvidos, o processo de ensino desenvolvido na escola contempla de forma relativa as questões da atualidade, sendo também relativo o seu interesse pelos problemas juvenis, o que concorre para uma compreensão também relativa dos jovens. Para eles, a compreensão da escola sobre os problemas da comunidade onde está inserida é pequeno, o que provavelmente decorre do baixo interesse pelos

problemas dos bairros que atende (Gráfico 8). Neste sentido, é possível perceber um distanciamento entre o processo pedagógico desenvolvido pela escola e a realidade local vivenciada pelos estudantes.

Gráfico 8 - Percepção dos jovens estudantes sobre as abordagens estabelecidas pela escola para o processo educativo promovido por ela (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Por isso, vale lembrar que, embora o acesso dos jovens das camadas populares ao ensino médio tenha sofrido uma ampliação significativa nos últimos anos, no Estado, as trajetórias estudantis e a utilização dos conhecimentos adquiridos na escola vão variar em função das experiências de vida de cada indivíduo (LAHIRE, 2002).

François Dubet (2008, 2003), ao refletir sobre a multiplicação das desigualdades sociais na contemporaneidade, destacou a educação pública como um dos instrumentos desse processo, e aponta seus reflexos no mundo do trabalho.

Como figura cardinal da justiça escolar, a igualdade meritocrática das oportunidades hierarquiza os estudantes em função de seu mérito, como se este fosse suficiente para eliminar as desigualdades sociais, sexuais, étnicas, entre outras que caracterizam os indivíduos. Contudo, a história tem demonstrado que:

[...] a igualdade de oportunidades pode ser de uma grande crueldade para os perdedores de uma competição escolar encarregada de distinguir os indivíduos segundo seus méritos. Uma escola justa não pode se limitar a selecionar os que tem mais mérito, ela deve também se preocupar com a sorte dos vencidos. Ora, a igualdade das oportunidades no estado quimicamente puro não preserva necessariamente os vencidos da humilhação do fracasso e do sentimento de mediocridade. A meritocracia pode se tornar totalmente intolerável quando associa o orgulho dos ganhadores ao desprezo pelos perdedores. O abandono e a violência de um grande número de alunos mostram hoje que esse cenário não é uma ficção (DUBET, 2008, p. 10-11).

A compreensão desta afirmação do autor passa pelo entendimento da dinâmica de socialização que ocorre na escola e suas implicações. Como primeiro ponto, tem-se o fato do

estudante ser orientado em função de suas incompetências e da distância relativa ao “modelo de excelência” que deve orientar seu percurso educativo de modo a atingir o mérito socialmente esperado. Neste contexto, o papel assumido pelos professores é o de agente de seleção social, passando os conteúdos escolares a funcionar como suportes de seleção, enquanto os estudantes trabalham principalmente pela recompensa da nota.

Tal processo, contudo, não está condicionado pelo nível dos alunos, mas pelo limiar de excelência que é constantemente reajustado para o atendimento de demandas oriundas da conjuntura em que se insere a escola enquanto instituição social. Como resultado, tem-se um contingente de vencidos desprotegidos do desprezo dos vencedores.

É ainda na escola que os vencidos se confrontam com sua própria nulidade, uma vez que ao interiorizar suas limitações, estas se converte em estigma, que leva o estudante a aceitar sua sorte bem como o julgamento que o invalida, levando-o a abandonar o sistema ou protestar agredindo seus juízes. Sob esta ótica, a violência escolar

[...] não é unicamente um produto da crise social e da delinquência dos alunos; quando é antiescolar, ela é também uma resposta à violência muito particular à qual se submetem os alunos levados a perder a autoestima, fazendo voltar o estigma contra aqueles que os estigmatizaram. (DUBET, 2008, p.104)

Neste contexto, percebe-se facilmente que o aspecto que mais afeta os estudantes é o deslocamento dos julgamentos centrados no desempenho escolar para o julgamento centrado no indivíduo, que passa a ser negado, desprezado e invalidado enquanto sujeito.

Ampliando a perspectiva desta reflexão, é possível identificar que a tarefa da educação não se restringe então a assegurar a conformidade de condutas, mas sim a de promover o engajamento dos jovens numa escolaridade eficaz e socialmente útil. Deste modo, o controle social que se estabelece não se volta para a conformidade moral dos indivíduos, ele visa sobretudo garantir o êxito escolar e conseqüente autonomia pessoal e integração social (DUBET, 2008), ou melhor, integração à sociedade de mercado. Tem-se assim um processo socializador voltado ao controle social e regulação.

É possível, então, entender que, tanto a estrutura do sistema escolar como as desigualdades dele advindas, tem conseqüências significativas sobre as desigualdades sociais e, conseqüentemente, sobre a mobilidade dos indivíduos no curso de sua vida profissional.

De acordo com Dubet (2008, p. 100), “o fracasso escolar é o prelúdio de uma exclusão social”. Tal processo se inicia quando, “ao perceberem a pouca utilidade de sua formação

escolar”, os estudantes passam a não se empenhar nos estudos para obtenção de um diploma (certificado) que “não os leva a lugar nenhum”, principalmente quando são consideradas as transformações pelas quais vem passando o mundo do trabalho.

4.3 O MUNDO DO TRABALHO

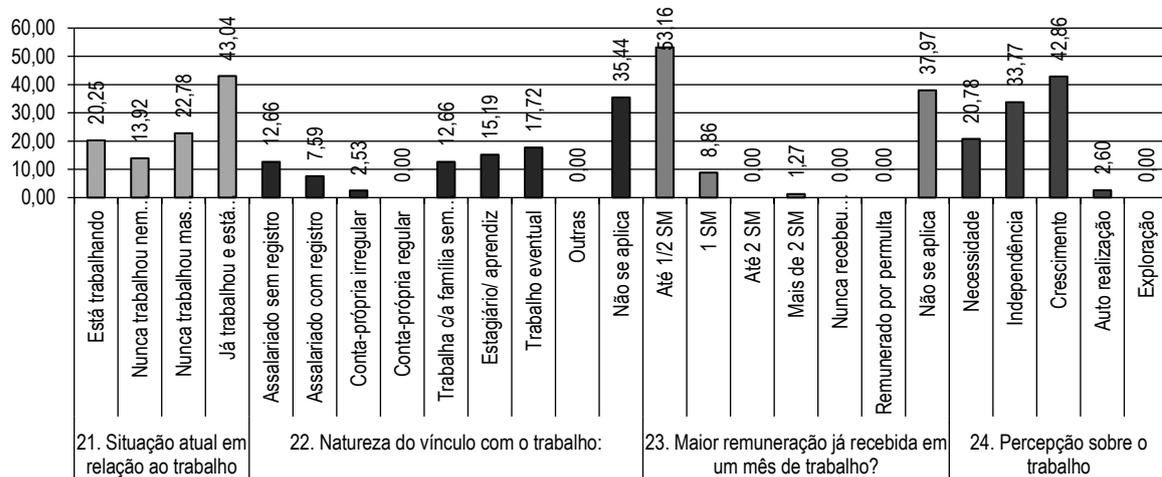
Nascidos na condição histórica de “camponeses desenraizados”, os jovens pobres das periferias estão reduzidos unicamente a vendedores da força de trabalho que, na contemporaneidade, constitui-se em condição social de extrema incerteza e vulnerabilidade. Trata-se, portanto, de um grupo em constante busca do meio seguro de inclusão na sociedade - o trabalho enquanto via para construção de modos de vida - que, para a maioria deles (42,86%) assume a conotação de crescimento, para alguns (33,77%) de independência e para outros (20,78%) representa, ainda, uma necessidade, como meio provedor de recursos. Por outro lado, chama atenção o fato de apenas 2,60% dos estudantes ouvidos perceberem o trabalho como um fator promotor de auto realização, o que pode ser atribuído à natureza dos trabalhos por eles desempenhados e às condições sobre as quais trabalham (Gráfico 9.a).

Tais resultados vêm então reafirmar o trabalho juvenil como “condição para maior autonomia e liberdade em relação à família, pela possibilidade de consumo de bens e pela garantia de um mínimo de lazer, enfim, é o trabalho que possibilita a vivência da própria condição juvenil” (DAYRELL, 2002, p. 122); justificando-se, assim, o fato de que 63,29% dos estudantes entrevistados já estavam participando efetivamente do mundo do trabalho, embora 43,04% deles estivessem desempregados por ocasião da aplicação da enquete. Vale registrar que, além daqueles, 22,78% encontravam-se no momento da pesquisa buscando seu primeiro emprego (Gráfico 9.a).

Sobre as formas de inserção juvenil no mundo do trabalho, o Gráfico 9.a destacou entre elas a predominância dos trabalhos eventuais ou “bicos” (17,72%), seguida dos estágios remunerados (15,19%), trabalhos assalariados sem registro (12,66%) e o trabalho com a família sem remuneração fixa (12,66%). Tais resultados sugerem, portanto, que as políticas públicas voltadas para o acesso ao primeiro emprego - principalmente na condição de estagiários ou aprendizes - têm favorecido a inserção regular dos jovens no mercado de trabalho, apesar de

não atenderem plenamente às demandas deste público, que fica predominantemente submetido ao trabalho precário.

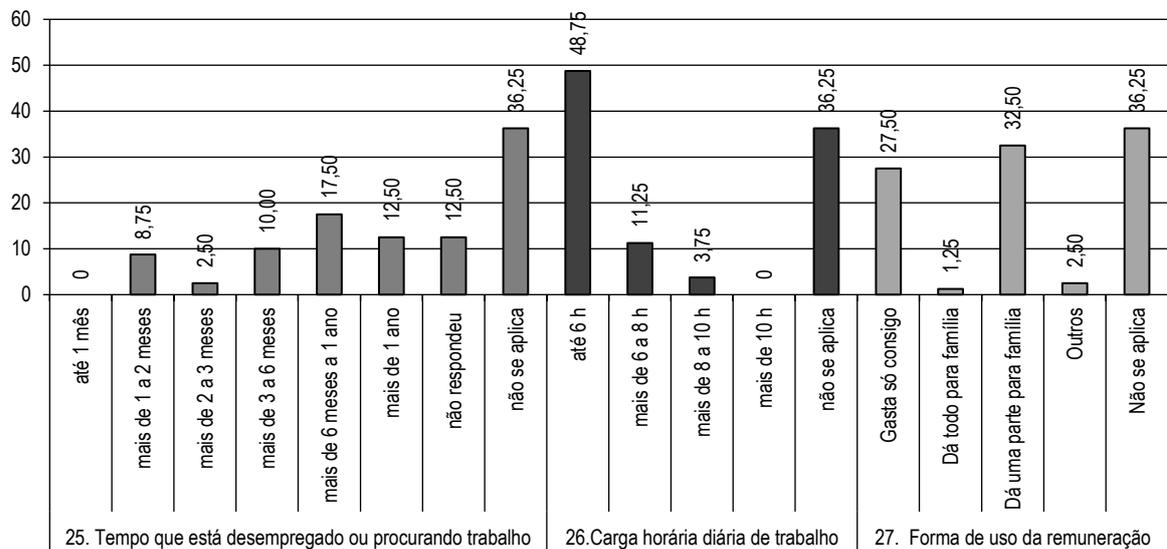
Gráfico 9.a - Caracterização dos jovens estudantes em relação à situação atual, natureza do vínculo, remuneração e percepção sobre o trabalho (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Com relação à remuneração, os Gráficos 9.a e 9.b informam respectivamente que a faixa de renda percebida pela maioria dos jovens entrevistados, já inseridos no mundo do trabalho, gira em torno de até meio salário mínimo (53,16%) pelo cumprimento de uma carga horária de trabalho diária de até seis horas (48,75%). Chama a atenção o fato de que, embora 8,86% dos entrevistados tenham declarado a remuneração mensal de um salário mínimo e 1,27% de mais de dois salários mínimos, 11,25% dos jovens afirmaram trabalhar mais de seis a oito horas diárias e 3,75% mais de oito a dez horas diárias, o que denuncia um percentual de 4,87% de estudantes com uma carga de trabalho excessiva em relação à remuneração recebida, caracterizando uma condição de exploração do trabalho juvenil – conforme estabelecido na legislação trabalhista -, que pode também estar relacionada ao trabalho com a família sem remuneração fixa e com o trabalho por conta própria. Em tais condições, na maioria das vezes, são comuns os prejuízos relativos aos estudos, que culminam com o baixo aprendizado, a repetência e até mesmo a evasão escolar.

Torna-se importante registrar que os recursos advindos do trabalho juvenil eram, em 32,50% dos casos, partilhados com a família, visando a manutenção do grupo; enquanto que para outros 27,50%, os recursos visavam apenas suprir os gastos pessoais dos jovens, o que não deixa de representar um ganho para a economia do grupo familiar. Por outro lado, para 1,25% dos jovens (provavelmente os mais pobres), os recursos oriundos do trabalho eram totalmente revertidos para manutenção do grupo de referência (Gráfico 9.b).

Gráfico 9.b - Caracterização dos jovens estudantes quanto ao tempo de desemprego, carga horária diária de trabalho, e forma de uso da remuneração - Subúrbio Ferroviário - Salvador -BA/ 2015.

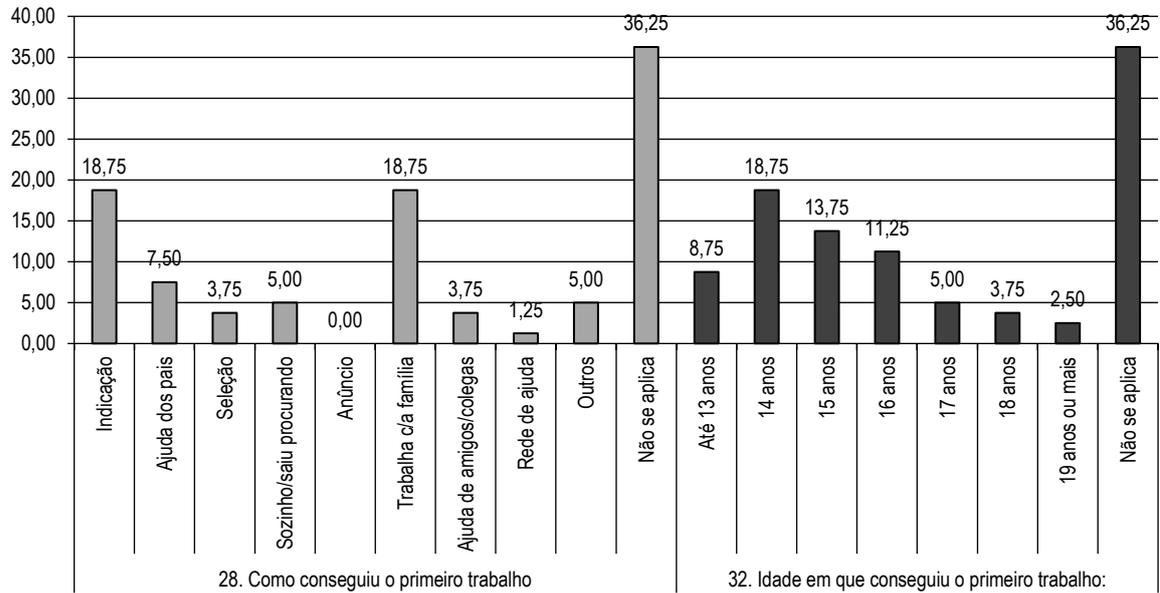


Outro aspecto elucidado pelo Gráfico 9.b é o tempo que os jovens levam desempregados até se recolocarem. Segundo os resultados, 17,50% deles declararam um período médio entre seis meses a um ano, seguidos dos 12,50% que declararam estar desempregados a mais de um ano e dos 10,00% cuja espera média era de mais de três a seis meses. Tal variação pode estar relacionada à idade dos jovens, às experiências acumuladas e, principalmente, à atuação das redes de relacionamentos e de suas famílias.

Sobre os meios de acesso ao mundo do trabalho, o Gráfico 10.a informa que o ingresso dos jovens no primeiro emprego ocorreu logo que eles atingiram o limite legal para o trabalho, ou seja, 14 anos (18,75%), existindo porém aqueles que declararam trabalhar desde a idade de 13 anos (8,75%). Outro aspecto que denuncia a precocidade de ingresso dos jovens estudados no mundo do trabalho, é a marcante redução do percentual daqueles que ingressam no primeiro emprego a partir dos 16 anos.

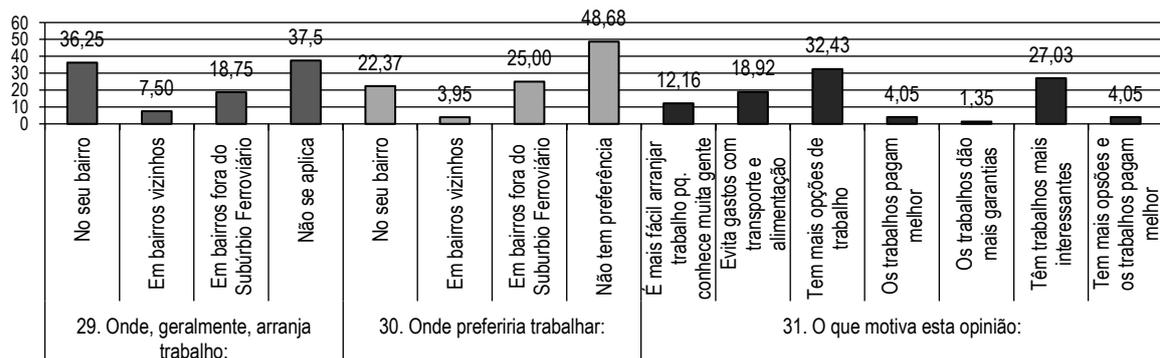
O Gráfico 10.a também chama a atenção para o percentual de jovens ouvidos (18,75%) que se inseriram no mundo do trabalho a partir de atividades com a própria família ou por meio de indicações advindas das redes de relacionamento (18,75%), destacando-se também a ajuda dos pais na localização de oportunidades de trabalho para os filhos (7,50%).

Gráfico 10.a - Caracterização dos jovens estudantes quanto à via e a idade com a qual conseguiram o primeiro trabalho (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Segundo os estudantes, os trabalhos conseguidos por eles situavam-se principalmente no próprio bairro (36,25%) e em bairros vizinhos (7,50%), existindo também um percentual significativo daqueles que conseguiam se empregar fora do Subúrbio Ferroviário (18,75%). No entanto, a localização dos empregos era principalmente determinada por questões circunstanciais, já que, para 48,68% dos entrevistados, este não era um aspecto relevante. Por outro lado, para 26,32% dos jovens, a preferência era por empregos próximos ao local de moradia, principalmente em função dos custos com deslocamento e alimentação, bem como a facilidade de acesso a estes, devido ao apoio das redes de relacionamento. Já para outros 25,00%, a preferência estava voltada para os empregos fora do Subúrbio Ferroviário, por acreditarem numa variedade maior de opções, além de mais interessantes (Gráfico 10.b), tanto do ponto de vista financeiro como em termos de possibilidades de novos aprendizados.

Gráfico 10.b - Caracterização dos jovens estudantes quanto ao perímetro onde trabalham e desejam trabalhar (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

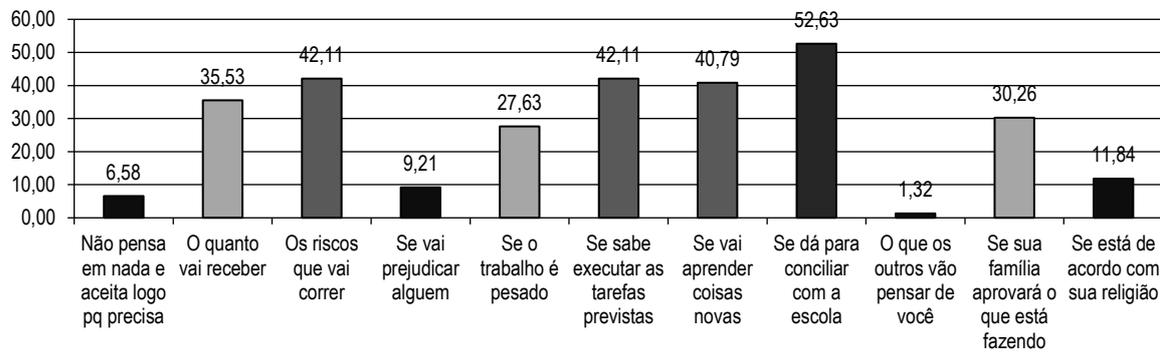


Tendo em vista os aspectos considerados pelos jovens para aceitação de uma proposta de trabalho (Gráfico 11), constatou-se que, embora a remuneração seja um atrativo importante para 35,53% deles, o interesse pela aquisição de novos conhecimentos mostrou-se uma prioridade para 40,79%. Associado a isto, tem-se o interesse em conciliar o trabalho com os estudos (52,63%) e a preocupação de saber executar as tarefas previstas (42,11%). Logo, os dados revelam que, mais que um meio para aquisição de recursos financeiros, o trabalho é percebido pelos jovens (especificamente nesta fase de suas vidas) como uma via para o aprendizado, sendo um componente importante do seu processo educativo e de preparação para a vida adulta.

O Gráfico 11 também permitiu observar que existe uma preocupação significativa entre os jovens (42,11%) relativa à exposição a riscos de natureza física ou moral; à natureza do trabalho no que se refere à demanda de esforços físicos excessivos (27,63%); e à aprovação dos pais (30,26%), o que demonstra, por parte deles, maior consciência em relação aos processos de exploração juvenil no mundo do trabalho e uma atuação mais efetiva das famílias no sentido de protegê-los. Também foram reveladas preocupações de caráter moral quando 11,84% dos estudantes afirmaram considerar a compatibilidade do trabalho com os princípios de sua religião e 9,21% afirmaram que, antes de aceitar um trabalho, avaliam se este será fonte de prejuízos para outras pessoas. Constata-se, assim que, a participação no mundo do trabalho representa também para os jovens um meio de aquisição de “valor pessoal” que lhe permite inclusive transitar com maior segurança entre as diferentes instâncias da sociedade.

No entanto, torna-se importante ressaltar uma parcela de 6,58% dos jovens entrevistados que afirmaram aceitar qualquer proposta de trabalho, sem fazer qualquer tipo de reflexão, devido à “necessidade” – que pode ser real, quando se refere ao provimento das condições de existência humana; mas que também pode ser resultado de condicionamentos sociais, como a moda, por exemplo. Trata-se de um dado preocupante que, traduzido de forma mais objetiva, demonstra que, no universo dos oitenta estudantes entrevistados, pelo menos cinco deles estariam dispostos a assumir qualquer risco, inclusive o de prejudicar outras pessoas, para terem acesso a recursos financeiros. Surgem então algumas questões: seriam estes jovens os mais pobres do grupo? Seria esta postura apoiada ou estimulada pela família? Estariam estes jovens mais sujeitos à condição de desviantes? O que dá sentido à vida desses jovens?

Gráfico 11 - Os três principais aspectos que o jovem estudante leva em consideração para aceitar um trabalho (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Sujeito constantemente ao assédio das diferentes mídias, o jovem da periferia é capturado, pela sociedade que o rejeita, como consumidor marginal, já que suas necessidades se limitam ao que pode ser satisfeito pelo resíduo do sistema a que tem acesso. Este processo se insere, segundo Martins (2008), na grande mudança social estabelecida a partir da consolidação, nos anos de 1950 do século XX, do ideal da ascensão social dos pobres por meio do trabalho, o qual estabelece que:

[...] a ascensão, nos grandes centros onde se acumula a pobreza, já não passa pela mediação da propriedade imobiliária e pelo enraizamento, como outrora. Agora passa pelo consumo e pela propriedade mobiliária: o carro, a roupa, os eletrodomésticos. Quase que se pode dizer que houve uma opção consciente pelos signos de consumo em detrimento pelos signos de propriedade, da moradia e da alimentação (MARTINS, 2008, p. 35-36).

E, parafraseando o mesmo autor, pode-se afirmar que a juventude da periferia descobriu uma característica fundante na sociedade contemporânea, a da realidade social como máscara, passando a incorporá-la e, através dela, realizar sua plena e impotente integração social, negando, inclusive, sua condição de excluída. Sendo assim, a função dos objetos de consumo na vida desses jovens passa a ser a de elementos agregadores de valor social aos seus portadores (MARTINS, 2008; COSTA, 2004); tornando-se a aquisição incessante de novos produtos uma “demanda imaginária” tão premente quanto as “necessidades biológicas”, uma vez que, sendo o homem um ser eminentemente sociocultural, a necessidade de prestígio social e renovação do prazer tem valor significativo como fator de equilíbrio emocional (COSTA, 2004).

O fato é que os pobres, assim como as classes sociais superiores, perceberam que, na contemporaneidade, o consumo ostensivo é via de afirmação e definição de identidade. Esta, por sua vez, compreende um meio manipulável de realização pessoal, onde cada um é o que aparenta e não o que é “de fato”.

A partir deste contexto, associado à tradição de valorização do trabalho, enquanto processo educativo, advinda da cultura campezina, criou-se para esses jovens um ambiente estimulante ao ingresso precoce no mundo do trabalho. Este fato, ao ser confrontado com a incapacidade atual da escola em socializar os jovens devido à perda de seu monopólio das referências identitárias (DUBET, 1994), leva à concordância com Guimarães (2008), quando ela afirma que o imaginário desses jovens está fortemente marcado, sob diferentes sentidos, pela importância do trabalho em suas vidas cotidianas.

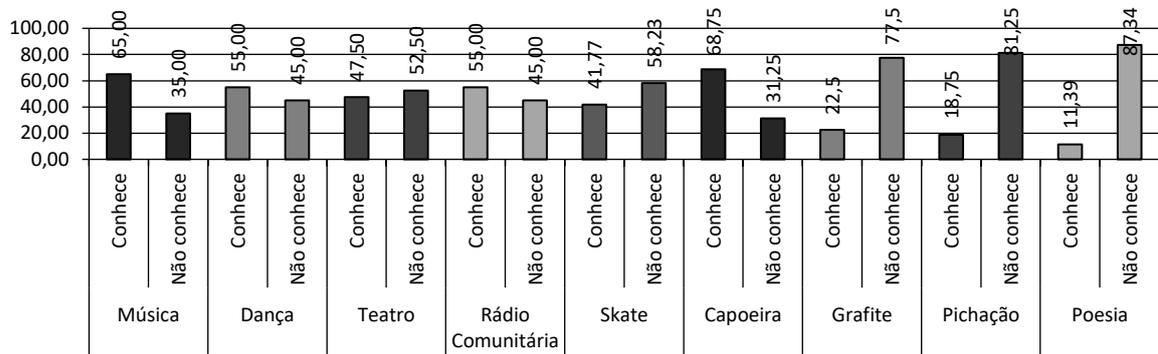
Sendo assim, independentemente dos processos de transformação que redefiniram o lugar do trabalho na configuração dos modos de vida dos indivíduos e das dinâmicas da sociedade, para os jovens trabalhadores brasileiros, representados socialmente como quase-adultos (GUIMARÃES, 2008) – em especial aqueles jovens pobres, de raiz cultural camponesa e que vivem nas periferias urbanas -, esta categoria ainda se preserva passível de atenção e estudos, em especial, como componente do processo de socialização secundária em associação com a educação.

4.4 ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO

Em sua trajetória existencial, a partir do momento em que o indivíduo progressivamente ganha autonomia em relação à esfera privada, passa a ampliar sua participação como membro da sociedade, através da inserção em diferentes “submundos” desta mesma sociedade, nos quais desenvolverá novas facetas de sua identidade. É através deste processo de abertura e participação que o indivíduo se descobre, desenvolve potencialidades e estabelece as configurações que vão definir o seu modo de vida. Por esta razão, a identificação dos “submundos” que conferem sentido à vida dos jovens tornou-se fundamental no âmbito deste estudo.

A partir dos dados apresentados no Gráfico 12, foi possível perceber que uma parcela significativa dos jovens estudados conhecia algum grupo cultural atuante no Subúrbio Ferroviário de Salvador, com destaque para os grupos de capoeira (68,75%) – expressão da cultura de matriz africana presente de forma significativa naquele lugar, graças à grande concentração de população negra -, grupos de música (65,00%), de dança (55,00%) e de teatro (47,50%).

Gráfico 12 - Caracterização dos jovens estudantes quanto ao conhecimento de grupos culturais existentes em seus bairros ou comunidades (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Torna-se importante, por isso, comentar a efervescência cultural do Subúrbio Ferroviário, que conta com a atuação de diversos agentes como: grupos, artistas e produtores culturais; escolas e cursinhos de diversas modalidades artísticas; além de ONG's e instituições sociais que desenvolvem projetos nas áreas de formação e produção cultural. Também não é possível deixar de mencionar a importância da reabertura do Centro Cultural de Plataforma em 2007, graças às mobilizações - com manifestos, projetos e articulações políticas - promovidas por artistas e entidades socioculturais suburbanas desde o fechamento do antigo Cineteatro. De 2007 a abril de 2015, o Centro Cultural Plataforma acolheu mais de 1.200 eventos de teatro, dança, música, cinema, entre outros, atingindo um público de aproximadamente 212 mil pessoas.

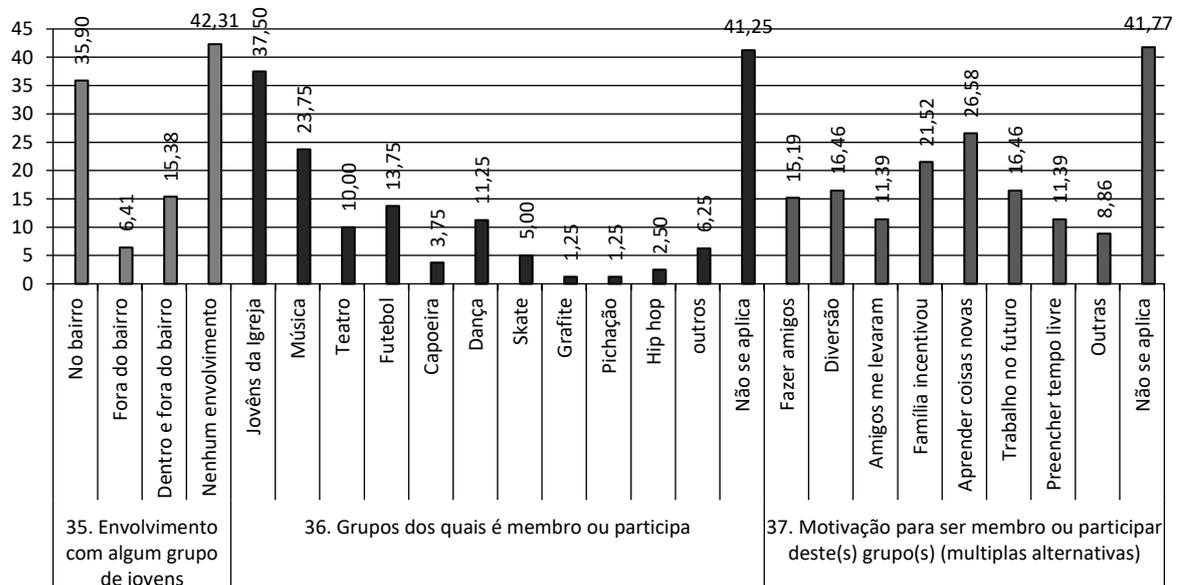
Este processo de luta em torno da reativação do Centro Cultural Plataforma, além de devolver ao lugar um importante aparelho catalisador da cultura local, viabilizou também a criação do Fórum de Arte e Cultura do Subúrbio, que tanto discute a gestão do Centro propriamente dito, como vem trabalhando pela ampliação de uma política cultural para o Subúrbio Ferroviário.

No que se refere à rádio comunitária, causa estranheza o fato de 45% dos jovens entrevistados terem afirmado não conhecerem grupos que trabalhem com rádio comunitária, quando, dentro do colégio onde estudam existe uma rádio que é administrada e operada pelos estudantes. Neste sentido, pode-se atribuir tal resultado a dois aspectos: ou os entrevistados não compreenderam a questão, considerando que esta se referia apenas a grupos externos; ou a falta de envolvimento destes com a atividade na escola, os levou a ignorá-la no momento da resposta. De qualquer forma, a rádio comunitária do Colégio Estadual Dr. Luís Rogério de Souza foi lembrada por 55% dos estudantes entrevistados, o que marca a importância desta para a comunidade escolar.

Para efeito de esclarecimento, a rádio comunitária foi implantada no colégio no ano de 2010 a partir da articulação dos Projetos: “Ensino Médio Inovador”, que custeou os equipamentos, e o “Mais Educação” que custeou a remuneração do monitor (na época, um estudante universitário do Curso de Comunicação) responsável pela orientação da montagem dos equipamentos e capacitação dos estudantes. Esta rádio, que inicialmente funcionou como espaço didático do Eixo de Edu-Comunicação do Projeto Ensino Médio Inovador, era, na ocasião da pesquisa, operada exclusivamente por estudantes que respondiam tanto pela gestão como pela capacitação de outros alunos, visando à continuidade do projeto. Deste modo, criou-se um espaço educativo autônomo, onde os jovens tinham liberdade para desenvolver uma programação composta por conteúdos variados como notícias, música, esporte, radio novelas e um correio que favorecia a expressão juvenil tanto a partir da linguagem e abordagem da programação, como das interações estabelecidas e principalmente da descoberta de novas capacidades.

Contudo, é importante ressaltar que, embora os entrevistados tenham manifestado o conhecimento sobre a existência destes diversos grupos culturais, isso não significou um engajamento ou participação. Ao contrário, a partir do Gráfico 13, percebeu-se que 42,31% dos jovens não tinham envolvimento com qualquer grupo, dentro ou fora de seus bairros. A participação efetiva, quando ocorria, se dava principalmente em grupos sediados em seus bairros, o que pode ser atribuído à dificuldade em custear os deslocamentos ou mesmo por questões ligadas a segurança.

Gráfico 13 - Caracterização dos jovens estudantes quanto ao envolvimento com grupos de jovens existentes dentro ou fora de seus bairros ou comunidades (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Ao serem questionados sobre a natureza dos grupos dos quais participavam 37,50% dos entrevistados informam participar de grupos de jovens de igrejas e 23,75% de grupos de música. Torna-se oportuno esclarecer que a participação nos grupos de jovens de igrejas, em boa parte dos casos, envolve atividades ligadas a música – aprendizado instrumental ou de canto, participação em coros ou bandas que atuam em atos religiosos ou eventos com fins evangelizadores -, o que permite perceber a grande capacidade que as igrejas ainda têm de mobilização juvenil, principalmente nas camadas populares, onde os meios de lazer e cultura são mais limitados.

Expressiva também foi a participação de 13,75% dos jovens ouvidos em grupos ligados à prática do futebol. Parcela importante destes estudantes afirmou, inclusive, estar treinando em escolinhas de base, mantidas por times de futebol oficiais, visando à preparação para o ingresso no futebol profissional. Tem-se, neste caso, o esporte como uma perspectiva profissional importante para muitos destes jovens.

Analisando-se os motivos que levaram os jovens entrevistados a participarem destes grupos culturais, percebe-se que o desejo de aprender coisas novas (26,58%) e o incentivo das famílias (21,52%) influíram de forma significativa em suas decisões, merecendo também destaque a crença de que estas atividades culturais poderão se converter em possibilidades de trabalho no futuro (16,46%), além de funcionarem como diversão (16,46%) e oportunidade de fazer amigos (15,19%). Percebe-se, assim, que os principais fatores de estímulo juvenil são de fato o desejo de aprender e de socializar.

Analisando-se a situação dos jovens estudantes, por ocasião da pesquisa, no que se refere à sua participação em associações ou entidades (Tabela 4), constatou-se mais uma vez o protagonismo dos grupos de caráter religioso no processo de mobilização juvenil uma vez que 40,00% dos entrevistados afirmaram fazer parte de algum desses grupos, e 30,00% deles já havia feito parte. Além disso, reforçando tal perspectiva, 27,50% dos entrevistados (que não faziam parte) também manifestaram interesse em vir a participar de algum grupo religioso. Estes resultados servem para confirmar o pensamento de Simmel (2009) de que a religião, na sociedade, funciona como um agente catalisador da união das partes ao todo, sem que os indivíduos precisem passar pelos processos sociais de competição, diferenciação e divisão do trabalho. Para o autor, a harmonização de um todo heterogêneo torna-se possível pela orientação de todos os participantes no sentido do bem comum. Deste modo:

[...] a unidade social, que resulta das interações, de algum modo se intensifica e se transubstancia numa substância extra social que simboliza de modo perfeito a unidade a que o grupo aspira, mas que nunca alcança na realidade (VANDENBERGHE, 2009, p. xix)

Outras modalidades de associações ou entidades que também despontaram como interessantes para os jovens entrevistados foram aquelas ligadas à defesa do meio ambiente (63,75%); aquelas que integram o movimento negro (57,50%); além daquelas que desenvolvem trabalhos de assistência social (40,00%). Tal resultado demonstra que os interesses juvenis estão ligados a temáticas relacionadas aos problemas vividos por eles no cotidiano, como a degradação ambiental representada pela falta de infraestrutura de saneamento básico e precariedade do sistema de coleta de lixo dos bairros; despejo de dejetos industriais, com a consequente poluição da Baía de Todos os Santos, que contribui para o prejuízo às atividades da produção local como a pesca e a mariscagem, além de inviabilizar o uso das praias como áreas de lazer; sem falar do desmoronamento de encostas no período das chuvas, entre outros aspectos bem característicos do Subúrbio Ferroviário de Salvador.

Tabela 4 - Caracterização dos jovens estudantes em relação à situação atual em termos de participação em associações e ou entidades (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

Associações/ Entidades	Situação atual em termos de participação			
	Faz parte	Já fez parte	Não faz parte, mas gostaria	Nunca fez parte, nem gostaria
Clube/associação esportiva/escolinha	11,25	35,00	27,50	26,25
Grupo religioso	40,00	30,00	11,25	18,75
Grupo de defesa do meio ambiente	0,00	7,50	63,75	28,75
Centro/ associação/grêmio estudantil	0,00	1,25	30,00	68,75
Associação de bairro	0,00	5,00	15,00	80,00
Grupo ligado ao movimento negro	0,00	2,50	57,50	40,00
Organização de mulheres	0,00	2,50	25,00	72,50
Cooperativas de produção	2,50	3,75	30,00	63,75
Grupos de assistência social	2,50	11,25	40,00	46,25
Partidos políticos	0,00	1,25	5,00	93,75
Outras	2,94	8,82	38,24	50,00

Com referência ao interesse dos jovens pelas temáticas presentes nas pautas do movimento negro, dois aspectos merecem ser comentados. Por um lado, tem-se a percepção da identificação dos jovens com as lutas contra o preconceito racial que, no seu bojo, incorporam toda uma gama de lutas por direitos historicamente negados à população negra, e que penalizam de forma marcante a população do Subúrbio Ferroviário de Salvador, submetida a um processo histórico de segregação espacial e estigmatização. Por outro lado, no entanto, registrou-se uma

parcela de 40,00% de jovens que afirmaram o total desinteresse por participar de instituições ou associações ligadas ao movimento negro, apesar de reconhecerem e endossarem muitas de suas lutas. Tal posicionamento, segundo depoimento desses jovens, relaciona-se a questões de caráter religioso, uma vez que sendo uma população de maioria evangélica, esta não se coaduna com a defesa, preservação e prática das religiões de matriz africana.

Já o interesse em participar em associações e instituições de assistência social pode ser atribuído ao sentido de solidariedade característico das populações mais pobres, bem como ao sentido de comunidade, típico da cultura rural e que ainda impregna a população do Subúrbio Ferroviário, podendo mesmo ser apontado como um importante fator de coesão social.

Ainda na Tabela 4, é importante registrar o marcante desinteresse dos jovens entrevistados em participar de associações ou instituições ligadas a representação política. Tal rejeição se dá tanto ao nível local, em relação aos centros, associações ou grêmios estudantis (68,75%) e as associações de bairro (80,00%), como, em um nível mais amplo, em relação aos partidos políticos (93,75%). Tal fato pode ser interpretado como um descrédito dos jovens em relação aos meios da política tradicional, podendo sugerir também a necessidade de uma compreensão mais específica deste fato, que acaba por suscitar questões como: Que tipo de consciência política vem se estabelecendo entre estes jovens? Que forma de representação responderia às suas expectativas a ponto de mobilizá-los?

Analisando de forma específica a relação entre a participação nas organizações de mulheres e o sexo (Tabela 5), percebe-se no grupo estudado que não existe participação das moças, e o desinteresse em participar (33,75%) apresentou-se superior ao interesse (25,00%), o que pode reforçar os resultados anteriores, demonstrando o descrédito dos jovens em relação à organização popular como instrumento de luta por direitos.

Considerando-se a participação dos jovens em atividades de natureza política (Tabela 6), constata-se que ela se restringe principalmente à leitura ou a assistir aos noticiários sobre política eventualmente (65,00%); conversas esporádicas sobre política (33,75%); e, às vezes, a assinatura de manifestos de protesto ou reivindicação (25,00%); além da participação também eventual em associações ou grupos para resolver problemas do bairro (13,75%). Estes dados vêm reforçar aqueles apresentados na Tabela 4, relativos à participação em associações ou instituições de representação política. Neste contexto, percebe-se a influência da “mídia popular” na formação e/ou “deformação” da consciência política juvenil, criando um contingente de indivíduos manipuláveis pelos jogos de interesse mais amplos. Tal afirmação

pode ser respaldada pela visão expressa pelos jovens entrevistados sobre a relação entre a política e o cidadão comum (Gráfico 14), a partir da qual ficou claro que, para a maioria destes jovens, a política tem forte influência em suas vidas (53,75%), enquanto que eles têm pouca (37,50%) ou nenhuma (38,75%) influência sobre a política.

Tabela 5 - Caracterização dos jovens estudantes com base na relação entre participação em organização de mulheres e sexo Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

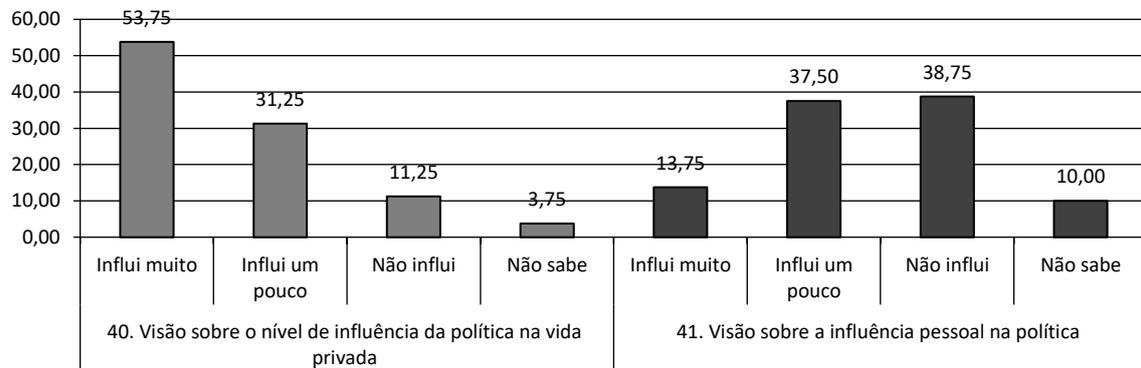
Organização de Mulheres			
Condição de participação	Sexo	Total (und)	%
Faz Parte	Masc.	0	0,00
	Fem.	0	0,00
Já fez parte	Masc.	0	0,00
	Fem.	2	2,50
Não faz parte mas gostaria	Masc.	0	0,00
	Fem.	20	25,00
Nunca fez parte nem gostaria	Masc.	31	38,75
	Fem.	27	33,75

Tabela 6 - Caracterização dos jovens estudantes quanto à participação em atividades de natureza política (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

Atividades	Participa em atividades ligadas a política		
	Sempre	As vezes	Nunca
Lê ou assiste noticiário sobre política	8,75	65,00	26,25
Conversa sobre política	7,50	33,75	57,50
Tenta convencer os outros a votar no seu candidato	5,00	8,75	86,25
Assina manifestos de protesto ou reivindicação	1,25	25,00	73,75
Trabalha como voluntário para candidato ou partido	0,00	10,00	90,00
Participa de associações ou grupos p/ resolver problemas do bairro	1,25	13,75	85,00
Participa de movimentos ou causas sociais	1,25	6,25	92,50
Participa de manifestações a favor ou contra o governo	1,25	6,25	92,50
Faz pedidos a políticos ou funcionários públicos	1,25	6,25	92,50
Participa de reuniões de partidos políticos	0,00	3,75	96,25
Participa de alguma outra atividade política	0,00	1,25	98,75

Percebe-se, assim, a eficácia dos processos de desmobilização social promovidos pela mídia, bem como pela falta de participação em espaços socializadores que promovam a formação política e cidadã destes jovens.

Gráfico 14 - Caracterização dos jovens estudantes quanto a visão relativa à relação entre política e cidadão comum (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Ao avaliar-se o nível de confiança dos entrevistados nas instituições (Tabela 7), é perceptível que este está diretamente ligado ao nível de proximidade que os jovens têm de cada instituição. Tal fato pode ser atribuído à real possibilidade que eles têm de conhecimento e compreensão da dinâmica de ação de cada instituição e suas repercussões diretas e indiretas em suas vidas.

Sob esta ótica, no contexto das instituições mais próximas e de natureza “comunitária”, chama atenção o gradiente que ocorre na família nuclear, cujo nível de confiabilidade decresce da confiança total (65,00%), passando pela confiança relativa (31,35%) até atingir seu nível mínimo, quando 2,50% dos entrevistados afirmaram não confiarem em suas famílias. Tais dados podem ser um indicativo do nível de conflito familiar – muitas vezes de caráter geracional - enfrentado pelos entrevistados, e que repercute diretamente na confiança deles em relação à família. Também é possível notar que, à medida que se ampliam os vínculos de parentela, também decrescem os níveis de confiabilidade. Já em relação aos vizinhos, o gradiente de confiabilidade ocorre no sentido oposto àquele da família, partindo de um baixo nível de confiança total (1,25%) para um elevado nível de total desconfiança (65,00%), resultado que, segundo informações complementares colhidas junto aos jovens entrevistados, se deve ao fato de nestas comunidades perpetuar-se o costume da “fofoca maledicente” que contribui muitas vezes para desavenças e inimizades. Tal peculiaridade, bastante comum nos meios populares, pode ser caracterizada como um fator de desagregação dos vínculos de sociabilidade nestas populações, podendo mesmo evoluir para situações de conflito e violência (ELIAS e SCOTSON, 2000).

No que se refere às instituições de cunho religioso – Igrejas Católicas e Evangélicas e seus representantes –, constata-se uma elevada relação de confiança, principalmente para com

as Igrejas Evangélicas – confiança total (30,00%) e desconfiança total (13,75%) –, independente da filiação do entrevistado, o que reflete o efeito do trabalho efetivo de envolvimento da juventude suburbana desenvolvido por estas instituições. Outra repercussão deste trabalho é o elevado nível de desconfiança dos jovens em relação aos representantes das religiões de matriz africana (88,75%), revelando o afastamento ou até mesmo a negação desta religiosidade ancestral pela maioria dos jovens entrevistados. Tem-se, neste sentido, um efeito claro do processo de “demonização” destas religiões, como expressão clara do preconceito religioso que vem se exacerbando nos últimos tempos entre os jovens.

Tabela 7 - Caracterização dos jovens estudantes quanto ao nível de confiança nas instituições (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

Natureza das instituições	Instituição	Nível de Confiança			
		Confia totalmente	Confia até certo ponto	Não confia	Não sabe/não respondeu
Comunitária	Família	65,00	31,35	2,50	1,25
	Outros parentes	16,25	57,50	25,00	1,25
	Vizinhos	1,25	33,75	65,00	0,00
Religiosa	Igrejas e padres católicos	21,25	50,00	23,75	5,00
	Igrejas e pastores evangélicos	30,00	55,00	13,75	1,25
	Mães/ Pais de Santo	1,25	7,50	88,75	2,50
Educacional	Professores	17,50	63,75	13,75	5,00
	Colegas de escola	16,25	70,00	12,50	1,25
Profissional	Colegas de trabalho	6,25	56,25	32,50	5,00
Representação local	Associações de bairro	6,25	45,00	42,50	6,25
	Movimentos populares	3,75	37,50	51,25	7,50
	Conselhos Tutelares	18,75	53,75	22,50	5,00
Segurança	Polícia Militar	11,25	36,25	47,50	5,00
	Polícia Civil	8,75	45,00	41,25	5,00
	Militares das Forças Armadas	10,00	42,50	41,25	6,25
Justiça	Juízes dos tribunais de justiça	20,00	45,00	30,00	5,00
	Promotores e procuradores do Ministério Público	6,25	43,75	40,00	10,00
Representação Política Oficial	Vereadores de sua cidade	1,25	25,00	67,50	6,25
	Deputados e Senadores do Congresso Nacional	1,25	22,50	71,25	5,00
	Governo Federal	6,25	37,50	50,00	6,25
	Partidos políticos	0,00	25,00	68,75	6,25

No âmbito da comunidade escolar, constata-se uma confiança relativa dos entrevistados tanto em relação aos professores (63,67%) como em relação aos colegas (70,00%). Chama atenção, contudo, o fato de cerca de 14% dos entrevistados afirmarem não confiarem em seus professores, levando a uma reflexão sobre o tipo de processo educativo estabelecido entre estes dois agentes (educador e educando) e quais os seus efeitos na construção do sentido da escola e da educação em si para estes jovens. Tem-se aí um dado que vai além da competência técnica dos professores para transmitir conhecimentos, passando principalmente pela capacidade de relacionamento humano que proporciona sentido à convivência diária no ambiente escolar.

Com referência às instituições de representação local, percebeu-se um elevado nível de desconfiança por parte dos entrevistados, resultado que pode inclusive servir para justificar o baixo nível de participação nas mesmas, apresentado pela Tabela 4. No entanto, chama a atenção os dados relativos à confiança nos Conselhos Tutelares, por apresentarem valores de confiabilidade mais elevados – confiança total (18,75%) e confiança relativa (53,75%) –, o que se deve, segundo os entrevistados, ao fato desta instituição ter uma atuação efetiva junto à população do Subúrbio Ferroviário, sendo seu trabalho reconhecido como importante na vida de muitas famílias.

Em contrapartida, as instituições ligadas à segurança, justiça e representação política oficial não gozam da confiança de parcelas significativas dos entrevistados. Tal fato reflete claramente a forma como as instituições de segurança se relacionam com as populações periféricas; a dificuldade ou quase inacessibilidade das populações menos favorecidas às instituições de justiça; e a ineficácia histórica da representatividade política oficial em relação aos interesses destas populações.

Analisando-se de forma mais ampla a conjuntura anteriormente construída sobre os jovens entrevistados, desembocamos fatalmente na temática dos preconceitos e/ ou estigmas sociais. De que forma ela é percebida por estes jovens? De maneira geral, o Gráfico 15 nos apresentou valores elevados de percepção negativa por parte dos jovens em relação à discriminação por sexo, idade, cor da pele, aparência, local de moradia e classe social. No entanto, foi muito frequente e evidente, durante a aplicação das enquetes, o alto grau de constrangimento por parte de uma parcela significativa dos jovens em declarar ter sido alvo de algum tipo de discriminação. Neste contexto, apesar dos resultados numéricos apresentados, tornou-se indispensável tecer alguns comentários relativos a este momento específico da pesquisa.

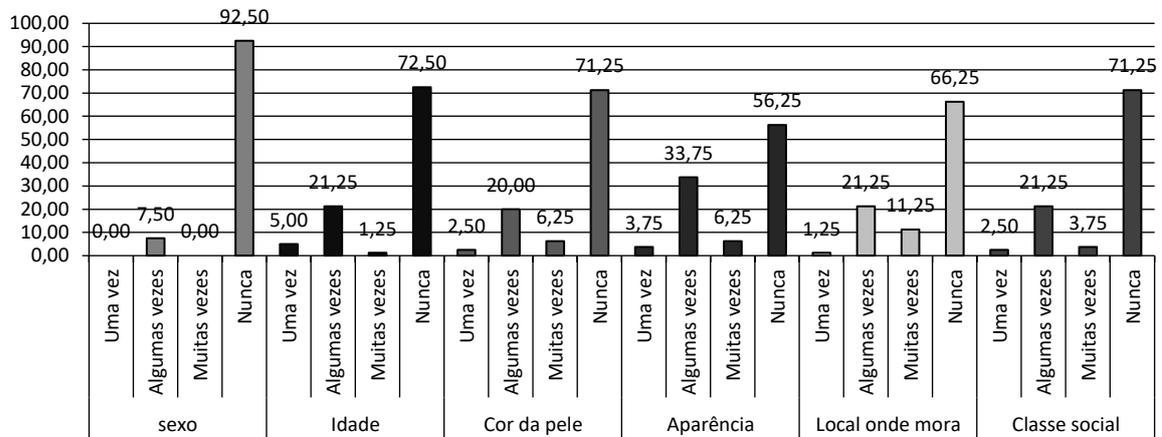
No geral, chamou a atenção o fato dos entrevistados sentirem naturalmente a necessidade de relatar as circunstâncias nas quais se perceberam discriminados, o que para a pesquisa foi bastante oportuno, visto que tais relatos possibilitaram a construção de um quadro que permitiu a constatação de aspectos também de caráter subjetivo do grupo estudado. Neste contexto, ficou claro que as circunstâncias que mais evocavam a humilhação e/ou discriminação para os jovens estavam relacionadas à busca de trabalho e aos momentos de lazer.

Segundo boa parte dos relatos, era durante as entrevistas de emprego que o sexo, a aparência física e, principalmente, o local de moradia funcionavam como demérito na vida destes jovens. Vale, neste caso, a ressalva de que é possível acreditar que, em muitas situações narradas, as variáveis: cor da pele, aparência física e classe social estariam tão relacionadas, que acabavam por confundir-se como causa da discriminação, o que não fica explícito nos resultados numéricos. Tem-se, assim, como uma perspectiva mais coerente a percepção de que o processo discriminatório percebido por estes jovens, ou mesmo ocultado por boa parte deles por constrangimento, baseia-se na conjuntura de suas existências, ou seja: ser pobre e, por isso, destinado a viver numa região menos valorizada da cidade (classificada socialmente como periferia de tendência marginal), pertencente a uma etnia socialmente desvalorizada e discriminada, e cujo fenótipo, associado às limitações financeiras, dificulta muitas vezes o enquadramento nos padrões estabelecidos para aceitação da aparência física. Soma-se ainda à condição juvenil e, em alguns casos, o sexo feminino, e tem-se um retrato socialmente desfavorável para inserção no mercado de trabalho, por agregar estigmas como desonestidade, incompetência, preguiça, entre outros.

Estendendo tal perspectiva aos ambientes públicos de lazer preferidos pelos jovens, como os shoppings, por exemplo, o quadro discriminatório anteriormente apresentado estaria associado a estigmas como violência, agressividade, marginalidade, periculosidade, entre outros, fazendo com que os indivíduos sejam seguidos e vigiados gratuitamente por seguranças, olhados com desconfiança por vendedores, ou outras situações vexatórias que os expõem aos olhares e julgamentos públicos.

Tem-se, então, estabelecido um contexto social cuja hostilidade acaba por funcionar como um fator de segregação sócio espacial, que condiciona estes jovens a optarem muitas vezes por restringir boa parte de suas vidas ao perímetro do subúrbio.

Gráfico 15 - Caracterização dos jovens estudantes quanto à exposição à preconceitos/ estigmas (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Mas este não é um drama que se encerra nos limites do subúrbio. Ele persiste dentro do subúrbio e, em especial, dentro da escola, quando estes jovens sofrem *bullying*, sendo discriminados pela cor da pele (por serem mais negros ou mais brancos do que aqueles que os atacam), pela aparência (tipo de cabelo, ser magro ou gordo demais, entre outras características) ou outros aspectos que passam a ser o objeto deste processo de tortura psicológica tão em evidência na atualidade nos meios juvenis.

[...] estudos demonstram que ser diferente é um pretexto para que o autor do *bullying* satisfaça sua necessidade de agredir, ofender e humilhar alguém. Os agressores buscam em suas vítimas algumas diferenças em relação ao grupo no qual estão inseridos. Ou seja, a prática de *bullying* constitui-se numa prática de preconceito, de rejeição perversa, que priva o indivíduo considerado diferente e inferior, de sua dignidade e de seu direito de participar e existir socialmente (ROCHA, 2012, p. 74-75).

Transcendendo a materialidade da vida cotidiana, a discriminação passou a atuar de forma perversa no mundo virtual, principalmente por meio das redes sociais, onde, segundo vários relatos, os jovens entrevistados foram ofendidos, humilhados e desrespeitados principalmente por serem negros. Em tais situações, o maior agravante se deve à mobilidade das tecnologias digitais, “que faz do *cyberbullying* uma forma de violência invasiva que ameaça os indivíduos em diferentes locais. Portanto, e como não acontecia no *bullying* tradicional, o lar já não é um lugar de refúgio para a vítima”. (ROCHA, 2012, p. 82)

Como pode ser percebido na contemporaneidade, o preconceito não tem mais limites ou fronteiras, da vida material ao universo virtual, todo tempo e espaço da existência destes jovens está passível de ser perturbado por processos discriminatórios que desrespeitam, ferem, agredem e matam a autoestima destes indivíduos, provocando, muitas vezes, graves danos emocionais ou mesmo destruindo perspectivas de vida positivas ao negar direitos e oportunidades.

4.5 FRUIÇÃO, CULTURA E LAZER

A rotina cotidiana de um indivíduo conta muito do que ele é, pois retrata seu lugar social e reflete suas crenças, valores e estratégias para lidar com os desafios da vida. É a partir da rotina cotidiana, composta de obrigações e tempos livres, que se percebem as configurações que se estabelecem entre as diferentes instâncias socializadoras que permeiam seu modo de vida.

No caso dos jovens participantes desta pesquisa, conforme será demonstrado a seguir, quando liberados de suas obrigações cotidianas (estudo e trabalho), o tempo livre é exatamente o intervalo durante o qual expressam a condição juvenil a partir de dinâmicas específicas dotadas de significados próprios. É vivenciando o tempo livre que estes jovens constroem normas e expressões culturais peculiares, além de modos de ser e pensar que os distingue dos adultos (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005).

Contudo, o tempo livre da rotina juvenil não significa especificamente um tempo de lazer, uma vez que este será determinado pelas condições materiais e pelo capital cultural que constitui o indivíduo e a coletividade onde está inserido. Neste sentido, a análise dos tempos livres dos indivíduos possibilita a percepção tanto das suas condições de vida quanto dos processos sociais aos quais está submetido (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005).

[...] ao apresentarem suas atividades de tempo livre, os jovens acabam por circunscreverem estas práticas em um contexto social e cultural específico, fornecendo elementos que possibilitam uma análise mais complexa de seus modos de vida, da construção de suas expressões culturais e interações nas redes de sociabilidade (AMARAL, 2011, p. 91)

Partindo da análise da Tabela 8 - que visou demonstrar de forma sintética como estava estruturada a rotina de atividades semanais desenvolvidas pelos jovens estudados -, os dados apresentados reafirmaram a importância da relação com os amigos como um processo de socialização fundamental no cotidiano juvenil, seja através dos encontros presenciais, ou por meios virtuais. Neste sentido, foi possível supor que estes jovens estavam interligados e compartilhando um cotidiano, praticamente em tempo real, ao longo da semana. Tal convívio poderia mesmo, em algumas situações, superar aquele compartilhado com as famílias, independentemente de estarem dentro de suas casas em boa parte do dia, principalmente no mundo privado de seus quartos, onde o computador e o telefone celular funcionam como portas para as mais variadas “aventuras”.

Segundo Feixa (2005), a ampliação do acesso às tecnologias digitais vem favorecendo uma virtualização das relações juvenis, que se ampliaram tanto em termos geográficos quanto em diversidade de sujeitos. Aliada a este processo, a ampliação do tempo de permanência dos jovens no núcleo familiar de origem, devido às dificuldades de conquista da autonomia financeira, acabou por favorecer um “alongamento da condição juvenil”. Neste contexto, o quarto dos jovens sofreu uma resignificação, passando a constituir-se em espaço de interação com diferentes expressões culturais e onde são vividas manifestações “públicas” a partir de uma esfera privada.

Tabela 8 – Caracterização dos jovens estudantes quanto à estruturação da rotina semanal de atividades que desenvolviam (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

Período da semana	Atividade	Frequência relativa de jovens (%)
Semana toda	Assistir televisão	58,75
	Ouvir rádio	25,00
	Encontrar amigos	62,50
	Ajudar nas tarefas de casa	62,50
	Falar ao telefone	55,00
	Namorar	37,50
	Ler algum livro (não escolar)	33,75
	Jogar futebol	21,25
	Jogar no computador ou usar a internet	78,75
	Usar sites de bate papo ou redes sociais	90,00
	Tocar instrumentos e/ou cantar	33,75
De segunda a sexta-feira	Estudar (fora da escola)	46,25
	Ler jornal	10,00
Final de semana	Ler revistas	15,00
	Praticar outros esportes	16,25
Nunca	Ouvir rádio	40,00
	Ler revistas	67,50
	Namorar	27,50
	Ler algum livro (não escolar)	31,25
	Estudar (fora da escola)	17,50
	Ler jornal	72,50
	Jogar futebol	57,50
	Praticar outros esportes	61,25
	Tocar instrumentos e/ou cantar	46,25

Outra forma importante de relacionamento juvenil, o namoro, também foi assumida pelos entrevistados como um componente diário da rotina semanal (37,50%). Em contrapartida, houve aqueles cujo namoro se dava no ambiente escolar (7,50%), ficando, por isso, restrito aos dias de frequência às aulas. Outros, por sua vez, restringiam o namoro aos finais de semana (27,50%), geralmente os jovens que conciliavam trabalho e estudos. Contudo, chamou atenção o grupo que afirmou nunca namorar (27,50%). Na tentativa de aprofundar a análise destes resultados, avaliou-se a correlação entre as variáveis namoro, sexo, idade e religião, contudo os resultados foram negativos.

No que diz respeito à televisão e, em especial, ao rádio, percebeu-se que, embora tivessem um papel importante na rotina dos jovens entrevistados, eles vinham perdendo espaço. Em relação à televisão, tal fenômeno também foi registrado entre jovens franceses de 15 a 24 anos por Donnat (2009) apud Coulangeon (2014), o que demonstra ser esta uma tendência de ampla abrangência em relação à juventude.

Considerando que a televisão exerce geralmente uma função de agrupamento dos membros da família em torno de programas exibidos em horários fixos, como novelas e noticiários (LARMET, 2003); e tendo em vista que, na maioria dos lares das classes menos favorecidas existe apenas um aparelho de televisão, disposto geralmente na sala para uso geral da família, tal conjuntura passa a despertar certa restrição deste hábito por parte dos jovens que buscam, nesta fase da vida, sua autonomia cultural (GLÉVAREC e PINET, 2003).

O rádio, por sua vez, ao contrário da televisão, se insere entre os jovens como uma “cultura do quarto” (FRITH, 1978), enquanto espaço cultural mais livre em relação ao controle dos pais. No entanto, a partir dos anos 1990, os modos de consumo musical sofreram grande reformulação devido às possibilidades relativas ao *download* pela internet que, ao mesmo tempo em que multiplicaram os locais e suportes de escuta (mp3, celulares...), também aumentaram o lugar da música na vida diária (COULANGEON, 2014).

Neste contexto, também é possível apontar como outro fator promotor do desestímulo ao uso da televisão e do rádio entre os jovens, o fato de além de serem equipamentos cujas funções atualmente podem ser cumpridas pelo computador e telefone celular, a menor interatividade destes meios de comunicação, o que na contemporaneidade passou a ser um requisito importante no que se refere aos jovens.

Destacou-se ainda, na Tabela 8, a leitura de livros (não escolares) como uma das atividades apreciadas pelos entrevistados, o que compreende um aspecto importante, principalmente por pertencerem a famílias de baixo poder aquisitivo e com histórico, em geral, de baixa escolaridade, fatores tidos como desestimulantes deste hábito. No entanto, torna-se importante mencionar o trabalho de estímulo à leitura desenvolvido por algumas escolas da rede pública local, além de Associações Comunitárias, ONGs, entre outras instituições, que criaram e mantêm algumas bibliotecas comunitárias existentes no perímetro do Subúrbio Ferroviário de Salvador (LOURENÇO, 2015). Em contrapartida, a leitura de jornais e revistas mostrou-se mais restrita a pequena parcela dos estudantes entrevistados, devendo este resultado ser melhor discutido mais adiante.

Em relação aos esportes, o futebol salientou-se por ser praticado de forma mais disciplinada ao longo da semana, principalmente por jovens vinculados a clubes esportivos profissionais, que têm em suas “escolinhas” um recurso importante para identificação e preparação de talentos. Para os jovens, isto representava uma oportunidade tanto de realização pessoal, quanto de formação profissional para um futuro próximo. Por outro lado, em relação a outros esportes, a percepção estabelecida a partir dos dados era de que compreendiam principalmente atividades de lazer e/ou forma de expressão cultural de grupos específicos, como é o caso do skate e da capoeira, por exemplo.

A música também se apresentou como uma fonte de fruição, lazer e cultura significativa para os jovens entrevistados, tanto por meio do aprendizado e prática instrumental, quanto do canto. Compreendendo um aspecto expressivo fundamental para as culturas juvenis, em especial por funcionar como parâmetro identitário dos diferentes grupos, a música era muito valorizada pelos jovens e encarada, por alguns, como perspectiva de realização pessoal e profissional. Neste sentido, percebeu-se no Subúrbio Ferroviário uma mobilização juvenil importante em torno de diferentes expressões musicais, como o Rap, que vem se configurando como um movimento popular juvenil, inclusive com representação e pauta reivindicatória (MESSIAS, 2015) e o Gospel, que mobiliza principalmente a juventude das igrejas Evangélicas em torno do trabalho de evangelização local.

Sobre o tempo dedicado aos estudos fora da unidade escolar, percebeu-se que, enquanto 46,25% dos jovens ouvidos mantinham uma rotina sistemática ao longo da semana, outros 17,50% assumiram o fato de nunca estudarem, cumprindo apenas as rotinas de aprendizado desenvolvidas no interior da escola. Os demais adaptavam as condições de estudo às outras

atividades que compunham suas rotinas como, por exemplo, o trabalho, o futebol, cursos complementares, entre outras. Tais dados poderiam ser considerados expressivos se confrontados com o desempenho escolar médio dos jovens estudados, que em geral não superava os níveis medianos.

Por fim, a Tabela 8 também destacou o trabalho doméstico como um componente importante do cotidiano semanal dos jovens estudados. Independente de idade ou sexo, 62,50% deles assumiu a obrigatoriedade de colaboração com as tarefas diárias da casa, principalmente aqueles que não trabalhavam. Os que trabalhavam, em geral, auxiliavam nestas tarefas apenas nos finais de semana.

Sobre este aspecto, vale lembrar que, na cultura das famílias camponesas, o trabalho dos filhos nas atividades domésticas e da produção agrícola tem um cunho educativo importante no processo formativo das novas gerações, o que possibilita a suposição de que esta atividade, na vida dos jovens estudados – cuja maioria pertence a famílias de origem rural - não se relaciona apenas à condição econômica das famílias, visando à liberação da mão de obra dos pais para o trabalho externo, mas constitui-se principalmente em uma expressão cultural.

Tomando-se agora como referência a Tabela 9 – que permite a visualização da periodicidade com que os jovens estudados desenvolviam suas principais atividades de lazer e cultura –, foi possível perceber que a maior parte do tempo livre era vivida por eles no espaço doméstico, fato também registrado por Amaral (2011) em estudo realizado com jovens moradores do Morro Santa Teresa em Porto Alegre.

O contexto de violência que os circunscreve, as restrições quanto à circulação, a carência dos aparatos públicos (como segurança, transporte, iluminação, etc.), a falta de equipamentos coletivos de lazer (praças, quadras esportivas, pistas, etc.) entre outros fatores, acabam por produzir implicações nas suas práticas juvenis. Os jovens não deixam de visitar os amigos e colegas de aula, praticar atividades esportivas na rua ou mesmo sair à noite para alguma festa ou encontro social, mas estas são atividades de pouca regularidade, em geral, coibidas pelas famílias. A maior parte do tempo livre acaba sendo vivido no ambiente doméstico e, em geral, mediado por algum aparato eletrônico. As práticas mais comuns apontadas foram: escutar música, assistir televisão, jogar vídeo game e principalmente utilizar o computador e a internet (Ibidem, p. 92).

Por meio da descrição apresentada pela citação anterior, é possível notar que, embora refira-se a um local geográfico distante do universo deste estudo, a “condição de periferia” por ele encarnada, assim como seus efeitos sobre a juventude, são tão próximos daqueles percebidos nos jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador, que é possível acolhê-la como uma generalização e não uma peculiaridade local.

Tabela 9 – Caracterização dos jovens estudantes quanto à periodicidade com que desenvolvem atividades de lazer e cultura (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

Periodicidade	Atividade	Frequência relativa de jovens (%)
Sempre	Ir à igreja/ cultos religiosos	47,50
	Namorar	41,25
	Assistir TV	72,15
	Ouvir música	93,75
Eventualmente	Dançar/ balada	42,50
	Ir à igreja/ cultos religiosos	47,50
	Praia	82,50
	Shopping	82,50
	Passear no parque ou praça	57,50
	Festas na casa de amigos	73,75
	Ir à lanchonete	71,72
	Cinema	75,00
	Shows de música	58,75
	Assistir futebol no estádio	37,97
	Namorar	46,25
	Teatro	48,75
	Viajar	75,64
Nunca	Dançar / balada	51,25
	Ir a bares com amigos	73,75
	Jogar futebol	56,96
	Shows de música	32,50
	Teatro	46,25

É possível notar, por meio dos dados da Tabela 9, que o fator financeiro é determinante da frequência e do tipo de atividades de lazer e cultura desenvolvidas pelos jovens. Sob esta ótica, constatou-se que as atividades mais frequentes em suas vidas são exatamente aquelas que não demandam recursos financeiros, como ouvir música e assistir televisão, seguidas pela participação em cultos religiosos e pelo namoro.

Com relação às atividades religiosas, constatou-se que elas eram praticadas de forma frequente por 47,50% dos jovens e de forma eventual pelo mesmo percentual, o que significa dizer que, independente da frequência, 95% dos jovens ouvidos desenvolviam atividades religiosas no seu tempo livre, o que reafirma a importância das igrejas como instâncias socializadoras, na medida em que representam espaços de sociabilidade valorizados pelos jovens.

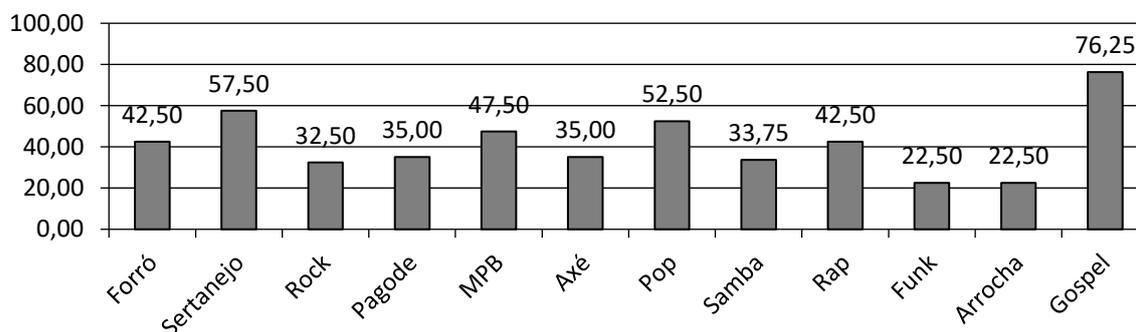
Outro aspecto interessante é o fato de 73,75% dos estudantes afirmarem nunca frequentarem bares, o que pode ser atribuído à influência das religiões sobre seus hábitos. Vale lembrar que 60,00% dos jovens ouvidos são seguidores das religiões evangélicas, que têm por princípio a abstenção em relação ao álcool. Aliado a este fato, foi também relatado pelos jovens que a opção por não frequentarem bares estava também relacionada à segurança, uma vez que,

segundo eles, estes são ambientes onde estão mais vulneráveis ao assédio de traficantes de drogas, à exposição a manifestações de violência e, por isso mesmo, a abordagens policiais.

Com relação ao gosto musical dos estudantes (Gráfico 16) é possível afirmar que é bastante variado, podendo-se destacar tanto a preferência por estilos ligados às raízes camponesas, como o sertanejo e o forró, quanto o interesse por expressões musicais mais urbanas, como o Pop, a MPB e o Rap. No entanto, torna-se importante assinalar a elevada aceitação da música gospel entre os jovens estudados (76,25%), o que mais uma vez vem demonstrar a forte influência das religiões em suas vidas.

No entanto, considerando que a música gospel contemporânea é fruto de um poderoso projeto midiático que contempla diversos gêneros musicais, é possível afirmar que, a despeito do seu conteúdo religioso, o seu nível de preferência entre os jovens estaria, de fato, diluído pelos diversos gêneros musicais elencados no Gráfico 16.

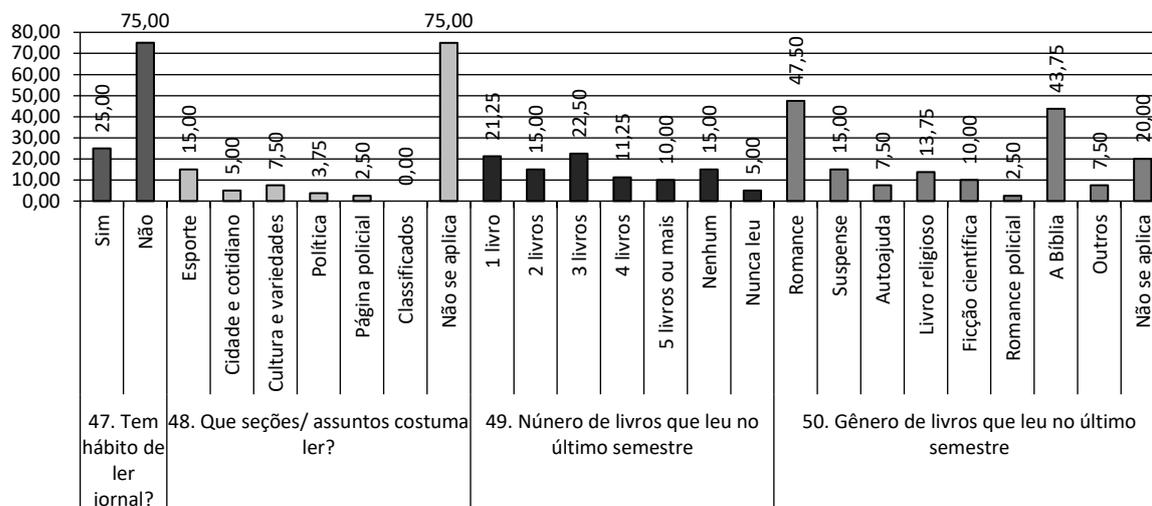
Gráfico 16 - Caracterização dos jovens estudantes quanto preferência musical (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Sobre o hábito de leitura (Gráfico 17), apenas 25,00% dos estudantes afirmaram costumar ler jornais, porém de forma seletiva, com preferência pelas seções de esporte (15,00%), cultura e variedades (7,50%) e cidade e cotidiano (5,00%). Segundo Coulangen (2014, p. 61), “são os usos menos eruditos da leitura que parecem os mais vulneráveis, especialmente nas áreas onde existe a concorrência de outras mídias, em particular a televisão”.

Sobre o volume de leituras no semestre que antecedeu a pesquisa, chama atenção o fato de 22,50% dos entrevistados terem lido três livros e outros 10,00% afirmarem ter lido cinco livros, resultados que se mostram bastante animadores. Entretanto, contrastando com os dados anteriores, foi identificada uma parcela de 5,00% dos jovens ouvidos que nunca leram um livro, fato este que merece algumas considerações.

Gráfico 17 - Caracterização dos jovens estudantes quanto ao acesso à leitura (%) -Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



De acordo com Baudelot, Cartier e Detrez (1999), a leitura entre os jovens em idade escolar assume, em geral, duas funções contrastantes: enquanto para alguns funciona como um suporte ou atividade suplementar às práticas escolares, para outros ela se transforma num meio através do qual podem se esquivar das exigências escolares, contra as quais se constrói o gosto pelos livros. Sobre este aspecto, os autores lembram que, sendo os jovens alunos de escolas públicas, em sua grande maioria, oriundos de um ambiente cultural alheio à definição escolar da leitura tanto nos textos lidos, como nos modos de lê-los, a tentativa de aculturação à leitura erudita acaba por mostrar-se ineficiente, principalmente se for considerada a situação geral das escolas públicas baianas, onde a inexistência de bibliotecas escolares e mesmo de um acervo literário em condições de ser acessado pelos estudantes é quase generalizada. Nesse contexto, vale ainda ressaltar a crescente valorização dos conteúdos escolares relativos à esfera das ciências em detrimento daqueles da esfera das humanidades, ocorrida ao longo do século XX

Em relação aos gêneros de livros lidos pelos jovens no semestre que precedeu a pesquisa, destacaram-se: o romance (47,50%), os livros de suspense (15,00%), livros religiosos (13,75%) e ficção científica (10,00%). Além destes, chamou atenção o elevado percentual de leitores regulares da Bíblia (43,75%), ressaltando mais uma vez a influência religiosa na vida destes jovens.

Tomando-se como referência os tipos de leitura identificados por Mauger e Fossé-Poliak (1998), é possível perceber que os jovens estudados preferem: as leituras de entretenimento – que remetem ao desejo do leitor de evasão de seu ambiente diário e de sua experiência pessoal – a partir dos romances, livros de suspense e ficção científica; as leituras da salvação – voltadas

ao auto aprimoramento, auto transformação e auto superação, normalmente de cunho normativo típico dos textos políticos e, em especial, dos religiosos. Tal peculiaridade torna-se bastante significativa ao ser considerada a conjuntura de vida dos jovens estudados, passando-se a perceber que, para eles, a leitura constitui-se num espaço de subjetivação e busca de sentido.

De acordo com Michèle Petit (2013, p. 17), “quanto mais difícil é o contexto, quanto mais violento, mais é vital manter espaços de respiro, de sonho, de pensamento, de humanidade”, o que se dá a partir da leitura. Durante muito tempo, no Brasil os jovens das camadas populares foram privados da leitura, por não saberem ler; por não terem acesso aos livros; pelo desestímulo gerado pela descrença na utilidade da leitura para aqueles destinados ao trabalho braçal e, principalmente, pelo medo ideológico das insurreições. No entanto, os dados aqui trazidos nos contam sobre mudanças que estão acontecendo e que serão melhor analisadas no capítulo seguinte deste estudo.

Sobre o acesso dos jovens à internet (Gráfico 18), é possível afirmar que ocorria em 100% dos casos. Contudo, para 5,00% deles, este se dá de forma eventual. Sobre os meios de acesso à internet, destacaram-se o celular (87,50%) e o computador pessoal ou familiar (71,25%), o que comprova o aumento da aquisição de meios eletrônicos de comunicação por parte das camadas populares, como resultado das políticas públicas de telecomunicações implementadas na última década no Brasil.

Questionados sobre as três principais razões para acessarem a internet, os jovens apontaram prioritariamente o contato com amigos (73,75%), as pesquisas escolares (61,25%) e diversão (52,50%), o que serve para reforçar as análises anteriores que apontam a internet como um espaço de sociabilidade, educação e lazer indispensável aos jovens das periferias como elemento estruturante de seus modos de vida (Gráfico 18).

Consultados sobre os conteúdos que costumam acessar na internet (Gráfico 19), para 98,75% dos entrevistados destacaram-se as redes sociais, seguidas por músicas (76,25%), filmes (54,75%) e jogos (36,25%), o que corrobora a suposição anteriormente apresentada de que este seria um dos fatores que vem contribuindo para a redução do interesse dos jovens pelo rádio e pela televisão. Entre as redes sociais mais utilizadas pelos entrevistados destacaram-se o *Facebook* (97,50%), *WhatsApp* (76,25%), seguido pelo *Instagram* (35,00%).

Gráfico 18 - Caracterização dos jovens estudantes quanto ao acesso à internet (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

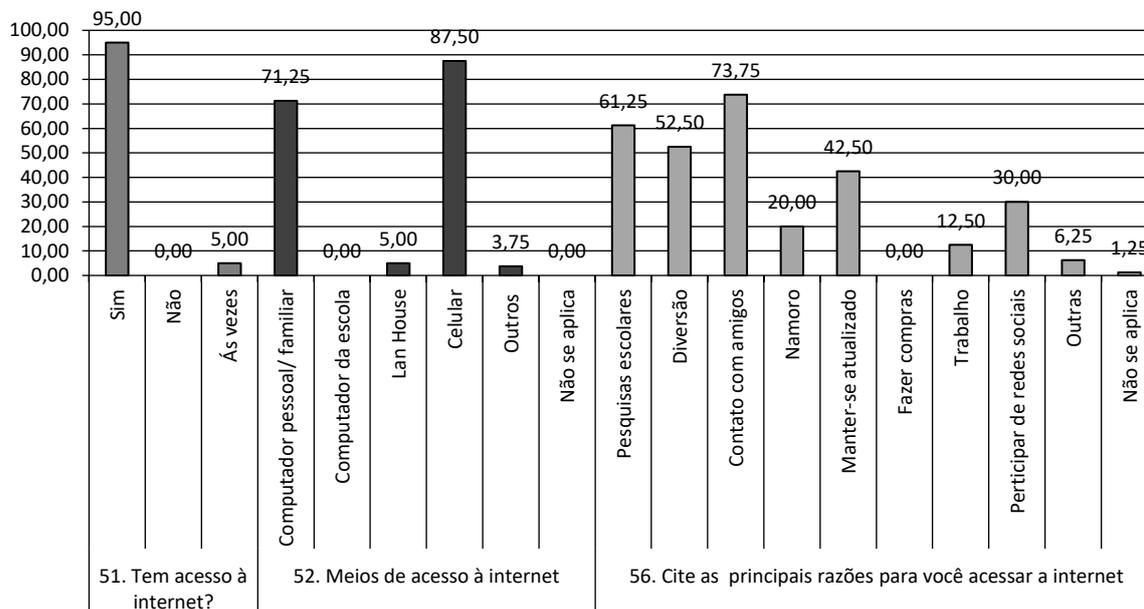
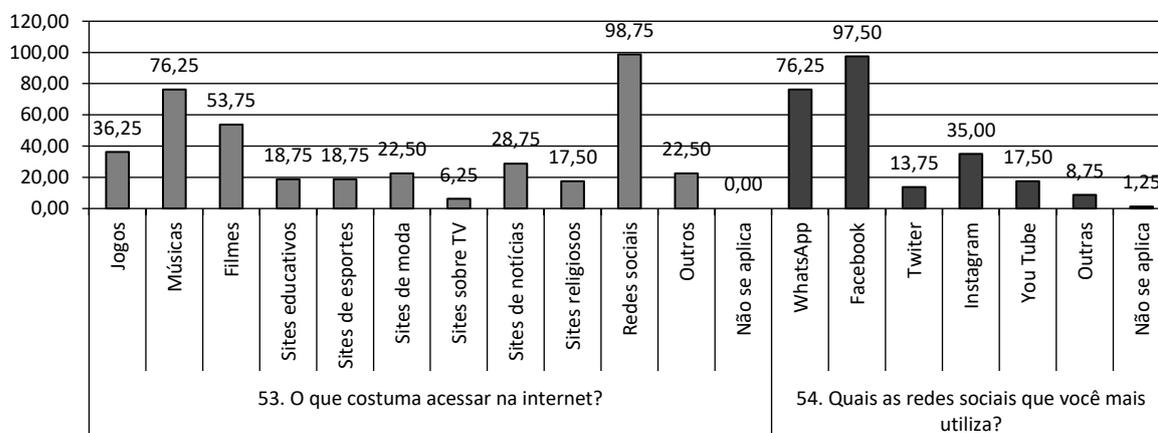


Gráfico 19 - Caracterização dos jovens estudantes quanto aos conteúdos acessados na internet (%). Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Em relação aos conteúdos mais curtidos, postados e compartilhados de forma constante ou eventual pelos jovens ouvidos (Tabela 10), destacaram-se aqueles de caráter pessoal, como: fotos e vídeos próprios (96,25%); fotos ou informações de lugares que frequentam (77,50%); sentimentos e opiniões (80,00%); contato com familiares, amigos e conhecidos (71,79%). Tais resultados podem indicar que, além de espaço de sociabilidade importante, as redes sociais possibilitam aos jovens as oportunidades de marcarem presença no mundo, na medida em que são vistos e ouvidos como nunca foram antes na história. Para esta juventude, o espelho mudo já não basta para se enxergarem e se perceberem. Eles precisam se colocar à prova e medir a

aceitação dos pares através das “curtidas” e do número de seguidores. Sem esquecer que a grande circulação de bens culturais e informações que ocorre nas redes favorece processos educativos e trocas que não podem ser ignorados. Neste contexto virtual, também vão se construindo e construindo seus modos de vida a partir de outros parâmetros que não são mais exclusivamente locais, como aqueles presentes na família, na escola e na comunidade onde habitam (SETTON, 2002).

Tabela 10 - Caracterização dos jovens estudantes quanto aos conteúdos que curtem, postam e compartilham nas redes sociais e em que frequência (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

Periodicidade	Conteúdo que curte, posta e compartilha	Frequência relativa de jovens (%)
Sempre	Contato com familiares, amigos e conhecidos	71,79%
	Ver mídias de humor (vídeos, fotos, tirinhas)	52,50%
	Compartilhar fotos e vídeos	50,00%
	Acompanhar seus artistas e grupos favoritos	42,50%
	Postar fotos ou informações de lugares que frequenta	40,00%
	Partilhar sentimentos e opiniões	35,00%
	Jogar	35,00%
	Acompanhar seu time de futebol favorito e outros esportes	30,00%
Eventualmente	Partilhar sentimentos e opiniões	45,00%
	Discutir/ compartilhar educação	46,25%
	Compartilhar fotos e vídeos	46,25%
	Participar de eventos	56,25%
	Discutir/ compartilhar notícias	38,75%
	Postar fotos ou informações de lugares que frequenta	37,50%
	Jogar	32,50%
Nunca	Discutir/ compartilhar política e economia	76,25%
	Discutir/ compartilhar culinária	75,00%
	Participar de movimentos sociais	73,75%
	Compras e vendas	73,75%
	Seguir veículos de notícias (jornais, revistas, etc.)	65,00%
	Discutir/ compartilhar religião	56,25%
	Discutir/ compartilhar moda	55,00%
	Discutir/ compartilhar notícias	45,00%
	Acompanhar seu time de futebol favorito e outros esportes	40,00%
Discutir/ compartilhar educação	36,25%	

Outro conteúdo que se mostrou importante para 67,50% dos jovens foram os jogos, que, enquanto para a maioria deles representa apenas um “brinquedo”, uma forma de lazer, para

outros vêm sendo tratados como esporte e mesmo com possibilidades de virem a se constituir em profissão e fonte de recursos, segundo depoimentos complementares colhidos.

Os resultados da Tabela 10 também permitem perceber mais uma vez o quanto os jovens estudados estão distanciados de temas que dizem respeito ao exercício da cidadania, como a política, a economia, os movimentos sociais. Tem-se, assim, mais elementos a reforçarem o quadro já apresentado anteriormente, quando se discutiu acerca dos espaços de participação dos jovens estudados.

4.6 A SATISFAÇÃO COM O MODO DE VIDA

Visando possibilitar maior objetividade na análise do nível de satisfação dos jovens estudados com seus modos de vida, desenvolveu-se a Tabela 11, que expressa o agrupamento, por natureza, dos fatores tomados como parâmetros representativos do modo de vida. Neste sentido, é possível perceber que os maiores níveis de satisfação estão relacionados aos fatores de natureza sócio afetiva e biocomportamental, seguidos pelos adaptativos.

Tabela 11- Caracterização dos jovens estudantes quanto à satisfação com o modo de vida (%) – Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

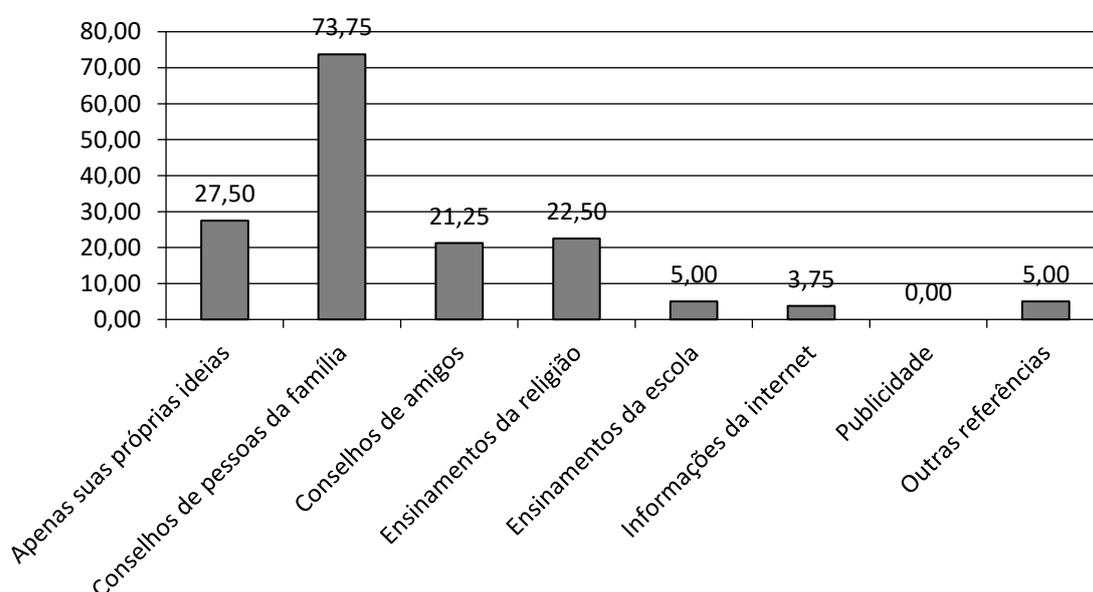
NATUREZA DOS PARÂMETROS	PARÂMETROS	NÍVEL DE SATISFAÇÃO (%)				
		MUITO	MAIS OU MENOS	POUCO	NADA	NÃO SABE/ NÃO RESPONDEU
Sócio afetivos	Família	63,75	27,50	6,25	1,25	1,25
	Amizades	66,25	25,00	7,50	1,25	0,00
	Amor	42,50	33,75	16,25	7,50	0,00
Biocomportamentais	Sexualidade	91,25	7,50	0,00	0,00	1,25
	Saúde física	43,75	48,75	2,50	5,00	0,00
	Aparência Física	50,00	43,75	3,75	2,50	0,00
	Capacidade de tomar decisões	52,50	45,00	1,25	1,25	0,00
Adaptativos	Casa em que mora	66,25	27,50	5,00	1,25	0,00
	Bairro onde mora	37,50	41,25	17,50	3,75	0,00
Socializadores	Educação escolar	28,75	56,25	13,75	1,25	0,00
	Aproveitamento do tempo livre	53,75	35,00	10,00	1,25	0,00
	Possibilidades de trabalho	17,50	42,50	32,50	7,50	0,00

Analisando-se especificamente os parâmetros sócio afetivos, percebeu-se os elevados níveis de satisfação dos jovens entrevistados com suas famílias – muito satisfeitos (63,75%) -, dado que serve para reforçar os resultados relativos à confiabilidade apresentados e discutidos

anteriormente. Por outro lado, estas elevadas confiança e satisfação estabelecidas, nas relações com as famílias, vão justificar o fato desta instituição aparecer como referência importante no processo de tomada de decisão dos jovens (Gráfico 20), permitindo destacar a família como referência primordial no processo de estruturação dos modos de vida juvenis, mesmo quando este parâmetro aparece como a principal origem de dificuldades enfrentadas por 33,75% dos jovens entrevistados (Gráfico 21).

Já em relação às amizades, apesar do nível de máxima satisfação (66,25%) apresentar-se superior àquele relativo à família, constata-se, com base no Gráfico 20, que os amigos não chegam a ter um peso significativo no processo de tomada de decisão de parcela importante dos jovens entrevistados. Tal fato pode ser interpretado como um reflexo do nível de conflito existente nas relações familiares – nas famílias com maior nível de conflito, será maior a influência das amizades no processo de tomada de decisão dos jovens e, conseqüentemente, na construção de seus modos de vida.

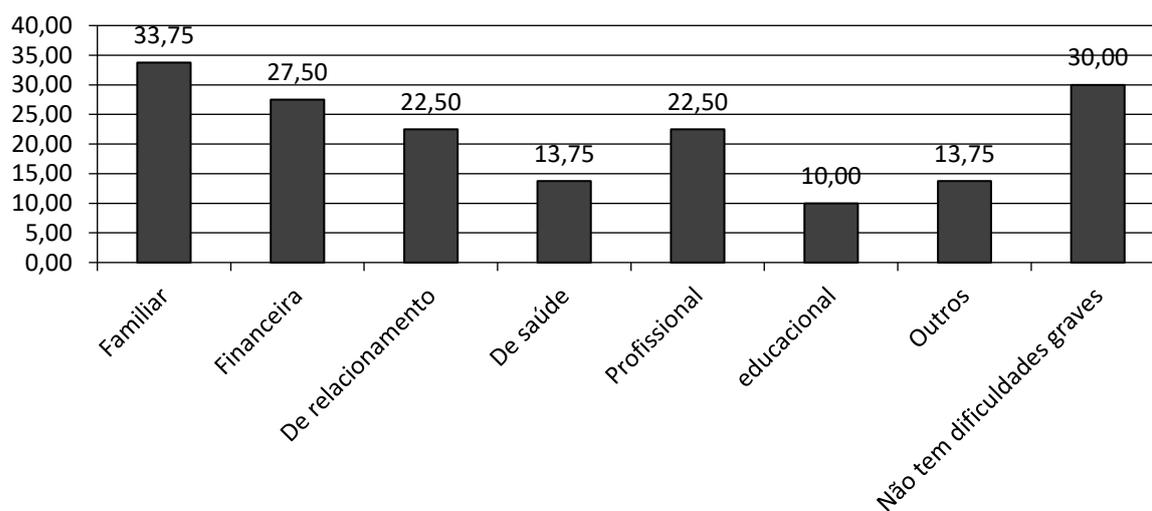
Gráfico 20 - Caracterização dos jovens estudantes quanto às referências consideradas para tomar decisões importantes (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Outro aspecto que merece destaque é o fato de cerca de 24,00% dos jovens entrevistados se declararem pouco ou nada satisfeitos com o amor. Tal resultado, se confrontado com o somatório dos níveis de pouca satisfação, insatisfação e não declarados dos parâmetros família (cerca de 9,00%) e amizades (cerca de 9,00%), nos possibilita inferir que uma parcela aproximada de 15,00% dos jovens estudados tem dificuldades nos relacionamentos amorosos apesar de cultivarem bons relacionamentos com suas famílias e amigos, o que possibilita supor

que as experiências envolvendo a construção de relacionamentos amorosos, nesta fase da vida juvenil, ainda representam um “processo de aprendizagem” difícil e importante para o amadurecimento emocional e consequente estruturação de seus modos de vida. Tal afirmação pode ser respaldada pelos resultados apresentados pelo Gráfico 21, que apontam as dificuldades de relacionamento como uma das que mais afetam a vida de 22,50% dos jovens entrevistados.

Gráfico 21 - Caracterização dos jovens estudantes quanto à natureza das dificuldades que mais afetam suas vidas (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.



Analisando-se agora o nível de satisfação dos jovens em relação aos parâmetros de natureza biocomportamental (Tabela 11), percebe-se que existe uma quase unanimidade relativa à máxima satisfação com a sexualidade (91,25%). Neste sentido, vale destacar que, durante a aplicação da enquête, foi identificado certo constrangimento por parte dos entrevistados em abordar este tema, o que pode ser atribuído ao fato de interpretarem sexualidade no sentido de ato sexual (coito), logo, ao se declararem muito satisfeitos com a sexualidade, deve-se ler “plenamente satisfeitos com a prática do ato sexual”. A percepção de tal limitação na interpretação do termo deixou claro que a temática da sexualidade, enquanto componente da personalidade humana⁶, ainda representa uma lacuna no processo educativo escolar, cuja abordagem vem priorizando principalmente o aspecto biológico ou reprodutivo. Aliado a este fato, as abordagens de caráter religioso relativas à sexualidade também contribuem para

6. Segundo a Organização Mundial de Saúde: "a sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico." (WHO TECHNICAL REPORTS SERIES, 1975)

a construção de preconceitos em torno desta temática que distorcem o enfoque contemporâneo voltado para a liberdade da sexualidade como um “direito humano”.

Com relação à saúde física, destacou-se uma satisfação relativa por parte dos entrevistados (48,75%), que pode estar relacionada às dificuldades que os jovens desta camada da população enfrentam para terem acesso ao atendimento em saúde, aliadas a outros aspectos relativos à segurança alimentar e nutricional.

Sobre a aparência física - aspecto identitário importante como elemento de expressão das culturas juvenis -, constatou-se que representava um fator de insatisfação para 50,00% dos estudantes ouvidos, variando da insatisfação relativa (43,75%) à total (2,50%). Esta insatisfação, segundo informações complementares colhidas durante a aplicação da enquete, estava principalmente ligada à não aceitação de características fenotípicas que não se enquadravam nos padrões de beleza socialmente estabelecidos, induzindo os jovens a buscarem uma aproximação com estes padrões, por meios estéticos (tratamentos capilares, dietas, exercícios físicos, maquiagem, etc.), chegando, até mesmo, à negação da própria etnia, como subterfúgio psicológico que visa escapar da dor da discriminação imposta pela sociedade. Neste processo de composição da aparência socialmente aceitável, estava também incluída a preocupação juvenil com os objetos de uso pessoal chancelados por marcas valorizadas, como os tênis, jeans, entre outros, que conferem status e distinção social aos indivíduos.

Em termos comportamentais, a capacidade de tomar decisões pode ser entendida como um indicativo do nível de maturidade juvenil que, associado às referências adotadas por eles nesse processo, pode funcionar como um indicativo de risco de o indivíduo vir a adotar condutas desviantes. Sob esta ótica, a Tabela 11 revela que 52,50% dos jovens entrevistados se sentem muito satisfeitos com a própria capacidade de tomar decisões, o que sugere conquista de maturidade e autonomia pessoal. Contudo, ao se analisar a Tabela 11.a, que estabelece uma relação entre o nível de satisfação com a capacidade de tomar decisões e as referências consideradas pelos jovens para esta ação, constatou-se que, tanto os jovens que se afirmaram muito satisfeitos com a própria capacidade, quanto os que se declararam relativamente satisfeitos, consideraram como referências importantes, respectivamente, os conselhos recebidos da família, as próprias ideias e os ensinamentos da religião - seja de forma isolada ou integrando associações com outras referências. Já para aqueles que se declararam pouco ou nada satisfeitos, as principais referências adotadas foram, no primeiro caso, a associação entre

os conselhos recebidos da família com aqueles recebidos dos amigos, e, no segundo, exclusivamente os conselhos dos amigos.

Tabela 11.a - Caracterização dos jovens estudantes quanto à relação entre o nível de satisfação com a capacidade de tomar decisões e as referências por eles consideradas (%) – Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

Capacidade dos Jovens de Tomar Decisões			
Nível de Satisfação	Referências	Total (und.)	Frequência relativa (%)
Muito satisfeito (52,50%)	A próprias ideias (1)	5	11,90
	Conselhos da família (2)	14	33,33
	Conselhos dos amigos (3)	1	2,38
	Ensinamentos da religião (4)	3	7,14
	Ensinamentos da escola (5)	0	0,00
	Informações da Internet (6)	0	0,00
	Publicidade (7)	0	0,00
	Outras referências (8)	0	0,00
	Associação 1+2	3	7,14
	Associação 1+2+3	2	4,76
	Associação 1+2+4	1	2,38
	Associação 1+3+8	1	2,38
	Associação 1+4	1	2,38
	Associação 2+3	2	4,76
	Associação 2+3+4	3	7,14
	Associação 2+4	1	2,38
	Associação 2+6	2	4,76
	Associação 3+6	1	2,38
Associação 4+5	1	2,38	
Mais ou menos satisfeito (45,00%)	A próprias ideias (1)	4	11,11
	Conselhos da família (2)	15	41,67
	Conselhos dos amigos (3)	0	0,00
	Ensinamentos da religião (4)	2	5,56
	Ensinamentos da escola (5)	0	0,00
	Informações da Internet (6)	0	0,00
	Publicidade (7)	0	0,00
	Outras referências (8)	1	2,78
	Associação 1+2	3	8,33
	Associação 1+2+4	1	2,78
	Associação 1+2+8	1	2,78
	Associação 2+3	1	2,78
	Associação 2+3+4	2	5,56
	Associação 2+3+5	1	2,78
	Associação 2+4	3	8,33
Associação 2+5	1	2,78	
Associação 2+8	1	2,78	
Pouco satisfeito (1,25%)	Associação 2+3	1	100,00
Nada satisfeito (1,25%)	Conselhos dos amigos (3)	1	100,00

Tais resultados mereceram atenção por sugerirem alguns aspectos importantes a serem considerados no estudo da construção dos modos de vida dos jovens. Inicialmente, percebeu-se uma tendência de que, quanto maior a satisfação dos sujeitos com a sua capacidade de tomar decisões, menos eles têm necessidade de considerar referências externas, guiando-se principalmente por suas próprias ideias, revelando autonomia e possível amadurecimento.

Outra tendência importante observada diz respeito à maior e mais duradoura influência da família no processo decisório dos jovens, o que reflete a importância da socialização primária, seja pela transmissão cultural e de valores, seja como fonte de sentido, como será demonstrado posteriormente. Um terceiro ponto a ser destacado é a presença da religião como instância orientadora da vida juvenil, fato que pode ser atribuído tanto à influência do processo educativo vivenciado na família, quanto a experiências pessoais ligadas à construção de sentido a partir do desenvolvimento da religiosidade, enquanto processo de sublimação das condições de carência, exclusão e estigmatização vivenciadas.

Ampliando o quadro de inferências, a Tabela 11.a também permitiu observar que a influência dos amigos - enquanto referências para o processo decisório dos jovens estudados - figurou principalmente como referência complementar nas variadas associações, assumindo maior importância apenas para os jovens cuja relação com as famílias possivelmente apresentava-se marcada por conflitos. Por fim, percebeu-se que a escola, a internet e a propaganda não representavam referências marcantes no processo decisório dos jovens ouvidos, o que sugere superficialidade na relação entre eles e estas referências, o que indica uma contradição em relação ao discurso comum referente à influência das mesmas na vida juvenil.

Sobre os parâmetros adaptativos, torna-se importante ressaltar que, enquanto 66,25% dos entrevistados declararam-se muito satisfeitos com as casas em que moravam, 62,50% afirmaram estar, em diferentes níveis, insatisfeitos com o bairro onde suas casas estavam situadas, o que demonstrou que, mesmo com a melhoria das condições de vida familiar registrada nos lares dos bairros periféricos em decorrência das políticas públicas voltadas para a redistribuição de renda no país, as condições de infraestrutura, higiene e segurança dos bairros componentes do Subúrbio Ferroviário de Salvador ainda representam um obstáculo importante para a elevação da qualidade de vida de sua população.

Em relação aos parâmetros socializadores (Tabela 11), mais uma vez registrou-se a insatisfação (em níveis variados) dos jovens entrevistados com o tipo de educação escolar que vinham recebendo, o que corrobora os resultados anteriormente apresentados sobre a percepção que os jovens têm da escola, bem como aqueles referentes à confiabilidade dos professores.

Em contrapartida, a forma de aproveitamento do tempo livre proporcionava muita satisfação a 53,75% dos entrevistados. O que pode ser justificado pelo fato do lazer viabilizar encontros e partilhas culturais importantes para a estruturação identitária juvenil,

principalmente no que se refere às possibilidades de expressão, como, por exemplo, por meio da música ou da vivência de desafios à auto superação, como aqueles desfrutados por meio dos esportes.

Sobre as possibilidades de trabalho, 40,00% dos jovens afirmaram pouca ou nenhuma satisfação. Estes resultados refletem de forma clara o contexto contemporâneo marcado pelas dificuldades enfrentadas pelos jovens, em geral, em acessarem o mercado de trabalho. No caso específico dos jovens das periferias, tal situação constitui-se em problema marcante, que envolve desde a formação educacional geral e/ou profissionalizante, até fatores discriminatórios relativos à classe, etnia, sexo, entre outros. Tal resultado é também reforçado por aqueles apresentados no Gráfico 21, que apontam as dificuldades de caráter profissional, como aquelas que mais afetavam a vida de 22,50% dos jovens participantes deste estudo. Neste sentido, entre as dificuldades de natureza profissional, além daquelas de acesso aos postos de trabalho, pode-se considerar: a natureza dos trabalhos destinados a esta parcela da população e, principalmente, a condição de precariedade em que os jovens acessam os postos de trabalho, situação que beira à exploração e que dificulta a estruturação de modos de vida que garantam estabilidade e segurança.

Considerando os “objetivos de vida” como aqueles propósitos que um indivíduo tem para sua vida, torna-se importante salientar que, neste sentido, eles compreenderão aspectos abrangentes e estratégicos que implicam na construção de seus modos de vida. Trata-se, de forma mais ampla, dos “sonhos” que movem ou motivam um indivíduo, o que pode incluir desde os desejos de caráter estético, como emagrecer, até aqueles que envolvem a vida profissional, como cursar uma faculdade, ou de ordem pessoal, como casar e ter filhos.

Sob esta ótica - tomando-se como referência a questão “o que você mais gostaria de alcançar atualmente?” -, buscou-se identificar, junto aos jovens participantes deste estudo, o campo de significado onde mais se inseriam seus objetivos de vida por ocasião da pesquisa. Por tratar-se de uma questão aberta, as respostas obtidas foram registradas na sua forma textual e classificadas quanto ao campo de significados ao qual pertenciam, compondo-se, deste modo, a frequência relativa dos campos de significado (Tabela 12). Como resultado desta estratégia de análise, foi possível perceber que os objetivos de vida dos jovens entrevistados estavam ligados principalmente à inserção no mercado de trabalho (51,25%), visando à estabilidade profissional e segurança financeira, e, em seguida, a formação educacional (33,75%), visando

à realização pessoal através da profissão. Fica claro, portanto, que o fator trabalho, de forma direta ou indireta, representou o objetivo de vida mais significativo para os jovens entrevistados.

Seguindo a mesma estratégia de análise, buscou-se, em seguida, identificar aspectos da vida juvenil que lhe conferiam sentido - adotando-se para isso a questão: “o que faz sua vida *valer a pena* atualmente?” Neste processo, a expressão em *itálico* foi usada como sinônimo de “ter sentido”, por considerá-la de compreensão mais fácil para os jovens entrevistados. Como resultado da análise das respostas colhidas construiu-se a Tabela 13, cujos dados permitiram que se destacasse a família (65,85%), os amigos (26,59%) e Deus, enquanto entidade divina (18,99%), como as principais fontes de sentido para a vida dos jovens participantes deste estudo.

Tabela 12 - Caracterização dos jovens estudantes quanto ao campo de significados onde mais se inseriam seus objetivos de vida na ocasião da pesquisa (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

O que você mais gostaria de alcançar atualmente?	
Campo do Significado	Frequência relativa (%)
Trabalho	51,25
Educação	33,75
Família	5,00
Estética	3,75
Outros	6,25

Tabela 13 - Caracterização dos jovens estudantes quanto ao significado da sua principal fonte de sentido de vida na ocasião da pesquisa (%) - Subúrbio Ferroviário - Salvador - BA/ 2015.

O que faz sua vida valer a pena atualmente?	
Significado	Frequência relativa (%)
Família	65,85
Amigos	26,59
Deus	18,99
Religião	5,07
Estudos	5,07
Trabalho	6,33
Outros	6,33
Não sabe	1,27

Vale comentar que, ao relacionarem-se as respostas registradas para as duas questões formuladas, foi possível perceber que os “objetivos de vida” declarados pelos jovens estavam intimamente ligados à “fonte de sentido”. De forma mais específica: ao objetivarem uma

inserção imediata no mercado de trabalho ou a formação educacional através de um curso técnico ou universidade como meio para a inserção futura também no mercado de trabalho, os jovens declararam ter como fonte de sentido o amor, apoio e estímulo familiar, o apoio e estímulo dos amigos e a fé em Deus (independente da religião). Tal “arranjo de forças” está em harmonia com o pensamento de Frankl (2007), quando ele afirma que

Não existe situação na vida que realmente não tenha sentido. Isso se deve ao fato de que os aspectos aparentemente negativos da existência humana [...] também podem ser transformados em algo positivo, num mérito, quando são enfrentados com atitude e posturas corretas. A pessoa comum sabe de tudo isso, por menos que seja capaz de verbaliza-lo (Ibidem, p. 90).

De acordo com o autor, um indivíduo comum pode encontrar e realizar um sentido na vida por meio de três caminhos: de uma ação praticada ou obra criada, ou seja, do trabalho; vivenciando uma experiência de encontro, ou amor; e, nas situações irremediáveis, mudando de atitude em relação à situação, o que confere ao indivíduo amadurecimento e crescimento além dele próprio.

Sob esta ótica, os resultados apresentados permitem considerar que as lutas empreendidas pelos jovens - visando à superação da situação de pobreza, segregação e estigmatização que vivenciavam - permeiam de forma marcante o processo de estruturação de seus modos de vida. Tal processo, variando de caso a caso, vinha sendo animado pelo sentido construído a partir do trabalho (enquanto construção da existência), dos laços de afeto (incluindo-se entre eles aqueles construídos com a família e amigos) e das mudanças comportamentais assumidas pelos jovens a partir da relação desenvolvida com Deus por meio da fé.

4.7 REVELANDO AS CONFIGURAÇÕES

Ao desenvolver-se a descrição e análise das condições objetivas que envolvem as experiências socializadoras presentes no universo existencial dos jovens pobres, de ascendência cultural camponesa, residentes no Subúrbio Ferroviário de Salvador, um panorama complexo foi exposto, permitindo perceber uma imbrincada teia de relações cujos fios são tecidos a partir de um jogo que envolve a interdependência e/ ou complementariedade entre vários agentes que, ao final, vão repercutir de forma marcante tanto nos indivíduos isoladamente quanto no

conjunto da sociedade. Sendo assim, é possível concordar com Elias (2014), quando ele afirma que

[...] as configurações de seres humanos interdependentes – não se pode explicar se estudarmos os seres humanos isoladamente. Em muitos casos é aconselhável um procedimento contrário – só podemos compreender muitos aspectos do comportamento ou das ações das pessoas individuais se começarmos pelo estudo do tipo de sua interdependência, da estrutura das suas sociedades, em resumo, das configurações que formam uns com os outros (Ibidem, p.79)

Foi a partir desse pensamento que no percurso analítico desenvolvido nesta primeira fase da pesquisa buscou-se identificar as peculiaridades implícitas nas relações estabelecidas entre os jovens e as diversas instâncias socializadoras, na tentativa de perceber o nível de significância de cada uma na estruturação dos modos de vida dos sujeitos.

Para tanto, adotou-se o ponto de vista de Berger e Luckmann (2008), que, ao considerar a sociedade como uma realidade simultaneamente objetiva e subjetiva, de caráter dialético, destacaram dois princípios a serem considerados: i) o indivíduo não nasce “de fato” membro da sociedade, mas com uma predisposição para a sociabilidade e conseqüente socialização; e ii) um membro individual da sociedade, ao mesmo tempo em que exterioriza seu próprio ser no mundo social, também interioriza este último como realidade objetiva. Deste modo, para que o indivíduo inicie sua inclusão no mundo social o ponto de partida é a interiorização, definida pelos autores como o processo de apreensão ou interpretação imediata de um fato objetivo como dotado de sentido, ou seja, como manifestação de processos subjetivos de outros que, deste modo, torna-se subjetivamente significativo para o próprio indivíduo.

Sob esta ótica, a interiorização constitui a etapa inicial tanto para compreensão de outros indivíduos como para apreensão do mundo enquanto realidade social dotada de sentido. Portanto, somente quando o indivíduo atinge certo grau de interiorização, ele pode ser dito “de fato” um membro da sociedade.

Seguindo a lógica dos autores, a socialização primária é a primeira forma de socialização, experimentada pelo indivíduo na infância, em virtude da qual passa a ser um membro da sociedade. Ela se dá no interior de uma estrutura social objetiva onde o indivíduo encontrará os “outros significativos” que serão encarregados de sua socialização. Vale destacar que os “outros significativos” se incorporam à vida do indivíduo de forma circunstancial, não sendo facultado a este a opção de escolha.

O processo de mediação do mundo estabelecido pelos “outros significativos” para o indivíduo, sofre tanto a influência da localização destes “outros” na estrutura social, como também de suas idiossincrasias individuais (reflexo de suas biografias). Como exemplo, os autores destacam que:

[...] a criança das classes inferiores não somente absorve uma perspectiva própria da classe inferior a respeito do mundo social, mas absorve esta percepção com a coloração particular que lhe é dada por seus pais (ou quaisquer outros indivíduos encarregados de sua socialização primária). A mesma perspectiva da classe inferior pode produzir um estado de espírito de contentamento, resignação, amargo ressentimento ou fervente rebeldia. Como consequência uma criança da classe inferior não somente irá habitar um mundo grandemente diferente do que é próprio da criança de uma classe superior, mas pode chegar a ter um mundo inteiramente diferente daquela criança de classe inferior que mora na casa ao lado. (BERGER e LUCKMANN, 2008, p. 176)

Segundo os autores, a identificação da criança com os “outros significativos” é de caráter emocional, sendo esta identificação uma condição indispensável para que ocorra a interiorização. Neste contexto, as crianças passam a absorver os papéis e atitudes dos “outros significativos”, interiorizando-os e tomando posse deles. É especificamente através desse processo de identificação que a criança desenvolve a capacidade de identificar a si mesma, adquirindo uma identidade subjetivamente coerente e plausível, que a localiza em um mundo determinado, só podendo “ser subjetivamente apropriada *juntamente com* este mundo”, logo “todas as identidades realizam-se em horizontes que implicam um mundo social específico” (Ibidem, p.177; grifos dos autores).

Com o avanço do processo de socialização primária, cria-se na consciência da criança uma abstração progressiva dos papéis e atitudes dos “outros particulares” para os papéis e atitudes em geral, estabelecendo-se assim o “outro generalizado”. A formação desta nova estrutura significa que, a partir deste marco, o indivíduo identifica-se não apenas com os “outros significativos” concretos, mas também com uma generalidade de outros, ou mais precisamente, com a sociedade. Neste contexto, estabelece-se na consciência do indivíduo uma relação simétrica entre as realidades objetiva e subjetiva, o que possibilita uma tradução simultânea entre ambas, a qual se dá principalmente por meio da linguagem.

De forma sintética, é possível identificar a família como o lugar onde se ouvem e aprendem as primeiras palavras, a partir das quais são construídas a autoimagem e a imagem do mundo objetivo. Deste modo, o caráter da família está basicamente assentado na aquisição da linguagem e conseqüente estruturação dos sentidos relativos às experiências vividas. Independentemente de sua composição, a família atua como um filtro através do qual o

indivíduo começa a ver e significar o mundo. Por esta razão, na contemporaneidade, sob o ponto de vista sociológico, a família não pode mais ser definida apenas pelos indivíduos ligados biologicamente, “mas pelos significantes que criam os elos de sentido nas relações sem os quais as mesmas se esfacelam, precisamente pela perda, ou pela inexistência de sentido” (SARTI, 2004, p. 121)

Confrontando estas reflexões com a descrição analítica dos resultados anteriormente apresentada, é possível concordar com os autores sobre a importância e funções atribuídas à família, fazendo dela o elemento central do processo de estruturação dos modos de vida juvenis.

No entanto, considerando o processo evolutivo da sociedade, alguns aspectos merecem ser comentados. Inicialmente, torna-se importante atentar para o fato de que, possivelmente, a família não seria mais a única responsável pelo processo de socialização primária dos indivíduos. Tal suposição baseia-se no fato de que, independente da classe social, o contato progressivamente mais precoce dos indivíduos com a mídia provavelmente teria um reflexo significativo em seus processos de interiorização e significação, na medida em que influencia não só o desenvolvimento da linguagem, como também das estruturas de pensamento e do sistema de valores.

Tomando como referência a televisão e tendo em vista a sua participação generalizada nas rotinas cotidianas das comunidades periféricas como um meio de informação, lazer e cultura, constata-se que, desde o berço, as crianças são expostas a este veículo por longos períodos como estratégia para liberar os adultos cuidadores para o desempenho de outras atribuições domésticas, ficando estes “entretidos e resguardados” de perigos. Neste sentido, é possível afirmar que o contato constante com a programação televisiva destinada ao público infantil (ou não) acaba por funcionar como um processo de socialização primária que se desenvolve em complementariedade àquele estabelecido por meio da família. Além disso, é importante lembrar que, em função da precariedade de infraestrutura e das condições de insegurança das comunidades onde vivem, as crianças acabam por não desfrutar adequadamente de experiências de lazer mais orientadas para o exterior e para as redes de sociabilidade extrafamiliares, o que serve para fortalecer os efeitos da mídia.

Com o crescimento e o ganho de autonomia em relação à família, ampliam-se também os horizontes socializadores dos indivíduos. Neste processo, ao atingirem a juventude, o tempo diário de uso da televisão sofre uma redução em detrimento de outras atividades e mesmo de outras mídias, como por exemplo o celular e o computador, conforme foi anteriormente

demonstrado, que passam a assumir em suas vidas a função de espaços de sociabilidade e socializadores importantes.

Outra instância que poderia ser apontada como influente no processo de socialização primária no contexto do Subúrbio Ferroviário de Salvador seria aquela representada pelas instituições religiosas. Tendo em vista que, segundo depoimentos colhidos, para muitos dos jovens estudados a opção religiosa se deu de forma circunstancial, a partir da tradição familiar. Neste sentido, muitos deles, desde tenra idade, acompanharam os “outros significativos” nos cultos e outras práticas religiosas mesmo antes do pleno domínio da linguagem, de modo que a interiorização ritualística e de valores ocorreu progressivamente e de forma natural. Tal suposição não descarta a possibilidade de que, com o amadurecimento e ganho de autonomia em relação à família, o jovem não venha a fazer suas próprias opções a partir de experiências pessoais significativas. No entanto, o que realmente ficou explícito nos depoimentos colhidos é que a cultura familiar, associada ao contato precoce com as instituições religiosas, possibilitou o desenvolvimento da religiosidade dos indivíduos, independente da adesão ou não a uma religião. Tal religiosidade constitui-se, então, em fator de orientação da visão de mundo do indivíduo, que passa a ver e experimentar tudo “do ponto de vista da eternidade ou da necessidade interna, isto é, em dependência funcional diante de Deus e, assim, livre da contingência”. (VANDENBERGUE, 2009, p. ix)

Neste sentido, considerando a origem cultural dos jovens estudados, mesmo que suas identidades sejam o resultado de uma sócio história específica, foi possível observar que suas experiências se apoiam na visão de mundo como criação de Deus, onde o sentido de verdade funda-se nas leis divinas que orientam a vida e a produção. Trata-se de uma identidade social marcada pela complexidade, multiplicidade e abertura às relações sociais que a conformam (MOREIRA e LIMA, 2008).

Ainda considerando o processo de socialização primária desenvolvido nas famílias dos jovens estudados, outro aspecto que merece ser comentado é a introdução do trabalho como valor estruturante na construção dos modos de vida. Por meio dos resultados apresentados, constatou-se que, desde a infância, o trabalho doméstico compreende um processo de “iniciação” ou preparação dos indivíduos para o mundo do trabalho. Segundo depoimentos complementares às questões da enquête, os jovens recebem, desde muito cedo, atribuições domésticas que visam o desenvolvimento de responsabilidade e disciplina para o enfrentamento futuro do mundo do trabalho. Tal processo chegou mesmo a ser defendido como uma forma de

garantir que os jovens estivessem sempre motivados para o trabalho, enquanto fator agregador de valor humano.

Como etapa da evolução natural deste processo, registrou-se o ingresso precoce dos jovens no mundo do trabalho orientados principalmente pelas famílias - auxiliadas pelas redes de relacionamento local -, que veem esta prática como forma de resguardar os filhos de influências perniciosas de caráter desviante. Interiorizando este pensamento e aliando a ele o desejo natural de emancipação e a crescente desmotivação em relação ao processo educativo escolar, os jovens acabam por ingressar nos espaços possíveis do mundo do trabalho, desenvolvendo muitas vezes estratégias criativas de superação das dificuldades de inserção peculiares à conjuntura atual.

Como processo complementar, percebeu-se o empenho das famílias em ampliar as possibilidades educativas dos jovens, estimulando-os ao ingresso e participação em experiências socializadoras que lhes possibilitem uma suplementação educacional, seja através de cursos complementares, prática de esportes, participação em grupos juvenis de caráter religioso ou outras experiências que possam suprir as lacunas deixadas pela escola e que venham a agregar valores formativos e/ ou humanos que ampliem suas chances de construção de um futuro pautado em melhores condições de vida e estabilidade.

Diante de tal panorama e tomando como referência a lógica das sociedades ocidentais contemporâneas, onde o percurso de vida dos indivíduos está marcado por uma sequência que parte da socialização primária, ocorrida na família, para a socialização secundária, que se dá na escola e em seguida no trabalho, é possível afirmar que os jovens pobres, de ascendência cultural camponesa, residentes no Subúrbio Ferroviário de Salvador, vivem esta experiência de forma muito peculiar, na medida em que são submetidos ao processo de socialização pelo trabalho de forma muito precoce e que aquela vivida na escola não os prepara para tal vivência, mas ao contrário, os torna socialmente vulneráveis a esse tipo de experiência, como prováveis descartáveis.

Vale lembrar que não se encerra na abordagem objetiva das experiências juvenis a compreensão do processo de estruturação de seus modos de vida. Neste sentido, será desenvolvida na etapa seguinte uma descrição analítica das experiências subjetivas dos jovens estudados em relação aos processos socializadores envolvendo a família, a busca por conhecimentos, a religião, o mundo do trabalho e as redes sociais, de modo a se compreender

seus efeitos na construção da subjetividade juvenil e, conseqüentemente, na estruturação dos modos de vida dos sujeitos desta pesquisa.

5. DA EXPERIÊNCIA AO SENTIDO DE VIDA

A produção de sentido é o que permite negociar nossa impotência diante do destino, e ainda simbolizar o que não é simbolizável.

(Michèle Bertrand)

Retornando mais uma vez ao conceito de “modo de vida” enquanto *objetivação da configuração de processos socializadores que estruturam a vida de um grupo social num dado contexto, no qual os indivíduos vivenciam relações de natureza harmônica e/ou conflituosas, movidos por um sentido de vida e por um senso ético*, é possível perceber que, até então, só se tratou dos aspectos objetivos inerentes ao conceito. Deste modo, torna-se indispensável a elucidação das experiências juvenis, do ponto de vista subjetivo, visando compreender os processos que envolvem a construção ou não de sentidos que catalisem a estruturação de seus modos de vida.

Como experiências subjetivas, pode-se definir aquelas que se caracterizam pela percepção ou ato que produz uma sensação e um conhecimento meramente individuais. Contudo, não se deve confundir experiência individual com experiência subjetiva, uma vez que a primeira envolve tanto a objetividade quanto a subjetividade do conhecimento. Nas experiências objetivas, a percepção ou conhecimento do indivíduo se baseia na concretude dos fatos, fenômenos ou objetos, enquanto que a experiência subjetiva, nos processos internos de conhecimento apenas do indivíduo. Neste sentido, não é possível esquecer que o processo de conhecimento de um indivíduo se dá sempre a partir de experiências objetivas e subjetivas.

Para a compreensão do processo de estruturação do modo de vida dos jovens nas periferias urbanas, não basta levar em consideração o tipo de bairro onde vivem, o tipo de vida familiar que desfrutam ou a natureza de suas personalidades. As ações dos indivíduos se baseiam na interpretação das situações que vivenciam, seguido de um ajustamento comportamental que lhes possibilite lidar com a referida situação (BLUMER, s.d. apud BECKER, 2008). Logo, para a compreensão deste processo

[...] o estudioso deve assumir o papel da unidade atuante cujo comportamento está investigando. Como a interpretação está sendo feita pela unidade atuante em termos de objetos designados e avaliados, significados adquiridos e

decisões tomadas, o processo deve ser encarado do ponto de vista dela [...].
(Ibidem, 174).

Por concordar com o pensamento do autor, as inferências apresentadas nos tópicos seguintes têm como referência fragmentos de textos ou falas dos quinze jovens selecionados para esta fase da pesquisa, os quais remetem à subjetividade peculiar ao grupo estudado, permitindo assim a compreensão do processo interpretativo por eles desenvolvido acerca das experiências cotidianas e suas repercussões na construção de seus modos de vida. Contudo, antes deste contato com a subjetividade juvenil, optou-se por trazer à tona algumas reflexões sobre a construção do sentido de vida tendo por referência os estudos de Viktor E. Frankl.

5.1 O SENTIDO DA VIDA SOB A ÓTICA DE FRANKL

O homem, enquanto espécie biológica, tem como característica constitutiva de sua existência a capacidade de superar barreiras, de transpor obstáculos. Tal capacidade o levou à evolução que vemos hoje. Mas, nem toda evolução atingida arrefeceu o seu ímpeto de busca. A busca é a marca de abertura do homem em relação ao mundo. Busca por conhecimentos, por desafios, por outros seres humanos, por sentidos a preencher. Sendo assim, o homem deve ser concebido como dotado de intencionalidades, como um ser que vive com propósitos, e cujo propósito fundamental é dotar a vida de sentido. Logo, é possível afirmar que o ser humano está primária e naturalmente orientado para criação e realização de valores (BÜHLER, 1965), condição definida por Frankl como sendo uma “vontade de sentido”, ou seja: “o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos” (FRANKL, 2011, p.51), característica que o distingue de qualquer outra espécie animal (FRANKL, 2005).

Contudo, o autor destaca que a auto realização não constitui a busca, nem mesmo a intenção primária do homem. Segundo ele, a existência humana é dotada de um caráter auto transcendente e, por conta disso, só é possível alcançar a auto realização quando se preenche um sentido no mundo. Deste modo, a auto realização deve ser percebida como um efeito não intencional das intenções da vida, do mesmo modo que a felicidade e o prazer.

Outro aspecto importante destacado por Frankl (2011) é o fato de que, embora seja impulsionado, empurrado pelos instintos, o homem é também refreado pelo sentido, cabendo sempre a ele decidir sobre a realização ou não do sentido, o que implica, em si, numa tomada

de decisão. Vale lembrar que o sentido se relaciona a indivíduos específicos submetidos a circunstâncias específicas, sendo, por isso, único.

Entende-se, portanto, que o processo de tomada de decisão, corresponde a uma resposta dada à pergunta de uma pessoa ou da própria vida. Tal pergunta contém uma “intenção” que corresponde ao sentido em si. Sob esta ótica, o homem é livre para responder a estas perguntas desde que o faça com “responsabilidade”, pois, ao dar a “resposta certa”, estará encontrando o “verdadeiro sentido” de uma situação vivenciada. Por esta razão, Frankl refere-se ao sentido como “algo a ser encontrado e descoberto, não podendo ser criado ou inventado” (Ibidem, p. 81).

[...] na realidade, em vez de reagir ou obedecer, o homem responde, isto é, responde às questões que a vida lhe coloca e por essa via realiza os significados que a vida lhe oferece. (FRANKL, 2005, p. 29)

Por outro lado, deve-se também considerar que, apesar da unicidade dos sentidos, existem determinadas situações comuns partilhadas por indivíduos, tanto transversalmente na sociedade quanto ao longo da história, que revelam a existência de sentidos que dizem respeito à própria condição humana. Tais sentidos são entendidos pelo autor como “valores”. “Logo, podem-se definir valores como aqueles universais de sentido, que se cristalizam nas situações típicas que a sociedade – ou, até mesmo – a humanidade tem de enfrentar.” (FRANKL, 2011, p.74)

Tais valores foram classificados por Frankl em três grupos: i) valores de criação – que compreende o que o homem “dá” ao mundo por meio de suas “obras”; ii) valores de experiência – referentes ao que o homem “recebe” do mundo a partir dos “encontros e das experiências”; e iii) valores de atitudes – relacionados às atitudes e posturas adotadas diante da vida, como reação a um destino irremediável.

Tal classificação possibilitou ao autor inferir, a partir de uma análise fenomenológica da experiência valorativa do homem simples, que este pode encontrar sentido na vida tanto por meio de “obras” que reflitam boas ações, experiências de bondade, verdade, beleza, na natureza e na cultura; quanto no encontro com outro ser humano, em sua genuína unicidade, ou melhor dizendo, no amor. Contudo, o autor ressalta, como experiência mais nobre do sentido aquela vivenciada por pessoas que, limitadas por situações irremediáveis, escolhem assumir atitudes afirmativas da vida, superando a si próprias num exemplo de auto transcendência, que transforma a miséria do sofrimento inevitável numa conquista.

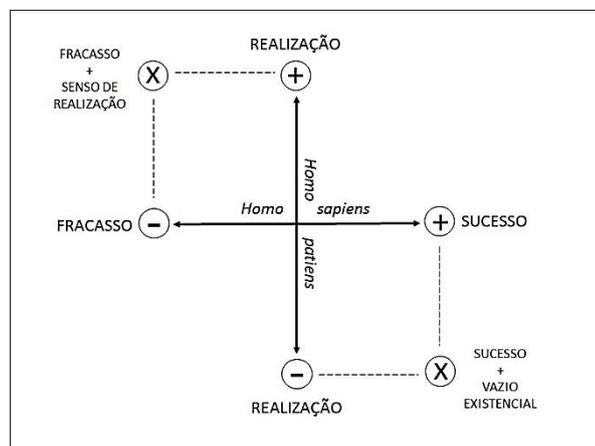
Para Frankl (2005), tanto na condição de extrema necessidade quanto na de abundância, o homem pode se sentir motivado a buscar um sentido, como também pode ter o seu desejo de sentido frustrado. Tem-se, então, o desejo de sentido como uma necessidade específica, não reduzível a outras necessidades, e que se encontra presente em todos os indivíduos em diferentes intensidades. Contudo, não se pode desconsiderar o fato de que

[...] as condições podem variar na medida em que tornam mais fácil ou mais difícil para um indivíduo encontrar em sua vida um sentido ou dinamizar o sentido de uma determinada situação. Estamos pensando em sociedades diferentes e nos diferentes graus em que elas promovem ou inibem a dinamização do sentido. E, linha de princípio, o sentido é acessível em qualquer condição, mesmo nas piores que se possa imaginar. (Ibidem, p.43)

Em seu processo de análise, Frankl (2005) distingue no homem duas diferentes dimensões. A primeira corresponde ao *Homo sapiens* (ser racional e dotado de conhecimentos e recursos) que, ao longo de sua existência, move-se entre o extremo positivo do sucesso e seu oposto negativo do fracasso. A segunda, representada pelo *Homo patiens* (que sofre, que sabe como sofrer e como transformar seus sofrimentos em conquista), que, por sua vez, movimentar-se sobre um eixo perpendicular ao do *Homo sapiens*, que se estende entre o polo da realização – a partir de uma vida com sentido - e o do desespero – devido à falta de sentido de vida (Figura 1).

Segundo o autor, somente a partir do reconhecimento destas duas dimensões humanas, é possível compreender porque pessoas de sucesso são levadas ao desespero devido ao vazio existencial, enquanto outras, menos afortunadas, podem desfrutar de um senso de realização, ou mesmo felicidade, por terem encontrado um sentido para o próprio sofrimento. Tem-se, neste caso, o pleno exercício da auto transcendência.

Figura 1 – Representação adaptada das dimensões do homem concebidas por Frankl (2005, p.44).



Sob esta ótica, torna-se evidente que a auto transcendência da vida humana compreende o fato de que ser humano significa estar em relação com algo ou alguém diferente de si, seja isso um significado a ser realizado ou outros seres humanos a serem encontrados. O não exercício da auto transcendência é um importante fator de desequilíbrio da existência humana.

Para o exercício da auto transcendência, o indivíduo goza de liberdade. Contudo, a liberdade humana é limitada, uma vez que o homem não é livre de certas condições, apesar de ser livre para posicionar-se diante delas. Dentro de certos limites, o indivíduo pode deixar-se sucumbir diante das condições vivenciadas ou tentar superá-las, chegando mesmo a lograr êxito, o que lhe abre caminho para penetrar na dimensão humana.

Olhando por um outro ângulo, é possível afirmar que o indivíduo não é subjugado pelas condições em que se encontra. São elas que estão submetidas às suas escolhas. De forma consciente ou não, ele decide que posição assumirá: se de enfrentamento ou submissão. O fato que não pode ser esquecido é que:

O ser humano não é uma coisa entre outras. As coisas são determinadas umas pelas outras. O homem, ao contrário, determina-se a si mesmo. Ou melhor, ele escolhe deixar-se ou não determinar-se pelas pulsões e pelos instintos que o estimulam, ou então pelas razões ou pelos significados que o atraem. (FRANKL, 2005, p.58)

Neste sentido, ao relacionar-se estas reflexões ao processo de construção dos modos de vida juvenis três aspectos merecem ser comentados. O primeiro diz respeito ao fato de que as circunstâncias de vida dos jovens estudados não podem ser tomadas como determinantes decisivas das configurações de processos socializadores que dão expressão a seus modos de vida, uma vez que os posicionamentos assumidos pelos sujeitos é que vão definir o grau de efetividade dos efeitos das circunstâncias.

O segundo aspecto relaciona-se à condição de sujeito dos jovens. Ela não se estabelece no momento em que o indivíduo percebe a estreita parcela de realidade que ocupa, sobre a qual pensa e que o limita. O jovem se faz sujeito a partir das relações que estabelece, e dos compromissos que assume no sentido de sustentá-las, estando aí a dimensão propriamente dita de sua subjetividade (SOUZA, 2004). Ser sujeito é sustentar o próprio tecido da subjetividade que, por sua vez, significa “compreender, pelo agir subjetivo, pela âncora subjetiva da própria existência, que não se existe senão em relação humana, ou seja, em relação ética”. (Ibidem, p. 40-41)

Sob esta ótica, é possível perceber uma afinidade entre as reflexões de Souza (2004) e aquelas desenvolvidas por Frankl (2005; 2011), quando o primeiro autor se refere a ética como sendo a construção do sentido da vida humana a partir do encontro com o outro. Segundo ele, encontrar o outro “significa encontrar uma *razão de viver*, um motivo para perdurar na existência. A longo prazo, significa a possibilidade da *construção de um sentido humano* em meio às agruras e dificuldades.” (SOUZA, 2004, p. 60 – grifos do autor)

Tem-se, então, o terceiro aspecto a ser destacado, ou seja: considerando que as relações compreendem o campo onde os jovens vão encontrar oportunidades de descoberta de sentidos de vida; e tendo em vista que tal descoberta só ocorre a partir de relações éticas, então é possível afirmar que, quando um jovem tenta construir suas vidas a partir de relações não éticas, o sentido advindo destas relações seria, efetivamente, um sentido de morte, uma vez que “a ética é uma relação da vida com a vida, é uma reconstituição radical [...] das possibilidades de revitalizar a vida” (Ibidem, p. 44). Sendo assim, pensar na construção de um modo de vida a partir da objetivação de relações não éticas é abdicar de uma racionalidade em prol da vida, passando a assumir uma razão violenta e totalitária direcionada para a morte. É deste modo que se estabelecem na vida dos jovens a “condição de desviantes”.

Destaca-se, contudo, que tal “condição de desviante” não diz respeito àquela que contraria os padrões estabelecidos, o que em si, representaria julgamentos e juízos de valor que poderiam culminar em preconceito. A “condição de desviante” aqui suscitada diz respeito às prerrogativas de uma ética da vida que sustenta uma racionalidade em prol da vida e, por conseguinte, da humanidade.

Diante de tais reflexões, considera-se definidas as premissas a partir das quais pretende-se analisar as experiências subjetivas vivenciadas pelos jovens estudados, tendo em vista a identificação dos sentidos que os movem no processo de construção de seus modos de vida.

5.2 AS RELAÇÕES COM O LUGAR

A percepção dos jovens acerca do lugar onde vivem representa uma referência importante para a compreensão do tipo de relação estabelecida entre eles e seu principal campo de relações humanas. É relacionando-se com o seu lugar que o jovem encontra referências importantes para a construção de sua identidade e de seu modo de vida. Sendo assim, foi na

expressividade dos textos e das falas dos jovens que buscou-se compreender os significados e sentidos advindos das experiências com o lugar.

Analisando os textos produzidos pelos jovens a partir da técnica de complemento de frases adotada na segunda fase da pesquisa, constatou-se que o Subúrbio Ferroviário era percebido por eles como um local belo, em função dos recursos naturais, e alegre, devido à forma como as pessoas se relacionam, o que lhes transmitia a sensação de acolhimento, fazendo com que a maioria deles valorizasse e amasse o lugar onde viviam.

Este lugar me deixa encantada, o mar a praia... / Vivo em um lugar onde todos se sentem bem um com o outro. (Fragmentos de texto produzido por Esquilete)

Vivo em um lugar que apesar das dificuldades, a alegria nunca falta. (Fragmento de texto produzido por Nick)

Este lugar: bairro muito lindo/ Vivo em um lugar muito bom, amo meu bairro. (Fragmentos de texto produzido por Gordo)

Contudo, percepções menos positivas também foram manifestadas principalmente no que se refere ao convívio constante com dificuldades inerentes à pobreza e com riscos, decorrentes do assédio contumaz de traficantes de drogas e de situações de violência que acabam por transmitir insegurança e medo diante da presença cotidiana da morte.

Muitas vezes reflito sobre a situação em que vivo, se poderia ser melhor ou não. / Meu maior problema: condição financeira. / Vivo em um lugar calmo, mas um pouco perigoso. / Não esqueço das dificuldades que passei. (Fragmentos de texto produzido por Inha)

Muitas vezes reflito sobre a minha morte/ Meu maior medo é morrer/ Não quero morrer! / Custa-me muito uma vida. / Lamento a perda de amigos mortos. (Fragmentos de texto produzido por Jogador)

Esforço-me diariamente por ser mais forte mentalmente. (Fragmento de texto produzido por Preto)

Alguns jovens demonstraram sensibilidade em relação à conjuntura que os cercava, fazendo uma correlação com a conjuntura mais ampla, contudo, sem uma visão crítica que lhes possibilitasse compreender a origem real dos problemas do lugar onde viviam, o que serviu também para comprovar o descolamento político já registrado no capítulo anterior.

Vivo em um lugar não muito bom e com pouca segurança. / Gostaria de saber por que a crise está tão alta assim. / Minha opinião é que nós podemos nos esforçar para ter um país melhor. (Fragmentos de texto produzido por Profeta)

Vivo em um lugar não muito legal. / Gostaria de saber quando o Brasil irá melhorar. / Minha opinião é que a política no Brasil é uma vergonha. / Lamento não poder ajudar todas as pessoas necessitadas. (Fragmentos de texto produzido por San)

Chamou atenção o posicionamento de uma jovem, residente em Salvador há apenas um ano, que afirmou assumir a responsabilidade sobre a escolha do lugar onde vivia, não fazendo avaliações, o que sugeriu a aceitação da convivência com todos os aspectos que lhe são peculiares. Contudo, manifestou saudade da vida no campo, denotando que tal deslocamento se deveu a circunstâncias impositivas.

Vivo em um lugar: o qual eu escolhi, mas sinto falta do lugar que eu vim.
(Fragmentos de texto produzido por Nininha)

Para outra jovem, a convivência com a realidade suburbana mostrava-se mais incômoda, suscitando nela o desejo de fuga.

Vivo em um lugar que eu não gosto / Gostaria de viajar sem rumo.
(Fragmentos de texto produzido por Mel)

Como primeira inferência, foi possível constatar que a maioria dos jovens estudados cultivava uma relação de afeto com o lugar onde vive, valorizando principalmente as relações estabelecidas. Contudo, a conjuntura de precariedade estrutural associada à atuação do tráfico de drogas, cria nos jovens uma sensação de insegurança e medo, que certamente influencia a forma como conduzem suas vidas. A “sensação de morte iminente” para alguns deles coloca em cheque suas chances de futuro, o que, para um indivíduo nesta fase da vida, representa um enorme peso, na medida em que a ideia de “construção de futuro” estabelecida na subjetividade do grupo está ligada à própria essência da condição juvenil.

Com relação às impressões colhidas durante as conversas individuais mantidas com os jovens na terceira fase da pesquisa, foi possível perceber que, para a maioria deles a influência do lugar sobre suas vidas se dá de forma relativa. Segundo eles, o jovem tem possibilidades de escolha mesmo quando se encontra sob condições precárias de existência, fato tratado por Frankl (2005) como capacidade de autodeterminação.

Eu acho que pode influenciar, mas também não, porque eu sou dono da minha vida, então eu escolho o que eu quero fazer. (Trecho de conversa com Orelha)

Bom, eu acredito que não, porque eu vivi num meio, digamos um pouco errado, tive amigos, colegas que viviam no tráfico, essas coisas, mas hoje em dia, graças a Deus, eu não me envolvi em nada. Nunca bebi, nunca fumei, tenho uma vida ótima. Eu não acho que porque você vive em um meio ruim você vai se tornar uma pessoa ruim. É mais uma escolha própria, porque ninguém é obrigado a nada. [...] A pessoa que tem a mente fraca, acaba se deixando influenciar com facilidade, mas, uma vez dizendo, ninguém é obrigado a nada. Ela tem uma escolha, mesmo sabendo das dificuldades que ela tem, das necessidades que ela passa, mas ela tem uma escolha. É uma opção de vida. (Trecho de conversa com San)

A estrutura familiar, a religião e o poder dos exemplos dados por pessoas significativas na vida dos jovens, são para eles elementos importantes no processo de formação juvenil, podendo mesmo ser determinantes no tipo de posicionamento que um jovem assume diante da vida. Vale destacar que a referência ao poder do exemplo compreende não apenas exemplos positivos, mas também situações negativas, muitas delas com desfechos dolorosos.

No meu caso, por exemplo, eu tenho, desde pequena.... Eu convivo num lugar que as pessoas me apoiam, me incentivam a fazer as coisas que eu quero, me dão conselhos, então aí isso influencia sim. [...] Apesar das coisas de ruim, minha mãe, minha família vem me incentivando a fazer as coisas certas, a escolher as coisas certas.

Você vê muita gente ao seu redor tendendo para escolhas negativas?

Sim, sim. Muitos amigos meus já se envolveram em coisas erradas... E se acabando nesse mundo das drogas, por exemplo. Tenho exemplo de amigos que já morreram, até.

E o que é que você acha que faz um jovem optar por um caminho desses?

Falta de incentivo. Às vezes eles não têm ninguém para apoiar, para mostrar o que é certo e que é errado. E isso pode acabar desmotivando, porque não tem ninguém que cuide, que ligue para ele. (Trecho de conversa com Esquilete)

Meu irmão já aprontava na rua, mas a gente não sabia. Quando ele morreu foi que a gente veio descobrir. Minha mãe ficou arrasada, mas... fazer o quê! Os amigos dele mesmo que matou ele. Aí eu sempre olho para traz e penso no que aconteceu. (Trecho de conversa com Orelha)

E o que influenciou você, nas suas opções de vida?

Primeiramente foi a igreja. Depois que eu me converti eu melhorei muito de vida e já via que essas coisas não serviriam para mim - o mundo das drogas e da violência. E mais ainda: eu aceitando a Jesus, indo para a igreja, vivendo com pessoas de bom caráter, aí eu compreendi mais ainda qual era a melhor coisa para mim. (Trecho de conversa com San)

A convivência com a pobreza extrema, com a discriminação e com a privação das chances de viver plenamente a condição juvenil, também é apontada pelos estudantes como aspecto marcante de suas vidas, que influenciam comportamentos tanto de forma positiva como negativa.

É um problema grave sim. Se o filho, ali, ele já cresce com dificuldades em casa, vê a mãe sofrendo, o pai sem emprego, ele acaba se envolvendo com esse meio para tentar ajudar a família. Porque esse jovem não tem muita oportunidade de emprego, então ele acaba se envolvendo com coisas ruins e destruindo a vida. (Trecho de conversa com Inha)

[...] às vezes, no lugar onde a gente vive, a gente encontra pessoas com a vida bem assim, na miséria, e isso influencia a gente a querer um futuro melhor, até para poder ajudar estas pessoas. Então eu acho que influencia bastante. (Trecho de conversa com Japa)

Olha, hoje em dia existem muitos preconceitos [...]. Porque na maioria das vezes tem discriminação de quem mora na Suburbana por quem mora nos

lugares nobres. Isso influencia porque têm pessoas que não respeitam o lugar onde os outros moram, a convivência, as amizades. Isso influencia bastante.

Então você acha que existe uma desvalorização do lugar onde você vive?

Com certeza, porque [...] sentem até medo da gente, às vezes [...]. Como se a gente fosse [...] de outro planeta. Eu não ligo não. Eu fico normal, porque, sei lá, é um bairro na cidade grande, é um bairro, então nunca deixa de fazer parte da cidade. [...] e em todos os lugares existe violência. (Trecho de conversa com Nininha)

O jovem precisa de diversão, precisa de alegria para viver e ser feliz. [...] então ele acha que não tendo diversão, não tendo coisas boas como projetos, por exemplo, que todo bairro deveria ter, e o bairro não tem. Por isso eles se influenciam de entrar no mundo do tráfico. (Trecho de conversa com Orelha)

Embora alguns jovens não reconheçam a influência do lugar em suas vidas, a adoção de determinadas posturas como a vida reclusa e as restrições nos círculos de relações denuncia uma atitude defensiva diante do contexto anteriormente apresentado. Aliado a isso, estes jovens, como forma de escapar aos estigmas a eles imputados, acabam por atribuir a elementos externos a responsabilidade sobre os processos de violência registrados no Subúrbio.

Aqui eu estou segura. Eu não acho que aqui onde eu moro tem tanta violência, de casa para o colégio é rápido, nunca aconteceu nada comigo. Para comprar um pão, para sair, nunca aconteceu nada.

Eu não sou muito de sair de casa, mas.... É, pode ser que venha, sim, ocorrer alguma violência, porque não é o paraíso, mais a mim nunca chegou nada, mas pode ter acontecido com outras pessoas.

É, não me sinto não [influenciada pelos aspectos negativos do bairro] porque quando acontece não são pessoas daqui de dentro. As pessoas daqui de dentro, todo mundo se conhece e não tem essa índole assim. São as pessoas de fora, e eu nunca me senti afetada em nenhum dos meios que eu ando. (Trecho de conversa com Panda)

Porque para muitos, que não trabalha e não faz curso, a gente chega do colégio e fica dentro de casa para não se misturar e se influenciar com coisa ruim. É melhor ficar dentro de casa, não é?

Então vocês optam por ficar presos em casa para não se expor ao risco de se envolver com coisas erradas?

Exatamente. (Trecho de conversa com Mel)

Independente dos aspectos apresentados, os jovens ainda são capazes de identificar outros que relacionam a vida suburbana à vida no campo, o que serve para elucidar as origens culturais de sua população, trazendo à tona as referências primárias de sua subjetividade.

[...] aqui é um bairro de se admirar muito. No interior às vezes os vizinhos se juntam para limpar a rua, onde eu morava mesmo. Aí limpava todo mundo. Aqui no conjunto é o cuidado que as pessoas têm com a praça, porque aquilo é um meio de lazer, e as pessoas se juntam mesmo, e é muito bonito isso. Eu sempre passo com minha mãe e vejo.

Então você acha que apesar de tudo, ainda existe nessa população características que são da cultura do interior?

Eu creio que existe, até porque não tem como abandonar tudo, porque é cultura e se é cultura é da gente. (Trecho de conversa com Japa)

Considerando o discurso dos jovens, foi possível inferir que, apesar dos estigmas sociais com os quais convivem e da existência marcada pela precariedade nas suas mais diversas expressões, os jovens estudados conseguem desenvolver estratégias de vida centradas na autodeterminação. Não foi percebido em nenhum dos discursos a adoção de posturas de vitimização ou conformismo. Percebeu-se, ao contrário, que os jovens se sentem desafiados pelas circunstâncias de vida oferecidas pelo Subúrbio Ferroviário, fazendo delas um fator de motivação à auto superação, o que sugere a descoberta de um sentido de vida.

5.3 AS RELAÇÕES COM A FAMÍLIA

Por meio dos fragmentos de textos produzidos pelos jovens na segunda fase da pesquisa, constatou-se que, independente da configuração assumida, a família ainda se constituía em instância socializadora importante no processo de construção de seus modos de vida. Destacou-se neste contexto a figura materna como importante referência de fonte de afetos, orientação e segurança, bem como de motivação.

Amo minha família e amigos. / Minha mãe: meu tudo. / Meu maior medo: perder minha mãe/ Recordo sempre o que minha mãe sempre me ensina. (Fragmentos de texto produzido por Mel)

Estou melhor quando estou com minha família/ Gosto de passear com a família/ Quando eu era criança adorava sair para almoçar com a família/ Não consigo mentir para mãe/ Minha mãe: minha professora, uma verdadeira rainha e mulher/ Quando tenho dúvidas nessas horas minha mãe é meu Google. (Fragmentos de texto produzido por Nick)

O tempo mais feliz: quando estou entre família, ou seja, ao lado das pessoas que eu amo/ Amo minha família e minha esposa. (Fragmentos de texto produzido por Lonzinho)

Admiro muito meus pais/ Meu pai: minha vida/ Minha mãe é tudo para mim. /Estou melhor quando estou com minha mãe/ Eu luto por minha mãe/ Não quero perder minha mãe/ Meu maior medo: perder minha mãe. (Fragmentos de texto produzido por Gordo)

Percebeu-se também que, para alguns jovens a exacerbação dos vínculos com a mãe - revelando inclusive dependência emocional por parte deles - ocorreu, em especial, como consequência da ausência paterna por morte, abandono ou até pelo não reconhecimento de paternidade (pai desconhecido). Neste contexto para muitos jovens a lacuna paterna passou a

ser preenchida por padrastos ou outros parentes, porém, não de forma plena, acarretando consequências emocionais expressas através de comportamentos específicos.

Sofro pela falta de meu pai / Meu pai: homem maravilhoso que sinto muita falta. / O passado, apenas saudade. / Com frequência sinto saudade e ciúmes. / Meu maior medo: perder minha mãe. (Fragmentos de texto produzido por Panda em alusão ao pai falecido)

Meu pai não é presente em minha vida. / Recordo sempre da minha infância. / Quando era criança era perturbado, desobediente, chorão. (Fragmentos de texto produzido por San em alusão ao pai desconhecido)

Meu pai: fico imaginando como ele é, se pensa em mim. Minha mãe é minha melhor amiga/ Não esqueço todos os esforços feitos por minha mãe/ Meu maior medo: perder a pessoa que amo, minha mãe. (Fragmentos de texto produzido por Esquilete em alusão ao pai desconhecido)

Problemas decorrentes do desequilíbrio na relação dos pais, dos conflitos entre gerações, entre outros também foram identificados em algumas famílias, o que certamente repercute nas percepções dos jovens acerca de seu ambiente privado, influenciando os sentimentos sobre si, na adoção de certas posturas e nas estratégias para superação deste tipo de dificuldade.

Os filhos têm que obedecer aos pais e respeitá-los/ Quando era criança desobedecei muito meus pais e hoje me “arrependo”. (Fragmentos de texto produzido por Nininha)

Minha mãe é uma guerreira/ Meu pai é um sem vergonha. / Meu problema principal é pressão familiar. / Meus amigos são mais irmãos que amigos, me ajudam bastante com as conversas que temos. (Fragmentos de texto produzido por Inha)

Não quero brigas entre parentes. / Fracassei em tentar unir a família. / Meu maior medo de perder minha família e meus melhores amigos / Sofro em perder entes queridos / Tentei conseguir ficar mais com minha falecida vó / Com frequência sinto saudades de entes queridos como minha vó. (Fragmentos de texto produzido por Preto)

Meu pai: melhor do mundo, meu anjo sem asas/ Fracassei quando decepcionei meu pai. (Fragmentos de texto produzido por Nick)

A influência das relações familiares na percepção dos jovens também foi notada quando estes se expressavam acerca de planos futuros. Para a maioria deles, a formação de uma família apareceu como um desejo a ser concretizado, obedecendo inclusive às convenções sociais estabelecidas. No entanto, ficou bastante evidente que o desejo de constituir uma família vinha assentado sobre diferentes significados a depender da história de vida do jovem, podendo

apresentar-se: como uma idealização romântica típica da juventude, em especial para as moças; como forma de suprir possíveis carências pessoais suscitadas pelo núcleo de referência; como estratégia para libertar-se do domínio dos pais, adquirindo autonomia sem provocar conflitos; ou como um plano de vida natural a ser concretizado sem ansiedades.

Exemplo a: Preto vem de uma família desfeita a partir da separação dos pais. Este fato, associado ao afastamento da mãe que foi morar em outra cidade ao constituir nova família provocam no jovem uma lacuna que ele busca preencher a partir da idealização de uma futura família a ser construída por ele. (*Meu futuro ter uma família / A felicidade é ter uma família e cuidar dela / Minha vida futura: ter uma linda família*)

Exemplo b: Pertencente a uma família onde a relação dos pais é marcada por conflitos, Inha demonstrou em todas as fases da pesquisa uma racionalização exacerbada dos seus projetos de vida, inclusive na forma com que tratava temas como casamento e filhos, o que pode sugerir medo de vir a viver experiência semelhante à dos pais. (*Casamento: não tenho pressa em constituir família/ O sexo não tem tanta importância neste momento da minha vida/ Os filhos: não pretendo ter nenhum no momento*).

Exemplo c: Profeta idealiza um futuro a partir da constituição de uma família bem-sucedida, baseada num relacionamento pautado na confiança, respeito e afeto e com filhos desejados e amados (*Minha vida futura: família bem-sucedida/ O casamento tem que ser [...] um entendendo o outro, sem briga/ Os filhos: para paparico antes de existir/ O sexo não é tudo na vida*) – um reflexo da sua própria família.

Como principal campo de ação da família, independentemente da existência de conflitos, o lar representava para a maioria dos estudantes pesquisados um porto seguro diante da conjuntura do Subúrbio. Um local de paz onde podiam ser autênticos, onde podiam manter relações verdadeiras.

O lar é onde quero estar. (Fragmento de texto produzido por Orelha)

Este lugar: minha casa significa muito para mim/ O lar: minha casa é humilde, mas bem organizada. (Fragmentos de texto produzido por Inha)

Este lugar: minha casa, local onde sou quem eu quero ser/ O lar: meu psiquiatra. (Fragmentos de texto produzido por Flor Africana)

O lar: amo muito meu lar/ Creio que minhas melhores atitudes são quando estou em casa. (Fragmentos de texto produzido por Gordo)

O lar: um lugar bom para desabafar. (Fragmentos de texto produzido por Profeta)

Porém, ao tentarem proteger os jovens de situações de vulnerabilidade, alguns pais se excediam, tolhendo-lhes excessivamente a liberdade e provocando neles o desejo de libertar-se.

Eu prefiro sair do que ficar em casa. / Meus amigos: meu porto seguro.
(Fragmentos de texto produzido por Mel)

Diante dos aspectos destacados foi possível inferir a importância da família, enquanto instância socializadora primária, no processo de construção dos modos de vida juvenis. Representando o universo privado destes indivíduos, a família pode ser percebida como referência matriz dos afetos e das visões de mundo que vão orientar as interpretações dos jovens acerca do mundo e da vida. Tais interpretações, por sua vez, vão direcionar suas decisões e consequentes posturas diante das circunstâncias vivenciadas.

É também por meio da família (entendida aqui como grupo de referência) que o jovem ensaia sua autotranscendência. Na medida em que o “encontro” com este grupo, por meio dos afetos e da vivência comum das circunstâncias existenciais, possibilitará que ele descubra sentidos para sua vida. Vale lembrar que este é um aspecto que supera questões de classe ou credo, constituindo-se em algo inerente ao ser.

Tomando-se agora como referência as conversas individuais com os jovens estudados, percebeu-se uma unânime concordância em relação à influência da família na construção de seus modos de vida. Para eles, esta influência se faz presente tanto pelo processo de aconselhamento, quanto pelo exemplo ou pelo apoio e incentivo, o que, segundo alguns, correspondem às funções da família para com os jovens. Outros ainda lembram que, independente destas referências, os jovens têm o livre arbítrio para fazer suas escolhas, o que lhes confere responsabilidade sobre as consequências vivenciadas.

[...] uma família é feita para nos criar e nos ajudar, por isso tem que nos influenciar, nos dar conselhos bons para a gente viver melhor. / Meu pai nem mora comigo, mas está sempre me ligando, falando que eu tenho que trabalhar, ajudar minha mãe.... É que eles são separados... Ele mora em S. A. J. [...] todo ano eu estou lá (no interior). (Trecho de conversa com Orelha)

[...] os pais, sempre, têm que ensinar o caminho onde os filhos devem andar, e muitos ensinam. Mas vai do filho saber se vai querer ou não. Cada ser humano tem o seu direito de escolha. / Hoje eu agradeço a Deus porque eles influenciaram muito. No meu caso, minha avó influenciou muito para eu estar onde eu estou hoje. [...] E foi graças, primeiramente a Deus, e depois a ela que eu consegui tudo que eu tenho hoje. Porque eu sou responsável. (Trecho de conversa com Nininha)

Para alguns jovens, os exemplos das lutas pessoais empreendidas pelos pais funcionavam como fator de motivação, que apontava para possibilidades futuras de sucesso em suas vidas. Estas eram famílias que, superando condições de extrema privação vividas no

campo, conseguiram construir na cidade uma vida digna e que possibilitava perspectivas mais otimistas para os filhos.

[...] meus pais vieram do interior para viver aqui em Salvador e a forma como eles construíram a vida deles é motivação para minha. Porque meus pais sempre correram atrás do que eles precisavam, e hoje eu me inspiro muito no meu pai e na minha mãe, porque eles sempre correram atrás dos objetivos deles. E hoje eu tenho a vida que tenho graças a eles, então eu procuro a cada dia passar isso para outras gerações de minha família. (Trecho de conversa com Flor Africana)

Na minha vida a minha família sempre me influenciou para coisas boas: a estudar, procurar um trabalho, fazer uma faculdade para ser alguém. E isso é influência, uma influência boa, e eles me ajudam muito. / Eles (os pais da jovem) são nascidos no interior, mas hoje eu só tenho minha mãe, e hoje ela mora aqui. Meu pai é falecido. / [...] como a maioria do pessoal que não tinha condições, tinha necessidades, então ela me ensinou a dar valor às coisas que eu tenho, a não desperdiçar comida, água... não desperdiçar nada para não ter, um dia, que passar alguma necessidade como ela passou. (Trecho de conversa com Panda)

Outro aspecto legitimado pelos jovens no processo educativo vivenciado na família relaciona-se aos princípios e valores trazidos da cultura campesina, pelos “outros significativos” (BERGER e LUCKMANN, 2008), e passados para eles, tornando-os mais preparados para lidar com as influências desviantes da cultura urbana.

[...] tem muitos costumes, várias coisas que ela traz de lá (do interior). A gente sente mesmo aquela coisa de vó, aquela coisa antiga. / Algumas regras, algumas coisas que ela me impede de fazer, aí ela fala do tempo em que ela era pequena. Aí ela fala que minha avó falava isso com ela. E eu acho positivo porque parece que no interior, não sei agora, as pessoas eram melhores no sentido de comportamento, da maldade, tinha, mais não como hoje. Então isso é bom e influencia. [...] às vezes a gente acha ruim, mas depois vê que é positivo. (Trechos de conversa com Panda)

Minha avó educou muito meu pai, minha avó educou, muito, minha mãe, e com isso ele trouxe ao decorrer dos tempos quando teve nós. / É, muito diferente. / O pessoal do interior é bem mais tranquilo, bem mais calmo, se estressam pouco. O pessoal daqui já passa dos limites, já quer bater, já quer brigar. O pessoal de lá já é mais tranquilo, fala mais baixo, só conversa, não precisa partir para violência. (Trechos de conversa com Profeta)

[...] pelo fato de ser interior, não tinha tanta (pelo menos no tempo em que eu vivia lá) malandragem, era uma vida social normal - você podia ser criança. Hoje criança não é mais criança como antes. / A disciplina. Acho que pelo fato deles... é a criação deles que eles tentam passar... era mais rígida sim... tinha mais disciplina. (Trechos de conversa com Preto)

A influência dos outros significativos se estende também a outros aspectos da vida juvenil, como a religião, os estudos e mesmo a escolha da profissão futura, podendo servir tanto como fator de orientação quanto de estímulo nos processos de tomada de decisão dos jovens.

Olha, minha mãe é que mais me influencia, porque ela é dona de casa e eu não quero isso para mim. Eu não quero ser dona de casa. Eu quero trabalhar. Eu

quero estudar. Eu quero uma coisa melhor. /Meu tio mesmo. Meu tio é formado. Tinha minha madrinha também. Ela já é falecida, mas ela tinha diploma e sempre me dava bons exemplos. Me falava que estudar era a melhor coisa que eu podia fazer. Todos os meus tios, eles têm emprego fixo, não têm nenhum problema com violência ou com polícia, nada disso. Isso me ajuda muito mais a ir pelo caminho positivo. (Trechos de conversa com Inha)

[...] quem me influenciou a ir à igreja foi meu tio. Eu morava com ele. Antes de eu ir para igreja eu simplesmente não acreditava nessas coisas, eu era... não digo um ateu, porque às vezes eu frequentava a igreja católica, mas não me preocupava muito com isso, respondia, bagunçava, não respeitava os mais velhos, mais depois com a conversa da família, etc., eu fui influenciado e, graças a Deus, não me arrependo de ser influenciado pela família, até porque a família só quer o melhor para a gente. (Trechos de conversa com San)

O que você tem vontade de fazer, em termos de profissão, no futuro?

Estudar medicina.

E eles aprovam esta escolha sua?

Aprovam. Eles... minha mãe também trabalha na área de saúde como técnica de enfermagem e também eu aí já vou construindo um gostar, um amor por medicina, pela área de saúde. (Trechos de conversa com Mel)

Como pode ser observado por meio dos trechos de conversa apresentados, os jovens têm nas famílias (enquanto grupo de referência) um manancial de histórias de vida, valores culturais e experiências partilhadas que lhes possibilita compreender o mundo de forma própria e estabelecer estratégias direcionadas a objetivos construtivos. A força dos exemplos e a disciplina, desenvolvida com base nos valores da cultura camponesa são os principais fatores educativos vivenciados nas famílias estudadas e cujos efeitos são legitimados pelos jovens. Sendo assim, torna-se válido inferir que a cultura camponesa vem se mantendo presente no processo educativo dos jovens pobres de ascendência camponesa que vivem no Subúrbio Ferroviário de Salvador, sendo transmitida entre gerações a partir do processo de socialização primária.

5.4 A BUSCA POR CONHECIMENTOS

A busca por conhecimentos diz respeito a um aspecto muito próprio da juventude, a curiosidade. A curiosidade sobre a vida e sobre as coisas da vida move o jovem no sentido da busca que, como já foi dito anteriormente, é a marca da abertura do homem em relação ao mundo.

Gostaria de saber sobre a vida (Fragmento de texto produzido por Panda)

Eu aprendo todos os dias (Fragmento de texto produzido por San)

Eu aprendo tudo que é bom (Fragmento de texto produzido por Gordo)

Eu aprendo todos os dias coisas novas (Fragmento de texto produzido por Esquilete)

A gente: temos muito que aprender. / Gostaria de saber tudo aquilo que ainda não sei sobre a vida/ Gostaria de aprender tudo que eu pudesse/ Entender como funciona o universo e o que realmente serve (Fragmento de texto produzido por Lonzinho)

Eu aprendo todos os dias a vida (Fragmento de texto produzido por Preto)

É na busca por conhecimentos que o jovem estabelece relações importantes, que lhe proporcionam vivências e aprendizados indispensáveis a sua formação, tanto enquanto indivíduo quanto como sujeito, pois, para ser sujeito, torna-se necessário comprometer-se com a manutenção das relações, o que faz deste compromisso um promotor de conhecimentos, que se dão por meio da partilha de experiências e saberes, de erros e de acertos.

Sempre que posso compartilho ideias/ Quando tenho dúvidas procuro encontrar alguém para tirar minhas dúvidas/ Aprendo muito perguntando a pessoas experientes. (Fragmento de texto produzido por Lonzinho)

Quando tenho dúvida pergunto a alguém/ Eu aprendo e compartilho. (Fragmento de texto produzido por Jogador)

Eu aprendo a ser melhor a cada dia/ Não esqueço de certos erros. É com eles que aprendo. (Fragmento de texto produzido por Mel)

Nesta perspectiva, a busca juvenil por conhecimentos legitima-se principalmente no campo das relações, mesmo quando se trata das instâncias oficiais de educação.

Minha opinião é: esse colégio poderia ser melhor. / Estou melhor quando estou na escola. / Na escola tenho muitos amigos que eu gosto. (Fragmento de texto produzido por Orelha)

Na escola aprendo o que preciso e me divirto o quanto posso (Fragmento de texto produzido por Flor Africana)

Na escola sou irreverente, um bom aluno, respeito meus colegas. / Tentei conseguir ganhar o campeonato do colégio. (Fragmento de texto produzido por San)

Na escola estou ao lado de amigos e ao mesmo tempo aprendendo/ Este lugar me acalma e me ensina (Fragmento de texto produzido por Lonzinho)

Este lugar: colégio: tenho aprendizados não só com os estudos. / Na escola gosto dos meus amigos. (Fragmento de texto produzido por Jogador)

Na escola gosto de estar com todos e estudar na hora certa assim como brincar na hora certa. (Fragmento de texto produzido por Preto)

Embora os estudos fossem valorizados como uma via para um futuro profissional com perspectivas mais promissoras, a escola passou a ser percebida pelos jovens do Subúrbio Ferroviário como um espaço de vivência da condição juvenil. Era na escola que encontravam

seus pares, exercitavam a irreverência peculiar a esta fase da vida, trocavam experiências, desafiavam-se, viviam amores, enfim: eram jovens.

Para mim os estudos são mais importantes que namorar e trabalhar. / Eu prefiro estudar mais. / Com frequência sinto falta de muitas coisas importantes como: oportunidades de cursos. / Quando estou sozinha estudo muito e aprendo mais. / Minha opinião é: a educação é que muda o futuro que podemos ter. (Fragmento de texto produzido por Inha)

Na escola sou uma pessoa calma, mas é escola de muito ensino de qualidade/ Sofro quando não consigo entender algo/ Fracasei na matemática. (Fragmento de texto produzido por Profeta)

Meus estudos me tornam em alguém melhor para o futuro promissor. (Fragmento de texto produzido por Lonzinho)

Meus estudos: necessários para crescer. / Admiro muito o gosto de ensinar dos professores. (Fragmento de texto produzido por Mel)

Era na “segurança da escola” que podiam sentir-se livres por algumas horas do dia, quando escapavam do confinamento domiciliar, para desfrutar da sociabilidade do mundo juvenil real. Mas, até que ponto a escola já tinha consciência disso? Até que ponto uma instituição idealizada para disciplinar e moldar comportamentos, encaixava-se neste novo papel que a contemporaneidade lhe trouxe?

Um exemplo interessante a ser comentado é o que vinha ocorrendo com a leitura. Em conversas com professores, constatou-se uma preocupação por parte deles com o fato dos alunos não lerem, o que estava refletindo de forma negativa no desempenho escolar. Contudo, para a maioria dos jovens estudados, a leitura representava um espaço importante de suas vidas, tanto como fonte de aprendizado com de vivências subjetivas.

A leitura me faz relaxar. (Fragmento de texto produzido por Orelha)

A leitura me fascina, é perfeita. Muito legal aprender palavras novas. / Sempre que eu posso eu leio. (Fragmento de texto produzido por Nininha)

A leitura: não tenho nenhuma dificuldade. / Sempre que posso leio bastante. (Fragmento de texto produzido por Inha)

A leitura é fundamental para viver. / Sempre que posso leio livros. (Fragmento de texto produzido por Flor Africana)

A leitura é interessante. / O passado sempre é bom para ensinar [fazendo referência à preferência por romances históricos]. (Fragmento de texto produzido por Esquilete)

A leitura me deixa sempre calmo. / Esforço-me diariamente por: a leitura. / Sempre que posso eu leio mais. / Quando estou sozinha tento aprimorar meus conhecimentos na leitura. (Fragmento de texto produzido por Profeta)

A leitura é algo que me faz muito bem. (Fragmento de texto produzido por Japa)

A leitura: uma cultura importante para mim. (Fragmento de texto produzido por Mel)

Foi constatado que, para estes jovens, a leitura funcionava como uma porta aberta que lhes permitia viver inúmeras experiências e emoções das quais eram privados devido à reclusão a que eram submetidos por medida de segurança. Fato marcante era a preferência por romances que narravam histórias de auto superação, onde, segundo eles, buscavam exemplos para suas vidas, para suas lutas pessoais. Era este processo de catarse que possibilitava a estes jovens desenvolverem a confiança e determinação necessárias para o enfrentamento das dificuldades. Eles buscavam na leitura “argumentos subjetivos” para superação dos estigmas que lhes eram imputados.

O fato é que eles não estavam lendo os clássicos endossados pela escola, que nem tinha uma biblioteca, mas a Bíblia ou *best sellers* juvenis, comprados a preços módicos nas lojas de departamento e partilhados (inclusive dentro da escola) numa verdadeira ciranda que alimentava suas almas de esperança no futuro e lhes permitia ser jovens. E os céticos dirão que estavam se alienando, se aculturando, mas, na verdade, estavam apenas criando espaços de otimismo diante da vida, que alimentavam a descoberta de sentidos.

De acordo com Michèle Petit (2013), a leitura faz sentido mesmo para aqueles que leem pouco, pois, mesmo dedicando um tempo reduzido a esta atividade, o encontro com determinadas frases em um livro pode ter o poder de mudar o curso de suas vidas. Neste sentido, a autora considera o livro mais importante que o audiovisual, por permitir que o indivíduo se abra para a fantasia, para o imaginário, para o mundo exterior.

Esse espaço criado pela leitura não é uma ilusão. É um espaço psíquico que pode ser o próprio lugar da elaboração ou da reconquista de uma posição de sujeito. Porque os leitores não são páginas em branco onde o texto é impresso. Os leitores são ativos, desenvolvem toda uma atividade psíquica, se apropriam do que leem, interpretam o texto, e deslizam entre as linhas seus desejos, suas fantasias, suas angústias. (Ibidem, p. 43-44)

Neste sentido, a leitura permitia aos jovens tomarem consciência de si e encontrarem energia para superar o contexto ao qual estavam presos, diferenciando-se e, assim, libertando-se dos estereótipos que os aprisionavam. Logo, parafraseando Marcel Proust (2013), é possível dizer que cada jovem, quando lê, é o próprio leitor de si mesmo. O livro é apenas um instrumento ótico oferecido pelo autor, que lhe permite discernir algo que, de outro modo, não teria visto em si mesmo.

Tem-se então dois aspectos a serem destacados sobre a busca de conhecimentos desenvolvida pelos jovens estudados. O primeiro refere-se à priorização dos conhecimentos adquiridos por meio das relações, como referência para a construção de seus modos de vida. O segundo destaca a importância da leitura como campo de autoconhecimento e diferenciação subjetiva que favorece a superação dos estigmas pelos jovens.

Analisando-se agora as conversas individuais, desenvolvidas com os jovens estudados, percebe-se que elas vêm corroborar as inferências anteriores advindas da produção textual, na medida em que destacaram mais uma vez a importância dos conhecimentos adquiridos por meio das relações, possibilitando inclusive estabelecer uma comparação entre a funcionalidade destes e daqueles adquiridos por meio da educação formal.

[...] na escola você aprende questões de educação: como falar com as pessoas... e com as pessoas você aprende experiências de vida que você precisa usar. Eu acho assim. (Trecho de conversa com Lonzinho)

[...] o conhecimento, eu acho, não vem apenas do colégio. Vem da área em que vivemos, vem de cursos que fazemos, vem de amizades que temos, porque eu posso ter amizade com uma pessoa mais velha que já esteja na faculdade, então ela pode me inspirar nisso. Então eu acho que conhecimento não vem apenas do colégio ou de curso, mas sim do mundo em que vivemos e das pessoas que estão ao nosso redor.

Então você acha que suas experiências do dia a dia te ensinam bastante? Te ensinam talvez mais do que a escola?

Sim.

Você acha que com estas experiências você constrói uma forma de viver só sua?

Não só minha, mas para toda sociedade. Porque todas as experiências que eu tenho, eu tenho o costume de não ficar só para mim, e sim passar para amigos meus. Porque eu posso ter vivido uma coisa que o meu amigo está passando pela mesma coisa. E se eu consegui passar por isso e passo a experiência que eu tive, acabo ajudando da mesma forma que eu fui ajudada. (Trecho de conversa com Flor Africana)

Para os jovens, os estudos representavam um conhecimento importante para uma evolução acadêmica que lhes garantiria ingressar em profissões valorizadas socialmente. No entanto, a participação em cursos suplementares de caráter profissionalizante pareceu ser uma preocupação objetiva tanto para os jovens, como para suas famílias, tendo em vista viabilizar o rápido acesso destes ao mercado de trabalho.

Você está fazendo curso de quê?

Informática e administração [...]. É um curso particular que tem aulas práticas e teóricas. No curso eu aprendo, na área de administração mesmo, eu aprendo como administrar uma empresa, como fazer. Na de informática, ter todo conhecimento sobre informática. E isso também vai me ajudar, lá na

frente, quando eu for procurar um trabalho, já vou ter experiências com estas áreas de administração e informática. (Trecho de conversa com Panda)

Cursos, é aquilo ali que vai fazer a gente entrar no mercado de trabalho [...]. Já fiz curso de almoxarife, informática básica, Photoshop... e ainda vou fazer mais. Eu ainda não arrumei nenhum emprego, porque eu estudo exatamente pela manhã, e eu não quero estudar à noite. Eu procurei, mas só que as vagas que eu queria eram justamente pela manhã. E como eu não tenho uma necessidade desesperada de conseguir trabalho, então eu prefiro esperar mais. (Trecho de conversa com Inha)

E a partir desses cursos, você acha que cresceram suas possibilidades de conseguir um trabalho?

Sim, porque com esses conhecimentos eu posso investir numa carreira profissional. Aprendendo mais coisas, aumenta minhas chances de conseguir um trabalho. (Trecho de conversa com Esquilete)

Notou-se, contudo, que a participação nestes cursos não segue qualquer critério relacionado à aptidão dos jovens ou um planejamento de carreira, respondendo apenas ao anseio de aproveitar oportunidades de capacitação a baixos custos, muitas vezes de qualidade duvidosa, que criam a ilusão de garantia de empregabilidade nem sempre alcançada, o que acaba por transformar-se em frustração.

Vale destacar, também, que alguns cursos voltados para jovens são oferecidos por empresas que visam, através deles, recrutar e capacitar mão-de-obra para aproveitamento em seus quadros, como forma de atender às políticas de incentivo ao trabalho juvenil atualmente em vigor.

Existem também os jovens mais empreendedores e com capacidade autodidata que, a partir de interesses específicos, buscam os conhecimentos de que necessitam para o desenvolvimento de ideias que podem vir a se transformar em atividades profissionais.

Eu não faço muitos cursos não, mas eu trabalho com decoração. Faço arte com balões. Três anos já que estou trabalhando com isso. Me deu vontade de aprender porque é uma forma que eu vi... porque eu sempre gostei. Quando era criança, ia para festas de aniversário na casa dos meus parentes e ficava observando. E aí comecei este trabalho. Quando comecei eu não entrei sabendo e hoje eu tenho meu compressor, tenho tudo.

E você aprendeu tudo sozinho?

Tudo sozinho, olhando e quando eu não conseguia, eu ia na internet e pesquisava. (Trecho de conversa com Orelha)

Outra fonte de conhecimentos valorizada pelos estudantes são os esportes. Independente do lazer proporcionado, os esportes são percebidos por eles como fonte de disciplina, um aspecto que parece representar para os jovens do Subúrbio Ferroviário a possibilidade de

conquista de autocontrole e ordem em suas vidas, tornando-os menos vulneráveis aos assédios desviantes.

O caratê é muita coisa. O caratê é o meu tudo. Eu tenho disciplina com o caratê, entendeu? O caratê é uma forma de inspiração porque é um esporte. Eu mesmo amo o caratê. Eu pratico caratê há dez meses e já estou na faixa vermelha e pretendo continuar até a faixa preta. (Trecho de conversa com Orelha)

E a capoeira, trouxe alguma coisa boa para sua vida?
A questão da disciplina também, porque na capoeira você tem que ser bem disciplinado. Não é tolerado baderna... aí você já vai usar isso também na vida. A capoeira me ajudou... eu saí mais disciplinado de lá. (Trecho de conversa com Preto)

Outro espaço de aquisição de conhecimento destacado pelos estudantes durante as conversas foram os grupos de jovens das igrejas, onde são desenvolvidos trabalhos com arte, em especial música e dança. Segundo eles, o aprendizado se processa a partir da troca de conhecimentos estabelecida através do trabalho voluntário, o que mais uma vez confirma a importância e legitimidade dos processos relacionais na aquisição de conhecimentos e formação dos sujeitos.

Tem uma amiga nossa que já faz ballet desde pequena, aí ela já sabe um pouco mais sobre a dança. Aí na nossa igreja tem a missa, e na época de festas a gente procura melhorar a missa... tipo uma apresentação para evangelizar... no grupo de música também evangelizar. Em todas as missas a gente canta. Tem um coral e o grupo de música. O coral é com crianças e o grupo de música é com adolescentes e adultos. Aí a gente procura aprender sobre a música e sobre a dança para uma forma de evangelizar.

E vocês aprendem a tocar instrumentos, ou só cantar?

Tocar instrumentos também.

Os professores são jovens que já sabem e vão, como voluntários, ensinar a outros jovens?

Exatamente.

Então vocês se organizam. Só tem jovem se organizando... não tem um professor que vem para fazer isso, tem?

Agora tem um que o padre da nossa comunidade chamou. Um professor, que ele dá aula dia de quarta-feira para a paróquia toda.

(Trecho de conversa com Mel)

Como pode ser notado, o processo de aquisição de conhecimentos desenvolvido pelos jovens estudados está assentado principalmente nas relações construídas nos diversos espaços de socialização por onde transitam. Neste processo, dois aspectos merecem atenção, a solidariedade que motiva a partilha de conhecimentos e experiências e a subjetivação dos indivíduos estabelecida por meio de processos organizativos orgânicos, nascidos de propósitos comuns de enfrentamento da realidade vivenciada. Estes aspectos revelam traços importantes

da cultura camponesa que, mesmo despercebidos, atuam de forma poderosa tanto no fortalecimento do tecido social local quanto na construção dos modos de vida deste grupo.

5.5 A RELAÇÃO COM O TRABALHO

A presença do trabalho na vida dos jovens estudados se dá ainda muito cedo, como já foi anteriormente demonstrado, assumindo assim um papel de destaque como processo educativo, com influência marcante na construção de seus modos de vida.

Para os jovens, em termos morais, o trabalho confere valor aos indivíduos na medida em que é fonte de dignidade e definidor de uma identidade social.

O trabalho é indispensável para a dignidade do ser humano. (Fragmento de texto produzido por Esquilete)

Sem trabalho não sou ninguém. (Fragmento de texto produzido por Mel)

Ele também anima a vida e proporciona aos jovens uma sensação de utilidade que também lhes confere valor social.

O trabalho é muito bom. / Sem trabalho é horrível. (Fragmento de texto produzido por Orelha)

Sem trabalho é horrível, muito chato. (Fragmento de texto produzido por Nininha)

O trabalho me faz muito bem. / Sem trabalho me sinto inútil. (Fragmento de texto produzido por Lonzinho)

O trabalho também assume sentidos utilitários como de provedor do sustento ou viabilizador do consumo, que permite aos jovens vivenciarem a condição juvenil de forma mais independente.

O trabalho: bom para ser independente das coisas dos outros. (Fragmento de texto produzido por Panda)

Sem trabalho não dá para comprar tudo que quero. (Fragmento de texto produzido por San)

Sem trabalho não há sustento (Fragmento de texto produzido por Esquilete)

O trabalho: necessário, mas apenas o ganha pão. / Sem trabalho, neste mundo, não dá para viver. (Fragmento de texto produzido por Nick)

É também no trabalho que estão assentados alguns sonhos juvenis e a esperança de um futuro de realizações.

Quisera ser médica com um bom futuro (Fragmento de texto produzido por Panda)

Meu maior desejo é ser cantora. / Custa-me muito realizar meu sonho. / Meu futuro é ser cantora e de muito sucesso. (Fragmento de texto produzido por Nininha)

Minha principal ambição: ser marinheiro. (Fragmento de texto produzido por San)

Minha principal ambição é fazer Direito e me tornar um advogado. (Fragmento de texto produzido por Profeta)

Meu futuro: ser um engenheiro bem-sucedido e com uma linda família. / Quisera ser alguém na vida, um engenheiro. (Fragmento de texto produzido por Lonzinho)

É por meio do trabalho que os jovens acreditam obter os conhecimentos que lhes abrirão as portas de oportunidades. Contudo, acabam por deparar-se com uma realidade que assusta na medida em que, para eles, o trabalho vem se mostrando cada dia mais escasso e precário.

O trabalho: muito bom para meu conhecimento no futuro. (Fragmento de texto produzido por Profeta)

O trabalho ainda não é o que eu sonho, mas devagar eu chego lá. (Fragmento de texto produzido por Nininha)

Gostaria de conseguir um trabalho. / Tentei conseguir um estágio de auxiliar administrativo. / Fracassei quando não consegui uma vaga de estágio. / Meu maior medo: não conseguir emprego. / Estou melhor quando tenho perspectiva de emprego. / O trabalho: dificuldade para conseguir emprego. (Fragmento de texto produzido por Inha)

Tentei conseguir um emprego, mas está tudo tão difícil. / Sem trabalho: não é o que eu quero por muito tempo. (Fragmento de texto produzido por Japa)

Deste modo, os fragmentos de texto apresentados acabam por indicar o papel expressivo do trabalho como fator estruturante dos modos de vida juvenis, uma vez que seus diversos sentidos acabam por revelar sua influência marcante nas diferentes faces da vida humana, influenciando não apenas na condição de vida objetiva, mas também em aspectos de caráter psicológico e moral. Sendo assim, é possível supor que, no trabalho, também são descobertos sentidos de vida, sendo sua ausência uma fonte importante de vazio existencial, conforme poderá ser percebido pela síntese das experiências de alguns dos jovens estudados.

Experiência1: Orelha informou, por ocasião da pesquisa, que estava trabalhando com decoração de festas com balões há três anos. Segundo o jovem, este era um “bico” que ele desenvolvia apenas nos finais de semana para conseguir o dinheiro para comprar

“suas roupas boas e celular bom”. Orelha já havia tido outras experiências profissionais trabalhando numa padaria e num mercado que, para ele, foram negativas em função das humilhações sofridas. Tal sentimento o motivou a desenvolver seu empreendedorismo e criar (de forma autodidata) o negócio dos balões, que lhe permitia ter independência e autonomia na tomada de decisões. Orelha desejava fazer uma faculdade de Direito, mas afirmou que pretendia manter e ampliar o negócio dos balões e transformá-lo num *buffet* onde empregaria muitas pessoas.

Experiência 2: Durante sua vida no interior, Nininha nunca trabalhou, dedicando-se exclusivamente aos estudos e a pequenas tarefas domésticas. Segundo ela, esta era uma determinação de sua avó, com quem morava desde os dois anos de idade. A jovem afirmou que, já em Salvador, depois que começou a trabalhar não conseguia mais ficar parada, pois gostava da independência e de ter seu próprio dinheiro. Ela contou que, além de estar concluindo o ensino médio, também trabalhava, durante a semana, cinco horas diárias numa lojinha do Subúrbio, recebendo uma remuneração mensal de trezentos reais, sem registro trabalhista. Nos finais de semana, ela também trabalhava vendendo acarajé por conta própria – atividade que aprendeu de forma autodidata ao mudar-se para Salvador há um ano, por perceber o potencial do mercado. Seu plano era, logo que concluísse o ensino médio, buscar emprego junto a uma empresa de telemarketing, por ser um emprego formal. Nininha contou também que planejava cursar uma faculdade. Ela pretendia, inicialmente, ingressar num curso superior tecnológico de gestão em recursos humanos, que lhe permitiria, em pouco tempo, ter uma profissão que possibilitaria trabalhar e conseguir os recursos para realizar seu sonho de cursar a faculdade de música. Nininha afirmou amar a música e estar se preparando para um dia ingressar nessa carreira. A jovem conta, então, com entusiasmo sobre seus planos para chegar à carreira dos sonhos; sobre os “bicos” como cantora de *jingles* políticos; sobre as aventuras nos concursos de música estudantil que já haviam lhe rendido prêmios; e sobre toda a felicidade que isso lhe proporcionava.

Experiência 3: Profeta contou que seu atual emprego, na empresa onde seu pai trabalhou, foi conseguido a partir da participação em um treinamento seletivo. Segundo ele, a empresa consultou os funcionários sobre se tinham filhos em idade para trabalhar. Em seguida, os filhos foram convidados a fazer uma entrevista e os aprovados fizeram o treinamento seletivo, que poderia ser na área de manutenção ou administrativa. Ele

optou pela área administrativa. Depois de ser aprovado no curso, Profeta assinou um contrato de dezoito meses com a empresa, o que garantiu a regularidade do seu vínculo trabalhista. Segundo o jovem, ao final deste período, aqueles que tivessem um bom desempenho seriam aproveitados pela empresa, sendo contratados por tempo indeterminado. Profeta contou que, antes do seu atual emprego, ele trabalhou como ajudante do pai na serralheria da família, onde aprendeu a fazer portões e grades, além da dinâmica da empresa. Segundo ele, essa experiência já lhe permitia assumir o negócio se isso se fizesse necessário. Segundo o jovem, trilhar os passos do pai, tanto na serralheria como na empresa em que está trabalhando, lhe deixava muito feliz, não só pela experiência e aprendizado que vinha tendo, mas principalmente por estar realizando um sonho do pai.

Experiência 4: Preto comentou que boa parte dos jovens do Subúrbio acabavam deixando os estudos para trabalhar no comércio informal, como vendedor de água mineral, por exemplo. Ele contou que trabalhava com o comércio de frutas há sete anos e que não pretendia deixar os estudos. Ele trabalhava com o pai - tendo iniciado como ajudante -, com quem aprendeu as estratégias de compra e venda, sendo na ocasião capaz de assumir o trabalho sozinho, se necessário. Contudo, ele não pretendia continuar trabalhando neste ramo muito tempo, pois tinha planos de ingressar na carreira militar e, como militar, fazer uma faculdade de educação física.

Experiência 5: Esquilete afirmou que, ao completar quinze anos, decidiu trabalhar. Para isso, contou com a ajuda de familiares que, mesmo sem concordar com sua decisão, a auxiliaram a encontrar algumas ocupações convenientes. Deste modo, ela conseguiu trabalhar durante algum tempo numa doceria do bairro, como balconista; durante quatro ou cinco meses vendeu cosméticos através de catálogos com a mãe e, na ocasião da pesquisa, estava trabalhando como auxiliar de classe numa pré-escola, também no Subúrbio. Segundo a jovem, estes empregos não tinham vínculo formal e pagavam valores irrisórios. No entanto, para sua condição na época, eram convenientes, porque, além de permitirem a conciliação com os estudos, lhe garantiam recursos para atender às suas necessidades com roupas e outras pequenas coisas, o que já contribuía com o orçamento doméstico. A jovem afirmou também que tinha planos de fazer, no futuro, uma faculdade de administração ou secretariado e que estava se preparando para isso.

Como pode ser percebido a partir das experiências apresentadas, a relação dos jovens estudados com o mundo do trabalho se dá de forma dinâmica, sem muitas formalidades, apoiada no círculo de relações estabelecidas pelas famílias, principalmente no perímetro do Subúrbio Ferroviário. Tem-se, então, na economia local o campo onde se processa a iniciação profissional dos jovens que, por sua vez, contam com a tutela familiar como proteção.

Neste sentido, a família acaba atuando na identificação e seleção dos postos de trabalho; na transmissão de ensinamentos e experiências referentes a atividades já desenvolvidas (negócios de família); e, em alguns casos, apoiando financeiramente iniciativas empreendedoras desenvolvidas pelos jovens, sugerindo, assim, a percepção do trabalho como um princípio educativo importante no contexto do Subúrbio Ferroviário de Salvador, o que representa mais um traço de união deste lugar com a cultura campesina.

Constatou-se, também, nas experiências apresentadas, que o trabalho desenvolvido pelos jovens funciona, dentro de uma estratégia de estruturação de vida, como via para atingir um propósito maior que, naquela fase de suas vidas, conferia sentido às suas existências, impulsionando suas ações, motivando-lhes à busca de conhecimentos e à superação de obstáculos, proporcionando-lhes o “senso de realização” que os impelia a continuar lutando, movidos por uma racionalidade em prol da vida.

O trabalho, de acordo com Lonzinho, um dos jovens estudados, é o combustível para mantê-lo animado e pronto para quando o “trabalho” aparecer.

Às vezes, só para não ficar parado e sem nenhum tipo de renda, e para não depender dos meus pais também, que eu não gosto, eu procuro sempre fazer algum bico, lavar o carro de alguém, porque eu tenho um lava-a-jato. Só para não ficar muito tempo parado, porque se eu fico muito tempo parado, quando aparecer um trabalho você não vai ter aquele mesmo ânimo para trabalhar.
(Trecho de conversa com Lonzinho)

A partir desta aparente contradição, podemos entender que, apesar da escassez do trabalho formal, resguardado pela legislação, e que representa a meta dos trabalhadores em geral, os jovens do Subúrbio Ferroviário estão trabalhando, azeitando suas mentes criativas e, com determinação, buscando seus sonhos sem se deixarem abater pelo peso dos estigmas que carregam.

5.6 A RELAÇÃO COM A RELIGIÃO

O homem é o único ser que atribui significado às coisas, buscando interpretar o mundo onde vive. Deste modo, a existência humana está marcada por uma eterna busca de sentido, sendo a religião um dos caminhos.

Nenhuma religião é exclusivamente metafísica, encarnando também uma moral profunda capaz de influenciar de forma marcante a conduta humana. Essa intrínseca relação entre os aspectos metafísicos e éticos das religiões faz com que o sagrado suscite não apenas a devoção, mas também induza os indivíduos a uma aceitação intelectual e a um compromisso emocional. Deste modo, é possível identificar em todas as religiões uma relação significativa entre os valores da sociedade e a forma como estes se estruturam (GEERTZ, 1989).

Sob esta ótica, a religião pode ser percebida como um provedor de significados gerais a partir dos quais cada indivíduo interpreta suas experiências e organiza suas condutas. Logo, os símbolos religiosos acabam por integrar sentidos normativos e coercitivos em torno dos quais se organiza a vida objetiva dos indivíduos (GEERTZ, 1989).

Para Jung (1958), a ausência de religião na vida humana poderia ser apontada como um dos fatores promotores de transtornos psíquicos. Frankl (2007), por sua vez, acreditava que a religiosidade tem a capacidade de proporcionar o sentimento de proteção e amparo que, de forma indireta, acaba por promover efeitos psico-higiênicos nos indivíduos. Logo, considerando que, na contemporaneidade, o vazio existencial é um fator importante de tormento humano (FRANKL, 1990), é possível pensar na religiosidade como uma via para a descoberta de um significado único, pessoal e intransferível para a vida, o que protege o indivíduo contra o vazio e o desespero (AQUINO, 2009).

Tomando como referência as conversas individuais mantidas com os jovens participantes deste estudo, foi possível perceber a presença marcante da religiosidade nas vidas da maioria deles, representada por uma “atitude religiosa” expressiva.

Para uma melhor compreensão, torna-se importante explicar – com base nas dimensões atitudinais definidas por Michener, Delamater e Myers (2005) - que as atitudes religiosas compreendem três dimensões principais: i) o componente cognitivo – que envolve os pensamentos e crenças religiosas; ii) o componente afetivo – que contempla emoções ou

sentimentos vivenciados a partir das práticas religiosas; e iii) o componente comportamental - que se relaciona com a probabilidade ou tendência do indivíduo comportar-se de maneira específica.

Tomando como referência o componente cognitivo, foi possível perceber que, independente da religião, predomina entre os jovens estudados a crença numa divindade superior, onipotente e onipresente que rege suas vidas, estando estas sujeitas aos seus desígnios, julgamentos e punições, o que funciona como um balizador de condutas que influencia de forma significativa no processo de construção de seus modos de vida.

Quando a gente busca Deus, as demais coisas desse mundo que a gente precisa, ele acrescenta [...]. Ele conhece a minha dificuldade e conhece aquilo o que eu preciso melhorar. É tudo conforme a vontade dele, eu só tenho que obedecer. [...] Eu estava muito ansiosa e eu sei que Deus não trabalha na nossa ansiedade. Ele nos acalma primeiro. E assim eu tive uma experiência muito grande com ele. Eu aprendi a não me importar com as coisas desse mundo que se desfaz, mas me ligar nas coisas do alto, que vêm Dele, que é para sempre. Então eu estou bem tranquila em relação a emprego mesmo. [...] O tempo de Deus é o tempo Dele, não é como eu quero. (Trecho de conversa com Japa – evangélica praticante)

[...] porque tem aquelas coisas que você pensa em fazer, aí eu penso: será que eu devo fazer? Será que se eu esconder de minha mãe Deus está lá em cima vendo? Será que é pecado? Às vezes acontece isso sim. (Trecho de conversa com Panda – acredita em Deus mas não tem religião)

[...] eu acho que a religião influencia, sim, os jovens, porque ela fala da moral, dos bons costumes. O jovem, que está vivendo aquilo ali, não vai se envolver com nada de errado. Se ele é uma pessoa cristã, que acredita em Deus, que Deus só preza as coisas certas e não quer nada errado, ele não vai se envolver em nada errado. A religião é uma coisa ótima. (Trecho de conversa com Inha – católica não praticante)

Entre os jovens adeptos das religiões evangélicas, percebeu-se uma peculiaridade digna de destaque. Eles acreditam na religião como um “carisma” que torna seus seguidores seres especiais por serem conhecedores das “verdades divinas”, que eles se sentem na obrigação de partilhar. Tal pensamento funciona como um estímulo que os impele às “ações missionárias”, que nem sempre são bem aceitas socialmente.

Às vezes eu fico triste, porque eu sei o que eu aprendo na igreja. Eu sei o que é verdadeiro. Eu fico triste porque as pessoas, elas julgam sem saber. Mas se você quer aprender, você vai aprender a verdade. Se você não quer, a gente não pode obrigar as pessoas a aceitar o evangelho só porque a gente é evangélica. Vai de pessoa, se você quiser ser, você é, se você não quiser, você não é. É uma opção pessoal, a gente não precisa estar julgando, não. (Trecho de conversa com Nick)

[...] eu leio o Novo Testamento que é a parte que Jesus ensina, porque hoje em dia, aqui na Terra, nós somos os discípulos de Jesus. Porque tem os seguidores, que são aqueles que não fazem parte de religião nenhuma - para não ofender as outras religiões - e nós somos os discípulos, aqueles que

praticam. Então quando a gente lê o Novo Testamento ele ensina: amar o teu próximo, ensina como a gente tem que tratar nosso irmão, que não devemos julgar, então tudo que eu leio eu procuro praticar. (Trecho de conversa com Nininha)

Em termos da aquisição de conhecimentos, percebeu-se que a prática religiosa estimula o estudo doutrinário, o que pode ser notado a partir do percentual de jovens que leem regularmente a bíblia, bem como outros livros de cunho religioso (como foi demonstrado no capítulo anterior), fazendo de seus ensinamentos referências importantes para a estruturação de suas vidas.

[...] eu nasci numa família protestante, eu sou evangélica, e, na medida da minha fé e dos meus conhecimentos bíblicos, eu acredito que a minha vida com Deus, o que eu aprendi desde pequena influencia muito, porque eu não vejo a bíblia apenas como um livro, mas como um manual de vida. Então eu acredito que a religião influencia muito na construção da minha vida.

Onde, exatamente, você acha que a bíblia mais influencia sua vida?

Em todas as áreas da minha vida porque na área profissional a bíblia ensina que a partir da minha fé eu não devo desistir dos meus sonhos; na área familiar, graças a Deus, eu tenho união com minha família; com meus amigos também. E, na minha vida sentimental também, porque nela [bíblia] eu aprendi muitas coisas sobre o amor, compreensão e isso eu acho que influencia muito a minha vida. (Trecho de conversa com Flor Africana)

Contudo, vale destacar que, não podendo controlar plenamente o modo como os textos são lidos, compreendidos e interpretados pelos jovens, outras estratégias são criadas pelas igrejas como forma de estabelecer a uniformidade doutrinária. Os estudos assentados na leitura coletiva da bíblia, por exemplo, efetuada nos grupos de jovens e em momentos de retiro, quando jovens se reúnem sob a orientação de um religioso (padre, pastor, entre outros), compreende uma vertente da leitura identificada por Michèle Petit (2009) como estratégica para imposição de modelos comportamentais, representados por santos ou outras figuras edificantes, submetendo os indivíduos à força de um preceito, que acaba por prendê-los nas malhas de uma identidade coletiva, assentada em uma subjetividade que vai sendo forjada paulatinamente.

Nesses grupos de jovens da igreja vocês fazem exatamente o quê?

A gente faz missões da religião.

Como são essas missões?

Tem os acampamentos, que a gente vai para outras cidades e fica alojado geralmente em um colégio. Aí tem missões... como eu posso falar... da bíblia. A gente vai lendo, tem os eventos “traga mais um”, que é os jovens que não tenham religião para ir conhecendo mais. (Trecho de conversa com Mel)

Analisando-se agora os componentes afetivos que envolvem as atitudes religiosas dos jovens estudados, percebeu-se que para um contexto onde as circunstâncias de vida impõem

aos indivíduos inúmeras limitações que acabam por frustrar desejos, dificultar conquistas e impor privações de diversas naturezas as práticas religiosas acabam por funcionar como momentos de catarse que unifica os indivíduos.

Na casa de Deus há lugar para todos. Os fiéis não estão em competição, mas em comunhão entre si. Diferente da sociedade, a comunidade religiosa não precisa se submeter aos esforços da diferenciação funcional para integrar seus membros em seu regaço. Assim ela representa, prefigura e realiza a sociedade ideal, como um reino de Deus secularizado. (VANDENBERGHE, 2009, p. xxx)

Deste modo, é na igreja que os jovens encontram acolhimento e se acolhem mutuamente, criando espaços de convivência onde desenvolvem relações importantes que os possibilita enxergar um lugar para eles no mundo, onde a autoestima se fortalece na crença de que cada indivíduo tem um valor próprio para a divindade.

Como foi que você fez essa opção pela religião evangélica?

Meus amigos, amizades que ficavam falando: olhe vá para isso porque o mundo que estamos hoje não é para ficar no mundo, porque o único caminho que você tem que ir é o caminho de Deus. Porque se não for esse o caminho, não dá.

Você acha que a religião lhe trouxe coisas diferentes, depois que você passou a frequentar a igreja?

Trouxe sim. Uma visão melhor do mundo. Uma visão para você, em si. Não que o mundo seja melhor, não que o mundo seja bom, mas uma visão melhorada do mundo para você.

Mas, essa visão, você acha que é real ou é uma visão ilusória?

Eu sei que não é real, mas a gente se sente melhor em achar que é real para a gente.

Então é como se a religião lhe ajudasse a se tornar uma pessoa mais otimista em relação à vida?

Com certeza. (Trecho de conversa com Lonzinho)

Outro aspecto da religião que se mostrou atraente e emocionante para os jovens estudados, foi a música. Trazendo as verdades doutrinária numa linguagem emocional, as canções religiosas demonstraram ter o poder de atingir a sensibilidade juvenil, favorecendo reflexões profundas e o afloramento de sentimentos que, a depender das circunstâncias, pode transformar-se em verdadeiras catarses emocionais que proporcionam momentos de alívio importantes para a convivência com as adversidades da vida. Foi a música, em muitas situações, que atuou como um primeiro atrativo para a conversão de alguns jovens a uma religião, sendo por isso muito estimulada nos trabalhos de evangelização juvenil nas igrejas do Subúrbio Ferroviário.

[...] quando eu não tenho tempo de ler a bíblia, eu foco na música. Porque a música tem letras que respondem o que vem se perguntando por dentro, ou senão à tristeza mesmo, que bate de vez em quando. A música ajuda muito porque ela tem letras que vão lá no fundo e volta... é muito bom. (Trecho de conversa com Profeta)

Na igreja, quando eu via aquelas meninas... eu via as meninas jovens, adolescentes cantando e eu ainda era criança, eu ficava doida para poder cantar. Só que eu não podia, porque eu não era evangélica ainda. Então minha avó se converteu e começou a me levar. [...] fiquei lá mesmo na escola dominical, que era onde as crianças tinham oportunidade. Aí eu louvava, cantava mesmo. Eu amava e foi, cada vez mais, crescendo esse desejo em mim. (Trecho de conversa com Nininha)

Passando à análise dos componentes comportamentais identificados neste estudo, percebeu-se que os jovens praticantes de uma religião, que têm uma fé consolidada, são mais resilientes, persistindo em seus propósitos de forma mais confiante.

Quando você diz que graças ao que aprende na religião, você nunca desistiria dos seus sonhos, o que não lhe deixa desistir?

É a fé.

Agora vamos imaginar que você não consiga realizar um objetivo. Você acha que não conseguiu porque não teve fé, ou por outra razão?

Acho que onde eu não consegui algum dos meus objetivos, foi porque eu não consegui buscar da maneira correta. Porque mesmo que eu não consiga uma vez, eu vou tentar até conseguir. Algo que eu tenho muito grande é a fé, e, se eu não conseguir, eu vou tentar várias e várias vezes, porque eu sei que um dia eu consigo. (Trecho de conversa com Flor Africana)

Por estar em contato constante com Deus [...] a pessoa fica de bem com a vida, cria ideias. Ele fica mais esperançoso em conquistar seus objetivos pois está na igreja.

Então você considera a igreja um campo de motivação para vocês?

Com certeza. Para qualquer pessoa. A pessoa pode até dizer que não, mas qualquer pessoa se sente bem melhor com a presença de Deus. (Trecho de conversa com Lonzinho)

Tal postura, além de beneficiar o próprio indivíduo, pode funcionar como exemplo estimulante para outros, a partir de ações solidárias que se mostraram comuns entre os jovens estudados.

Percebeu-se também que, no ambiente do Subúrbio, em geral, é esperado dos jovens praticantes de religiões, em especial dos evangélicos, que assumam comportamentos de certa forma estereotipados, pautados nos dogmas religiosos, o que gera sobre estes uma maior pressão social. No entanto, foi visto que, embora a fé destes indivíduos esteja assentada em códigos normativos peculiares a cada religião, tendo a solidariedade e o respeito ao semelhante

como princípios fundantes de seus comportamentos, isso não os impede de perder o prumo em determinadas situações, expondo, assim, sua humanidade.

Apesar da gente ser evangélico mas existem momentos em que a gente se encontra perdido. Assim, às vezes a gente se afasta de Deus com nossas atitudes, porque Deus não pode ficar próximo ao pecador. [...] Deus tem um futuro traçado para a gente, só que a gente escolhe outros caminhos [...] porque a gente tem que passar nossas experiências. Aí a gente se encontra em situações em nossa vida que a gente olha para um lado, depois olha para o outro, então não tem jeito. Então a gente fica: - Meu Deus, o que eu vou fazer? - Aí a gente encontra a paz nele. A paz que eu sinto, assim, com tanta coisa acontecendo, eu queria passar para todo mundo [...]. Eu aprendi a perdoar e a pedir perdão. Deus me ensinou muito sobre isso. Eu creio que é isso, a esperança que Deus nos dá [...]. Então quando uma pessoa vê essa paz em mim ela vai pensar: - Eu quero aquela paz para mim. (Trecho de conversa com Japa)

Você acha que a ideia de que possa existir um céu e um inferno serve de controle para você?

Mais ou menos, porque tem vezes que você está cheio. Aí você explode, aí já foi, já pecou, não tem céu nem inferno.

E quando acontece isso, quando você perde o controle, como é que você lida com isso?

Depois é conversar com Deus e pedir desculpa, pedir perdão pelos nossos pecados, que a gente tem que pedir todo dia. (Trecho de conversa com Preto)

No entanto, muitas das expectativas criadas em torno dos jovens praticantes de religiões, estão justamente vinculadas à crença de que estes indivíduos, tendo um comportamento diferenciado que os preserva de certos desvios temidos socialmente, constituem-se em pessoas de valor, sendo por isso bem aceitas e respeitadas nas comunidades onde vivem. Tal narrativa, também contribui para que a busca por parceiros se direcione para as igrejas e, em especial, para os grupos de jovens, o que acaba por influenciar, em muitos casos, novas conversões. Tem-se, assim, na prática religiosa, uma chancela que avaliza a qualidade pessoal dos indivíduos, tornando-os mais aceitáveis socialmente.

[...] as mulheres hoje estão usando muito a questão da religião para conseguir namoro, relacionamento.

Elas se convertem porque acreditam que no ambiente das igrejas vão conseguir bons maridos, bons namorados?

Um exemplo: você visita a igreja onde eu congrego. Aí você vê lá um jovem bonitinho, aí você se converte já de olho naquele jovem.

Então o crescimento do acesso dos jovens às igrejas também tem a ver com a paquera? A igreja passou a ser um local de paquera?

Tem gente que vai fazer isso mesmo. Lá na igreja onde eu vou, tem muito jovem que vê aquelas meninas lá na igreja, aí entra, se converte, casa e pronto. Tem uns até que sai. Casa e sai da igreja. Não vai mais. No caso só foi no intuito da menina mesmo.

Mas tem alguns que se convertem e passam a ser praticantes?

Tem muitos, que se convertem e ficam firmes mesmo.

E você acha isso positivo? Os fins justificam os meios?

Às vezes justificam, às vezes não. (Trecho de conversa com Nininha)

O preconceito religioso também é um aspecto comportamental marcante nas vivências dos jovens estudados. Ele se dá em duas vias: dos jovens praticantes de religiões evangélicas em relação às pessoas de outras religiões; e das pessoas de outras religiões em relação aos jovens evangélicos.

Por acreditarem ser dotados de um “carisma” os jovens evangélicos, apesar do discurso de “não julgamento do próximo”, manifestam em suas falas claros sinais de crenças e comportamentos discriminatórios em relação a outras religiões, em especial contra os seguidores de religiões de matriz africana como o Candomblé, que acreditam estar relacionado ao culto do demônio.

A religião... às vezes a gente nem sabe decifrar direito o que é... Eu acho que religião é respeitar a opinião do próximo. No meu caso, me ajudou bastante porque hoje em dia a gente sabe o que fazer e como fazer. Agora entre outras pessoas do catolicismo, da umbanda, candomblé, eu não sei porque, não é que eu não converse, mas é que eu não gosto de discutir religião [...] porque às vezes a pessoa fica ofendida... uma pessoa do candomblé mesmo, fica ofendida em saber que a gente é evangélica, sente meio que receio... e tem pessoas também que é evangélica e tem medo de quem é do candomblé, mas sendo que eu não tenho isso não... falo, brinco... às vezes a gente fica meio que assustada, não espera que aquela pessoa seja e aquela pessoa é, então a gente leva um susto.

É existe mesmo uma intolerância religiosa. E tem muitos evangélicos que não têm noção do que fazem, porque se Jesus não julgou aquela prostituta, se o próprio Jesus não lançou a pedra, quem somos nós para julgar. O que nós temos que fazer é respeitar o próximo, sempre respeitar. Cada um segue aquilo que sente desejo e se sente bem. Eu não me sentia bem na igreja católica e, quando eu era menor, eu não gostava de quem era católico [...] mas hoje em dia eu procuro me dar bem, porque a gente não deve jogar pedra no próximo, tem que procurar ajudar. Está com dúvida naquilo? A gente esclarece [...]. A gente que vive aqui na Terra, todos que conhecem a palavra, deve seguir, da forma como ela lhe conduz. (Trechos de conversa com Nininha)

Em contrapartida, o comportamento e as “certezas” proclamadas pelos jovens evangélicos acabam por despertar nos seguidores de outras religiões provocações e zombarias que podem chegar a ser constrangedoras ou mesmo ofensivas, criando situações de ostensiva discriminação. No entanto, a “crença na posse do carisma” lhes confere maior segurança para lidar com estas situações, as quais resignificam a partir dos preceitos da própria religião.

O fato de você ter esta fé e abraçar esta fé de uma forma tão forte faz com que venha a ser discriminada por outros jovens?

Eu creio que sim, porque [...] se eu escolho não seguir o mesmo caminho que minhas colegas eles pensam assim: - É a santinha – Eles ficam jogando piadinhas, não comigo, porque meus colegas, graças a Deus, me respeitam muito. Às vezes eles estão falando alguma coisa e eu estou perto aí eles dizem: - Olha a menina ali! – Eu admiro isso, que é o respeito. Mas tem aqueles que se sobressai e fica jogando piadinha.

E como você se sente nesses momentos?

[...] eles ficam fazendo de tudo para você errar e aí te apedrejar depois. Aí é que a gente tem que pedir mais força a Deus, para a gente estar firme Nele e não errar, e não dar motivos para as pessoas dizerem: - Que Deus é esse que permite que sua serva seja deste jeito: que xingue e outras coisas [...] dando um mal testemunho e envergonhando o nome de Jesus que é santo. Mas há um pouco de discriminação. (Trecho de conversa com Japa)

Um fato inegável é a crença generalizada entre os jovens estudados de que a participação juvenil efetiva nas igrejas – independente da religião – contribui de forma positiva para o desenvolvimento de comportamentos saudáveis e comprometidos socialmente com o bem-estar coletivo, o que acaba contribuindo para uma atuação mais efetiva deles na comunidade, bem como uma maior resistência aos apelos desviantes do tráfico de drogas e da criminalidade em geral.

Como eu já tinha dito, depois que eu comecei a frequentar a igreja minha vida mudou completamente. Praticamente todo dia indo para igreja. Eu ficava em casa, quando não era da igreja. Sem fazer nada ou ia para rua jogar bola. Gastava o meu tempo com besteira. Mas depois que eu me converti, eu abri a minha mente para coisas mais complexas, comecei a compreender mais as coisas: respeito ao próximo, amar, ajudar, isso. Eu tenho muitos amigos, colegas que eram pessoas erradas, já mataram, já roubaram, usavam drogas, mas hoje em dia, graças a Deus, Deus libertou disso. E [...] está aí pregando a palavra, ajudando ao próximo, então a igreja, eu creio que é uma instituição que ajuda muito a melhorar os jovens, a modificar a forma de vida dos jovens. (Trecho de conversa com San)

Porque quando a gente entra em certa religião tem pastores e padres que vão ajudar a gente a seguir o caminho. Ajudar a gente a melhorar em tudo. Aí já esquece mais esse negócio de coisas do mundo, como: farra e bebida, entre outras coisas. (Trecho de conversa com Mel)

Porque o importante da religião é que ela fala que você tem que fazer o bem...então é isso. Influencia porque aí você não vai ser essa pessoa miserável. Porque existe muitas pessoas que diz ser ateu, que não tem crença... aí ela leva uma vida assim... não tem amor ao próximo, não liga. Para ela não existe um céu e um inferno... tudo... morreu, morreu, acabou. (Trecho de conversa com Preto)

Diante dos aspectos apresentados, é possível inferir que a religião representa uma instância socializadora importante na construção dos modos de vida dos jovens de ascendência camponesa que vivem no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Tal fato assenta-se na clara expressão de uma “atitude religiosa” por parte dos jovens, conforme foi demonstrado.

Destaca-se, contudo, que este resultado contrasta com aqueles encontrados por Aquino et al. (2009) num estudo onde investigou a relação entre o sentido de vida e a atitude religiosa de forma transversal e correlacional, em uma amostra composta por 300 sujeitos de ambos os sexos (37% homens e 63% mulheres), com idades variáveis, cuja média correspondia a 42 anos. Segundo os autores

Os baixos escores de atitude religiosa na juventude podem ser mais bem compreendidos pelo fato de, na contemporaneidade, haver uma quebra dos valores religiosos, especialmente entre os mais jovens. Com o triunfo da ciência e da tecnologia, os valores atribuídos à religiosidade foram relegados a um segundo plano. Diante da perda dos referenciais religiosos, os indivíduos, principalmente os mais jovens, passaram a substituir seus ideais culturais pelos ideais particulares, uma vez que, nas últimas décadas, diante das múltiplas possibilidades que lhes são oferecidas, a maioria dos jovens optam por um estilo de vida dessacralizado. (Ibidem. p. 241)

Apesar da concordância com os argumentos apresentados pelos autores no que se refere aos jovens em geral, considera-se oportuno sugerir que se leve em conta circunstâncias de vida específicas, como aquelas vividas pelos jovens participantes deste estudo, que não contam com tantas possibilidades e que convivem com a “iminência da morte” (seja ela física ou social), como já foi anteriormente demonstrado. Neste contexto a presença marcante da religiosidade, decorrente das tradições e valores da cultura campesina e expressa por meio da atitude religiosa, compreende a forma de enfrentamento da precariedade de vida que caracteriza suas existências. É a forma que estes jovens têm de suportar as contingências existenciais sem cair na condição de vazio existencial, ou mesmo de desvio, uma vez que, através da religião, podem encontrar sentidos para suas vidas.

5.7 CAINDO NAS REDES

A partir da Revolução Industrial, o ímpeto pelo consumo de novas tecnologias tem se ampliado progressivamente em todo mundo, o que acabou por influenciar a configuração da sociedade que, em paralelo, foi se tornando mais líquida (BAUMAN, 2004), possibilitando o surgimento de novos meios de comunicação, de diversão, de trabalho e até mesmo de relações humanas. Um bom exemplo disso são as comunidades virtuais resultantes de uma nova forma de organização social surgida na contemporaneidade: a sociedade em rede, na qual, segundo Castells (2002), a geração, o processamento e a transmissão de informações tornaram-se fontes essenciais de produtividade e poder.

Neste contexto, é visível a progressiva proliferação dos sistemas de rede, em especial da Internet, onde se desenvolve um campo de relações virtuais de pessoas com interesses

comuns, mesmo que afastadas geograficamente. Para Douglas et al. (2008), a socialização constitui-se num dos principais atrativos desta ferramenta, sendo provavelmente a manutenção de relações interpessoais a principal razão para comunicação via computadores (BARGH & McKENNA, 2004).

No entanto, o que vem sendo percebido é que este tipo de relação, ao mesmo tempo em que facilita os contatos, também facilita a ruptura dos mesmos, influenciando na natureza das relações estabelecidas, suscitando “um modo de socialização e individuação inédito” (LIPOVETSKY, 1983, p.7). Para Bauman (2004),

Diferentemente de “relações”, “parentescos”, “parcerias” e noções similares – que ressaltam o engajamento mútuo ao mesmo tempo em que silenciosamente excluem ou omitem o seu oposto, a falta de compromisso -, uma “rede” serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades. Na rede, elas são escolhas igualmente legítimas, gozam do mesmo status e têm importância idêntica. Não faz sentido perguntar qual dessas atividades complementares constitui “sua essência”! A palavra “rede” sugere momentos nos quais “se está em contato” intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna ‘relacionar-se’ a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma “conexão indesejável” é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-la. (Ibidem, p. 12)

Tem-se, então, nas relações virtuais uma fragilização do “compromisso” enquanto pressuposto estruturante das relações humanas e, conseqüentemente, do processo de subjetivação dos indivíduos.

Na atualidade, é possível ao indivíduo divulgar na internet aspectos específicos de sua identidade que venham a gerar identificação com “o outro”, favorecendo uma interação comunicativa. Para tanto ocorre uma moldagem da identidade e da imagem pessoais de modo a enquadrá-las ao perfil compatível com determinados grupos ou comunidades virtuais nos quais se pretende ser aceito. Tem-se assim uma “adequação do indivíduo” ao ambiente e à situação (MARTINS, 2010). Segundo Thompson (1995):

Ao separar a interação social do local físico, o desenvolvimento dos meios técnicos afeta também as maneiras como, e o quanto, os indivíduos são capazes de gerenciar sua auto apresentação. Toda ação ou desempenho se dá dentro de um referencial interativo específico que implica toda uma espécie de pressupostos, convenções e pontos de referência. Um indivíduo, agindo dentro desse referencial, adaptará a ele, até certo ponto, seu comportamento, projetando uma autoimagem que é mais ou menos compatível com o referencial. (Ibidem, p. 302)

Pode-se, então, inferir que o processo adaptativo demandado pela informatização das relações humanas implica não apenas no acesso dos indivíduos aos meios técnicos –

configurado pela posse de equipamentos e domínio de seu manuseio –, mas também uma adaptação comportamental e conseqüentemente subjetiva, relativa aos novos modelos de relação estabelecidos. Neste contexto, torna-se importante analisar de que forma este processo vem ocorrendo com os jovens pobres, de ascendência camponesa, que vivem no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

Tomando como referência as conversas individuais desenvolvidas com os jovens participantes deste estudo acerca da utilização da internet e, mais especificamente, da participação nas redes sociais, foi possível constatar que a motivação mais destacada foi a possibilidade de comunicação com familiares e amigos, além de outras. No que se refere à comunicação com familiares, foi perceptível a valorização do resgate e manutenção de vínculos, inclusive com a possibilidade de uma participação, mesmo que virtual, na vida familiar, o que pode sugerir uma preservação não apenas de vínculos afetivos, mas também culturais.

Mas as redes sociais são importantes porque a gente recebe notícias, fala com os amigos que se mudaram e agora vivem distante. A gente não vê, mas conversa com eles. Volta a falar com parentes que moram longe. E encontra pessoas nas redes sociais e isso ajuda também. (Trecho de conversa com Inha)

Você tem contato com seus amigos; na parte do trabalho é que ajuda você a se comunicar com seus colegas de trabalho e com seus patrões; nos relacionamentos, para se relacionar com uma pessoa você não precisa tanto de celular e você conversa com ela o dia todo. (Trecho de conversa com Lonzinho)

E eu já tive a experiência de falar com uma grande amiga de infância que eu não falava há muito tempo, e matar a saudade, pegar o número dela e poder conversar de novo. Assim, ver fotos de casamento de familiares que eu não pude ir e ver que foi tudo lindo, que foi como a pessoa sonhou, então isso é muito bom [...]. (Trecho de conversa com Japa)

Porque é assim: você tem um parente distante... outro dia mesmo fizeram um grupo da família, no WhatsApp... eu já vim a conhecer parentes que eu não conhecia, nem sabia que tinha... do Rio. Porque é assim: minha avó, eu acho que ela veio do Rio e ficou morando lá no interior... aí conheci parentes... eu acho bom. (Trecho de conversa com Preto)

Outro aspecto, segundo os jovens, que motiva o uso da internet e a participação nas redes sociais é a possibilidade de manter-se informado e atualizado tanto em termos gerais quanto, especificamente, sobre oportunidades de trabalho, cursos e treinamentos.

No Face eu vejo muitas notícias que, às vezes, me ajudam. Eu fico olhando, muito, emprego. Isso me ajuda. (Trecho de conversa com Panda)

Tem seus pontos positivos [...]: arrumar emprego. Tem gente que arruma muito emprego através das redes sociais. Cursos... faz cursos também. Comunicação... comunicação mais rápida. (Trecho de conversa com Nininha)

[...] nas redes sociais os amigos estão sempre colocando coisas de emprego, cursos, esses negócios. Eu passo para outros amigos também, porque algum deles pode ter interesse também. (Trecho de conversa com Gordo)

[...] eu sempre busco, além de conversar com meus amigos, eu busco sempre me atualizar. Assim... eu busco trabalho, porque lá fala muito; pesquiso muito sobre o SENAI, porque o SENAI também fala muito pelo Facebook. (Trecho de conversa com Jogador)

Chamou atenção um aspecto destacado por um dos jovens: a crença de que ter um perfil nas redes sociais constitui-se em símbolo de status, além de funcionar como via para uma avaliação seletiva dos indivíduos.

Esse contato com as redes sociais te ajuda em que, na sua vida?

Comunicação, porque para tudo você precisa do status... até para um emprego agora te perguntam se você tem e-mail... esses negócios, aí você tem que estar atualizado. Quando eu fui também no alistamento eles pediram meu e-mail, aí eu dei lá.

Então você acha que fazer parte das redes sociais, ter um e-mail e transitar na internet lhe dá um status social?

É.

E isso, de alguma forma, abre portas para você, por exemplo, no trabalho?

E também eu acho que as pessoas pedem seu e-mail para ver como é sua vida social, se anda em farra direto, se anda com conflitos... (Trecho de conversa com Preto)

Tal crença, por sua vez, pode servir para justificar a postura de alguns jovens de optar por postar informações verdadeiras, mas que não possibilitem uma exposição mais acentuada.

[...] quando a pessoa pede um e-mail seu ela vai te conhecer porque você não vai falar tudo. Aí ela vendo seu status lá ela vai ver: ele gosta disso, ele não gosta disso... porque quando você compartilha você posta uma opinião e aí por causa disso a pessoa vai te conhecer. [...] A gente mostra a parte boa. Não é bem uma mentira. (Trecho de conversa com Preto)

Ultimamente... eu acho mais fácil botar a verdade, porque de repente você conhece a pessoa e ela sabe que você não é nada daquilo da rede social, aí vai demonstrar você como uma pessoa falsa. (Trecho de conversa com Nick)

Costumo sempre falar a verdade sem deixar transparecer nada. (Trecho de conversa com Lonzinho)

Entre os aspectos negativos levantados acerca do uso da internet e das redes sociais, os jovens foram unânimes ao apontarem a superexposição, a dependência e o *ciberbullying*.

Em relação à superexposição, percebeu-se uma desaprovação geral por parte dos jovens estudados, os quais destacaram, além do constrangimento para aqueles que tomam conhecimento de determinadas situações da vida privada do “outro”, as conotações de

degradação humana que muitas postagens podem suscitar, bem como a abertura de espaços para o assédio criminoso. Tal posicionamento por parte dos jovens, além de refletir uma possível influência dos processos educativos vivenciados na família – sob a influência da cultura campesina – e na igreja, também permite constatar que, apesar da vivência de relações virtuais assíduas, eles conservam clara a distinção entre o que é do domínio privado e o que pode/ deve ser exposto para domínio público, o que vem corroborar os resultados de Assunção e Matos (2014), não sendo, portanto, estas fronteiras tão confusas ou indistintas como descritas por West, Lewis & Currie (2009).

O pessoal expando sua vida íntima nas redes sociais. Coisas horríveis de se ver. Por que assim... são adolescentes, menos de quinze, quatorze anos, expando sua vida, mandando fotos devassas pelo WhatsApp... como eu tenho um colega mesmo que no celular só tem foto disso. E eu digo a ele: - Rapaz sai dessa vida! – Porque assim, ... se uma pessoa dessa da foto quiser jogar um processo em cima dele, ele não tem para onde correr, porque está tudo no celular... vai prejudicar muito ele. E prejudicar a pessoa que mandou. Aí por isso que eu tento evitar. (Trecho de conversa com Profeta)

Eu já percebi uma coisa nas redes sociais que muita gente está fazendo: colocando a vida toda nas redes sociais. Eu mesmo conheço muita gente, conheço a vida toda da pessoa pela rede social. E não é assim, né? A rede social não é um caderninho, um diário. Então a gente vê essas coisas e fica triste, porque as pessoas estão se expondo demais nas redes sociais. Eu conheço muita gente que eu sei a vida da pessoa todinha pela rede social. Se a pessoa briga com o marido eu sei, se a pessoa estiver triste eu sei, se a pessoa estiver alegre eu sei... então é chato ver isso, né? (Trecho de conversa com Nick)

Sobre a dependência causada pelo uso excessivo da internet e das redes sociais, os jovens destacaram que a perda de tempo para as vivências reais pode, muitas vezes, criar situações de isolamento, prejuízos no desempenho escolar e profissional, bem como danos à saúde decorrentes de uma vida sedentária, podendo tal quadro chegar mesmo à condição de vício, com todas as suas implicações de caráter psíquico.

O lado negativo é o lado do vício, porque é um vício terrível a Internet. Quando a gente está ali, não quer mais sair. Eu só saio quando o celular descarrega.

Então quer dizer que você tem uma vida virtual mais ativa que a sua vida real?

Com certeza. Quando eu estou ali eu quero ficar até...

Quantas horas por dia, mais ou menos você fica nas redes sociais?

Eu chego do colégio meio dia, entro a uma hora e só saio lá pelas quatro horas da tarde. (Trecho de conversa com Orelha)

Já teve uma época na minha vida que eu estava deixando as redes sociais me tomarem por completo. Não queria saber de estudo, não queria saber de igreja, só queria ficar nas redes sociais. Batendo papo com as pessoas, jogando... não queria sair. Só que eu percebi que aquilo estava me prendendo a muita coisa. Então eu resolvi tirar um pouco as redes sociais da minha vida. Influencia um pouco. Você tem que saber usar as redes sociais, porque se não

souber usar ela toma conta da sua mente e não tem jeito. (Trecho de conversa com Nick)

Tem gente que diz que não vive sem internet, não vive sem entrar no Facebook e no WhatsApp. Eu vivo, normal. [...] Tem gente que hoje em dia idolatra e acha que rede social é um Deus, que internet é um Deus. Sem internet minha vida acaba. Vai para frente da casa do vizinho, atrás de wifi, atrás de internet. Então tem gente que hoje em dia não sabe usar rede social. (Trecho de conversa com Nininha)

Tendo em vista o panorama que vem sendo construído nesta pesquisa com relação ao modo de vida dos jovens estudados, é possível considerar que a precariedade das condições de segurança no Subúrbio Ferroviário seja um fator indutor indireto do uso excessivo da internet e redes sociais. Tal inferência se apoia na relação entre a vida reclusa adotada pelos jovens por medida de segurança, e o crescimento do acesso das populações de baixa renda aos computadores e telefones celulares, criando-se assim um ambiente favorável a uma “vida juvenil virtual” mais intensa. Neste sentido, esta vida virtual pode ser admitida como um complemento da sociabilidade estabelecida na vida real, pensamento que se coaduna com os estudos de Lévy (1999), Castells (2002) e Lipovetsky (2007). Deste modo, o sentimento de solidão e isolamento seria experimentado principalmente nos momentos em que os jovens estivessem desconectados e ociosos. Nestas condições, muitos deles são levados de forma quase compulsiva a verificar constantemente seus e-mails e redes sociais como a buscarem uma justificativa para se reconectarem. Cria-se assim a sensação de necessidade – de conexão com o mundo, de atualização em tempo real ou de companhia – que, a pretexto de ser um exercício de liberdade, acaba por promover a dependência. Tal fenômeno se expressa quando “o indivíduo desejoso de dirigir ou reificar a seu gosto sua interioridade transforma-se em indivíduo ‘dependente’: quanto mais é reivindicado o pleno poder sobre sua vida, mais se espalham novas formas de sujeição do indivíduo” (LIPOVETSKY, 2007, p. 57).

Em relação ao *ciberbullying*, foi possível constatar que este está assentado principalmente sobre o processo de estigmatização, no qual o agressor passa a perceber “o outro” como diferente do normal ou desviante (GOFFMAN, 2012), não sendo, por isso, digno do seu respeito ou compaixão. De acordo com os jovens, este é um fenômeno frequente nas redes sociais, que chega muitas vezes a inibir a participação das “vítimas” em determinados grupos. Tal experiência, além de representar um processo doloroso de humilhação pública ao nível virtual, acaba por propagar-se para a vida real, uma vez que muitos dos que testemunharam e/ou participaram do fato *on line*, também fazem parte do cotidiano daquele que foi atingido.

[...] nas redes sociais eu já sofri muita coisa, bullying, e isso me fez até desistir e me tornar uma pessoa antissocial, mas depois eu vi que não ia valer a pena.

E como é que você reage a isso?

Eu reagia com um pouco de... porque eu sou uma pessoa sentimental... aí eu ficava abatida, porque eu ainda não entendia o motivo para tanto preconceito, porque eu acho que o Brasil é um país onde a maioria é tudo negro, então eu não via motivo para colocarem apelidos de animais numa pessoa, discriminar uma pessoa por causa da cor da pele. Por que da mesma forma que eu estou aqui hoje, porque eu moro no Subúrbio, porque eu tenho essa cor, porque meu cabelo é assim, porque eu estou aqui, agora, mais lá na frente eu posso até ser presidenta do Brasil. Porque a cor da pele não pode influenciar em nada a vida da pessoa.

E quando você sofre este tipo de ataque, você reage, você dá uma resposta às pessoas ou você se cala e faz de conta que não é com você?

Eu me calo porque eu não vejo motivo de debater com pessoas ignorantes, com pessoas que para mim não sabem viver a vida. Porque eu vivo no mundo e tenho amizade com pessoas de todo tipo e vejo que o preconceito não leva a nada, ninguém, a não ser que você seja ignorante e não saiba conviver com as pessoas. (Trecho de conversa com Flor Africana)

Um fato que chamou atenção foi a identificação da existência, nas redes sociais, de grupos específicos, formados por jovens com a finalidade, segundo eles, de “zoar” uns com os outros. Em tal situação, conforme o trecho da conversa a seguir, tem-se um processo claro de *ciberbullying*, onde os participantes concordam em se confrontar até o “extermínio” dos mais fracos – que se constitui no auto desligamento do grupo. Trata-se da submissão de indivíduos a um processo de violência consentida que pressupõe a necessidade de autoafirmação juvenil.

Você faz parte de algum grupo desses? E qual o tema que te interessa e que te faz se agrupar a eles?

Não é bem um tema, é mais para a “zoação” de adolescentes, que é o grupo Aliens, que... sei lá fica zoando os outros.

Então é uma forma de vocês se divertirem também, zoando o pessoal. Mas já aconteceu dessa “zoação” acabar magoando alguém ou você já se sentiu magoada alguma vez?

Comigo nunca aconteceu, mas eu acho que muita gente se magoa.

O pessoal pega pesado?

Muita gente pega pesado, porque tem gente que não conhece limite, quanto mais pesado melhor para ele.

E quando pegam muito pesado com uma pessoa, ela sai do grupo ou continua no grupo?

Ela sai do grupo.

Então vocês conseguem vencer a resistência da pessoa à “zoação”?

É, principalmente quando um não gosta do outro. Aí o bicho pega. É triste. (Trecho de conversa com Mel)

Outra forma de violência identificada pelos jovens nas redes sociais são os falsos perfis, criados com o intuito de macular ou fomentar conflitos que a depender da situação, em função

da dificuldade de esclarecimento, acabam por prejudicar não apenas a imagem pública das vítimas, mas também suas relações.

Uma vez, fizeram um fake, assim... E falaram que eu estava falando mal de uma amiga minha. Isso criou polêmica, a gente discutiu e até eu explicar que não tinha sido eu, foi difícil. (Trecho de conversa com Panda)

Fizeram um fake meu que disseram que eu estava fazendo isso com uma pessoa, escolhambavam a pessoa... de quem eu gostava... disseram até que eu tinha namorada, mas ela não acreditou porque, na hora eu estava do lado dela, eu estava no Facebook dela. Daí foi a única ofensa que eu tive no Facebook. (Trecho de conversa com Jogador)

As redes sociais também foram apontadas pelos jovens como um veículo de terror para a população do Subúrbio Ferroviário, representado por ameaças espalhadas anonimamente que intimidam as pessoas a circularem livremente, causando um clima de intranquilidade local.

[...] tem gente que usa as redes sociais como forma de ameaça. Usa para ameaçar através desses áudios de WhatsApp que existem hoje em dia. As pessoas mandam o áudio ameaçando todo o bairro e ninguém sabe de onde veio, ninguém sabe a fonte...

Que tipo de ameaça?

Tipo toque de recolher - hoje vai ter toque de recolher em tal lugar - aí todo mundo se recolhe com medo [...]. Quando não avisavam que ia ter toque de recolher, aí tinha. Aí, quando enviavam esses áudios, a polícia aparecia e ficava fazendo a cobertura na rua. (Trecho de conversa com Nininha)

No que se refere às postagens efetuadas pelos jovens, constatou-se a preferência pelas fotografias e mensagens, principalmente as de caráter religioso. Analisando-se as duas conversas a seguir percebe-se que as fotografias, além de servirem como meio de registro de momentos que os jovens consideram importante partilhar, também possibilitam ao indivíduo aferir a sua imagem perante o grupo, o que acaba referenciando seus “processos adaptativos” à convivência virtual. Por outro lado, também ficou clara nas conversas a correlação estabelecida entre as vidas *on line* e *off line*, que criam uma linha de continuidade entre as duas, conforme foi demonstrado na conversa 2 a partir do episódio da desaprovação da fotografia postada, que se deu de modo presencial e da amizade iniciada virtualmente e consolidada na vida real. Já os pensamentos e mensagens postados podem ser percebidos como complemento das fotografias, sendo responsáveis por apresentar, de forma subliminar, o sistema de valores que servem de referência para aquele indivíduo.

As duas conversas também expõem a estratégia adotada pelos jovens para o desenvolvimento de relações. Nela, as fotografias postadas funcionam como um elemento de atração inicial que, ao provocar comentários, estabelece a possibilidade de um diálogo,

inicialmente de caráter público. Tal diálogo, por sua vez, pode evoluir para conversas privadas que legitimem ou não uma amizade ou mesmo um namoro a ser vivenciado no mundo *off line*. Percebe-se, assim, que esta estratégia permite ao jovem a avaliação e seleção de amigos e parceiros com maior liberdade e sem exposições que favoreçam constrangimentos provocados por recusas, como acontece na vida real. Estes achados corroboram os resultados de Bandeira (2013), em um estudo que avaliou as influências que as redes sociais podem exercer sobre as habilidades sociais de jovens de 15 a 19 anos, alunos do ensino médio de um colégio da rede particular – frequentados pelas classes mais elevadas - de Salvador. Segundo o autor,

[...] as redes sociais influenciam parcialmente de maneira negativa no desenvolvimento e manutenção das habilidades sociais dos adolescentes, assim como funciona como ambiente favorável para comportamentos de fuga e esquiva, servindo de espaço de proteção diante da dificuldade desses jovens em expressar algumas das suas habilidades sociais, como fazer críticas e recusar pedidos, e encerrar uma conversa que não está sendo reforçadora. (Ibidem, p.19-20)

Torna-se importante destacar, neste caso, que a consonância entre os resultados dos dois estudos destaca que os mesmos podem ser assumidos como válidos para os jovens nesta faixa etária, independentemente da classe social.

Conversa 1:

Você tem hábito de postar coisas nas redes sociais?

Muito, não. É bem raro.

O que você mais posta?

Algumas fotos e alguns status que são mesmo necessários.

O que seriam esses status?

Pensamentos, frases de religião, assim.

Quando você se arruma e posta uma foto, o que você espera que aconteça a partir desta foto postada?

Muitos vão pela curtida, mais eu vou mais pela atualização da minha rede social mesmo.

E, se ao verem sua foto, muitas pessoas postarem comentários negativos, tipo: você não está legal com essa roupa, como você se sente?

Eu vou levar na esportiva.

E não vai ficar magoada, ou envergonhada?

Um pouco envergonhada, mas eu acho que vou levar na esportiva.

Aquela roupa você voltaria a usar?

Dependendo do caso. Mas postar foto não.

O que é que passa na cabeça de vocês quando fazem a postagem de uma foto pessoal?

Receber um retorno positivo, tipo: eu vou postar essa foto para ver se as pessoas vão curtir, outras vão comentar; quem sabe aquele garoto que a gente está interessada possa ver, curtir e comentar também, e é isso. (Trecho de conversa com Mel)

Conversa 2:

O que normalmente você posta nas redes sociais?

Fotos, eu posto muitas fotos e frases, mensagens que eu penso e posto.

Quando você posta uma foto, assim... você se arruma toda bonitinha, tira uma foto e posta, o que você espera receber em troca?

A gente, sabe, quando a gente posta foto que aí tem: curtir, comentar, compartilhar... mas quando eu posto uma foto é só mesmo de algum momento... por exemplo, no meu trabalho, lá na escolinha, eu amo criança, e as crianças gostam muito de mim, aí então uma vez mesmo a gente estava brincando no pátio e eu pedi a minha colega para tirar uma foto, a gente brincando... um bocadinho de criança ao meu redor, aí eu postei.

Já aconteceu de você postar uma coisa e as pessoas te darem um retorno negativo? Dizendo você não está legal, você está feia, já aconteceu isso?

Não nos comentários lá da foto, mais uma pessoa veio aqui me dizer, uma vez aconteceu. Só que falou, não sei se foi, vamos dizer assim... inveja, porque do jeito que ela falou. E só foi ela também.

E como você se sentiu quando ela te deu este retorno negativo?

Eu não liguei, porque ela, pelo visto, só pode ter sido isso... eu não sei o que ela sentiu. Eu não liguei.

Mas ela não postou nada negativo?

Não, ela comentou. A gente estava conversando e ela deu aquela indireta, que todo mundo viu que era para mim.

E quando um menino posta um comentário legal, aquilo não pode ser um pretexto para iniciar uma paquera?

Muitas vezes, sim. A gente posta, aí vem alguns e comentam alguma coisa. Já aconteceu sim. Aí, às vezes, a pessoa vai lá comenta e aí chama no chat e aí fala, começa a conversar...

Já rolou namoro?

Por esse início não. [...] pode iniciar uma amizade...

Mas já aconteceu namoro?

Comigo nunca aconteceu, mas pode acontecer.

Então isso seria o roteiro normal do relacionamento de vocês?

É, em muitos casos acontece assim nas redes sociais. Até porque, às vezes tem pessoas que a gente nem conhece, são amigos de outros amigos da gente, que aparece lá. No meu caso a configuração é de "amigos de amigos". Aí já aconteceu isso: o menino me chamou no chat e a gente começou a conversar e eu descobri que ele morava perto e estudava no colégio X, um colégio perto daqui.

E ele acabou ficando amigo seu?

É, e até hoje a gente se fala. (Trecho de conversa com Esquilete)

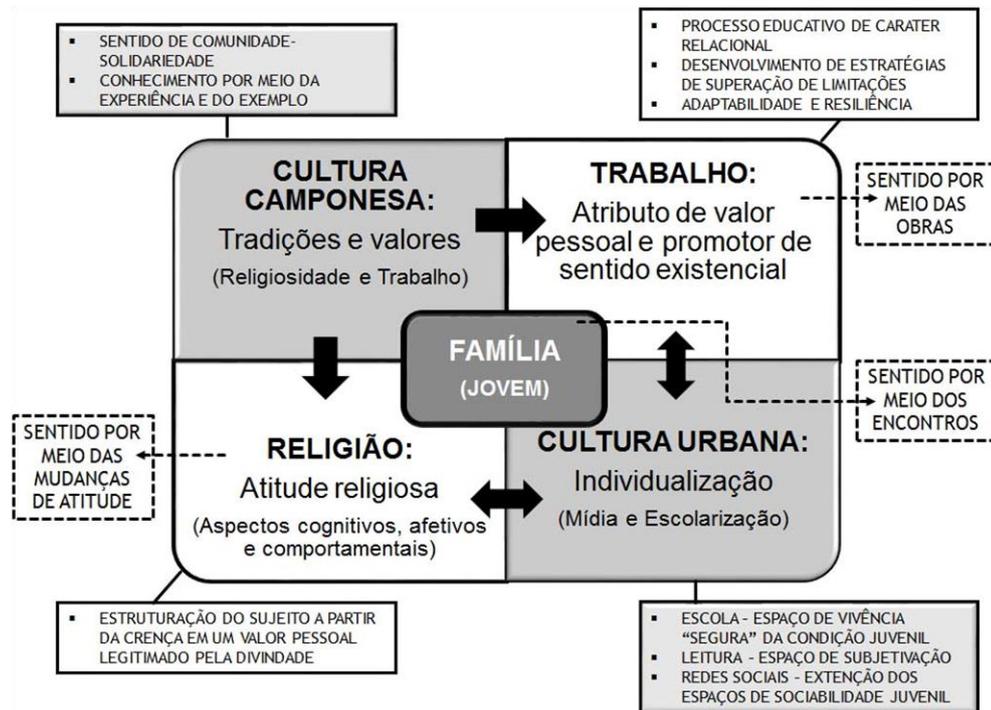
Neste contexto, considera-se que a utilização da internet e participação nas redes sociais contribui de forma relevante na construção dos modos de vida dos jovens estudados em três aspectos básicos. O primeiro se refere à ao fortalecimento dos vínculos com as raízes culturais, reforçando os processos de socialização primária advindos da família. O segundo compreende a abertura dos indivíduos para um contexto global que lhe possibilita a ampliação da visão de mundo. Por fim, o terceiro aspecto compreende a adaptação e participação dos indivíduos nas transformações sociais em processo, impedindo que este grupo social se mantenha refém da condição de segregado espacial e social.

5.8 UM MODELO COMPREENSIVO

Conforme anunciado no capítulo 2, a trajetória metodológica seguida nesta pesquisa teve como orientação a construção de um modelo compreensivo (Figura 02) do modo de vida dos jovens pobres, de ascendência camponesa e moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador - BA. Neste contexto, os conhecimentos levantados acerca das dimensões (objetiva e subjetiva) que compõem a vida destes sujeitos permitiram perceber que elas estão assentadas sobre uma cultura híbrida, que incorpora elementos da raiz camponesa e aquisições da cultura urbana, podendo, por isso, surpreender a muitos. No entanto, ficou claro que, ao longo de três gerações, elementos importantes da cultura campesina vêm sendo mantidos, principalmente no que diz respeito ao sistema de valores que orientam a visão de mundo dos indivíduos. Destaca-se, aqui, a importância da socialização primária que se processa na família, enquanto grupo de referência e instância socializadora central na composição dos modos de vida juvenis.

Ao longo das análises desenvolvidas, foi possível demonstrar que, no contexto do Subúrbio Ferroviário de Salvador, os jovens de ascendência camponesa estão em quatro condições distintas: existem aqueles pertencentes a famílias cujo deslocamento campo cidade se deu na primeira geração (dos avós), muitos dos quais trouxeram filhos, também nascidos no campo, que chegaram a Salvador com sua cultura matriz perfeitamente assimilada; existem os que são filhos de pais nascidos em Salvador, mas netos de camponeses; existem os jovens que nasceram no campo e deslocaram-se para Salvador antes de finalizar a infância; e, por fim, tem-se aqueles que se transferiram há pouco tempo para Salvador, com suas famílias ou sozinhos. O que une todos eles é a cultura e o desejo de construir uma vida digna na capital do Estado.

Figura 2 – Modelo compreensivo representativo do modo de vida dos jovens pobres, de ascendência camponesa que vivem no Subúrbio Ferroviário de Salvador – BA / 2015.



Vale lembrar, contudo, que estes deslocamentos se deram, na maioria das vezes, de forma compulsória - como já foi anteriormente tratado -, tornando oportuno o registro de que as referências à cultura camponesa não têm um caráter idealizado que remete ao “bucolismo” ambiental ou ao “purismo” da alma dos caipiras, revelando uma visão ingênua e que não retrata a realidade do campo brasileiro, marcada historicamente por disputas de poder nos seus mais diversos aspectos, sendo por isso um território de conflitos.

A referência aos valores e tradições da cultura campesina, cujas marcas permanecem nos sujeitos deste estudo, dizem respeito a aspectos relativos ao momento histórico que precedeu à entrada das concepções modernas no campo brasileiro, quando a estruturação da sociedade camponesa ainda apresentava-se na forma de comunidades nas quais não se manifestava o fenômeno da individualização, mas vigoravam as relações assentadas no “entendimento natural” e conduzidas a partir de tradições e valores transmitidos de forma intergeracional a partir da força do exemplo e das experiências partilhadas; onde o trabalho, enquanto meio de produção de vida, estava atrelado ao lar e a família, constituindo-se em atributo de valor pessoal e promotor de sentido existencial dos indivíduos (BAUMAN, 2003).

Pode-se, então, constatar que o Subúrbio Ferroviário abriga atualmente, pelo menos, três gerações de camponeses que carregam em si uma cultura que, mesmo não sendo vivenciada de forma direta, *in loco*, foi vivida, assimilada e conservada em sua subjetividade por meio da socialização estabelecida na família.

Vale lembrar que para as gerações mais novas, cujo processo de socialização primária foi marcado pela mídia – como é o caso da televisão e, mais recentemente, da internet –, a influência da cultura urbana se apresenta mais aparente, contudo não neutraliza totalmente o acervo cultural herdado da família, principalmente no que se refere ao sistema de valores, como foi demonstrado tanto nos textos produzidos, quanto nas conversas individuais, fato inclusive legitimado pelos jovens.

A religiosidade que caracteriza a cultura dos povos do campo também foi identificada como um aspecto importante na subjetividade familiar e individual dos sujeitos da pesquisa, favorecendo, desde o processo de socialização primária, a abertura dos indivíduos para a conversão a uma religião. Esta, como foi demonstrado, passa então a influenciá-los, o que pode ser percebido por meio da “atitude religiosa” por eles adotada e que contempla desde os aspectos de natureza cognitiva, passando pelos afetivos até os comportamentais. Tem-se, então, um processo de estruturação dos sujeitos a partir de valores que vão torná-los menos vulneráveis aos “assédios desviantes” peculiares ao contexto onde vivem.

Sendo assim, foi constatado que as igrejas, independentemente da religião que representam, além de locais de exercício da fé, também se constituem em espaços educativos e de sociabilidade importantes para a juventude local, principalmente por resgatarem o sentido de comunidade que se expressa a partir da solidariedade, favorecendo a estruturação dos sujeitos a partir da crença em um valor pessoal legitimado pela Divindade, propiciando mudanças comportamentais expressivas sobre as quais se assenta a descoberta de sentidos de vida éticos. Constata-se assim uma clara sinergia⁷ entre as instâncias socializadoras família e igreja, catalisada pela religiosidade advinda da cultura campesina, que viabiliza uma identificação entre seus “projetos educativos”.

7. [...] *se dice que un objeto posee sinergia cuando el examen de una o alguna de sus partes (incluso a cada una de sus partes) en forma aislada, no puede explicar o predecir la conducta del todo.* (OSCAR JOHANSEN, 1989, p.18)

De forma semelhante, o trabalho, enquanto “atributo de valor pessoal e promotor de sentido existencial”, também é incorporado à vida dos jovens a partir da família, como mais uma manifestação das crenças que permeiam a cultura camponesa.

Introduzidos na disciplina do trabalho a partir das tarefas domésticas, os sujeitos passam, em seguida, à socialização secundária de forma precoce, sob a tutela da família e das redes de relações, que promovem um processo educativo de caráter relacional a partir de vivências práticas do trabalho, principalmente de caráter informal. Neste processo, muito de criatividade e engenhosidade é despertado nos jovens, que acabam por desenvolver estratégias importantes para a superação de limitações pessoais ou mesmo obstáculos circunstanciais. Trata-se do aprendizado acerca de como superar as adversidades, tornando-se um ser mais adaptável e resiliente, aspectos que também são valorizados no projeto educativo das igrejas, o que amplia o alcance das sinergias produzidas a partir das configurações entre a família, o trabalho e a igreja.

No entanto, a busca por conhecimentos não se encerra aí. Conforme foi percebido por meio dos fragmentos de textos e trechos de conversas apresentados, para os jovens estudados todos os momentos da vida são momentos de aprendizado, uma vez que o saber da experiência é muito valorizado na cultura dos povos do campo. O poder do exemplo e da transmissão oral das experiências compreende um aspecto marcante de suas relações, que acaba por indicar também a presença da solidariedade como fator estruturante.

Foi um fato marcante, durante as conversas individuais, a preocupação demonstrada pelos jovens em partilhar saberes e experiências, fato que contraria a lógica da escolarização, que, pautada na meritocracia, estimula a competição e a desvalorização daqueles tidos como mais fracos. Neste sentido, é possível afirmar que a cultura do campo tem muito a ensinar à escola.

No que se refere à escola propriamente dita – enquanto instância socializadora orientada pela racionalidade econômica e urbanocêntrica -, o que foi de fato percebido é que, independentemente das tentativas de torná-la mais atraente e eficiente, trata-se de uma instituição ainda marcada pelo ranço dos padrões da modernidade que, por ainda estar distante da realidade onde se insere, passou a ser ocupada pelos jovens principalmente como um espaço de vivência “segura” da condição juvenil, uma vez que a insegurança que caracteriza o Subúrbio Ferroviário os induz à adoção de uma vida reclusa. Neste contexto, a escola, além de ser um

espaço de “escolarização” valorizado, passou a ser percebida pelos jovens como um espaço de sociabilidade juvenil.

Comprovando o distanciamento entre escola e juventude, constatou-se o desconhecimento por parte da primeira sobre o papel da leitura na vida dos estudantes. Como um lazer individual, que pode ser desfrutado na intimidade do quarto – espaço importante nesta fase da vida pelo caráter de privacidade, principalmente na condição de vida reclusa –, a leitura vem se constituindo em espaço de subjetivação importante, na medida em que permite aos jovens resignificar suas circunstâncias de vida, descobrindo sentidos que lhes ajudam a se perceberem para além dos estigmas.

Outra alternativa de sociabilidade juvenil consolidada também na intimidade da vida reclusa foram as redes sociais que, funcionando como uma extensão dos diversos espaços de sociabilidade por onde transitam os jovens na vida real, vêm representando inclusive uma forma expressiva de superar a condição de segregados sócio espaciais na cidade. No entanto, tal superação ainda é passível de enfrentamentos importantes, como aqueles que dizem respeito ao *ciberbullying*, que pode ser percebido como uma manifestação do processo de estigmatização presente também no mundo virtual.

De forma sintética, o que se pode apreender de toda a complexidade tratada é que, no seu cerne, processa-se uma luta cotidiana enfrentada pelos jovens para superar a condição de estigmatizados. Para aqueles cujas configurações de relações favoreçam um encontro harmonioso entre os projetos educativos das diferentes instâncias socializadoras que permeiam suas existências - levando a descoberta de sentidos pautados num senso ético -, tal superação vem se estabelecendo de forma progressiva, de modo a libertá-los da morte social. Tal processo reflete a presença de uma vontade de sentido a impulsionar os jovens na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos (FRANKL, 2011).

Os sentidos e propósitos descobertos pelos jovens, por sua vez, funcionam como um mecanismo de controle que refreia impulsos instintivos que, no contexto social, podem influenciar seus processos de tomada de decisão na direção de possíveis desvios, uma vez que segundo Frankl (2011) o processo de tomada de decisão de um indivíduo compreende uma resposta a questões estabelecidas pelas circunstâncias por ele vivenciadas.

No entanto, por tratar-se da própria condição humana, nem sempre as configurações experienciadas pelos jovens se constituem a partir de relações harmônicas, dificultando inclusive a descobertas de sentidos e propósitos de vida, o que os leva a viver na condição de

vazio existencial, que pode conduzi-los a uma morte social que, muitas vezes, culmina com a morte biológica.

CONCLUSÃO

Ao se pensar em estudar os jovens da periferia, de imediato surge uma variedade de problemas dignos de atenção. Contudo, até que ponto cada problema, analisado isoladamente consegue expressar, de fato, a realidade existencial desta fração da população?

Ser “jovem numa periferia” não significa ter garantida uma identidade realmente expressiva a ponto de se deixar conhecer. Os estereótipos propagados pela mídia não dizem tudo sobre o indivíduo, apenas ajudam a reforçar os estigmas sociais que pesam sobre ele. Deste modo, talvez, pensar sobre os estigmas - como eles se estabelecem e ganham substância nas narrativas e no imaginário coletivo - seja a ponta do fio que leva à compreensão de quem seja o jovem da periferia.

Ao escolher como sujeitos deste estudo os jovens de ascendência camponesa que vivem no Subúrbio Ferroviário de Salvador - BA foi feito um recorte populacional que abrange um grupo, no mínimo peculiar por agregar vários aspectos que o distingue socialmente de forma negativa: ser constituído por maioria negra, pobre e da roça. Tais predicados em si, já são vistos historicamente como demérito, logo, ao associar-se a eles a condição de segregados sócio espacial na cidade, criam-se as condições ideais para que se fomentem os estigmas que lhes conferem a aura de periculosidade. São os *outsiders* (ELIAS e SCOTSON, 2000) produzidos pela cidade de Salvador.

Vale, contudo, salientar que tal representação desta parcela da população serve de camuflagem para um grave problema social: o destino das vítimas do processo de migração campo cidade, que se dá de forma compulsória a partir do desenraizamento. Tal processo, que se perpetua historicamente no país, ao longo do tempo, vem se transmutando de problema de assistência social em problema de segurança pública, na medida em que se normaliza o estigma da marginalidade das juventudes das periferias. Ressalta-se ainda que, tal estigma recai sobre os jovens das periferias de forma generalizada, sejam eles de ascendência camponesa ou não, mas, para este estudo, a distinção feita no recorte dos sujeitos esteve ligada ao interesse particular em conhecer o destino dos primeiros, já que o entendimento do problema da migração não pode ficar restrito às circunstâncias determinantes do deslocamento, mas deve contemplar também a forma como se estruturam estas populações nos locais onde são recebidas.

Neste sentido, ao penetrar-se no universo destes sujeitos para tentar entender como se estrutura seu modo de vida, percebe-se uma riqueza de estratégias que se configuram a partir do jogo de relações que permeiam as vidas dos indivíduos, possibilitando a descoberta de sentidos que dão causa às suas existências. Tem-se assim um sistema social que precisa ser tratado como um todo, onde todas as partes atuam em relação e se afetam mutuamente e de forma simultânea, conforme defende Oscar Johansen (1989) ao afirmar que:

[...] los fenómenos no sólo deben ser estudiados a través de un enfoque reduccionista. También pueden ser vistos en su totalidad. En otras palabras, existen fenómenos que sólo pueden ser explicados tomando en cuenta el todo que los comprende y del que forman parte a través de su interacción. (Ibidem, p.18)

Diante deste fato, o conceito de modo de vida aqui proposto visou auxiliar na sistematização de um método de estudo que permitisse operacionalizar a complexidade do objetivo geral proposto nesta pesquisa, ou seja: analisar como se configuram as relações de interdependência entre as instâncias socializadoras que permeiam a construção dos *modos de vida* dos jovens pobres, pertencentes a famílias de ascendência camponesa, residentes em periferias urbanas na contemporaneidade.

Confrontando o conceito de modo de vida estabelecido e o desafio assumido é possível afirmar, a partir do panorama apresentado, que o mesmo cumpriu o seu papel ao possibilitar “a captura” da multidimensionalidade dos processos que constituem a vida (MORIN, 2008) dos jovens estudados, deixando explícita a sinergia que marca os jogos de relações presentes nas configurações de instâncias socializadoras.

A este respeito, é importante destacar que a materialização do fenômeno modo de vida aqui preconizado só é percebido a partir de um olhar sistêmico ou holístico (OSCAR JOHANSEN, 1989), uma vez que o estudo das instâncias socializadoras de forma isolada, ou fora do sistema de configurações, não permite a compreensão do funcionamento do todo que representa a vida juvenil na periferia, posto que os efeitos produzidos pelas citadas interações se apresentam mais amplos que aqueles produzidos por cada instância socializadora em particular.

Sob esta ótica, destaca-se que, ao adotar-se um olhar sistêmico no processo de análise desenvolvido neste estudo, foi possível identificar não apenas as instâncias socializadoras mais significativas na configuração geral dos modos de vida dos sujeitos da pesquisa, mas, principalmente, perceber como se inter-relacionam seus projetos educativos de modo a

influenciar de forma marcante tanto a subjetividade individual como coletiva desta parcela da população.

A valorização do componente subjetivo neste tipo de análise, por sua vez, permitiu adentrar os processos que envolvem as tomadas de decisão dos jovens frente as circunstâncias de vida objetiva que enfrentam, definindo seus posicionamentos e lhes possibilitando a descoberta de sentidos ou propósitos de vida. Destaca-se aqui um aspecto relevante e que distingue este estudo, na medida em que abre a possibilidade de compreensão acerca dos mecanismos que influenciam uma maior ou menor resistência dos indivíduos aos assédios desviantes, com os quais convivem no cotidiano, campo de estudo que se abre dentro da Sociologia da Socialização e que mereceria uma atenção mais específica, porém sempre a partir de um tratamento holístico.

Vale lembrar, contudo, que o registro desenvolvido nesta pesquisa compreende a fotografia de um momento da vida destes jovens, que continua a avançar com todo o dinamismo típico da juventude. Logo, o valor do panorama apresentado está principalmente assentado na possibilidade de demonstrar que por trás dos estigmas historicamente cristalizados pode-se encontrar um universo dotado de grande humanidade e que merece ser valorizado e respeitado a partir de suas peculiaridades.

Neste sentido, a visibilidade dada à influência da cultura camponesa na construção dos modos de vida dos sujeitos não visa colocá-la como um fator distintivo que garantiria aos jovens sob sua influência a proteção ou isenção da possibilidade de desvio. A intenção de tornar visível esta influência cultural visou, antes de tudo, corrigir a omissão de muitos estudos acerca da sua relevância como componente estruturante importante no processo de socialização das populações vítimas do deslocamento compulsório campo cidade.

Concluindo, foi possível constatar que, para um jovem pobre de ascendência camponesa que vive no Subúrbio Ferroviário de Salvador, construir um modo de vida não significa apenas superar as condições circunstanciais de privação que permeiam sua existência objetiva. Significa, principalmente, encontrar nestas circunstâncias um sentido ético que lhes impulse à superação dos estigmas responsáveis pela anulação dos seus potenciais de vida.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W., BRANCO, P. P. M. **Retrato da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.
- ALMEIDA, Emmanuel Duarte. Sociobiodiversidade Urbana: por uma etnoecologia das cidades. In. SILVA, V. A. da; ALMEIDA, A. L. de; ALBUQUERQUE, U. P. de (orgs.). **Etnobiologia e Etnoecologia**: pessoas & natureza na América Latina. 1. ed. Recife: Nupeea, 2010. p. 40-57. (Série Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia).
- AQUINO, Thiago A. A., CORREIA, Amanda P. M., MARQUES, Ana Laura C. et al. Atitude Religiosa e Sentido da Vida: Um Estudo Correlacional. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2009, 29 (2), 228-243. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200003> Acesso em 13 jan. 2017.
- ASSUNÇÃO, R.S., MATOS, P.M. Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. **Psicologia em Estudo**, Maringá v. 19, n. 3, p. 539-547, jul./set. 2014. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pe/v19n3/a18v19n3.pdf> Acesso em: 02 fev. 2017.
- BANDEIRA, H. da S. **Status online**: Um estudo de caso coletivo acerca das influências do mundo virtual sobre as habilidades sociais dos adolescentes. 2013. Disponível em: <www.psicologia.pt /artigos/textos/A0821.pdf> Acesso em: 02 fev. 2017.
- BARGH, J.A., & MCKENNA, K. The internet and social life. **Annual Review of Psychology**, 2004, 55, 573–90.
- BAUDELLOT, C.; CARTIER, M. & DETREZ, C. **Et pourtant, ils lisent...** Paris: Seuil, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.
- _____. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- _____. Usos da pobreza. In: **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 148-157.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma nova modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BECKER, Howard Saul. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BERGUER Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 29. ed.. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BÜHLER, Charlotte. Some Observations on the Psychology of the Third Force, **Journal of Humanistic Psychology** 5: 54, 1965.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso. As “Cidades” de Salvador. In: _____ (orgs.). **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana**. Salvador: Edufba, 2008. p. 81-105: mapas.

CASTEL, Robert. **A discriminação negativa: cidadãos ou autóctones?**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A Questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.

_____. **A sociedade em rede**. 6ª ed. São Paulo: Terra e Paz, 2002.

CEPAL; SEGIB. **Coesão Social - Inclusão e Sentido de Pertencer na América Latina e no Caribe**. Síntese. LC/G.2334/REV.1 - Maio de 2007. Nações Unidas - Santiago do Chile. Disponível em: <<http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/4/29354/CohesionPortugues.pdf>> Acesso em 30 mar. 2014.

COELHO, Suely Santos, SERPA, Ângelo. Transporte coletivo nas periferias metropolitanas. In: SERPA, Ângelo. **Fala periferia!** Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano. Salvador: UFBA, 2001. P. 69-111

COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da Juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Percecu Abramo, 2004. p.75-88.

COULANGEON, Philipp. **Sociologia das práticas culturais**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2014.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**. São Paulo: ANPEd, n° 24, set-dez, jan/jul. 2002.

DIAS, Edmundo Fernandes. **Revolução passiva e modo de vida: ensaio sobre as classes subalternas, o capitalismo e a hegemonia**. São Paulo: Editora José Luis e Rosa Sundermann, 2012.

DOUGLAS, A., MILSS, J., NIANG, M., STEPCHENKOVA, S., BYUN, S., RUFFINI, C., LEE, S., LOUTFI, J., LEE, J., ATALLAH, M., & BLANTON, M. Internet addiction: meta-synthesis of qualitative research for the decade 1996-2006. **Computers in Human Behavior**, 2008, 24, 3027-3044

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

_____. **As desigualdades multiplicadas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

_____. **O que é uma escola justa?: a escola das oportunidades**. São Paulo: Cortez, 2008.

EISENSTADT, S. N. **De geração a geração**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2014.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Global: São Paulo, 1985.
- FLECHA, Ramón; TORTAJADA, Iolanda. Desafios e saídas educativas na entrada do século. In: IMBERNÓN, Francisco (Org.). **A educação do século XXI: desafios do futuro imediato**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 17-36.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos)
- FRANKL, Victor. E.. **A questão do sentido em psicoterapia**. São Paulo: Papyrus, 1990.
- _____. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Aparecida, SP: Ideias & Letras. 2005.
- _____. **A presença ignorada de Deus**. 10. ed. rev. – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 25. Ed. – São Paulo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. **A Vontade de Sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia**. São Paulo: Paulus, 2011 (Coleção Logoterapia).
- FRITH, S. **The Sociology of Rock**. Londres: Constable, 1978.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIROUX, Henry A. Global Capitalism and the Return of the Garrison State. **Arena Journal**, 19, 2002, p.141-60.
- GLÉVAREC, H. & PINET, M. La radio. Um espace d'identification pour les adolescentes. In: DONNAT, O. (dir.). **Regards croisés sur les pratiques culturelles**. Paris: Ministère de la Culture. DEP/ La Documentatio Française, 2003.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. – [Reimp.]. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2012.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo: Thompson Pioneira, 2003.
- _____. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 149-174.
- HARVEY, David. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- JAHODA, M. Socialização. In: OUTHWAITE, W.; BOTOMORE, T. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

JUNG, C. G. **Psychologie et religion**. Paris: Buchet/Córrea, 1958.

KEY, P. James. **Projeto de Pesquisa em Educação Ocupacional**. Oklahoma State University. 1997. Disponível em: <http://translate.googleusercontent.com/translate_c?hl=ptBR&langpair=en%7Cpt&u=http...>. Acesso em 30 nov. 2010.

KRAUSKOPF, Dina. Dimensões críticas em la participación social de las juventudes. In: **Participación y Desarrollo Social em la Adolescencia**. San José: Fondo de Población de Naciones Unidas 1998. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cyg/juventude/krauskopf.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2014.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LARMET, G. Médias audiovisuels et relations familiales. In: DONNAT, O. (dir.). **Regards croisés sur les pratiques culturelles**. Paris: Ministère de la Culture. DEP/ La Documentatio Française, 2003.

LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura**: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Blumenau: FURB, 2000.

_____. **Racionalidade ambiental**: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

LEFEBVRE, Henry. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LÉVI, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Lisboa: Relógio D'Água, 1983.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOURENÇO, Rita Railda Soares. Educação para a construção de Sociedades Sustentáveis: Um estudo em Ilha Amarela, Salvador, Bahia. 2015, 190 f. il. **Tese** (Doutorado) - Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MARTINS, M. D. P. **Redes sociais e sociabilidade duvidosa**: o jovem e sua imagem pessoal no site de relacionamento Orkut. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de set. de 2010. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0357-1.pdf> Acesso em: 02 fev. 2017.

MARTUCCELLI, Danilo. **Grammaires de l'individu**. Paris: Gallimard, 2002.

MAUGER, G.; FOSSÉ-POLIAK, C. & PUDAL, B. Les usages sociaux de la lecture. **Actes de la recherche em sciences sociales**, n° 123, 1998.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.

MESSIAS, Iven dos Santos. **Hip-hop: educação e poder: o rap como instrumento de educação**. Salvador: EDUFBA, 2015.

MICHENER, H. A. H., DELAMATER, J. D., & MYERS, J. D. **Psicologia social**. São Paulo: Thomson, 2005

MOREIRA, Roberto José; LIMA, Eli Napoleão de. Identidade social e natureza: tensões entre saberes na assessoria técnica em assentamentos rurais. In: COSTA, L. F. de C.; Flexor, G.; SANTOS, R. (orgs.). **Mundo rural brasileiro: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2008. p. 307 – 343.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Ed. Sulinas, 2005.

MORIN, Edgar. Articular os saberes. In: **O sentido da Escola**. ALVES, N.; GARCIA, R. L. (orgs.). 5. ed. Petrópolis: DP et Alii, 2008. p. 53-64.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história: sua história, transformações e perspectivas**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASCIMENTO, Antônio Dias. Os sujeitos da educação do campo e processo civilizatório: subsídios para reflexão. ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 19., 2009; João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009. p. 195-206.

NEGRI, Silvio Moisés. Segregação Sócio-Espacial: alguns conceitos e análises. **Coletâneas do nosso tempo**, Rondonópolis, v. 7, n. 8, p. 129-153, 2008. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/coletaneas/article/view/108/99>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

OAKES, Timothy. Place and the paradox of modernity. **Annals of the Association of American Geographers**, 1997, 87(3), 509-31.

OSCAR JOHANSEN, B. **Introducción a la teoría de sistemas**. Mexico: Limusa, 1989.

PETIT, Michèle. **O jovem e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.

PLAISANCE, É. Socialização: modelo de inclusão ou modelo de interação? **Percursos** – Revista do Centro de Ciências da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis: Ed. Udesc, v. 4, n. 1, 2003. Disponível em: <www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/download/1464/1236> Acesso em: 20 out. 2016.

PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto**. Porto Alegre: Globo, 2013.

RAMOS, Renata Fornelos d’Azevedo. **Entre o campo e a cidade: um novo caminho para a educação na periferia**. Curitiba: Appris, 2015.

ROCHA, Luiz Carlos. Salvador, espaço de reprodução da “globalização perversa”: Plataforma no centro do debate da cidade (in) visível. **Diálogos Possíveis**, Salvador, v.4, n. 1, p.51-64, jan./jul. 2005. Disponível em: <<http://boletimef.org/biblioteca/1283/Salvador->

espaco-de-reproducao-da-globalização-perversa-plataforma-no-centro-do-debate-da-cidade-in-visivel>. Acesso em: 10/08/2011.

ROCHA, Telma Brito. **Cyberbullying: ódio, violência virtual e profissão docente**. Brasília: Liber Livros, 2012.

RODRIGUES, Vitor Eduardo et al. **A Pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal**. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1468.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2010.

ROJAS SORIANO, Raúl. Manual de pesquisa social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

RUTHERFORD, J. (org.). **Identify: community, culture, difference**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

_____. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTANDREU, A.; PARAZZOLI, A.G. & DUBBELING, M.. Biodiversidade, Pobreza e Agricultura Urbana na América Latina. In: **Revista Agricultura Urbana** 6. 2004. p.14-20.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ªed. São Paulo: Edusp, 2003.

SARTI, Cynthia. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P.(Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Percecu Abramo, 2004. P. 115-129.

SERPA, Ângelo. **Fala periferia!** Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano. Salvador: UFBA, 2001.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 107-116, jan. / jun. 2002. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11659.pdf> Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo soc.** [online]. 2005, vol.17, n.2, pp. 335-350. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702005000200015>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

_____. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus. In: **Revista Brasileira de Educação**. v.14, n.41, pp. 296 – 307, maio/ago. 2009. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782009000200008> Acesso em 20 jun. 2015.

SIMMEL, George. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio G (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara,1976. p. 11- 25.

_____. **Intuición de la Vida: Cuatro Capítulos de Metafísica**. Buenos Aires, Argentina: Grupo Editora Altamira, 2001.

_____. **Religião: ensaios volume 1/2**. São Paulo: Olho d'Água, 2009.

_____. **O conflito da cultura moderna e outros escritos**. BUENO, Arthur (org.). São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2013.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**, São Paulo, Edições CEBRAP/Ed. Brasiliense, 1973.

SOARES, Antônio Mateus de C. **“Territorialização” e Pobreza em Salvador – BA**. Estudos Geográficos, Rio Claro, 4(2): 17-30, dez. 2006 (ISSN 1678—698X). Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm>>. Acesso em 17/08/2011.

SOUZA, Guaraci Adeodato Alves de. Urbanização e Fluxos Migratórios para Salvador. In: _____; FARIA, V. (org.). **Bahia de Todos os Pobres**. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 103-129. (Caderno CEBRAP n° 34)

SOUZA, Ricardo Timm de. **Ética como fundamento**: uma introdução à ética contemporânea. São Leopoldo: Nove Harmonia, 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P.P.M. **Retratos da Juventude Brasileira**. Análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____ (Coord.). **Espaços públicos e tempos juvenis**: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, 2007.

THOMPSON, Jonh B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VANDENBERGHE, Frédéric. Misticismo sem Deus. In: SIMMEL, Georg. **Religião**: ensaios volume 1/2. São Paulo: Olho d’Água, 2009.

VELLANES, Paulo de Tarso. **O Colégio Estadual Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco na memória social dos moradores de Periperi**. 2004. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, 2004.

WEAT, A., LEWIS, J., & CURRIE, P. Students’ facebook ‘friends’: public and private spheres. **Journal of Youth Studies**, 2009, 12, 615-627.

WESTPHAL, Vera Herweg. A Individualização em Ulrich Beck: análise da sociedade contemporânea. **Emancipação**, Ponta Grossa, 10(2): 419-433, 2010. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.pnp/emancipacao>>. Acesso em 12 jul. 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 10. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2011. p. 7-72.

APÊNDICE A - Instrumento I de coleta de dados – Enquete

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS I					
N° Questionário		Data de Aplicação		Entrevistador	
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO					
1. Nome:			2. Bairro:		
3. Idade: () > 15 anos () 15 a 17 anos () 18 a 20 anos () 21 anos ou mais			4. Série: () 1° EM () 2° EM () 3° EM		
5. Local de Nascimento: () Salvador () Interior da Bahia () Capital de outro Estado () Interior de outro Estado					
6. Local em que passou a maior parte da infância: () Salvador () Interior da Bahia () Capital de outro Estado () Interior de outro Estado					
7. Costuma passar temporadas no interior? () Sim () Não			8. Frequência? () Sempre () De vez em quando () Raramente		
9. Origem da família materna:					
	Salvador	Interior da Bahia	Capital de outro Estado	Interior de outro Estado	Não sabe
Mãe	()	()	()	()	()
Avó Materna	()	()	()	()	()
Avô Materno	()	()	()	()	()
10. Origem da família paterna:					
	Salvador	Interior da Bahia	Capital de outro Estado	Interior de outro Estado	Não sabe
Pai	()	()	()	()	()
Avó Paterna	()	()	()	()	()
Avô Paterno	()	()	()	()	()
11. Religião: () Católica () Evangélica () Espírita () De matriz africana () Outras () Crê em Deus, mas não tem religião () Não crê em divindades					
12. Você frequenta, mesmo que de vez em quando, atos religiosos de outra religião? () Sim () Não					
13. Qual? () Católica () Evangélica () Espírita () De matriz africana () Outras					
14. Cor ou Raça: () Branca () Parda () Preta () Indígena () Amarela () Não sabe/não respondeu					
15. Com quem mora: () pai/padrasto () mãe/madrasta () irmãos () avô () avó () outros (parentes) () outros (não parentes)					
16. Quem é o chefe da família? () Pai () Mãe () Irmão/irmã () Avô () Avó () Outros (parentes) () Outros (não parente) () O aluno () Não se aplica					
17. Se você pudesse decidir agora, sem se preocupar com qualquer coisa, você: () mudaria já para morar sem seus pais (ou responsáveis) () esperaria mais um tempo para mudar () você não tem planos de morar sem seus pais (ou responsáveis)					
PERCEPÇÕES DA ESCOLA					
18. Para você, ler e escrever é uma tarefa que considera: () Fácil () Tem um pouco de dificuldade () É difícil () Não respondeu					
19. Você acha que o que aprendeu/viveu e ainda está aprendendo/vivendo na escola é:					
	Muito importante	Mais ou menos importante	Pouco importante		
Para o futuro profissional	()	()	()		
Para entender a realidade	()	()	()		
Para as coisas que faz no dia a dia	()	()	()		
Para fazer amigos	()	()	()		
Para conseguir trabalho hoje	()	()	()		
Para sua formação enquanto pessoa	()	()	()		

35. Você faz parte ou participa das atividades de algum grupo de jovens no seu bairro ou em qualquer outra parte da cidade?				
No Bairro: ()Participa ()Não participa		Fora do Bairro: ()Participa ()Não participa		
36. De quais grupos você é membro ou participa? ()Jovens da Igreja ()Música ()Teatro ()Futebol ()Capoeira ()Dança ()Skate ()Grafite ()Pichação ()Hip hop ()Outros				
37. O que levou você a ser membro ou participar deste(s) grupo(s) (3 alternativas)? ()Querida fazer amigos ()Querida me divertir ()Meus amigos me levaram ()Minha família me incentivou ()Querida aprender coisas novas ()Pode virar trabalho no futuro ()Para preencher o tempo livre ()Outras				
38. Como é sua participação em associações e entidades?				
	Faz parte	Já fez parte	Não faz parte, mas gostaria	Nunca fez parte, nem gostaria
Clube/associação esportiva/ escolinha	()	()	()	()
Grupo religioso	()	()	()	()
Grupo de defesa do meio ambiente	()	()	()	()
Centro/associação/grêmio estudantil	()	()	()	()
Associação de bairro	()	()	()	()
Grupo ligado ao movimento negro	()	()	()	()
Organização de mulheres	()	()	()	()
Cooperativas de produção...	()	()	()	()
Grupos de assistência social	()	()	()	()
Partidos políticos	()	()	()	()
Outras	()	()	()	()
39. Participa em atividades ligadas à política?				
		Sempre	Às vezes	Nunca
Lê ou assiste noticiário sobre política		()	()	()
Conversa sobre política		()	()	()
Tenta convencer os outros a votar no seu candidato		()	()	()
Assina manifestos de protesto ou reivindicações		()	()	()
Trabalha como voluntário para algum candidato ou partido		()	()	()
Participa de associações ou grupos para resolver problemas do bairro		()	()	()
Participa de movimentos ou causas sociais		()	()	()
Participa de manifestações a favor ou contra o governo		()	()	()
Faz pedidos a políticos ou funcionários públicos		()	()	()
Participa de reuniões de partido político		()	()	()
Participa de alguma outra atividade política		()	()	()
40. Você acha que o que acontece na política influi ou não na sua vida? Muito ou pouco?				
()Influi muito ()Influi um pouco ()Não influi ()Não sabe				
41. Você acha que você influi ou não na política? Muito ou pouco? ()Influi muito ()Influi um pouco ()Não influi ()Não sabe				
42. Como está sua confiança nas instituições?				
	Confia totalmente	Confia até certo ponto	Não confia	Não sabe/não respondeu
Família	()	()	()	()
Professores	()	()	()	()
Igreja e padres católicos	()	()	()	()
Outros parentes	()	()	()	()
Colegas de trabalho	()	()	()	()
Militares das Forças Armadas	()	()	()	()
Movimentos populares	()	()	()	()
Colegas de escola	()	()	()	()
Igrejas e pastores evangélicos	()	()	()	()

(42. Continuação)	Confia totalmente	Confia até certo ponto	Não confia	Não sabe/não respondeu
Polícia Militar	()	()	()	()
Polícia Civil	()	()	()	()
Juizes dos Tribunais de justiça	()	()	()	()
Promotores e procuradores do Ministério Público	()	()	()	()
Vizinhos	()	()	()	()
Governo Federal	()	()	()	()
Associações de Bairro	()	()	()	()
Vereadores de sua cidade	()	()	()	()
Partidos políticos	()	()	()	()
Deputados e Senadores do Congresso Nacional	()	()	()	()
Mães/ Pais de Santo	()	()	()	()
Conselhos Tutelares	()	()	()	()

43. Alguma vez você sentiu-se humilhado(a), desrespeitado(a) ou discriminado(a) por causa...?				
	Uma vez	Algumas vezes	Muitas vezes	Nunca
Sexo	()	()	()	()
Idade	()	()	()	()
Cor da pele	()	()	()	()
Aparência	()	()	()	()
Local onde mora	()	()	()	()
Classe social	()	()	()	()

FRUIÇÃO CULTURAL E LAZER

44. Atividades realizadas de segunda a sexta e nos finais de semana:		
	De segunda a sexta	Finais de semana
Assistir televisão	()	()
Ouvir rádio	()	()
Encontrar amigos	()	()
Ajudar nas tarefas de casa	()	()
Falar ao telefone	()	()
Namorar	()	()
Ler revistas	()	()
Ler algum livro (sem ser para escola)	()	()
Estudar (fora da escola)	()	()
Ler jornal	()	()
Jogar futebol	()	()
Praticar algum outro esporte	()	()
Jogar no computador ou usar internet	()	()
Usar bate papo/ rede social	()	()
Tocar instrumentos e/ou cantar	()	()

45. Atividade que mais gosta de fazer no tempo livre, mesmo que só faça de vez em quando.			
	Sempre	De vez em quando	Nunca
Ir dançar/balada	()	()	()
Ir a igreja/cultos religiosos	()	()	()
Ir a praia	()	()	()
Ir ao shopping	()	()	()
Passear na praça ou parque	()	()	()
Ir a festa em casa de amigos	()	()	()
Ir a bares com amigos	()	()	()
Ir a lanchonete	()	()	()
Ir ao cinema	()	()	()

(45. Continuação)	Sempre	De vez em quando	Nunca
Jogar futebol	()	()	()
Ir a show de música	()	()	()
Assistir a futebol no estádio	()	()	()
Namorar	()	()	()
Assistir TV	()	()	()
Ouvir música	()	()	()
Ir ao teatro	()	()	()
Viajar	()	()	()
46. Gênero ou tipo de música que mais gosta? ()Forró ()Sertanejo ()Rock ()Pagode ()MPB ()Axé ()Pop ()Samba ()Rap ()Funk ()Arrocha ()Gospel			
47. Tem hábito de ler jornal? ()Costuma ler ()Não costuma ler			
48. Que seções/assuntos costuma ler? ()Esporte ()Cidades e cotidiano ()Cultura e variedades ()Política ()Página policial ()Classificados ()Não se aplica			
49. Número de livros que leu no último semestre? ()1 livro ()2 livros ()3 livros ()4 livros ()5 livros ou mais ()Não leu nenhum livro em 6 meses ()Nunca leu um livro			
50. Gênero de livros que leu no último semestre? ()Romance ()Suspense ()Autoajuda ()Livro religioso ()Ficção Científica ()Romance policial ()A Bíblia ()Outros ()Não se aplica			
51. Tem acesso à internet? ()Sim ()Não ()De vez em quando			
52. Meio de acesso à internet: ()Computador pessoal/familiar ()Computador da escola ()Computador em lan house ()Telefone celular ()Outros ()Não se aplica			
53. O que costuma acessar na internet? ()Jogos ()Músicas ()Filmes ()Sites educativos ()Sites de esporte ()Sites de moda ()Sites sobre TV ()Site de notícias ()Sites religiosos ()Redes sociais ()Outros ()Não se aplica			
54. Quais as redes sociais que você mais utiliza (escolher 2)? ()WhatsApp ()Facebook ()Twitter ()Instagram ()Fourquare ()Outras ()Não se aplica			
55. O que você gosta de curtir/ compartilhar/ postar nas redes sociais?	Sempre	De vez em quando	Nunca
Manter contato com amigos/ familiares e conhecidos	()	()	()
Compartilhar sentimentos e opiniões	()	()	()
Compartilhar fotos e vídeos	()	()	()
Discutir/ compartilhar política/ economia	()	()	()
Discutir/compartilhar religião	()	()	()
Discutir/ compartilhar notícias	()	()	()
Discutir/ compartilhar culinária	()	()	()
Discutir/ compartilhar moda	()	()	()
Discutir/ compartilhar educação	()	()	()
Postar fotos ou informações de lugares que você frequenta	()	()	()
Participar de eventos	()	()	()
Participar de movimentos sociais	()	()	()
Acompanhar seus artistas/ grupos favoritos	()	()	()
Jogar	()	()	()
Ver mídias de humor (fotos, vídeos e tirinhas)	()	()	()
Acompanhar seu time favorito e outros esportes	()	()	()
Compras e vendas	()	()	()
Seguir veículos de notícias (jornais, revistas, etc.)	()	()	()
56. Cite as três principais razões para você acessar a internet. ()Pesquisas escolares ()Diversão ()Contato com amigos ()Namoro ()Manter-se atualizado ()Fazer compras ()Trabalho ()Participar das redes sociais ()Outros ()Não se aplica			

APÊNDICE B - Termos de consentimento e livre esclarecimento**TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO**

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. A participação dele nesta pesquisa é livre e depende apenas do seu consentimento e do dele(a). Em caso de recusa, nem você nem ele(a) será penalizado(a) de forma alguma. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, caso consinta na participação dele neste estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

Informações sobre a pesquisa

Título do projeto: A Socialização na Construção do Modo de Vida Juvenil no Subúrbio Ferroviário de Salvador – BA

Pesquisadora responsável: Renata Fornelos d’Azevedo Ramos

Telefone para contato: (71)xxxxxxxxx

O objetivo principal deste estudo é compreender como os jovens pertencentes a famílias de origem rural, residentes em bairros periféricos, organizam seus modos de vida a partir dos processos de socialização por eles vividos. As informações produzidas por esta pesquisa poderão contribuir futuramente para orientar políticas públicas voltadas à melhoria da educação e inserção de jovens no mundo do trabalho.

- A atuação do jovem nesta pesquisa consistirá em, voluntariamente, participar de um processo de coleta de dados através de entrevistas escritas e/ou orais com gravação de áudio.
- Caso venha a ocorrer durante as entrevistas algum tipo de desconforto psicológico ou constrangimento, ele(a) poderá livremente, sem nenhum prejuízo para nenhuma das partes, recusar-se a responder a qualquer pergunta ou até mesmo desistir de participar da pesquisa. Será garantida a ele(a) toda a assistência caso venha a ocorrer qualquer problema decorrente da participação nesta pesquisa.
- As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e, para tanto, será assegurado o sigilo sobre as identidades de todos os participantes. Todos os registros produzidos na coleta de dados serão digitalizados e/ ou transcritos e gravados em meios

digitais. Todo esse material será guardado por um período de 5 (cinco) anos sob a responsabilidade da Pesquisadora, com garantia total de sigilo e confidencialidade.

- Você receberá uma cópia deste termo onde constam os contatos da Pesquisadora, e do Comitê de Ética, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação do seu filho ou filha, agora ou a qualquer momento.

Renata Fornelos d'Azevedo Ramos
Pesquisadora responsável

Formas de contato

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UNEB

Pavilhão Administrativo – Térreo
Rua Silveira Martins, 2555, Cabula – Salvador – BA CEP:41.150-000
Fone: (71)3117-2445 E-mail: cepuneb@uneb.com

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP

SEPN 510 Norte, Bloco A 1º Subsolo, Edifício Ex-INAN – Unidade II
Ministério da Saúde CEP: 70.750.521 Brasília – DF
Fone: (61)3315-5878; Fax: (61)3315-5879,
E-mail: conep@saude.gov.br

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO DE MENOR COMO VOLUNTÁRIO

Autorizo....., nascido(a) em/...../....., a participar das entrevistas a serem realizadas no Colégio Estadual Dr. Luiz Rogério de Souza, pela pesquisadora Renata Fornelos d'Azevedo Ramos, doutoranda da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, ficando a pesquisadora autorizada a utilizar as informações para fins acadêmicos e culturais. A pesquisadora se compromete a preservar as informações no anonimato não divulgando a verdadeira identidade do entrevistado.

Nome completo do Pai, Mãe ou Responsável Legal:

RG: Assinatura:

APÊNDICE C - Termo de assentimento do menor**TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR****ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS
CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: A Socialização na Construção do Modo de Vida Juvenil no Subúrbio Ferroviário de Salvador – BA. Seus pais permitiram sua participação. Esta pesquisa visa compreender como os jovens pertencentes a famílias de origem rural, residentes em bairros periféricos, organizam seus modos de vida a partir dos processos de socialização por eles vividos. Você não é obrigado a participar desta pesquisa caso não queira. Se aceitar participar, caso venha a ocorrer durante as entrevistas algum tipo de desconforto psicológico ou constrangimento, você poderá livremente, sem nenhum prejuízo para nenhuma das partes, recusar-se a responder qualquer pergunta ou até mesmo desistir de sua participação na pesquisa. Será garantida a você toda a assistência caso venha a ocorrer qualquer problema decorrente de sua participação na pesquisa. Sua atuação nessa pesquisa consistirá em, voluntariamente, participar de um processo de coleta de dados através de entrevistas: inicialmente por meio de complemento de frases e, se selecionado para uma fase seguinte, por meio de conversação. O material escrito produzido através do complemento de frases será digitalizado e o áudio da conversação será gravado e posteriormente transcrito e armazenado em meio digital. Todo material produzido será guardado por um período de 5 (cinco) anos, sob a responsabilidade da Pesquisadora, com garantia total de sigilo e confidencialidade. Vale destacar que a realização deste projeto poderá produzir informações importantes para orientar políticas públicas voltadas à melhoria da educação e inserção de jovens no mundo do trabalho.

Ninguém saberá que você está participando desta pesquisa e as informações que você fornecer não serão repassadas para qualquer pessoa. Os resultados da pesquisa serão publicados, mas sem a identificação dos jovens voluntários participantes. Quando a pesquisa for concluída os resultados serão publicados em livros, jornais e revistas científicas e você também terá acesso a eles.

Você ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas pelos meios de contato abaixo discriminados:

Pesquisadora responsável: Renata Fornelos d’Azevedo Ramos

Telefone: (71)xxxxxxxx **E-mail:** xxxxxxxx@xxxxxxx.com

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UNEB

UNEB – Pavilhão Administrativo – Térreo – Rua Silveira Martins, 2555, Cabula, Salvador -BA

CEP: 41.150-000 Tel.: (71)3117-2445 E-mail: cepuneb@uneb.br

Eu,, aceito participar da pesquisa: A Socialização na Construção do Modo de Vida Juvenil no Subúrbio Ferroviário de Salvador – BA. Entendi os objetivos e as consequências deste estudo e de minha participação nele. Entendi que minha participação é uma opção minha com o devido consentimento de meus pais ou responsáveis, e que também tenho liberdade para desistir dessa participação. A

pesquisadora esclareceu as dúvidas sobre o processo de participação e colocou-se à disposição para esclarecimentos para dúvidas que possam surgir no futuro. Recebi uma cópia desse Termo de Assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Salvador,

.....

Assinatura do(a) voluntário(a)

.....

Pesquisadora

APÊNDICE D - Termos de consentimento e livre esclarecimento**TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte deste estudo assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Informações sobre a pesquisa

Título do projeto: A Socialização na Construção do Modo de Vida Juvenil no Subúrbio Ferroviário de Salvador – BA

Pesquisadora responsável: Renata Fornelos d’Azevedo Ramos

Telefone para contato: (71)xxxxxxxxxx

O objetivo principal deste estudo é compreender como os jovens pertencentes a famílias de origem rural, residentes em bairros periféricos, organizam seus modos de vida a partir dos processos de socialização por eles vividos. As informações produzidas por esta pesquisa poderão contribuir futuramente para orientar políticas públicas voltadas à melhoria da educação e inserção de jovens no mundo do trabalho.

- A atuação do jovem nesta pesquisa consistirá em, voluntariamente, participar de um processo de coleta de dados através de entrevistas escritas e/ou orais com gravação de áudio.
- Caso venha a ocorrer durante as entrevistas algum tipo de desconforto psicológico ou constrangimento, ele(a) poderá livremente, sem nenhum prejuízo para nenhuma das partes, recusar-se a responder a qualquer pergunta ou até mesmo desistir de participar da pesquisa. Será garantida a ele(a) toda a assistência caso venha a ocorrer qualquer problema decorrente da participação nesta pesquisa.
- As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e, para tanto, será assegurado o sigilo sobre as identidades de todos os participantes. Todos os registros produzidos na coleta de dados serão digitalizados e/ ou transcritos e gravados em meios

digitais. Todo esse material será guardado por um período de 5 (cinco) anos sob a responsabilidade da Pesquisadora, com garantia total de sigilo e confidencialidade.

- Você receberá uma cópia deste termo onde constam os contatos da Pesquisadora, e do Comitê de Ética, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação do seu filho ou filha, agora ou a qualquer momento.

Renata Fornelos d’Azevedo Ramos
Pesquisadora responsável

Formas de contato

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UNEB

Pavilhão Administrativo – Térreo
Rua Silveira Martins, 2555, Cabula – Salvador – BA CEP:41.150-000
Fone: (71)3117-2445 E-mail: cepuneb@uneb.com

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP

SEPN 510 Norte, Bloco A 1º Subsolo, Edifício Ex-INAN – Unidade II
Ministério da Saúde CEP: 70.750.521 Brasília – DF
Fone: (61)3315-5878; Fax: (61)3315-5879,
E-mail: conep@saude.gov.br

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO

Eu,, abaixo assinado, concordo em participar do estudo: A Socialização na Construção do Modo de Vida Juvenil no Subúrbio Ferroviário de Salvador – BA, como voluntário(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela Pesquisadora Renata Fornelos d’Azevedo Ramos sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Fui informado(a) que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso me traga qualquer penalidade.

Salvador,

.....
Assinatura do(a) voluntário(a)

APÊNDICE E – Instrumento II de coleta de dados - Complemento de frases**INSTRUMENTO II - COMPLEMENTO DE FRASES**

Nº Ficha:	Idade:	Codinome:
Nome:		

1. Gosto:

2. O tempo mais feliz:

3. Gostaria de saber:

4. Lamento:

5. Meu maior medo:

6. Na escola:

7. Não consigo:

8. Sofro:

9. Fracassei:

10. A leitura:

11. Meu futuro:

12. O casamento:

13. Estou melhor quando:

14. Algumas vezes:

15. Este lugar:

16. Secretamente eu:

17. Eu:

18. Meu maior problema:

19. O trabalho:

20. Amo:

21. Gostaria:

22. Minha principal ambição:

23. Eu prefiro:

24. Meu problema principal é:

25. Quisera ser:

26. Creio que minhas melhores atitudes são:

27. A felicidade:

28. Considero que posso:

29. Esforço-me diariamente por:

30. Meu maior desejo:

31. Custa-me muito:

32. Meus estudos:

33. Minha vida futura:

34. Tentei conseguir:

35. Sempre que posso:

36. Muitas vezes reflito sobre:

37. Eu luto:

38. O passado:

39. Com frequência sinto:

40. Minha opinião é:

41. O lar:

42. A gente:

43. Minha mãe:

44. Meu pai:

45. Os filhos:

46. Quando era criança:

47. Quando tenho dúvidas:

48. O sexo:

49. Quando estou sozinho(a):

50. Sem trabalho:

51. Meus amigos:

52. Vivo em um lugar:

53. Recordo sempre:

54. Deus:

55. Eu aprendo:

56. As redes sociais:

57. Admiro muito:

58. Não quero:

59. Não esqueço:

60. Para mim:

APÊNDICE F – Quadro de análise do panorama subjetivo**QUADRO DE ANÁLISE DO PANORAMA SUBJETIVO**

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS	RELAÇÃO COM A FAMÍLIA	BUSCA POR CONHECIMENTOS	RELAÇÃO COM O TRABALHO	RELAÇÃO COM A RELIGIÃO	OUTROS

APÊNDICE G – Instrumento III de coleta de dados - Roteiro de conversação**INSTRUMENTO III – ROTEIRO DE CONVERSAÇÃO**

1. Você acredita que o lugar onde um jovem vive pode influenciar suas escolhas de vida? Fale um pouco sobre isso em relação a sua vida.

2. Para você, a família pode influenciar na forma como um jovem constrói sua vida? Como isso acontece em sua vida?

3. Como os jovens buscam os conhecimentos que necessitam para construir suas vidas? Fale um pouco sobre suas experiências.

4. Numa época em que os empregos estão diminuindo e não oferecem as mesmas garantias de antes, que estratégias os jovens desenvolvem ou que alternativas encontram para conseguir os meios para seu sustento? Fale um pouco sobre sua experiência.

5. Você acredita que a religião pode influenciar os jovens na forma como constroem suas vidas? Fale sobre sua experiência pessoal com a religião.

6. As redes sociais já fazem parte da rotina de vida dos jovens. Conte um pouco de suas experiências positivas e negativas com as redes sociais.

7. Você se sente motivado(a) para lutar pela construção de um modo de vida que lhe traga felicidade? Fale um pouco sobre isso.